



A WONDERFULLY COMPELLING
VAMPIRE HEROINE
—USA TODAY BESTSELLING
AUTHOR JULIE KENNER—

HARD BITTEN

A CHICAGO LAND VAMPIRES NOVEL

CHLOE NEILL

AUTHOR OF TWICE BITTEN



A CHICAGOLAND VAMPIRES NOVEL

HARD BITTEN

Livro 4

Chloe Neill

SINOPSE

Os tempos são difíceis desde que Seres Sobrenaturais anunciaram sua presença no mundo, os humanos estão se levantando contra eles e estão acampando do lado de fora da Casa Cadogan com cartazes de protesto, o que poderiam levá-los a força a qualquer momento.

Dentro de suas portas, as coisas entre Merit e seu Mestre (quebra corações de olhos verdes) Ethan Sullivan, são..., tensas. Mas então o Prefeito de Chicago pede a Merit e Ethan, uma reunião clandestina e lhes diz sobre um ataque de Vampiros violentos que deixou mulheres desaparecidas. Sua mensagem é simples: Deixar sua Casa em ordem.

Merit tem que chegar ao fundo deste crime, mas não ajuda que ela não possa saber quem esta do seu lado. Assim pede em segredo um favor de alguém que é alto, moreno e parte do grupo de Vampiros subterrâneos que podem ter algum conhecimento da profundidade do ataque. Merit prontamente se encontra no coração obscuro da Sociedade Sobrenatural de Chicago – um mundo cheio de Vampiros e um lugar onde ela vai aprender que não se pode ser um Vampiro sem ter um pouco de sangue em suas mãos.

Capítulo 1

MAGIA É O QUE A MAGIA FAZ.

Final de agosto.

Chicago, Illinois.

Trabalhamos sob o brilho dos holofotes que perfuravam as trevas do Hyde Park, quase cem vampiros agitando tapetes, pintando portas de armários, lixando as guarnições.

Um punhado de homens de aspecto grave em preto; Fadas mercenárias extras que tínhamos contratado para proteção permaneciam do lado de fora da cerca que formava uma barreira entre o terreno de um quarteirão de largura da Casa Cadogan e o resto da cidade.

Em parte, eles estavam nos protegendo de um segundo ataque de Metamorfos. Que parecia improvável, mas assim que teve o primeiro ataque, liderado pelo irmão mais novo do líder da Manada da América do Norte Central. Infelizmente, isso não tinha parado Adam Keene.

Eles estavam também nos protegendo de uma nova ameaça.

Os humanos.

Olhei para cima pela curva elegante da guarnição de madeira que eu estava limpando a mancha. Era quase meia-noite, mas o brilho dourado das velas dos manifestantes era visível através da abertura na cerca. Suas chamas tremeluziam na brisa pegajosa de verão, três ou quatro dúzias de pessoas tornavam conhecidas as suas objeções silenciosas aos vampiros na sua cidade.

Popularidade é uma coisa inconstante.

Chicago tinha se revoltado quando nós saímos do armário há quase um ano. O medo finalmente dera lugar à admiração, completa com os paparazzi e a propagação de revistas de papel brilhante, mas a violência do ataque contra a Casa, e o fato de que tínhamos lutado em resposta e ao fazer isso termos jogado os Metamorfos em campo aberto; tinha virado as marés novamente. Os seres humanos não ficaram emocionados ao saber que existíamos, e se os Lobisomens estavam lá fora também, o que mais se escondia nas sombras? Pelos últimos meses nós vimos o preconceito bruto e feio de humanos que não nos queriam no seu

bairro e acamparam na frente da Casa para se certificar de que estávamos cientes disso.

Meu celular vibrou no bolso; eu o abri e atendi: — Carpintaria da Merit.

Mallory Carmichael, minha melhor amiga no mundo e uma bruxa em seu próprio direito; bufou do outro lado. — Meio perigoso, não é ser um vampiro perto de todos os candidatos a estacas de Aspen?

Eu olhei para a guarnição do cavalete em frente a mim. — Eu não tenho certeza se alguma desta é de Aspen realmente, mas eu aceito o seu ponto.

— Presumo a partir da introdução que carpintaria está em sua agenda de novo esta noite?

— Você estaria certa. Já que você perguntou, eu estou me dedicando a uma mancha em uma madeira linda, depois eu provavelmente vou aplicar um pouco de selante...

— Oh, meu Deus, bocejo. — ela interrompeu. — Por favor, poupe-me de suas histórias de ferragens. Eu me ofereceria para ir entretê-la, mas estou indo para Schaumburg. A magia é como a magia faz, e tudo isso.

Isso explicava o barulho do carro no fundo da linha. — Na verdade, *Mal*, mesmo que você pudesse fazer isso, somos uma morada livre de humanos agora.

— Não me diga. — disse ela. — Quando Darth Sullivan expediu esta ordem?

— Quando o Prefeito Tate lhe pediu.

Mallory soltou um assobio baixo, e sua voz ficou igualmente preocupada. — Sério? Catcher nem sequer disse nada sobre isso.

Catcher era o atual noivo de Mallory que morava com ela, o feiticeiro que me substituiu quando eu me mudei para a Casa Cadogan há alguns meses. Ele também trabalhava no escritório do *Ombudsman* sobrenatural da cidade, meu avô, e era suposto estar em conhecimento sobre todas as coisas sobrenaturais. O gabinete do *Ombudsman* era uma espécie de mesa de ajuda paranormal.

— As casas estão mantendo isso encoberto. — admiti. — Se sai que Tate fechou as Casas, as pessoas entram em pânico.

— Porque eles acham que os vampiros são uma ameaça real aos humanos?

— Exatamente. E por falar em ameaças reais, o que você vai aprender hoje em Schaumburg?

— Ha-ha, minha amiguinha vampira. Você vai amar e ter medo de mim no devido tempo.

— Eu já o faço. Você ainda está fazendo poções?

— Na verdade, não. Estamos fazendo algumas coisas diferentes nesta semana. Como está o mandachuva?

A rápida mudança de assunto foi um pouco estranha. Mallory geralmente amava um público interessado, quando se tratava do paranormal e de seu aprendizado de magia. Talvez as coisas que ela estava aprendendo agora eram realmente tão enfadonhas como carpintaria, embora isso fosse difícil de imaginar.

— Ethan Sullivan ainda é Ethan Sullivan. — finalmente concluí.

Ela bufou em concordância. — E eu presumo que ele sempre será; sendo imortal e tudo. Mas algumas coisas mudam. Falando de, e como é que para um segue? — adivinhe quem está agora usando uns óculos velho pendurado na ponta do seu pequeno nariz perfeito?

— Joss Whedon¹? — embora ela tenha levado um pouco de tempo para se acostumar à ideia de ter magia, *Mal* sempre teve uma coisa pelo sobrenatural, ficção ou não. Buffy e Spike eram objetos particulares de afeição.

— Meu Deus, não. Embora isso não me desse totalmente, uma desculpa para aparecer na Whedonverse² e, assim, magicamente corrigir a sua visão ou algo assim? De qualquer maneira, não. Catcher.

Sorri. — Catcher usa óculos? O Senhor sou-tão-suave-eu-raspo-minha-cabeça-mesmo-que-eu-não-seja-careca, usa óculos? Talvez esta vá ser uma noite boa, afinal.

— Eu sei certo? Para ser justa, ele realmente parecem muito bons nele. Eu fiz uma proposta para trabalhar um pouco de abracadabra e dar uns pegadas, mas ele recusou.

— Por quê?

Ela aprofundou a voz em uma imitação muito boa. — *“Porque isso seria um uso egoísta de magia, gastar a vontade do universo em minhas retinas”.*

— Isso soa como algo que ele diria.

— Sim. Então são os óculos. E eu vou te dizer, eles fazem pequenos milagres. Nós definitivamente viramos um canto do quarto. É como se ele fosse uma pessoa nova. Quer dizer, o seu nível de energia sexual apenas deixou...

¹ Escritor e produtor de TV.

² Um blog com informações sobre programas de TV, filmes, eventos, etc.

— Mallory. Chega. Meus ouvidos estão começando a sangrar.

— Puritana. — um gancho perfurante tocou no telefone, seguido pela voz de Mallory. — Aprenda a se fundir, pessoas! Venham! Ok, eu tenho os motoristas de Wisconsin na minha frente, e eu tenho que desligar o telefone. Eu falo com você amanhã.

— Boa noite *Mal*. Boa sorte com os motoristas e a magia.

— Beijos. — disse ela, e a linha ficou muda. Eu meti o telefone de volta no bolso. Agradeço a Deus pelos melhores amigos.



Dez minutos depois, tive a oportunidade de testar a minha teoria "Ethan ainda é Ethan".

Eu nem precisei olhar para trás para saber que ele entrara atrás de mim. O frio subindo pela minha espinha era indicação suficiente. Ethan Sullivan, Mestre da Casa Cadogan, o vampiro que me adicionou à sua classe.

Após dois meses de cortejo, Ethan e eu passamos uma noite muito gloriosa juntos. Mas o "*juntos*" não durou, ele revertera o curso depois que decidira que sair comigo era um risco emocional que ele não podia correr. Ele lamentara essa decisão também, e passara os últimos dois meses tentando, ou assim ele disse fazer correções.

Ethan era alto, loiro, e quase obscenamente bonito, de nariz comprido e estreito às maçãs do rosto esculpidas e olhos verde-esmeralda. Ele também era inteligente e dedicado aos seus vampiros..., e ele tinha partido o meu coração. Dois meses depois, eu podia aceitar que ele temera que a nossa relação colocasse sua Casa em risco. Teria sido uma mentira dizer que eu não senti a atração, mas isso não me fez menos ansiosa por uma revanche, por isso mantive os pés no chão cautelosamente.

— Sentinela. — disse ele, usando o título que ele me dera. Um guarda da Casa, ou semelhante. — Eles estão surpreendentemente tranquilos esta noite.

— Estão. — eu concordei. Tivemos alguns dias de cantos altos, sinais de piquete, bongôs e até manifestantes perceberem que não estávamos cientes do barulho que eles fizeram durante o dia, e os habitantes do Hyde Park não iriam tolerar barulho depois do anoitecer por muito tempo.

Um ponto para o Hyde Park.

— Faz uma boa mudança. Como estão as coisas aqui fora?

— Nós estamos seguindo em frente. — disse, enxugando uma gota de corante errante. — Mas eu ficarei feliz quando terminarmos. Eu não acho que a construção seja minha coisa preferida.

— Eu vou manter isso em mente para projetos futuros. — eu podia ouvir a diversão em sua voz. Depois de levar um segundo para verificar a minha força de vontade, olhei para ele. Esta noite Ethan usava jeans e uma camiseta de pintura manchada, e seu cabelo dourado no comprimento do ombro estava preso na nuca. Sua roupa pode ter sido casual, mas não havia nenhuma dúvida no ar do poder e confiança indefectível que marcavam este príncipe entre os vampiros.

As mãos nos quadris, ele examinou sua equipe. Homens e mulheres trabalhavam em mesas e cavaletes no gramado da frente. Seu olhar de esmeralda seguiu trabalhador por trabalhador enquanto ele media seu progresso, mas seus ombros estavam tensos, como se ele estivesse sempre ciente de que o perigo espreita exatamente fora do portão.

Ethan não era menos bonito de jeans e tênis fazendo o balanço de seus parentes vampiros.

— Como estão as coisas lá dentro? — perguntei.

— Continuando, embora lentamente. Coisas que iriam mais rápido se nós tivéssemos permissão para trazer os trabalhadores humanos da construção.

— Não trazê-los nos salva do risco de sabotagem humana. — apontei.

— E o risco de o contratante das placas de gesso se tornar um lanche. — ele meditou. Mas quando ele olhou para mim novamente, uma linha de preocupação apareceu entre os olhos.

— O que é? — eu incitei.

Ethan ofereceu o seu movimento de assinatura, uma única sobrancelha arqueada.

— Bem, obviamente outra coisa além dos manifestantes e a constante ameaça de ataque. — disse.

— Tate ligou. Ele pediu um encontro com nós dois.

Desta vez, fui eu que levantei as sobrancelhas. Seth Tate, o Prefeito de Chicago em segundo mandato, geralmente evitava misturar-se com os três Mestres vampiros da cidade.

— Sobre o que ele quer se reunir?

— Isso, eu presumo. — disse ele, gesticulando em direção aos manifestantes.

— Você acha que ele quer se encontrar comigo porque ele e meu pai são amigos, ou porque o meu avô trabalha para ele?

— Isso, ou porque o Prefeito pode, de fato, estar apaixonado por você.

Revirei os olhos, mas não consegui impedir o quente rubor que subiu ao meu rosto. "Ele não está apaixonado por mim. Ele só gosta de ser reeleito."

— Ele está apaixonado, não que eu não consiga entender a emoção. E ele nem mesmo viu você lutar ainda. — a voz de Ethan era doce. Esperançosa.

Difícil de ignorar.

Durante semanas, ele tinha sido atencioso assim, lisonjeiro.

Isso não quer dizer que ele não teve seus momentos de irritação. Ele ainda era o Ethan, afinal, ainda um vampiro Mestre com uma casa cheia de novatos, que nem sempre o agradava, e para piorar a situação, ele estava chegando ao fim de um longo mês de reabilitação daquela Casa. Construção nem sempre andava rapidamente em Chicago, e movia-se ainda mais lentamente quando o assunto da construção era um antro de vampiros de três andares. Uma joia arquitetônica de um antro, com certeza, mas ainda um antro de sanguessugas noturnos, blá blá blá. Nossos fornecedores humanos eram frequentemente relutantes a ajudar, e que não exatamente entusiasmava Ethan.

Com a construção, porém, Ethan estava fazendo as coisas certas, fazendo todos os movimentos certos. O problema era que ele tinha abalado a minha confiança. Eu esperava encontrar meu próprio final feliz, mas eu ainda não estava preparada para acreditar que este Príncipe Encantado em particular estava pronto para fugir a cavalo ao por do sol. Dois meses depois, a dor, e a humilhação, ainda era muito real, a ferida em carne viva demais.

Eu não era ingênua o bastante para negar o que havia entre mim e Ethan, ou a possibilidade de que o destino quis nos unir novamente. Afinal, Gabriel Keene, a cabeça da Manada da América do Norte Central, de alguma forma compartilhara comigo uma visão sobre um par de olhos verdes que pareciam os do Ethan..., mas não eram. (Eu sei. "*Que diabos?*" tinha sido a minha reação também).

Eu queria acreditar nele. Assim como qualquer outra menina na América, eu li os livros e vi os filmes em que o menino percebe que ele tomou uma decisão horrível..., e volta novamente. Eu queria acreditar que Ethan lamentou a minha perda, para que seu arrependimento fosse real, e que suas promessas eram sérias. Mas isto não era um jogo. E como Mallory havia assinalado, não teria sido melhor se ele me quisesse desde o início?

Entretanto, enquanto eu pesava o novo Ethan contra o velho Ethan, eu joguei de Sentinela obediente. Manter as coisas profissionais me deu o espaço e os limites

que eu precisava..., e tinha a vantagem de irritá-lo. Imatura? Com certeza. Mas quem não teve a oportunidade de dar um puxão no seu chefe quando teve a chance?

Além disso, a maioria dos vampiros eram membros de uma Casa ou de outra, e eu era imortal. Eu não poderia me esquivar exatamente de trabalhar com Ethan sem me condenar a uma eternidade passada como um banido. Isso significava que eu tinha que fazer o melhor da situação.

Evitando a intimidade na sua voz, eu sorri educadamente para ele. — Espero que ele não precise me ver lutar. Se eu estou brigando na frente do prefeito, as coisas definitivamente caíram. Quando é que vamos partir?

Ethan estava quieto tempo suficiente para que eu olhasse para ele, vi a seriedade em sua expressão. Isso arrancou as cordas do meu coração ao vê-lo parecer decidido assim sobre mim. Mas o que quer que seja que o destino pode ter reservado para nós no caminho, eu não estava pegando essa saída hoje.

— Sentinela.

Havia uma reprovação suave em sua voz, mas eu estava firmando meu plano. — Sim, Liege?

— Seja teimosa se quiser; se precisar, mas sabemos como isso vai acabar.

Eu mantive meu rosto vazio. — Isso vai acabar como sempre acaba com você sendo Mestre e eu sendo Sentinela.

A lembrança de nossas posições deve ter feito isso. Tão abruptamente como tinha ligado o encanto, Ethan o desligou novamente. — Esteja lá embaixo, em 20 minutos. Vista seu terno. — e então ele se foi, caminhando com determinação as escadas e de volta para casa Cadogan.

Eu praguejei em silêncio. Aquele garoto que iria ser a minha morte.

Capítulo 2

Uma Mão Cheia de Vampiros.

Deixar a Casa Cadogan costumava ser um pouco difícil, em sua maioria envolvia evitar a irritação dos paparazzi na esquina que estavam esperando para tirar nossas fotos. Agora era na verdade perigoso.

Ambos estávamos com roupas pretas (vestimenta oficial de Cadogan) e na Mercedes conversível preta do Ethan, um automóvel lustroso que ele estacionava no porão embaixo da Casa. Nós dirigimos rampa acima que nos guiava para o nível do solo, então esperamos enquanto uma das fadas locadas no portão o abrisse. Um segundo estava de pé em frente à rampa, seu olhar cuidadoso nos protestantes que estavam começando a se mover em nossa direção.

Nós saímos para a rua. A Fada no portão o fechou novamente, então se juntou ao seu parceiro ao lado do carro. Movemo-nos lentamente enquanto os humanos começavam a se amontoar ao nosso redor, com velas na mão. Eles se moviam sem som, suas expressões em branco, como crentes zumbis. O silêncio deles era completamente enervante. Isso era pior, eu acho, do que se eles estivessem gritando epítetos antivampiros ou obscenidades.

— Aparentemente eles nos viram. — Ethan murmurou mão esquerda no volante, à direita no câmbio.

— Sim, eles viram. Você quer que eu saia?

— Por mais que eu aprecie a oferta, vamos deixar as Fadas lidar com isso.

Como se estivesse sido combinado, as Fadas se posicionaram, um em cada porta. — Nós os pagamos certo? Pela segurança?

— Nós pagamos. — Ethan disse. — Apesar disso, eles detestam humanos ainda mais do que eles nos odeiam, é provavelmente uma tarefa que eles poderiam ter assumido de graça.

Então as Fadas odiavam vampiros, mas odiavam humanos ainda mais. Alguns humanos odiavam vampiros e, se eles soubessem o que as Fadas eram provavelmente eles odiariam eles também.

E vampiros? Bem, vampiros eram como políticos. Queríamos ser amigos de todos. Que todos gostassem de nós. Nós queríamos capital político que mais tarde

pudessem ser trocados por benefícios políticos. Mas nós ainda éramos vampiros, e por mais políticos e sociais que fossemos, nós ainda seríamos diferentes.

Bem, a maioria de nós, de qualquer forma. Ethan frequentemente lembrava que eu era mais humana do que a maioria, provavelmente porque eu sou uma vampira por apenas alguns meses. Mas olhando para os protestantes, eu me senti um pouquinho mais vampira do que o normal.

Os protestantes encaravam as janelas, segurando suas velas em direção ao carro como se a proximidade da chama fosse o bastante para nos fazer desaparecer. Por sorte, fogo não era tão perigoso para nós quanto era para os humanos.

Ethan manteve ambas as mãos no volante agora enquanto ele cuidadosamente manobrava a Mercedes pela multidão. Nós nos arrastamos para frente um metro por vez, os humanos se acumulando em uma nuvem tão grossa que nós não conseguíamos ver a estrada à frente. As Fadas andavam ao lado, uma mão no teto do pequeno automóvel como membros do Serviço Secreto em uma carreata presidencial. Nós nos movíamos lentamente, mas estávamos nos movendo.

E enquanto nós nos movíamos, passamos por dois adolescentes que estavam de pé do meu lado do carro, braços unidos – um menino e uma menina. Eles eram tão jovens, e eles estavam vestidos com short e blusas como se eles tivessem passado o dia inteiro na praia. Mas as suas expressões diziam uma história diferente. Havia ódio em seus olhos, ódio muito intenso para alguém com dezesseis anos. A garota estava com rímel borrado embaixo de seus olhos como se ela estivesse chorando. O garoto assistia a garota, seu ódio por mim talvez aumentado pelo seu carinho por ela.

Com uma rapidez chocante, eles começaram a cantar juntos. — Sem mais vampiros! Sem mais vampiros! Sem mais vampiros! — várias vezes novamente eles choravam o mantra, fanatismo em suas vozes, como anjos prontos para punir.

— Eles são tão jovens para estarem tão bravos. — eu disse quietamente.

— Raiva não é meramente para os velhos. — Ethan apontou. — Mesmo os jovens podem enfrentar angústia e tragédia, e transformar tristeza em ódio.

O resto da multidão parecia achar os jovens inspiradores. Uma pessoa por vez, eles ecoaram o canto até que toda a multidão houvesse se juntado, um coro de ódio.

— Saia de nossa vizinhança! — gritou um humano perto do carro, uma mulher magra de cinquenta ou sessenta anos com um longo cabelo cinza, que usava uma camiseta branca e calças cáqui. — Voltem para onde vocês vieram!

Eu olhei para frente novamente. — Eu sou de Chicago. — eu murmurei. — Nascida e criada.

— Eu acredito que eles têm em mente um lugar mais sobrenatural. — Ethan disse. — Inferno, talvez, ou alguma dimensão paralela habitada somente por vampiros e lobisomens e, de qualquer maneira, longe de humanos.

— Ou eles nos querem em Gary ao invés de Chicago.

— Ou isso. — ele permitiu.

Eu forcei a mim mesma a olhar para frente, bloqueando da vista de seus rostos na janela, desejando que eu pudesse ficar invisível, ou de alguma forma me fundir com o estofamento de couro e evitar o desconforto de escutar aos humanos gritarem sobre o quanto eles me odiavam. Machucava, mais do que eu pensei ser possível, estar cercada de pessoas que não me conheciam, mas que estariam mais do que felizes de escutar que eu fui embora e que não estava mais poluindo a vizinhança deles.

— Fica mais fácil. — Ethan disse.

— Eu não quero que fique mais fácil. Eu quero ser aceita por quem eu sou.

— Infelizmente, nem todo mundo aprecia suas ótimas qualidades. Mas há aqueles de nós que apreciam.

Nós passamos por uma família, pai, mãe, e dois filhos mais novos, segurando um cartaz pintado à mão que se lia HYDE PARK ODEIA VAMPIROS.

— Agora, isso. — Ethan grunhiu. — Eu tenho pouca paciência. Até que as crianças sejam velhas tenham idade o suficiente para alcançarem suas próprias conclusões sobre vampiros, eles deveriam ser imunes de suas discussões. Eles certamente não deveriam aguentar o peso dos “preconceitos” de seus pais.

Eu acenei e cruzei os meus braços em cima do peito; aconchegando-me em mim mesma.

Depois de duzentos metros, os protestantes diminuíram, a vontade de nos censurar aparentemente diminuindo enquanto nós nos movíamos para mais longe da Casa. Meu espírito estava murcho, nós seguimos para o nordeste em direção ao Creeley Creek, que ficava no bairro histórico de Chicago, Prairie Avenue.

Eu olhei para o Ethan. — Nós pensamos em alguma campanha ou algo para tratar o ódio? Anúncios públicos ou fóruns para nos conhecermos melhor? Algo para ajudá-los a perceber que nós não somos o inimigo?

Ele sorriu. — Nossa cadeira social está vazia no trabalho novamente?

Como punição por desafiar o Ethan para uma luta, apesar de eu estar

sofrendo um pouco de dupla personalidade vampírica na época, Ethan havia me nomeado a cadeira social da Casa. Ele pensou que era uma punição própria para uma garota que passou a maior parte de seu tempo em seu quarto do que conhecendo seus colegas vampiros. Eu admito que eu era uma traça de livros – eu era uma estudante de pós-graduação em literatura inglesa antes de eu ser transformada – mas eu estive fazendo incursões. Claro, o ataque dos metamorfos havia colocado uma amortecida nos meus planos para planejar um churrasco para misturar o pessoal.

— Eu sou apenas uma vampira Novata tentando passar a noite com um pouco menos de ódio. Sério pode ser algo a se considerar.

— A Julia está cuidando disso.

— Julia?

— Diretora de marketing e relações públicas da Casa.

Hum. Eu nem sabia que nós tínhamos uma dessas.

— Talvez nós pudéssemos fazer uma loteria para um dos lugares para Iniciante no próximo ano. — eu sugeri. — Fazer com que os humanos se interessem em ser um vampiro Cadogan?

— *Eu tenho um bilhete dourado.* — Ethan começou a cantar, e então rir.

— Alguma coisa assim. Claro, se você abrir uma vaga para o público, você provavelmente aumentará as chances de acrescentar um sabotador a Casa.

— E eu acho que nós já estamos um pouco lotados no departamento de sabotadores aqui ultimamente.

Pensando nos dois vampiros traidores que a Casa havia perdido desde que eu me juntei, eu acenei. — Concordo completamente.

Eu deveria ter batido na madeira, oferecido uma pequena proteção contra o azar que eu causava ao falar sobre sabotagem..., por que parecia que os nossos protestantes haviam chamado a frente.

Nossos faróis ricochetearam em dois utilitários que estavam estacionados diagonalmente no meio da rua, seis homens robustos estavam na frente deles, todos usando camisetas pretas e calças militares.

— Segure-se. — Ethan gritou, puxando o volante fazendo os pneus guincharem e queimarem borracha. O automóvel parou a direita, virando no sentido horário até que nós estávamos perpendicularmente aos utilitários.

Eu olhei para cima. Três homens movimentavam-se ao nosso redor, armas na cintura, cercando o carro antes que o Ethan pudesse se afastar do bloqueio.

— Eu não estou gostando muito dessa situação. — eu murmurei.

— Nem eu. — Ethan disse, tirando o seu celular e pressionando teclas. Eu presumi que ele estava pedindo reforço, o que estava tudo bem por mim.

— Militares? — eu perguntei para o Ethan, meu coração pulsando loucamente.

— Dificilmente militares nos abordariam dessa forma. Não quando eles possuem meios significativamente mais fáceis com menor potencial de dano colateral.

— O que for que eles sejam, eu presumo que eles são antivampiros.

Dois dos três homens na frente do carro desembainharam suas armas, aproximaram-se de nós, e abriram as portas.

— Fora. — eles disseram em uníssono. Eu fiz um inventário mental, eu tinha minha adaga, mas não a minha espada. Eu esperava que não fosse precisar dela.

— Antivampiros, de fato. — Ethan murmurou, então lentamente ergueu suas mãos para o ar. Eu fiz o mesmo.

— *Firme Sentinela.* — ele telepaticamente disse para mim. — *Não diga nada em voz alta a menos que seja absolutamente necessário.*

— *Você é o chefe.* — eu respondi.

— *As evidências apontam para o contrário.* — as palavras foram silenciosas, mas o tom era óbvio.

Nós saímos para a rua escura de Chicago. A vibração no ar – o zumbido de aço que eu podia sentir depois que a minha katana fora temperada com sangue – era intensa. Estes caras, quem quer que eles fossem, estavam bem armados. Nossas mãos no ar, suas armas apontadas para o nosso coração, nós fomos escoltados para frente da Mercedes. Como vampiros, nós nos curamos rapidamente então balas normalmente não funcionam conosco. Uma estaca de madeira no coração, no entanto, iria funcionar sem questionamento.

Agora que eu pensei sobre isso, suas armas não pareciam exatamente saídas das prateleiras; elas pareciam ser customizadas, com a boca mais ampla do que o arsenal da Casa.

— *É possível modificar uma arma para atirar estacas de madeira?* — eu perguntei ao Ethan.

— *Eu prefiro não descobrir.* — ele respondeu.

Meu estômago se revirou de nervoso. Eu fiquei acostumada com o fato que o meu trabalho chamava violência, normalmente perpetrada por loucos paranormais contra mim e os meus. Mas estes não eram paranormais. Estes humanos empunhando armas que aparentemente acreditavam que eles estavam além do alcance da lei, que acreditavam que eles possuíam a autoridade de nos parar e nos segurar a mira de arma dentro das fronteiras da nossa própria cidade.

O terceiro homem na nossa frente – grande e forte, com pele marcada pela acne e um corte de cabelo militar – deu um passo a frente.

— *Cuidado com ele.* — ecoou a voz de Ethan na minha cabeça.

— *Difícil perder um tanque humano indo na sua direção.*

— Vocês acham que nós não sabemos o que vocês estão fazendo com a nossa cidade? — o tanque perguntou. — Você está nos matando. Se esgueirando pela noite, tirando-nos de nossas camas. Hipnotizando-nos e então nos bebendo até não restar mais nada.

Meu peito se apertou com as suas palavras. Eu certamente não havia feito nenhuma destas coisas, nem eu conhecia nenhum vampiro que haviam feito, pelo menos não desde Celina Desaulniers, a garota má vampira de Chicago, saiu de cena. Mas o Tanque parecia bem convencido que ele estava dizendo a verdade.

— Eu não fiz nada para você. — eu disse para ele. — Eu nunca encontrei você, e você não sabe nada sobre mim exceto o fato de que eu sou uma vampira.

— Vadia. — ele murmurou, mas ele virou rapidamente sua cabeça para trás quando a porta traseira esquerda do utilitário abriu. Dois pés com botas atingiram o concreto, seguido por outro homem com o mesmo uniforme negro. Diferentemente dos outros, este era lindo, com olhos longos e largos, bochechas pronunciadas, seu cabelo escuro perfeitamente dividido. Suas mãos estavam nas costas, ele andou em nossa direção, enquanto o Tanque fechava a porta do utilitário.

Eu acho que o Novo Cara estava no comando.

— Sr. Sullivan. Srta. Merit. — ele disse.

— E você é? — Ethan perguntou.

O Novo Cara sorriu abertamente. — Você pode me chamar de... McKetrick. — a pausa fez soar como se ele tivesse acabado de decidir o nome. — Estes são alguns dos meus amigos. Companheiros crentes, se você preferir.

— Suas maneiras deixam algo a desejar. — o tom do Ethan era plano, mas

magia irritada salpicava o ar.

McKetrick cruzou seus braços sobre o peito. — Eu acho esse insulto bastante cômico, Sr. Sullivan, vindo de um intruso em nossa cidade.

— Um intruso?

— Nós somos humanos. Vocês são vampiros. Mas se não fosse por causa do resultado de uma mutação genética, vocês seriam como nós. E isso faz de vocês uma aberração em nossa cidade, convidados desconvidados. Convidados que precisam cuidar de suas maneiras e irem embora. — seu tom era de certeza, como se ele não tivesse sugerido que nós éramos aberrações genéticas que precisavam sair da cidade.

— Como é. — Ethan disse, mas McKetrick ergueu uma mão.

— Venham, agora. — ele disse. — Eu sei que vocês me entendem. Você parece ser um homem inteligente, igual a sua colega aqui. Pelo menos do que nós sabemos sobre os seus pais.

Meus pais – Os Merits – eram o dinheiro-novo de Chicago. Meu pai era um investidor imobiliário mencionado em jornais diariamente. Inteligente, mas implacável. Nós não éramos chegados, o que me fazia muito menos animada ao saber que eu estava sendo julgada baseada em sua cobertura jornalística narcisista.

— *Não o deixe te perturbar.* — Ethan disse silenciosamente. — *Você sabe quem você é.*

— Seus preconceitos, — ele disse em voz alta. — Não são o problema. Nós sugerimos que vocês abaixem suas armas e continuem no seu caminho.

— Continue no nosso caminho? Isso é realmente rico. Como se o seu tipo fosse meramente continuar o caminho sem trazer a esta cidade toda essa guerra sobrenatural? — ele balançou a cabeça. — Não, obrigado, Sr. Sullivan. Você e os do seu tipo precisam arrumar as malas, ir embora, e desistir.

— Eu sou de Chicago. — eu disse, atraindo a atenção para mim. — Nascida e criada.

Ele levantou um dedo. — Nascida e criada humana até você trocar de lado.

Eu quase o corriji, dizendo para ele que o Ethan havia me salvado de um assassino contratado por Celina, me trouxe de volta a vida depois que eu fui atacada. Eu poderia ter dito a ele também que não importa quantos desafios eu enfrente como uma vampira, Ethan era a razão que eu ainda respirava. Mas eu não acho que McKetrick ficaria contente em saber que eu quase fui morta por um

vampiro, e transformada sem meu consentimento por outro.

— Sem resposta? — McKetrick perguntou. — Não me surpreende. Dada à confusão que a sua “Casa” já causou em Chicago, eu não estou certo que eu protestaria também.

— Nós não iniciamos o ataque à nossa Casa. — eu disse para ele. — Nós fomos atacados.

McKetrick inclinou sua cabeça para nós, um sorriso confuso em seu rosto. — Mas você deve reconhecer que vocês o encorajaram. Sem vocês, não haveria violência.

— Tudo o que nós queremos é cuidar dos nossos negócios.

McKetrick sorriu magnanimamente. Ele não era um homem feio, mas aquele sorriso – tão calmo e confiante – era aterrorizante em sua confiança. — Está tudo bem por mim. Simplesmente leve os seus negócios para outro lugar. Como deve estar claro agora, Chicago não quer vocês.

Ethan endureceu sua expressão. — Você não foi eleito. Você não foi nomeado. Você não tem direito de falar em nome da cidade.

— Uma cidade que caiu sobre os seus feitiços? Uma cidade que está finalmente acordando para o seu erro? Algumas vezes, Sr. Sullivan, o mundo precisa de um profeta. Um homem que pode olhar além do presente, ver o futuro, e entender o que é necessário.

— O que você quer?

Ele riu. — Nós queremos a nossa cidade de volta; claro. Nós queremos a partida de todos os vampiros de Chicago. Não ligamos para onde vocês vão – nós só não queremos vocês aqui. Eu espero que isto esteja entendido?

— Foda-se. — Ethan disse. — Foda-se você, e o seu preconceito.

McKetrick pareceu desapontado, como se ele realmente esperasse que o Ethan visse os erros em suas decisões.

Ele abriu sua boca para responder, mas antes que ele pudesse responder, eu escutei: cortando a noite como um trovão rugindo, o estrondo de um escape. Eu olhei atrás de mim e vi os faróis – uma dezena no total – movendo-se como uma flecha na nossa direção.

Motocicletas.

Eu comecei a sorrir, agora sabendo quem o Ethan havia contatado em seu celular. Estas não eram apenas motocicletas; eles eram Metamorfos. A cavalaria

havia chegado.

As tropas olharam de volta para o seu líder, incertos de como prosseguir.

Eles cortaram pela escuridão como tubarões cromados. Doze motos gigantes de baixa montaria, brilhosas, um Metamorfo em cada – musculosos e com roupas de couro, prontos para a batalha. E eu podia testemunhar a parte da batalha. Eu havia os visto brigar, eu sabia do que eles eram capazes, e o formigamento que levantou o cabelo na parte de trás do meu pescoço provou que eles estavam bem armados.

Correção – onze deles eram musculosos e estavam com roupas de couro. O décimo segundo era uma morena pequenina com um longo cabelo enrolado, no momento preso em um rabo de cavalo embaixo de um boné do Cardinals³. Fallon Keene, a única irmã entre os seis irmãos Keene, nomeados alfabeticamente do Gabriel até o Adam, que foi removido da Matilha Central Norte Americana e mandado para os braços amorosos da Matilha rival depois que ele matou o líder deles. Ninguém ouviu nada sobre o Adam desde que a troca aconteceu. Dado o seu crime, eu presumo que esse não era um bom sinal.

Eu acenei para a Fallon, e quando ela ofereceu de volta a mesma saudação, eu decidi que eu podia conviver com as más escolhas de fidelidade no beisebol dela.

Gabriel Keene, Líder da Matilha, estava em uma moto na frente, seu cabelo castanho dourado pelo sol estavam presos na base de seu pescoço, seus olhos âmbar observando a cena com o que parecia ser um olhar mal-intencionado. Mas eu já sabia. Gabriel se abstinha da violência a menos que fosse absolutamente necessário. Ele não tinha medo de violência, mas ele não a procurava.

Gabriel acelerou sua moto com um movimento de seu pulso, e como mágica, os homens de McKetrick deram um passo para trás em direção a seus utilitários.

Gabe virou o seu olhar para mim. — Problemas, Gatinha?

Eu olhei para o McKetrick, que estava observando as motos e seus motoqueiros com uma expressão nervosa. Eu acho que a sua bravata anti vampírica não se estendia à Metamorfos. Depois de um momento ele pareceu recuperar sua compostura e fazer contato visual conosco novamente.

— Eu aguardo ansiosamente por continuarmos essa conversa em uma hora mais apropriada. — McKetrick disse. — Nós estaremos em contato. Nesse meio tempo, fiquem fora de problemas. — com isso, ele deslizou de volta para o utilitário, e o resto de suas tropas o seguiram.

³ Time americano de beisebol.

Eu engoli o desapontamento. Eu quase desejei que eles fossem ingênuos o bastante para dar o primeiro passo, só para que eu pudesse curtir assistir os Keene surrá-los até eles esquecerem-se quem são.

Com um rugido dos escapamentos personalizados, os utilitários guincharam e foram embora. Pena que não ia ser para sempre. Eu chequei as placas, mas elas estavam em branco. Ou eles estão dirigindo por aí sem licença ou eles haviam retirado as placas para sua pequena conversa de apresentação.

Gabe olhou para Ethan. — Quem é o G. I. Joe⁴?

— Ele disse que o seu nome era McKetrick. Ele se acha o vingador anti vampírico. Ele quer todos os vampiros fora da cidade.

Gabe estalou sua língua. — Ele provavelmente não é o único. — ele disse, olhando para mim. — Confusões parecem te encontrar, Gatinha.

— Como o Ethan pode confirmar, eu não tive nada a ver com isso. Nós estávamos dirigindo em direção a Creeley Creek quando nós chegamos nessa barricada. Eles apareceram com armas.

Gabe revirou seus olhos. — Somente vampiros achariam isso uma limitação ao invés de um desafio. Vocês são imortais, afinal de contas.

— E nós preferimos permanecermos assim. — Ethan disse. — As armas pareciam customizadas.

— Balas antivampiros? — Gabriel perguntou.

— Não me surpreenderia. McKetrick parecia ser esse tipo de pessoa.

— E a minha espada está na Casa. — eu apontei para o Gabe. — Você me dá uma lâmina de setenta centímetros de aço reforçado, e eu posso derrotar quem você quiser.

Ele revirou os olhos, então acelerou sua moto e olhou para o Ethan. — Você está indo para Creeley Creek?

— Estamos.

— Então nós vamos ser os seus acompanhantes. Entre no carro e nós te levaremos lá.

— Nós te devemos uma.

⁴ G.I. Joe é uma franquia de action figure estadunidense produzida pela empresa de brinquedos Hasbro.

Gabriel balançou a cabeça. — Considere isso como uma diminuição na conta do que eu devo a Merit.

Ele havia mencionado essa dívida antes. Eu ainda não tinha ideia do que ele pensava que estava me devendo, mas eu acenei de qualquer jeito e corri de volta para a Mercedes.

Eu deslizei para dentro do carro. — Você disse que as Fadas detestavam os humanos. Nesse momento, eu sinto que o “detestar” é dificilmente uma palavra forte o suficiente. E parece que nós podemos adicionar mais um problema para a lista.

— Isso parece ser o caso. — ele disse, ligando o motor.

— Pelo menos nós ainda somos amigos dos Metamorfos. — eu disse enquanto seguíamos pelo sinal de pare a frente de nós, os Metamorfos fazendo uma formação de escudo em V ao redor do carro.

— E oficialmente inimigos dos humanos de novo. Alguns deles, pelo menos.

Enquanto nós nos movíamos pela rua e finalmente começávamos a ganhar velocidade, com nossa escolta de Metamorfos ao nosso lado, eu me virei de volta para a estrada e suspirei.

— Deixe os bons tempos rolarem.

Capítulo 3

Ficção Científica.

Creeley Creek era uma casa com estilo campestre, baixa e horizontal, com muitas janelas longas, e beirais cor de mel de madeiras salientes. Era maior do que a maioria das casas nesse estilo, construída na virada do século vinte por um arquiteto com um renomado ego. Quando o dono original morreu, sua família doou a casa para a cidade de Chicago, o que foi transformada na residência oficial do prefeito. Era para a cidade de Chicago o que a Mansão Gracie era para a cidade de Nova York.

No momento vivendo lá estava o político que Chicago sempre quis. Lindo. Popular. Um mestre orador com amigos de ambos os lados do corredor. Quer você goste de sua inclinação política ou não, ele era muito, muito bom no seu trabalho.

O portão abriu quando nós chegamos, o guarda estava parado dentro da cabine de vidro na beirada da rua nos indicando o terreno. Ethan circulou a Mercedes ao redor do estacionamento e estacionou em uma pequena área ao lado da casa.

— De uma Casa de vampiros para uma casa de políticos. — ele murmurou enquanto andávamos para a porta da frente.

— Disse o vampiro mais político de todos. — eu o lembrei, e ganhei um grunhido como resposta. Mas eu permaneci firme. Ele era aquele que trocava um relacionamento comigo por considerações políticas.

— Eu aguardo ansiosamente. — ele disse enquanto nós cruzávamos a entrada de tijolo arrumado. — A sua vez no comando.

Eu presumo que ele queria dizer o dia que eu me tornaria uma Mestre vampira. Não era exatamente algo que eu aguardava ansiosamente, mas iria me tirar da Casa Cadogan.

— Você aguarda ansiosamente porque nós seremos iguais? Politicamente, eu quero dizer?

Ele me deslizou um olhar seco. — Porque eu irei apreciar te assistir se contorcendo sobpressão.

— Encantador. — eu murmurei.

Uma mulher em um terno azul confortável estava de pé na frente da porta dupla debaixo de um beiral de pedra saliente. Seu cabelo estava puxado em um coque apertado, e ela usava óculos de armação grossa. Eles eram um grande contraste com o evidente salto plataforma.

Ela estava tentando ser uma sexy bibliotecária, talvez?

— Sr. Sullivan. Merit. Eu sou Tabitha Bentley, a assistente do prefeito. O prefeito está pronto para ver vocês, mas eu entendo que há alguns assuntos preliminares que nós precisamos resolver? — ela levantou seu olhar para o limiar acima de nós.

Dizia à lenda que os vampiros não podiam entrar em uma casa se eles não fossem convidados para entrar. Mas como muitos dos outros mitos relacionados aos vampiros, isso era menos sobre magia e mais sobre regras. Vampiros *amavam* regras – o que beber, como se posicionar, como se falar com um vampiro de nível superior, e assim sucessivamente.

— Nós estaríamos agradecidos em receber um convite para esta casa. — Ethan disse, sem detalhar as razões para o pedido.

Ela acenou cerimoniosamente. — Eu fui autorizada a estender o convite para você e Merit para dentro de Creeley Creek.

Ethan sorriu educadamente. — Nós agradecemos a você pela hospitalidade e aceitamos o seu convite.

Com o acordo firmado, a Srta. Bentley abriu as portas e esperou enquanto nós andávamos para o corredor.

Não era a minha primeira vez na mansão. Meu pai (tendo bastante dinheiro) e Tate (que tendo bastantes conexões) eram conhecidos, e o meu pai havia ocasionalmente me arrastado para Creeley Creek para uma festa beneficente aqui e ali. Eu olhei ao redor e concluí que não havia mudado muito desde a última vez que eu visitei. Os pisos eram de uma pedra lustrosa, as paredes eram tábuas horizontais de madeira escura. A casa era fria e escura, o corredor iluminado com uma luz dourada lançada pelas arandelas da parede.

O cheiro de biscoitos de baunilha permeava o ar. Aquele cheiro – de limões e açúcar – me lembrou de Tate. Era o mesmo cheiro que eu havia sentido na última vez que eu o vi. Talvez ele tivesse um lanche favorito, e a equipe de Creeley Creek atendia.

Mas o homem no corredor não era aquele que eu esperaria ver. Meu pai, em um garboso terno preto, andou em nossa direção. Ele não ofereceu um aperto de mãos; a arrogância era típica em Joshua Merit.

— Ethan, Merit.

— Joshua. — Ethan disse com um aceno. — Encontrando-se com o prefeito nesta noite?

— Eu estava. — meu pai disse. — Vocês dois estão bem?

Infelizmente, eu estava surpresa que ele ligava. — Nós estamos ótimos. — eu disse para ele. — O que te traz aqui?

— Negócios do conselho. — meu pai disse. Ele era um membro do Conselho de Crescimento de Chicago, um grupo direcionado para trazer novos negócios para a cidade.

— Eu também falei bem sobre a sua Casa. — ele adicionou. — Sobre os progressos que você fez junto à população sobrenatural da cidade. O seu avô me mantém informado.

— Isso foi..., muito magnânimo da sua parte. — Ethan disse sua confusão combinando com a minha.

Meu pai sorriu agradavelmente, e então olhou de nós para Tabitha. — Eu vejo que vocês já estão seguindo para dentro. Não se prendam por minha causa. Bom ver vocês dois.

Tabitha deu um passo na nossa frente, saltos batendo no piso enquanto ela marchava mais profundamente na mansão. — Siga-me. — ela chamou de volta.

Ethan e eu trocamos um olhar.

— O que acabou de acontecer? — eu perguntei.

— Por alguma razão desconhecida, o seu pai repentinamente se tornou amigável?

Há sem dúvidas uma razão relacionada aos negócios por isso, o que eu presumo que nós descobriremos logo. No meio tempo, vamos fazer o que nos falaram, e seguir a Tabitha pelo corredor.

Seth Tate tinha o olhar de um playboy que nunca foi bem corrigido. Cabelo desgrenhado, negro como carvão, olhos azuis abaixo de sobrancelhas escuras. Ele tinha um rosto que as mulheres babavam em cima e, como um prefeito no segundo mandato, possuía os avais políticos para acompanhar a boa aparência. Isso explicava porque ele havia sido nomeado um dos solteiros mais cobiçados de Chicago, e um dos políticos mais sexys do país.

Ele nos encontrou em seu escritório, uma sala comprida e baixa que ia do teto ao chão com painéis de madeira. Uma mesa gigantesca estava na extremidade do cômodo na frente de uma cadeira adornada de couro vermelha que poderia

servir de dublê para um trono.

Tanto a mesa quanto o trono estavam embaixo de uma sinistra pintura de dez metros de largura. A maior parte da tela estava escura, mas os contornos de um grupo de homens de aparência suspeita eram visíveis. Eles estavam de pé ao redor de um homem posicionado próximo ao centro da pintura, seus braços acima de sua cabeça, se acovardando enquanto eles o apontavam. Parecia que eles estavam condenando-o por algo. Não era exatamente uma pintura inspiradora.

Tate, que estava de pé no meio do cômodo, esticou uma mão para o Ethan, sem hesitação no movimento. — Ethan.

— Senhor Prefeito. — eles dividiram um aperto de mãos másculo.

— Como estão as coisas na Casa?

— Eu diria que o clima é..., de antecipação. Com os protestantes no portão, a pessoa acaba ficando esperando que mais uma coisa ruim aconteça.

Depois de eles dividirem um olhar conhecedor, Tate se virou para mim, um sorriso nascendo. — Merit. — ele disse com uma voz suave. Ele pegou minhas duas mãos e se inclinou na minha direção, pressionando um beijo suave na minha bochecha, o odor de limão doce flutuando ao redor dele. — Eu acabei encontrar com o seu pai.

— Nós o vimos na saída.

Ele me soltou e sorriu, mas enquanto ele me observava, o sorriso sumiu. — Você está bem?

Eu devo ter parecido abatida; ser presa na mira de uma arma poderia fazer isso com uma garota. Mas antes que eu pudesse falar, Ethan mandou um aviso.

— *Não mencione McKetrick.* — ele disse. — *Não até que nós saibamos mais sobre as suas alianças.*

— Houve um protesto do lado de fora da Casa. — eu obedientemente contei ao Tate. — Foi enervante. Muito preconceito foi lançado por lá.

Tate ofereceu um olhar apologético.

— Infelizmente, nós não podemos negar aos protestantes a permissão devido à Primeira Emenda, mas nós sempre podemos prevenir que o assunto cresça.

— Nós temos tudo sobre controle. — eu o assegurei.

— O anúncio de Gabriel Keene que os Metamorfos existem não fez muito pela popularidade de vocês.

— Não, não fez. — Ethan admitiu. — Mas ele veio lutar com a Casa quando nossas costas estavam presas na parede. Indo a público – levando o seu lado da história para fora – foi à melhor de um conjunto de más opções para a proteção de seu povo.

— Eu não discordo necessariamente. — Tate disse. — Se ele não fizesse o anúncio, nós terminaríamos tendo que prender cada Metamorfo por agressão e por perturbar a paz. Nós não poderíamos deixá-los ir sem nenhuma justificativa. O anúncio nos deu essa razão, ajudando o público a entender por que eles se uniram a briga e por que nós não estávamos os prendendo naquele exato momento.

— Eu tenho certeza que eles apreciam o seu entendimento.

Tate ofereceu um olhar irônico. — Eu duvido que este tipo de coisa interesse a eles. Metamorfos não me parecem ser do tipo político.

— Eles não são. — Ethan concordou. — Mas o Gabriel é habilidoso o suficiente para entender quando um favor foi feito, e quando um favor precisa ser devolvido. Ele não estava feliz por fazer o anúncio, e ele estava até menos interessado no seu povo ser sugado para o medo do público pelos vampiros. Ele está trabalhando nisso agora, mantendo o seu povo fora do olhar do público.

— É por essa razão exatamente que eu pedi para me encontrar com vocês. — Tate disse. — Eu sei que é um pedido incomum, e eu agradeço por virem em tão pouco tempo.

Ele sentou-se no trono atrás de sua mesa, os espectadores na pintura agora apontando para ele. Tate gesticulou para frente para duas cadeiras menores que estavam à frente de sua mesa. — Por favor, sentem-se.

Ethan pegou uma cadeira. Eu me posicionei atrás dele, Sentinela pronta.

Os olhos do Prefeito Tate se arregalaram com o gesto, mas a sua expressão voltou para negócios rapidamente. Ele abriu uma pasta e destampou uma caneta tinteiro de aparência cara.

Ethan cruzou uma perna sobre a outra. O sinal: ele estava movendo-se para uma posição de conversação política. — O que nós podemos fazer por você? — ele perguntou sua voz bem casual.

— Você disse que o clima na Casa é de antecipação. Esta é a preocupação que eu tenho com a cidade mais amplamente. O ataque em Cadogan reativou o medo da cidade do sobrenatural, do *outro*. Nós tivemos quatro dias de manifestações na primeira vez, Ethan. Eu tenho certeza que você entenderá a posição complicada que isso me coloca – manter os cidadãos calmos enquanto tentando ser compreensivo aos seus desafios, incluindo o ataque de Adam Keene.

— Claro. — Ethan disse graciosamente.

— Mas os humanos estão nervosos. Cada vez mais nervosos. E esse nervoso está levando a um aumento no crime. Nas últimas duas semanas, nós vimos aumentos em assaltos, em agressões, incêndio, no uso de armas de fogo. Eu trabalhei muito para diminuir estes números desde a minha primeira eleição, e eu acho que a cidade está melhor assim. Eu odeio nos ver andar para trás.

— Eu acho que todos nós concordamos com isso. — Ethan disse alto, mas isso só foi o precursor para a conversa silenciosa entre nós enquanto o Ethan ativava a nossa ligação telepática. — *No que isso vai resultar?*

— *O seu palpite é tão bom quanto o meu.* — eu respondi.

Tate franziu a sobrancelha e olhou para a pasta em sua mesa. Ele observou a informação que ele encontrou lá, então levantou o documento de dentro dela e o estendeu em direção ao Ethan. — Humanos, aparentemente, não são o único povo cada vez mais violento nessa cidade.

Ethan pegou o documento, encarando-o silenciosamente até que os seus ombros ficaram tensos em uma linha reta.

— *Ethan? O que foi?* — eu perguntei. Sem se importar em responder, Ethan passou o documento por cima do ombro. Eu o peguei dele. Parecia uma parte de um relatório da polícia.

P: *Diga-me o que o senhor viu Sr. Jackson.*

R: *Havia dezenas deles. Vampiros; sabe? Presas e aquela habilidade de entrar na sua mente. E eles estavam loucos por sangue. Todos eles. Em todo o lugar que você olhava – vampiro, vampiro, vampiro. Bum! Vampiro. E eles estavam em cima de nós. Sem fuga.*

P: *Quem não conseguia fugir?*

R: *Humanos. Não quando os vampiros queriam você. Não quando eles queriam te derrubar e tirar aquele sangue de dentro de você. Todos eles estavam em você e a música estava tão alta e estava pulsando como um martelo contra o teu coração. Eles estavam loucos com isso. Loucos com isso.*

P: *Loucos com o quê?*

R: *Com o sangue. Com a luxúria por ele. A fome. Você podia vê-lo em seus olhos loucos. Eles eram prateados, iguais aos olhos dos demônios. Você consegue apenas uma olhada naqueles olhos antes que aquele demônio te puxe para baixo do abismo.*

P: *E então o que aconteceu, Sr. Jackson?*

R: *[Balançando a cabeça.] A fome, a luxúria, dominou todos eles. Os*

controlava. Eles mataram três garotas. Três deles. Eles beberam até não haver mais vida.

A página parava ali. Meus dedos tremendo ao redor do papel, eu pulei a cadeia de comando e olhei para o Tate. — Onde você conseguiu isso?

Tate encontrou o meu olhar. — Na cadeia de Cook County. Isto era de uma entrevista com um homem que havia sido preso por posse de substância controlada. O detetive não estava certo se ele estava bêbado ou perturbado... ou se ele realmente havia visto algo que requeria a nossa atenção. Felizmente, ele levou o transcrito para o seu supervisor, que o trouxe para o meu chefe de equipe. Nós ainda temos que encontrar as vítimas das quais o Sr. Jackson falava – nenhuma das pessoas desaparecidas combinava com as suas descrições – apesar de estarmos investigando a acusação ativamente.

— Onde isso ocorreu? — Ethan quietamente perguntou.

O olhar do Tate caiu para o Ethan e se estreitou. — Ele disse West Town, e ele não foi mais específico a não ser indicar o bairro. Já que nós não identificamos uma cena de crime ou as vítimas, é possível que ele estivesse exagerando sobre a violência. Por outro lado, como vocês podem ver pelo transcrito, ele está bem convencido que os vampiros da nossa bonita cidade estavam envolvidos em um ataque a humanos guiado pela luxúria, pelo sangue. Um ataque que deixou três inocentes mortos.

Depois de um momento de silêncio, Tate sentou-se, cruzou suas mãos atrás de sua cabeça, e balançou para frente e para trás em sua cadeira. — Eu não estou contente que isto está acontecendo na minha cidade. Eu não estou feliz sobre o ataque à sua Casa e qualquer animosidade que está acontecendo entre você e as Matilhas e eu não estou feliz que os meus cidadãos estão assustados o bastante com os vampiros que eles estão se alinhando do lado de fora da sua Casa para protestar contra a sua existência.

Tate inclinou-se para frente novamente, fúria em sua expressão. — Mas você sabe o que realmente está me irritando? O fato que você não parece surpreso sobre o relatório do Sr. Jackson. O fato que eu descobri que o senhor está bem ciente da existência de festas feitas para beber que vocês chamam de “raves”.

Meu estômago se apertou de nervoso. Tate normalmente estava bem composto, político, cuidadoso com suas palavras, e invariavelmente otimista sobre a cidade. Sua voz era aquele tipo que você esperava ouvir em uma sala de fundos ou em uma cabine escura em um restaurante. O tipo de tom que você escutaria no Al Capone em Chicago.

Este era o Seth Tate que destruíra seus inimigos. E nós éramos agora seus alvos.

— Nós escutamos rumores. — Ethan finalmente disse; um mestre do eufemismo.

— Rumores de orgias de sangue?

— De raves. — Ethan admitiu. — Pequenas reuniões onde vampiros bebem em grupo de humanos.

Raves normalmente eram organizadas por vampiros selvagens – aqueles que não estavam ligados a nenhuma Casa e tendiam a não seguir regras tradicionais da Casa. Para a maioria das Casas, estas regras significam não lanchar os humanos, tenham eles consentido ou não.

Cadogan permitia beber, mas ainda requeria consentimento, e eu não conheço nenhuma Casa que perdoaria assassinato puro e simples.

Nós tivemos perto de ter as raves estourando para o público há alguns meses atrás, mas com um pouco de investigação de nossa parte, nós conseguimos mantê-los no armário. Eu acho que essa abençoada ignorância estava atrás de nós.

— Nós estivemos mantendo nossos ouvidos abertos. — Ethan continuou. — para identificar os organizadores das raves, seus métodos, as maneiras nas quais eles atraem os humanos.

Esse era o trabalho de Malik – o segundo no comando de Ethan, o segundo colocado para a coroa. Depois de um incidente envolvendo uma chantagem, ele havia sido colocado no comando das investigações das raves.

— E o que vocês descobriram? — Tate perguntou.

Ethan limpou sua garganta. Ah, o som da enrolação.

— Nós estamos cientes de três raves nos últimos dois meses. — ele disse. — Três raves envolvendo, no máximo, meia dúzia de vampiros. Estes foram encontros pequenos, íntimos. Enquanto o derramamento de sangue não ocorrer, nós não temos ouvido falar do, digamos, da violência frenética da qual o Sr. Jackson fala, nem nós permitiríamos tal coisa. Nunca houve certamente nenhuma alegação de participação alguma de que qualquer participante tenha sido... drenado. E se nós tivéssemos ouvido algo, nós teríamos contatado o Ombudsman, ou parar isso nós mesmos.

O prefeito entrelaçou seus dedos juntos na mesa. — Ethan, eu acredito nessa parte e uma parcela de manter essa cidade segura é integrar os vampiros com a população humana. Divisão não resolverá nada – apenas levará para mais divisão. Por outro lado, de acordo com o Sr. Jackson, vampiros estão envolvidos em atos violentos, em larga escala, e que não são nada consensuais. Isso é inaceitável para mim.

— Como é para mim e para os meus. — Ethan disse.

— Eu já ouvi conversas sobre uma nova eleição. — Tate disse. — Eu não vou ser derrotado por causa de histeria sobrenatural. Esta cidade não precisa de um referendo sobre vampiros ou Metamorfos.

— Mas o mais importante. — ele continuou; o olhar se aprofundando no Ethan. — você não vai querer um bando de vereadores aparecendo na frente da sua porta, exigindo que você feche a sua Casa. Você não quer o conselho legislativo municipal retirando a sua existência.

Eu senti uma explosão de magia do Ethan. Sua angústia – e raiva – estava subindo, e eu estava feliz que o Tate era humano e não podia sentir o formigamento desconfortável dela.

— E você não me quer como um inimigo. — Tate concluiu. — Você não quer que eu requeira um júri ponderando sobre os seus crimes e os crimes do seu povo. — ele folheou a pasta em sua mesa, então deslizou uma única folha e segurou-a. — Você não quer que eu execute esse mandato de prisão seu baseado no fato que você auxiliou e acobertou o assassinato de humanos nessa cidade.

A voz do Ethan era fria igual a diamante, mas o formigamento mágico era sísmico em magnitude. — Eu não fiz tal coisa.

— Oh? — Tate colocou o papel na mesa novamente. — Eu tenho um conhecimento sólido que você transformou uma vampira sem o consentimento dela. — ele levantou seu olhar para mim, e eu senti o sangue subir para as minhas bochechas. — Eu também tenho um conhecimento sólido que enquanto você e o seu conselho vampírico prometeram manter Celina Desaulniers contida na Europa, ela estava em Chicago. Estas ações são tão distantes de assassinato?

— Quem sugeriu que Celina estava em Chicago? — Ethan perguntou. A pergunta cuidadosamente colocada. Nós sabíamos muito bem sobre a Celina – a antiga líder da Casa Navarre e a minha pretensa assassina – havia sido libertada do Presídio Greenwich, o corpo organizacional para os vampiros Norte Americanos e Europeus. Nós também sabíamos que uma vez que o GP a deixasse ir, ela voltaria para Chicago. Mas nós não havíamos pensado que ela ainda estava aqui. Os últimos meses estavam muito livres de drama para isso. Ou então era o que parecia.

Tate arqueou suas sobrancelhas. — Eu notei que você não negou. Quanto à informação, eu tenho as minhas fontes, como eu tenho certeza que você também tem.

— Com fontes ou não, eu não aceito muito bem chantagem.

Com uma velocidade atordoante, Tate se transformou de Capone para o orador de primeira página, sorrindo magnanimamente para nós. — “Chantagem” é

uma palavra tão dura, Ethan.

— Então, o quê, precisamente, você quer?

— Eu quero que você, que nós, façamos a coisa certa pela cidade de Chicago. Eu quero que você e o seu povo tenham a chance de ter controle dentro de sua própria comunidade. — Tate entrelaçou suas mãos em cima da mesa e nos olhou. — Eu quero esse problema resolvido. Eu quero um final para estas aglomerações, estas raves, e uma garantia pessoal que você está com esse problema sob controle. Se isso não for feito, o mandato para sua prisão será executado. Eu presumo que estamos entendidos?

Houve um silêncio até que o Ethan finalmente aceitou. — Sim, Senhor Prefeito.

Como um político experiente, Tate instantaneamente suavizou sua expressão. — Excelente. Se você tiver alguma coisa para reportar, ou se você precisar ter acesso aos recursos da cidade, você somente precisa entrar em contato comigo.

— Claro.

Com um aceno final, Tate se voltou novamente para os seus papéis, da mesma forma que o Ethan poderia ter feito se eu tivesse sido chamada para o seu escritório para uma conversa amigável.

Mas desta vez, foi o Ethan que havia sido convocado, e foi o Ethan que levantou e andou de volta para a porta. Eu segui, sempre a obediente Sentinela.

Ethan manteve contido o medo ou a preocupação ou a acrimônia ou qualquer emoção que estava guiando ele mesmo enquanto nós chegávamos a Mercedes.

E eu quis dizer “dirigindo” literalmente. Ele expressou sua frustração em um maquinário germânico de oitenta mil dólares e um motor de 300 cavalos. Ele conseguiu não arrebentar o portão enquanto ele saía do estacionamento, mas ele tratou as placas de parada entre Creeley Creek e Lake Shore Drive como sugestões pacíficas. Ethan pisou fundo na Mercedes, seguindo pelo tráfego como se um demônio de olhos prateados estivesse no seu encalço.

O problema era..., nós éramos os demônios de olhos prateados.

Nós éramos imortais, e Ethan provavelmente tinha um século de experiência na direção, mas isso não tornava as esquinas menos devastadoras.

Ele passou por um semáforo, entrando na Lake Shore Drive, virando para o sul, e se lançando para lá..., e ele continuou dirigindo até que o horizonte da cidade

cintilou atrás de nós.

Eu estava quase com medo de perguntar onde ele estava nos levando – eu realmente queria saber onde os vampiros predatórios descontavam suas frustrações políticas? – mas ele poupou do incômodo quando nós chegamos ao Parque Washington. Ele saiu da Lake Shore Drive, e depois de umas viradas guinchadas nós estávamos estacionando no Point Promontory, uma pequena península que se destacava para dentro do lago. Ethan contornou o prédio em construção e parou o carro na frente da beirada de uma rocha que separava a grama do lago.

Sem uma palavra, ele saiu do carro e o fechou com força. Quando ele subiu na beirada da rocha que rodeava a península e desapareceu de vista, eu soltei o meu cinto de segurança. Era hora de trabalhar.

Capítulo 4

A BESTA SELVAGEM.

O ar estava grosso e úmido, o cheiro agudo de ozônio sinalizando a chuva. O lago parecia como se já estivesse no meio de uma tempestade: carneirinhos rolavam pela água como dentes serrilhados, e ondas pulsavam na costa rochosa.

Eu olhei para o céu. Um indicador gigantesco em forma de bigorna anunciava uma tempestade gigantesca inchando o céu a sudoeste; relâmpagos o tornava visível cada vez que passavam através dele.

Sem aviso, um *estalo* dividiu o ar.

Eu pulei e olhei de volta para o prédio, pensando que devia ter sido atingido por um dos primeiros raios do relâmpago. Mas o prédio estava silencioso e parado, e quando outro *estalo* despedaçou o silêncio, eu percebi que o som havia vindo de um grupo de árvores do outro lado do prédio.

Eu andei em volta para investigar e descobri o Ethan parado na base de um pinheiro como um lutador enfrentando um oponente de sessenta metros. Seus punhos estavam erguidos, seu corpo posicionado.

— Toda vez! — ele gritou. — Toda vez que eu consigo trazer as coisas sob controle, nós ficamos emaranhados na merda de *novo*!

E então ele se virou e atacou – e socou a árvore.

Estalo.

A árvore tremeu como se tivesse sido abalroada por um caminhão, pinhas caindo enquanto galhos se mexiam. O cheiro de resina da pinha – e sangue – se erguia na brisa. E aquelas não eram as únicas coisas no ar. Magia ondulava do corpo de Ethan em ondas, deixando um formigamento indicador ao nosso redor.

E isso, eu pensei, explicava porque ele havia dirigido para cá ao invés da Casa. Com toda essa raiva acumulada, não tinha jeito que o Ethan poderia ter ido para casa. Os vampiros Cadogan – mesmo aqueles que não eram tão sensíveis à magia quanto eu – saberiam que algo estava errado, e isso certamente não iria diminuir o clima de antecipação. Era uma óbvia desvantagem em ser um Mestre Vampiro – estar irritado e não ter para onde ir.

— Você tem alguma ideia de quanto tempo – e o *tanto* – que eu tive que

trabalhar para tornar esta Casa bem-sucedida? E este humano – este ponto temporário na cronologia do mundo – ameaça levar tudo embora.

Ethan foi para trás para um segundo golpe, mas ele já havia estourado suas juntas e a coitada da árvore provavelmente não estava muito melhor. Eu entendi a vontade de desabafar quando você estava sendo acusado das maldades dos outros, mas se machucar não iria resolver o problema. Era hora de intervir.

Eu estava de pé no gramado entre o prédio e o lago; eu imaginei que fosse um lugar perfeito para extravasar um pouco da tensão. — Por que você não escolhe alguém do seu próprio tamanho? — eu gritei.

Ele olhou para trás, uma sobrancelha desafiadoramente arqueada. — Não me tente, Sentinela.

Eu tirei minha jaqueta e a derrubei do chão, então coloquei minhas mãos no quadril e, esperançosamente pela última vez esta noite, eu usei a minha bravata vampírica. — Você está com medo de não conseguir lidar comigo?

Sua expressão não tinha preço – dividido em partes iguais entre tentação e irritação – a masculinidade em conflito com a necessidade de conter o desafio à sua autoridade. — Cuidado com a boca.

— Foi uma pergunta legítima. — eu rebati. Ethan já estava caminhando para mais perto, o cheiro de seu sangue se tornando mais forte.

Eu não vou negar – minha fome estava animada. Eu já havia mordido o Ethan duas vezes antes, e ambas às vezes haviam sido memoráveis. Sensual, de maneiras que eu não estava inteiramente confortável em admitir. O cheiro de seu sangue desencadeou estas memórias novamente, e eu sabia que os meus olhos haviam se tornado pratas, mesmo se eu não estava entusiasmada com a tentação trazida.

— Foi um pergunta infantil. — ele grunhiu, dando outro passo para frente.

— Eu discordo. Se você quer uma briga, tente um vampiro.

— Suas tentativas em ser inteligente não estão te fazendo bem, Sentinela.

Ele se moveu com uma velocidade impressionante, sangue pingando de seu punho direito, onde ele havia machucado até o osso praticamente. Ele sararia, e rapidamente, mas deve ter doído.

— Mesmo assim. — eu disse, apertando minhas mãos em punhos. — Aqui está você.

Seus olhos lampejaram prateados. — Lembre-se de sua posição.

— Me colocar no meu lugar faz você se sentir melhor?

— Eu sou o seu *Mestre*.

— Sim, você é. Em Hyde Park e em Creeley Creek, e qualquer outro lugar onde os vampiros estão reunidos, você é meu *Mestre*. Mas aqui, é só você e eu e o chip que o Tate colocou no seu ombro. Você não pode voltar para a Casa assim. Você está derramando magia, e isso vai preocupar todo mundo ainda mais do que eles já estão.

Houve um tique acima de sua sobrancelha, mas Ethan segurou sua língua.

— Aqui fora. — eu disse quietamente. — É só você e eu.

— Então não diga que não te avisei. — sem mais nenhum aviso, ele ofereceu a sua manobra favorita, um chute circular que girou na direção da minha cabeça. Mas eu baixei meu braço e ombro e o bloqueei.

Com esse movimento frustrado, Ethan voltou para a sua posição. — Não fique se achando, Sentinela. Você somente me derrotou uma vez.

Eu tentei um chute circular também, mas ele desviou dele, se agachando e girando em torno do pontapé, antes de se levantar novamente. — Talvez. — eu disse. — Mas quantos Novatos te derrotaram antes?

Ele fez uma careta e ofereceu uma combinação de socos que eu facilmente repeli. Com todo o poder vampírico que nós poderíamos colocar por trás de nossos golpes, isso não era uma luta de verdade. Isso era uma luta de brincadeira. A liberação de tensão.

— Não tenha medo. — ele disse. — Você pode ter me derrubado, mas eu já estive em cima de você antes, e eu tenho certeza que vou conseguir de novo.

Ele estava sendo arrogante, deixando a camada superficial gentil e insistente que ele estava usando ultimamente escorregar. Mas eu consegui transmutar sua raiva em um vapor romântico, que suavizou os seus golpes.

Eu desviei de um soco fraco. — Não fique muito esperançoso. Eu não estou com tanta fome assim.

— Minhas esperanças, como você as chama, estão perpetuamente aumentadas quando você está por perto.

— Então eu vou tentar ficar mais longe. — eu respondi docemente.

— Isso não será exatamente útil para a sua posição de Sentinela.

— E nem você ser preso. — eu disse, trazendo-o de volta para o assunto.

Ethan correu sua mão pelos seus cachos loiros, e então entrelaçou seus

dedos juntos no topo da cabeça. — Eu estou fazendo tudo o que eu posso para manter a cidade junta. E só está ficando mais difícil. E agora, somente dentro de algumas horas, nós vimos o lado feio da liberdade de expressão, nós descobrimos que Chicago possui uma milícia, e nós descobrimos que o Tate está atrás de sangue. *Meu sangue.*

Meu coração se apertou em simpatia, mas eu resisti à vontade de alcançá-lo. Nós éramos colegas, eu me lembrei. Nada mais.

— Eu sei que é frustrante. — eu disse. — E eu sei que o Tate estava ultrapassando os limites com o mandato. Mas o que nós podemos fazer para tentar resolver o problema?

Franzindo as sobrancelhas, Ethan se virou para o lago, então andou em direção a ele. A beirada da península estava aterrada dentro dos anéis de pedra que formavam degraus gigantes para dentro da água. Ele tirou o paletó, colocando-o cuidadosamente na borda da pedra antes de se sentar ao lado dele.

Era errado estar um pouco desapontada que ele não tirou a camisa logo de uma vez?

Quando eu me juntei a ele, ele pegou uma pedra e a jogou. Mesmo com o pique, ela voou como uma bala pela água.

— Isso não soa como uma rave. — eu disse. — O que o Sr. Jackson descreveu, quer dizer, pelo menos não do jeito que você havia descrito antes. Isso não soava como se fosse sobre sedução e glamour. Isso não é algum tipo de passatempo clandestino. — enquanto eu esperava pela resposta dele, eu empurrei a franja do meu rosto. O vento estava aumentando.

Ethan acabou e jogou outra pedra, a rocha ziguezagueando para frente. — Continue. — Ele disse, e eu gradualmente relaxei. Isso era um bom sinal.

— Eu experimentei a Primeira Fome, e a Primeira Fome Parte Dois. Havia um componente sensual nos dois, claro, mas a base é que elas eram sobre o sangue – a sede. Não sobre conquistar humanos ou matá-los.

— Nós somos vampiros. — ele secamente apontou.

— Sim, porque nós bebemos sangue, não porque somos psicopatas. Eu não estou dizendo que não há vampiros psicopatas, ou vampiros que não matariam por sangue se eles estivessem morrendo de fome, mas isso não parece como o que aconteceu aqui. Soa como violência, pura e simples.

Ethan ficou em silêncio por um momento. — A fome pelo sangue é antitética a violência. Se for sobre algo, é sobre sedução, sobre atrair o humano mais para perto. Esse é o principal propósito do glamour vampírico.

Glamour era uma tática antiga dos vampiros – a habilidade dos vampiros de hipnotizar outros; seja para manipular os seus alvos ou ajustar suas aparências para torná-los mais atrativos para as suas vítimas. Eu não podia glamourizar ninguém, mas eu parecia ter algum tipo de imunidade contra ele.

— Esta é a segunda vez que as raves nos meteram em problemas. — eu apontei. — Nós as evitamos até agora, e é hora de nós acabarmos com elas. Mas nós não podemos presumir que essa é uma festinha qualquer que saiu de controle. Isso soa..., diferente. E se você quer algo digno, pelo menos o Tate está te dando à chance de resolver o problema.

— Me dando uma chance? Isso é dizer o mínimo. Ele está fazendo precisamente o que o Nick Breckenridge tentou fazer – nos chantagear para que nós façamos algo.

— Ou ele está nos dando uma oportunidade que nós não tivemos antes.

— Como você vê isso?

— Ele está forçando as nossas mãos. — eu disse. — O que significa que ao invés de tomar cuidado ao redor do GP e se preocupar sobre o que esta Casa ou aquele podem pensar de nós, nós somos forçados a sair lá fora e fazer algo sobre isso. Nós poderemos gastar um pouco daquele capital político que você sempre está se gabando sobre.

Ethan arqueou uma sobrancelha imperiosamente.

— Falando sobre. Falando sobre em tons razoáveis e mensurados.

Desta vez, ele revirou seus olhos.

— Olha. — eu continuei. — A última vez que nós trabalhamos nas raves, você fez eu me concentrar no risco com a mídia. Esta noite, nós provamos que se preocupar que alguém descubra sobre o problema não *resolve* na verdade o problema. Nós precisamos estar na frente do problema. Nós precisamos fechá-las.

— Você quer dizer aos vampiros que eles não podem mais participar de orgias humanas de sangue?

— Bem, eu não ia usar estas palavras, exatamente. E eu estava planejando levar a minha espada.

Ele sorriu um pouco. — Você é algo para se observar quando você tem uma espada nas mãos.

— Sim. — eu concordei. Eu toquei uma mão no meu estômago. — E agora que nós estamos olhando pelo lado positivo, vamos achar algo para comer. Estou faminta.

— Você alguma vez não está faminta?

— Ha-ha. — eu cutuquei seu braço. — Vamos. Vamos pegar um bife italiano.

Ele olhou para mim. — Eu presumo que isso tem algum significado importante para os círculos culinários de Chicago?

Eu só fiquei parada lá, um tanto triste que ele não havia experimentado a delícia de um bom bife italiano – e irritada que ele vivesse em Chicago há tanto tempo e havia totalmente se isolado das coisas que eram Chicago.

— Tão importante quando pimentas e pratos fundos. Vamos, Liege. É a sua vez de ser ensinado.

Ele grunhiu, mas aceitou.

Nós dirigimos até a Universidade Village, estacionando ao longo da rua, e tomamos o nosso lugar na fila com o pessoal do terceiro turno na parada do almoço e os estudantes da UIC que precisavam de seus lanches da noite. Eventualmente nós fizemos nossos pedidos e fomos para o balcão, onde eu ensinei o Ethan a ficar de pé do jeito que Deus planejou que o povo de Chicago ficasse de pé – pés separados, cotovelos na mesa, sanduíches na mão.

Ethan não havia falado desde que o seu próprio sanduíche de quinze centímetros de bife italiano havia sido entregue, ainda pingando o seu molho. Quando a sua primeira mordida deixou uma trilha de molho no chão na frente dos seus pés, e não em seus caros sapatos italianos, ele sorriu grandiosamente para mim.

— Muito bem, Sentinela.

Eu acenei ao mesmo tempo em que eu dava a minha mordida no pão, bife e pimentas, feliz que o Ethan estava com um humor melhor. Diga o que você quiser sobre a minha obsessão com todas as coisas que têm carne e carboidrato, mas nunca subestime a habilidade de uma pilha de bifos bem fatiados em um pão fazer um homem feliz – vampiro ou humano.

E falando em felicidade, eu me perguntei o que mais o Ethan estava perdendo. — Você já foi a algum jogo do Cubs?

Ethan limpou sua boca com um guardanapo de papel, e eu tive um lampejo de seu punho – já curado dos golpes. — Não, nunca estive. Como você sabe, eu não sou muito fã de beisebol.

Ele não era muito fã, mas ele ainda havia achado uma bola do Cubs assinada para substituir aquela que eu havia perdido. Isso era o tipo de coisa que me tirava o equilíbrio, mas eu consegui manter as coisas leves.

— Só me estaque agora. — eu disse. — Sério você está em Chicago há quanto tempo e você nunca foi ao estádio Wrigley? Isso é uma vergonha. Você precisa sair. Quer dizer, para uma noite de jogo, obviamente.

— Obviamente.

Dois homens grandes com bigodes e camisetas dos Bears se moveram para a barra elevada onde nós estávamos de pé, com sanduíches na mão. Eles pegaram um lugar ao lado do Ethan, espalharam seus pés, desembulharam seus próprios sanduíches de bifos italianos, e mergulharam neles.

Não foi até chegar à mordida número dois que eles olharam para o lado e notaram dois vampiros que estavam ao lado deles.

O que estava mais perto do Ethan passou um guardanapo em seu bigode que estava pingando, seu olhar trocando entre eu e o Ethan. — Vocês parecem familiares. Eu conheço vocês?

Já que a minha foto havia manchado as primeiras páginas dos jornais há uns dois meses atrás, e Ethan tornou-se notícia mais do que uma vez desde o ataque a Cadogan, então nós provavelmente parecíamos familiares.

— Eu sou um vampiro da Casa Cadogan. — Ethan disse.

Nossa área no restaurante, não cheia, mas ainda pontilhada com pessoas mastigando ruidosamente seus lanches noturnos, ficou em silêncio.

Desta vez, o homem olhou suspeitosamente para o sanduíche. — Você gosta disso?

— É ótimo. — Ethan disse, e então gesticulou na minha direção. — Esta é Merit. Ela é de Chicago. Ela decidiu que eu deveria experimentar um.

O homem e seu colega se inclinaram para frente para me olhar. — Isso é verdade?

— É sim.

Ele ficou quieto por um momento. — Você já experimentou o prato fundo? Ou a pimenta?

Meu coração se aqueceu. Nós poderíamos ser vampiros, mas pelo menos estes caras reconheceram que nós éramos em primeiro lugar de Chicago. Nós conhecíamos o Estádio Wrigley e o Píer Navy, Daley e o horário de pico do tráfego, o Estádio Field em dezembro e a Praia Oak Street em Julho. Nós conhecíamos tempestades malucas de neve e ainda mais loucas ondas de calor.

Mas principalmente, nós conhecíamos a comida: taquerias, apimentados, sopas, ótima cerveja. Nós assávamos, fritávamos, gratinávamos, e grelhávamos, e

na nossa busca em apreciar a luz do sol e o calor enquanto podíamos, nós compartilhávamos a nossa comida.

— Ambos. — eu disse. — Eu comprei uma pizza do Saul's para ele.

As sobrancelhas peludas do homem subiram. — Você conhece o Saul's?

Eu sorri astutamente. — Pizza de queijo e camada dupla de bacon.

— Ohhh. — o homem disse, sorrindo de orelha a orelha. Ele baixou seu guardanapo e jogou suas mãos para o ar. — Queijo e bacon duplo. Nossa amiga de presas aqui conhece sobre o melhor do Saul's! — ele ergueu seu copo de papel gigante de refrigerante para fazer um brinde. — Para você, minha amiga. Pela boa comida e tudo isso aí.

— E para você. — Ethan disse, erguendo seu sanduíche e dando uma mordida.

Bife quente em nome da paz. Eu gostei.



— Eu estou surpresa que você contou a ele que éramos vampiros. — eu disse para o Ethan na volta para o carro. — Que você admitiu isso, quer dizer, dado o que nós vimos mais cedo hoje à noite.

— Algumas vezes a única maneira de enfrentar o preconceito é lembrá-los de quão similares nós somos. É desafiar as percepções do que significa ser um vampiro... ou humano. Além disso, ele não teria perguntando quem nós éramos se ele não tivesse pelo menos uma suspeita, e mentir provavelmente só teria o irritado mais.

— Bem possivelmente.

Ele sorriu magnanimamente. — Além disso, você claramente conquistou-os com a conversa sobre o queijo e o bacon duplo.

— Quem não seria conquistado por queijo e uma camada dupla de bacon? Quer dizer, fora os vegetarianos, eu acho. Mas como nós já estabelecemos incansavelmente, ser vegetariana não é a minha praia.

Ethan abriu a porta do meu lado do carro. — Não Sentinela, não é.

Eu entrei no carro e ele fez o mesmo, mas ele não ligou o carro, imediatamente.

— Problemas? — eu perguntei.

Ele franziu a sobrancelha. — Eu não tenho certeza se eu estou pronto para

retornar para a Casa. Não que eu prefira estar em Creeley Park, claro, mas até que eu volte para Hyde Park, o drama não estará totalmente completo. — ele olhou para mim. — Isso faz sentido?

Somente um Mestre vampiro de quatrocentos anos de idade se perguntaria se uma estudante de pós-graduação poderia entender procrastinação. — Claro que faz. Procrastinação é uma emoção bastante humana.

— Eu não estou certo que os humanos mantêm o monopólio sobre a procrastinação. E, mais importante, eu não estou certo que isso conte como procrastinação. — ele se virou novamente e ligou a ignição. — Diferentemente do que você está fazendo.

— O que estou fazendo?

Ele sorriu apenas um pouco, uma provocação de sorriso. — Procrastinando. — ele disse. — Evitando a inevitabilidade de você e eu.

— Por quanto tempo essa “inevitabilidade” leva quando você é imortal?

Ele sorriu e estacionou a Mercedes no meio-fio. — Eu acho que nós descobriremos.

Uma noite de verão em Chicago. Três linhas de batalha montadas.



Os protestantes ainda estavam do lado de fora quando nós retornamos, o seu ódio aparente por nós sem vacilar. Por outro lado, a energia deles parecia um pouco mais fraca; desta vez, eles estavam sentados em uma faixa estreita de grama entre a calçada e a rua. Alguns estavam sentados em cadeiras dobráveis de acampar. Outros sentavam em cobertas em pares, a cabeça de um no ombro de outro, dado a hora tardia. Preconceito a essas horas da noite era aparentemente exaustivo.

Malik nos encontrou na porta, com uma pele morena, olhos verdes claros, e um cabelo bem curto. Ele tinha o porte real de um príncipe em formação, ombro para trás, mandíbula dura, olhos observadores e alertas, como se estivesse esperando que os saqueadores fossem escalar as paredes do castelo.

— Milícias e mandados de prisão. — Malik disse. — Não tenho certeza se é aconselhável para vocês dois deixar a Casa juntos novamente.

Ethan deu uma fungada em concordância. — Nesse ponto, eu tendo a concordar contigo.

— Tate indicou que o suposto incidente foi violento?

— Excepcionalmente, de acordo com a testemunha no local. — Ethan disse.

Uma vez que estávamos no escritório do Ethan e ele havia fechado a porta atrás de nós, ele chegou ao coração da história. — A história é: os vampiros perderam controle e mataram três humanos. Mas a descrição do Sr. Jackson parecia mais com uma luxúria de sangue incontrolável do que a rave típica.

— Sr. Jackson? — Malik perguntou.

Ethan seguiu para a mesa. — Nossa testemunha ocular. Potencialmente sob influência de drogas, mas sóbrio o bastante para que o Tate ficasse aparentemente convencido. E por convencido, eu quero dizer que ele está ameaçando me prender se nós não consertarmos o problema, qualquer que seja ele.

Malik, de olhos arregalados, olhou entre nós dois. — Ele está falando sério, então.

Ethan acenou. — Ele já está com o mandado pronto. E isso torna este problema o nosso foco atual. Tate disse que o incidente ocorreu em West Town. Olhe as informações sobre as raves novamente. Quaisquer conexões com aquele bairro? Qualquer conversa sobre violência? Qualquer coisa que poderia sugerir a escala que a testemunha falou sobre?

Com a missão dada, Ethan olhou para mim. — Quando o sol se por, fale com o seu avô. Pergunte se ele pode localizar o que eles puderem sobre o incidente com o Jackson, os vampiros envolvidos, Casas, qualquer coisa, e qualquer informação que eles possuem sobre as raves. Esta pode não ser realmente uma, mas no momento é a melhor pista que nós temos. E de uma forma ou de outra. — ele adicionou, olhando entre nós. — Vamos fechar esta coisa, pode ser?

— Liege. — eu concordei com um aceno. Eu definitivamente iria visitar o meu avô, mas o meu círculo de amigos havia se tornado um pouco maior nos últimos meses. Eu recentemente havia sido convidada para me juntar a Guarda Vermelha, um tipo de grupo de vigilantes vampiros que mantinha um olho nos Mestres vampiros e no GP. Eu declinei o convite, mas eu fiz uso dos recursos, chamando a GV para nos ajudar durante o ataque a Casa. Esta pode ser a hora para fazer aquela ligação novamente...

— E este tal de McKetrick? — Malik perguntou.

— Ele vai esperar. — Ethan disse; determinação em seus olhos. — Ele vai esperar até que o inferno congele, porque nós não vamos embora de Chicago.



Eu visitaria o meu avô quando o sol se pusesse. Mas primeiro, eu tinha mais umas duas horas de escuridão e muitas horas de luz do dia para matar.

Todos os quartos da Casa, que acomodavam cerca de noventa dos trezentos e poucos Vampiros Cadogan, pareciam como pequenos quartos de dormitórios. Uma cama. Uma sala. Uma penteadeira. Pequeno guarda-roupa, pequeno banheiro. Eles não eram exatamente chiques, mas eles nos davam uma pausa do drama vampírico. Dada às bagunças que nós costumávamos nos meter, ficar livre do drama definitivamente era uma coisa boa.

Meu quarto era no segundo andar, igual ao resto da Casa, ainda cheirava como construção. Nova pintura. Verniz. Paredes secando. Plástico. Cheirava bem de alguma forma, como um novo começo.

A tempestade estourou acima logo após eu ter fechado a minha porta, chuva começou a bater na janela fechada do meu quarto. Eu tirei o meu casaco e arranquei os sapatos Mary Jane, então segui para o meu pequeno banheiro, onde eu esfreguei o meu rosto. A maquiagem saiu facilmente. As memórias, por outro lado, não estava indo para nenhum lugar.

Estas eram as coisas difíceis de ignorar – os sons, as expressões, a sensação do Ethan e de seu corpo. Eu tentei manter as memórias trancadas bem longe, mantendo minha mente limpa delas para conseguir realizar o meu trabalho. Mas elas ainda estavam lá. Elas machucavam um pouco menos agora, mas você não podia não tocar o sino. Para melhor ou pior, eu provavelmente sempre teria estas memórias comigo.

Quando eu me vesti novamente com uma blusinha e short, eu olhei de volta para o relógio. Eu tinha duas horas para matar até o amanhecer, o que significava que eu tinha uma hora para matar até que o meu encontro semanal com o meu outro vampiro loiro favorito.

Minha primeira tarefa – cuidar das necessidades básicas vampíricas. Eu andei pelo corredor para a cozinha do segundo andar, sorrindo para dois vampiros vagamente familiares enquanto eu passava por eles. Cada um dos andares acima do chão da Casa possuía uma cozinha, uma coisa bem prática já que as emergências vampíricas não respeitavam as horas das lanchonetes. Eu abri a geladeira e peguei duas caixas de bebida de sangue Tipo A (preparado pelo mal nomeado Blood4You, nosso serviço de entrega), e então segui de volta para o meu quarto. A maioria dos vampiros que eram afortunados o bastante para reter grande parte de sua luxúria por sangue, incluindo eu. Mas só porque eu não estava arrancando a costura das caixas não significava que eu não precisava de sangue. A maior parte do tempo, a luxúria de sangue nos vampiros era tipo como uma sede em humanos; se você esperasse para beber até que você estivesse verdadeiramente com sede, era provavelmente tarde demais.

Enquanto eu esperava pela chegada de sua alteza, eu enfiei um canudo em uma das caixas de sangue e despejei uma pilha de livros que estavam começando a se acumular na parede do meu quarto. Era a minha PPSL – minha Pilha Para Ser Lida. Os principais suspeitos estavam lá. Livros de mulher. Ação. Um vencedor do Prêmio Pulitzer. Um romance sobre um pirata e uma donzela de mini blusa. (O quê? Até mesmo um vampiro gosta de um pouquinho de roupas rasgadas uma vez ou outra).

Mesmo eu passando as últimas horas de mais de algumas noites no meu quarto de dormitório vampírico, a minha PPSL não havia ficado nem um pouco menor. Com cada livro que eu acabava, eu encontrava um substituto na biblioteca da Casa. E eu ocasionalmente acordava ao anoitecer para encontrar uma pilha de livros do lado de fora da minha porta, presumidamente deixada pelo bibliotecário da Casa, outro vampiro Novato. Suas escolhas eram normalmente relacionadas com política: histórias sobre os conflitos antigos entre vampiros e Metamorfos; biografias dos cem políticos mais amigáveis aos vampiros na história ocidental; linhas cronológicas de eventos vampíricos na história. Infelizmente, não importava o quão sério era o tópico, os nomes normalmente eram apenas bobos.

Vá direto ao Assunto: Contribuições Vampíricas na Arquitetura Ocidental.

Presas e Balanços: Os Vampiros Políticos na História.

Beber ou Não Beber: Um Dialeto Vampírico.

Salsicha de sangue, Cozido de Sangue, Sangue Laranja: Comida para todas as Temporadas.

E o terrivelmente nomeado *Plasmatlas*, que continha os mapas dos locais vampíricos mais importantes.

Talvez o editor responsável pela imprensa vampírica fosse o mesmo cara que escrevia os títulos para os capítulos das *Normas das Casas Norte Americanas*, meu guia de vampiro. Ambos eram igualmente cheios de jogos de palavras – e igualmente ridículos.

Deixando os nomes de lado, vamos ser honestos – com o Ethan correndo pela Casa, havia definitivamente vantagens em ler no meu quarto. Eu estava evitando o Mestre? Lógico. Mas quando se tem que ficar de cara com a tentação de algo que você não pode ter, por que não encontrar algo mais produtivo para fazer?

Colocando de outra forma, por que pedir sobremesa se você não pode dar uma mordida?

Então aqui estava eu – com uma blusinha e short – de pernas cruzadas na minha cama com o *Beber ou Não Beber* nas mãos, a chuva batendo no telhado acima de mim. Eu suspirei, me inclinei contra os travesseiros, e me afundei nas

palavras, esperando que eu pudesse encontrar algo moderadamente educativo. Ou informativo.

Sei lá.

Uma hora depois, Lindsey bateu, e eu fiz uma orelha para marcar uma página do livro (um mau hábito, eu sei, mas eu nunca tinha um marca páginas por perto).

O livro na verdade havia sido informativo, discutindo os primeiros exemplos gravados de uma doença que o autor chamava de hemo anhedonia – a incapacidade de ter prazer ao beber sangue. Vamps com esta doença tendiam a demonizar aqueles que bebiam. Adicione isso ao fato que ser um vampiro “praticante” era perigoso em si; humanos normalmente não levavam pelo lado bom serem tratados como copinhos – e vampiros começaram a beber juntos privadamente, longe das críticas. Abracadabra, as raves nasceram.

Com essa pepita história na mente, eu coloquei o livro na cabeceira e abri a porta.

Lindsey, uma colega guarda e minha melhor amiga na Casa (presumindo que o Ethan não contava, e eu não acho que ele contava), estava parada no corredor com um rabo de cavalo loiro, corpo matador, e um sorriso bobo em seu rosto. Ela usava jeans e uma camiseta preta com CADOGAN impresso em letras de forma brancas na parte da frente. Seus pés estavam descalços, seus dedos do pé pintados com um dourado cintilante.

— Oi loirinha.

— Merit. Eu gosto destes lixos. — ela deu uma olhada de avaliação para a minha blusinha ILLINOIS PARA AMANTES! e short estampados com trevos do Cubs.

— Sentinela Cadogan fora de serviço a seu dispor. Entre.

Ela chegou à cama. Eu fechei a porta atrás dela.

Um dos nossos primeiros encontros como novas amigas havia sido uma noite no quarto dela com pizza e reality show. Não era exatamente cerebral, mas nos deu uma chance de sermos bobas por um pouquinho de tempo, ficar preocupada com que debutante celebridade estava namorando, com qual estrela do rock ou quem estava ganhando o desafio maluco da semana... ao invés de se preocupar sobre quais grupos de pessoas estavam tentando nos matar. O último era exaustivo depois de um tempo.

Eu liguei a minha pequena televisão (meu salário de Sentinela no trabalho) e mudei o canal para o reality show sobre ópera que passava esta noite, que envolvia participantes homens resolvendo quebra-cabeças para que eles pudessem escapar

de uma ilha de ex-namoradas.

Era uma coisa de alta qualidade. De classe.

Eu me juntei a Linds na cama e coloquei um travesseiro atrás de mim.

— Como foi à reunião com o Tate? — ela perguntou.

— Drama, drama, drama. Luc vai te contar tudo. Suficiente dizer, que o Ethan poderia estar na Cadeia de Cook County na próxima semana.

— Sullivan pode ter um coração de carvão, mas eu aposto que ele realmente fica bem de laranja. E listras. *Rar*. — ela disse, curvando seus dedos como um gato.

Lindsey estava ainda menos convencida que o Ethan havia tido uma mudança verdadeira de opinião após o nosso término. Mas isso não o fazia ficar nem um pouco menos bonito.

— Eu tenho certeza que ele irá gostar de seus elogios quando ele estiver entrando naquele macacão. — eu disse. — Apesar de que o Luc pode ficar com ciúmes.

Como um guarda, Luc era o chefe de Lindsey. Ele era alto e de cabelo curtos, seus cachos loiros manchados por anos de sol, eu imaginei, como um vaqueiro que usava botas em algum rancho em uma planície onde o gado e os cavalos eram em maior número que os humanos e vampiros. Luc manteve as botas depois de se tornar vampiro, e ele havia desenvolvido uma queda monumental pela Lindsey. Para resumir a história, nada havia surgido disso desde o ataque a Casa. Então eles começaram há passar mais tempo juntos.

Eu não achava que era supersério – mais como uma noite no cinema aqui, um lanche no por do sol ali. Mas parecia que ele finalmente havia conseguido derrubar as barreiras emocionais que ela havia erguido para mantê-lo distante. Eu aprovava completamente esse desenvolvimento. Luc havia se apaixonado bastante; era hora dele provar a vitória.

— Luc pode cuidar de si mesmo. — Lindsey disse; sua voz seca.

— Ele aproveitaria mais se você estivesse se importando.

Lindsey ergueu uma mão. — Chega de falar de meninos. Se você continuar insistindo sobre o Luc, eu vou te acertar com uma combinação dupla sobre o Sullivan, na qual eu irei te perguntar sobre o corpo quente dele e sua geladeira emocional pelo resto da noite.

— Estraga prazer. — eu fiz biquinho, mas deixei quieto. Eu sabia que ela não estava totalmente convencida sobre o Luc, mesmo se ela estivesse passando mais tempo com ele, e eu não queria forçá-la muito ou muito rápido. E para ser justa, só

porque eu pensei que eles seriam bons juntos não significava que ela era obrigada a namorar com ele. Era a vida dela, e eu podia respeitar isso.

Então eu deixei quieto e me acomodei em uma posição confortável ao lado dela, e então deixei minha mente viajar nas ondas sem valor e pré-gravadas da televisão. Como relaxamento, não exatamente se classificava lá em cima como uma massagem com pedras quentes e banho de lama, mas um vampiro aceitava o que conseguia.

Capítulo 5

Na Beira do Rio.

Quando acordei novamente, vesti o meu uniforme pessoal – jeans e uma blusinha juntamente com botas de cano longo, minha medalha de Cadogan, minha espada, e o meu Pager – e segui para fora.

Parei no portão da Casa, com a intenção de ter uma noção do desafio que eu enfrentaria para chegar ao meu carro. Uma das duas fadas no portão adivinhou o meu jogo.

— Eles estão quietos esta noite. — ele disse. — Ethan planejou antecipadamente.

Eu olhei para ele. — Ele planejou antecipadamente?

A fada apontou para a rua. Eu olhei para fora do portão, sorrindo quando eu percebi a estratégia do Ethan. Um caminhão de comida distribuindo bifes italianos estava estacionado na esquina, uma dezena de protestantes parados ao lado dele, com os sanduíches na mão, seus cartazes colocados contra o lado do caminhão.

Ethan deve ter feito uma ligação.

— Bife quente em nome da paz. — eu murmurei, e então corri para a rua para a minha carona, um Volvo quadrado laranja. O carro estava velho e havia visto melhores dias, mas me levava para onde eu precisava ir.

Esta noite. Eu precisava ir para o sul.

Você acharia que um nome tão chique como “*Ombudsman*” (que realmente significava “*ligação*”) teria conseguido ao meu avô um bom escritório em algum prédio chique da cidade no centro.

Mas Chuck Merit, policial que se tornou administrador sobrenatural, era um homem do povo, sobrenatural ou outra coisa. Então, ao invés de um escritório presunçoso com uma vista para o rio, ele tinha um prédio de tijolos no South Side em um bairro onde os gramados eram cercados por cercas de alta-tensão.

Normalmente, a rua era silenciosa. Mas esta noite, os carros se derramavam no quintal do escritório e na rua por uns dois quarteirões. Eu havia visto o meu avô cercado por carros antes – em sua casa no meio de uma briga de mulher entre duas ninfas da água. Aqueles veículos haviam sido automóveis com placas

reconhecidamente vaidosas, estes eram veículos velhos e difíceis de dirigir com para-choques enferrujados e manchas de tinta.

Eu estacionei e fiz o meu caminho pelo quintal. A porta estava destrancada, incomum para o seu escritório, e a música – a voz estrondosa do Johnny Cash – ecoavam por ela.

A decoração do prédio era dos anos 1970, mas os problemas eram modernos e paranormalmente conduzidos. Então, eu presumi da mesma forma eram os homens e mulheres que estavam se amontoando nos corredores, com copos de plástico, com uma bebida alaranjada nas mãos. Eles se viraram e me encararam enquanto eu passava por eles, seus olhos pequenos assistindo enquanto eu andava pelo corredor. A aparência deles era similar, como se eles pudessem ter sido primos com avós em comum. Todos possuíam rostos levemente suínos, narizes arrebitados, e bochechas de maçã.

No meu caminho para o escritório que o Catcher dividia com Jeff Christopher – um Metamorfo adorável com habilidades loucas de informática e uma antiga paixão por mim – eu passei por uma grande mesa de frutas: fatias de abacaxi e mamão dentro de uma tigela de melancia, fatias de toranja salpicadas com sementes de romã, e uma casca de abacaxi cheia de amoras e uvas. Aperitivos para os convidados do escritório, eu presumi.

— Merit! — a cabeça de Jeff apareceu por detrás da entrada da porta, e ele apontou para eu entrar. Eu me apertei por entre mais alguns homens e mulheres e entrei no escritório. Catcher não estava em nenhum lugar à vista.

— Nós te vimos no monitor de segurança. — Jeff disse, se movendo para a cadeira atrás de sua bancada de monitores de computador. Seu cabelo castanho estava ficando mais comprido, e praticamente alcançavam seus ombros agora. Era liso e se repartia no meio, e no momento estava colocado atrás de suas orelhas. Jeff havia combinado uma camisa de botões, como ele sempre fazia, com calça cáqui, a manga de sua camisa dobrada até os cotovelos, presumidamente dando a ele espaço para manobrar o seu monstruoso teclado.

Jeff era alto e esguio, mas o que faltava nele em massa, ele compensava por suas habilidades de luta. Ele era um Metamorfo, e uma força a ser reconhecida.

— Obrigada por me encontrar. — eu disse a ele. — O que está acontecendo lá fora?

— Casa aberta para Trolls de rio.

Claro que era. — Eu pensei que as ninfas da água controlavam o rio?

— Elas controlam. Elas fazem as regras, os Trolls as cumprem.

— E a fruta?

Jeff sorriu. — Boa pegada. Os Trolls de rio são vegetarianos. Frutívoros, na verdade. Ofereça uma fruta e você pode atraí-los para fora por debaixo das pontes.

— E eles preferem não deixar as pontes.

Eu olhei para trás. Catcher estava parado na entrada da porta, com um prato de fruta na mão e, como a Mallory havia dito, uma armação retangular estava empoleirada em seu nariz. Ela era um contraste interessante com a cabeça raspada e os olhos verdes claros, mas ela funcionava totalmente. Ele havia ido de especialista em artes marciais bombado para um fortão menino inteligente. A Sentinela definitivamente aprovava. Eu também aprovava as suas camisetas normalmente irônicas. A de hoje lia-se EU SAÍ DA CAMA PARA ISSO?

— Sr. Bell. — eu disse, oferecendo uma pequena saudação para o meu antigo treinador de katana. — Eu gostei dos óculos.

— Eu aprecio a sua aprovação. — ele foi para a sua mesa e começou a furar as frutas com um palito de dente.

Então, Catcher era um feiticeiro, e Jeff era um Metamorfo. Os vampiros também estavam representados, pelo menos parcialmente. Já que os Mestres de Chicago mantinham a boca bem fechada sobre os acontecimentos nas Casas, o meu avô tinha um empregado vampiro secreto que oferecia informação – um vampiro que eu suspeitava, claramente sem provas, ser o Malik.

— Eles vivem embaixo das pontes? — eu me perguntei em voz alta, retornando para os Trolls.

— Chuva ou sol, verão ou inverno. — Catcher disse.

— E porque a festa aberta? É só uma maneira de manter boas relações sobrenaturais?

— Agora que as coisas estão crescendo. — Catcher disse, franzindo as sobrancelhas enquanto ele usava o palito para empurrar as sementes de um pedaço de melancia. — Nós estamos passando pela lista telefônica. Cada povo ganha uma visita – uma noite com o Ombudsman.

— As coisas definitivamente estão mudando. — Jeff concordou.

— As coisas estão ficando mais escandalosas.

Todos nós olhamos para trás enquanto um Troll de rio de ombros largos com cabelo castanho curto olhava para dentro do escritório. Seu par de olhos grandes piscava curiosamente para nós. Ele não tinha muito pescoço à vista, então o seu torso inteiro girava enquanto ele nos olhava. Uma brisa suave de magia

agitou o ar.

— Oi, George. — Catcher disse.

George assentiu com a cabeça e ofereceu um pequeno aceno com a mão. — Está ficando mais escandaloso. As vozes. A conversa. Os ventos estão mudando. Há uma raiva no ar, eu acho. — ele pausou. — Nós não gostamos disso. — ele mudou o seu olhar para mim, uma pergunta em seus olhos: Eu era parte do problema? Deixando a cidade mais escandalosa? Aumentando a raiva?

— Esta é Merit. — Catcher silenciosamente explicou. — A neta do Chuck.

Uma consciência floresceu na expressão de George. — O Chuck é um amigo para nós. Ele é..., mais quieto que o resto.

Eu não estava completamente certa sobre o que o George queria dizer com “quieto” – eu tinha uma sensação que significava mais para ele do que simplesmente uma ausência de som – mas estava claro que ele disse isso como um elogio.

— Obrigada. — eu disse com o tanto de sinceridade que eu consegui juntar nessas duas palavras.

George me assistiu por um momento. Pensando. Avaliando talvez, antes de ele finalmente assenti.

O ato pareceu carregar mais significado do que apenas a aceitação ao meu agradecimento – como se eu tivesse sido aprovada por ele. Eu assenti de volta, o meu ato tão significativo quanto.

Nós éramos duas criaturas sobrenaturais – membros de tribos diferentes, contudo éramos ligados pelo drama da cidade e um Ombudsman tentando diligentemente conter a onda – aceitando um ao outro.

Com a conexão feita, George desapareceu novamente.

— De fala mansa. — eu comentei quando ele foi embora.

— Eles são. — Jeff disse. — Os Trolls são reservados, exceto quando as ninfas requerem o contrário. E mesmo assim, eles aparecem, eles cumprem a tarefa, e eles voltam para debaixo das pontes novamente.

— Que tipo de coisas eles fazem?

Jeff deu de ombros. — Geralmente eles carregam os pesos. Se tornando os músculos para as ninfas ao longo de seu pedaço no rio se houver qualquer disputa por território, talvez reforçando a paz, talvez ajudando a limpar aquele pedaço de rio que as águas estão movendo rápido demais.

Aparentemente com a sua explicação terminada, Jeff se esticou para arrumar um porta-retratos prata agora no canto de sua mesa. Eu havia visto antes uma boneca com vários tentáculos que estava sentada, em um de seus monitores, mas este porta-retratos era novo.

Eu fui até lá e olhei ao redor de sua mesa para conseguir dar uma olhada na foto. Era uma foto dele e Fallon Keene. Eles aparentemente se deram bem quando a família Keene – e representantes do restante das Matilhas – haviam vindo para Chicago para decidir se eles iriam ficar em suas respectivas cidade ou se iriam partir para a casa de seus ancestrais em Aurora, Alaska. As Matilhas votaram por ficar, e a família Keene não havia ainda retornado para o seu QG em Memphis. Essa folga deve ter dado ao Jeff e há Fallon o tempo para se conhecerem.

Na foto, Jeff e Fallon estavam de pé um ao lado do outro em frente a uma parede reta de tijolo, os seus dedos entrelaçados, olhando um para o outro. E em seus olhos – algo significativo e importante. Amor, já?

— Você parece muito feliz. — eu disse para o Jeff.

Um rubor carmesim atingiu as suas bochechas. — Catcher está me enchendo o saco sobre estar indo rápido demais. — ele disse, mantendo o seu olhar nos monitores na frente dele. — Mas olha quem está falando.

— Ele já *está* vivendo com a minha antiga colega de quarto. — eu concordei.

— Ainda estou aqui. — Catcher disse. — E falando de estar aqui, o que te traz por aqui?

— Só os incômodos de sempre. Primeiro item na agenda – algum tipo de organização de pretensos G.I Joe's, guiados por um homem chamado McKetrick. Eles montaram um bloqueio não muito longe da Casa. Eles possuíam equipamentos totalmente militares – botas de combate, roupas pretas, utilitários pretos sem placas.

— Sem helicópteros negros? — Jeff perguntou.

— Pois é, né? McKetrick se estilizou como algum tipo de salvador da humanidade contra a invasão vampiresca. Ele acha que as presas nos tornam um erro genético.

— Um erro que ele vai remediar? — Catcher perguntou.

Eu assenti. — Precisamente. Ele diz que o objetivo é conseguiu que os vampiros saíam de Chicago e, eu presumo, preenchendo esse vácuo com a sua personalidade cintilante.

— Nós vamos dar uma pesquisada. Descobrir o que nós pudermos. — Catcher inclinou sua cabeça curiosamente. — Como você conseguiu sair do

bloqueio?

— Ethan chamou os nossos membros da Matilha favoritos. Keene trouxe a família e mais alguns outros.

— Legal. — Jeff disse. — Hm, Fallon estava lá?

— Ela estava. Mas com um boné dos Cardinals. Você não pode fazer algo sobre isso?

Ele deu de ombros timidamente. — Eu sei quais batalhas escolher. Então não. Oh – e você ouviu? Tonya teve o bebê. Um menino com quatro quilos. Connor Devereaux Keene.

Eu sorri para ele. Tonya era a esposa de Gabriel, ela estava bem grávida da última vez que eu havia visto ela, e eles já haviam decidido “Connor” como nome. — Quatro quilos? Esse é um grande menino.

Jeff sorriu sabiamente. — Foi isso que ela disse.

Catcher limpou sua garganta. — Qual é a segunda coisa?

— Raves.

Ambos olharam para mim.

— O que têm elas? — Catcher perguntou.

— Esta foi na verdade minha primeira pergunta. Na melhor das hipóteses, nós temos as raves explodindo para o olhar público – de verdade desta vez.

— E na pior? — Catcher perguntou.

— Nós temos algo com as características de uma rave, mas que na verdade envolve vampiros psicopatas cometendo atrocidades contra vários humanos. Três supostas mortes até agora, mas não há prova física.

Houve silêncio no escritório.

— Você está falando sério? — Catcher perguntou sua voz grave.

— Supersério. — eu dei a eles os detalhes sobre o Sr. Jackson e a sua experiência, sobre a investigação do prefeito, e sobre a nossa visita a casa dele. Preocupava-me que eles ainda não tivessem esses detalhes, já que meu avô, no final das contas, era o Ombudsman sobrenatural da cidade. Ele deveria ter sido a primeira pessoa para quem o Tate ligaria.

— É por minha causa? — eu perguntei. — O Tate está mantendo informação dele por que eu sou neta dele? Por que eu estou em Cadogan?

Catcher empurrou o seu prato de fruta, colocou seus cotovelos na mesa, e

esfregou suas têmporas. — Eu não sei, e eu realmente não gosto da ideia. Mas eu sei que o Chuck não ficará contente com a possibilidade de que nós somos apenas um grupo figurativo, um escritório que o Tate mantém para fazer os sobrenaturais acharem que ele se importa...

— Enquanto ele está mantendo informações de nós. — Jeff terminou.

— Por outro lado. — Catcher disse pensativamente. — Não seria o nosso trabalho investigar. Esse é o papel dos detetives do DPC. Mas ele normalmente nos avisaria antes para que nós pudéssemos contatar as Casas ou os Selvagens. — ele balançou a cabeça. — Nós sempre pensamos que o Tate fosse um pouco cauteloso. Eu acho que isso prova que você tem que manter um ouvido aberto mesmo quando você supostamente deveria estar por dentro de tudo.

— E falando de manter o ouvido aberto, o que estão falando sobre as raves? Algo novo?

Ele fez uma careta. — Eu presumo que você já falou com o Malik ou com o Ethan e você sabe sobre as três que nós rastreamos?

— Eu ouvi falar. — eu rosnei.

Com um aceno, Catcher se levantou e foi para um quadro-branco recém-instalado em um canto do escritório, destampou um marcador verde, e começou a escrever. Acompanhado pelo chiado da caneta, ele começou a desenhar o que parecia ser um peixe em um ângulo frouxo.

— O que é isso?

— Chicago. — ele disse sem se virar.

— Sério? É dessa forma que você representa a cidade para qual você está trabalhando? Como um peixe?

— Parece realmente com um peixe. — Jeff disse excitadamente. — Oh, talvez seja uma carpa asiática. Você está fazendo uma metáfora sobre as raves e as espécies invasoras?

— Esperto. — eu disse com um sorriso para o Jeff.

Ele se inclinou de volta em sua cadeira, sorrindo orgulhosamente. — É isso que as mulheres falam.

Eu revirei meus olhos e me virei novamente para o Catcher, que estava nos encarando de cima de seus óculos Buddy Holly. Eu tive que morder os meus lábios para não rir alto.

— Como eu estava dizendo. — ele continuou, antes de colocar as estrelas no mapa em diferentes locais. — Nós sabemos sobre três raves nos últimos dois

meses.

— Informação vinda de um vampiro secreto? — eu me perguntei em voz alta.

— Duas delas. — Catcher admitiu. — A terceira foi o Malik. Todos eram relatórios de segunda ou terceira mão.

Tudo bem, então isso praticamente arruinava a minha teoria que o Malik-
era-a-fonte-secreta.

— Há também a rave que nós visitamos as margens do lago. — Catcher adicionou, colocando outra estrela no quadro.

Nós não havíamos descoberto sobre essas aí até depois que a rave havia acabado e os vampiros haviam fechado a loja. Como resultado, nós apenas saímos com um palpite sobre o número de participantes e uma pista sobre quem mais havia investigado – a Guarda Vermelha e um Metamorfo que depois nós descobrimos que era o nosso chantagista.

— Havia também as raves que nós sabíamos sobre antes de nós visitarmos dita rave. E aquele que o Tate identificou. Era em West Town.

Catcher assentiu, pegou um marcador azul, e preencheu as estrelas.

Eu estreitei meus olhos para o “*desenho*” do Catcher, mas ainda não conseguia achar a cabeça ou o rabo dele. Exceto que ainda parecia um peixe. — Você poderia pelo menos nos mostrar onde Navy Píer é? — eu perguntei para ele. — Eu não tenho ideia o que eu estou olhando.

Catcher grunhiu, mas aceitou, e desenhou um pequeno retângulo saindo de um lado do peixe.

Jeff riu. — Isso é Píer Navy, ou Chicago só está contente em me ver?

Eu ri tanto que eu bufei um pouco, pelo menos até o punho do Catcher bater no topo da mesa mais próxima.

— Ei. — eu protestei, apontando para ele. — Meu Mestre pode estar na cadeia de Cook County até o final da semana, e isso não seria exatamente bom para mim. Sarcasmo é a maneira que lido com o estresse, como vocês sabem, já que vocês viram Mallory e eu fazendo isso.

Ironicamente, dizer a parte sobre a cadeia em voz alta fez meu estômago se apertar com os nervos. Mas a expressão de Catcher se suavizou. Ele olhou de volta para o quadro, um sorriso no canto de sua boca. — Eu acho que parece meio ridículo.

— E já que você reconheceu isso, você pode continuar. — eu ofereci

magnanimamente.

— Então as raves. — ele disse sem demora. — Estão espalhadas ao redor da cidade. Sem padrão aparente. Sem um local aparente de atividade.

— A rave é isso por si só. — eu disse, sentando. — Isso diz que não há quartéis-generais para as raves, nem onde as festas são dadas, de qualquer forma, e que os vampiros são espertos o bastante para mover a festa de lugar.

— Então nem os humanos nem os Mestres – se estes forem vampiros das Casas – suspeitam. — Jeff acrescentou.

— Exatamente. — Catcher disse.

— E quanto ao tamanho? — eu perguntei. — A escala? O Sr. Jackson estava convencido que havia dezenas de vampiros lá, e que a coisa toda era violenta no estilo *Psicopata Americano*⁵.

— Igual ao lugar que visitamos, nosso informante atual diz que as raves são uma mão cheia de vampiros e alguns humanos. Pequeno, íntimo. Focado no ato de dar e receber sangue. Continuando a analogia com os filmes, isso não é o *Clube da Luta*⁶.

— Tá mais para *Amor à Primeira Mordida*⁷. — Jeff disse.

Catcher revirou seus olhos novamente. — Então este novo incidente que nós estamos falando é algo sem precedentes em termos de tamanho e violência, sem relatórios de pessoas desaparecidas correspondentes, e sem prova palpável de um crime. — ele deu de ombros. — Isso sugere que o Sr. Jackson não estava sendo totalmente honesto. O problema é, nós não falamos com nenhum dos vampiros que realmente estavam lá. Isso seria um verdadeiro golpe – conseguir alguém lá dentro desde o começo. No piso térreo. Descobrimo quem está lá, como a informação está sendo passada, quem está participando, e se eles estão participando por vontade própria.

— Você pode puxar arquivos da DPC? — eu perguntei. — Ver o que os arquivos deles têm a dizer?

⁵ *Psicopata Americano* (título original: *American Psycho*) é um filme estadunidense rodado em 1999 (lançado em 2000), sendo uma adaptação do polêmico livro do mesmo nome, escrito por Bret Easton Ellis.

⁶ *Clube da Luta* (título original: *Fight Club*) é um filme estadunidense lançado em 1999, dirigido por David Fincher. O filme é baseado em romance homônimo de Chuck Palahniuk, publicado em 1996.

⁷ *Amor à Primeira Mordida* (título original: *Love at First Bite*) é um filme estadunidense lançado em 1977, dirigido por Stan Dragoti.

— Feito e feito. — Jeff disse, sentando para frente e começando a digitar no seu teclado. — Eu talvez tenha que cavar um pouco para achar – o desenho de seu TI é foda – mas eu vou te manter informada.

Claro, só porque o escritório do Ombud não tinha informação não significava que não havia informação para ser obtida. Era provavelmente hora de verificar a minha outra fonte...

— Obrigada. — eu disse para ambos. — Você pode me ligar se você ouvir mais alguma coisa?

— Claro. Eu presumo que o Sullivan vai te mandar em algum tipo de viagem louca de caça-aos-vampiros-psicóticos?

— A previsão é forte.

— Me ligue se você precisar de ajuda. — Catcher disse.

— Claro. — eu concordei, mas eu na verdade tinha uma ideia sobre isso, também. Até porque, Jonah havia sido oferecido como um parceiro.

— E se você for mesmo. — Catcher acrescentou. — Procure por informações para identificação, escute cada palavra sobre como eles estão entrando em contato com os vampiros ou identificando os humanos.

— Faremos isso.

— Você quer que eu encontre o Chuck antes que você vá embora? — Jeff perguntou.

Eu dei um aceno para ele. — Nem se preocupe. Ele está ocupado. Deixe-o lidar com a festa.

— Eu tenho quase certeza que eu posso lidar com um trabalho e com a família também. — disse uma voz grave na porta. Eu olhei para trás e sorri enquanto o meu avô entrava no escritório. Ele estava arrumado esta noite, tendo trocado a sua camisa simples de manga longa por uma jaqueta de veludo Cotelê. Mas ele permaneceu com a calça cáqui e sapatos de solado grosso de vovô.

Ele andou até onde eu estava na beirada da mesa e plantou um beijo na minha testa. — Como está a minha vampira favorita?

Eu coloquei um braço ao redor de sua cintura e dei um meio abraço nele. — Há outros na concorrência?

— Agora que você mencionou, não. Eles tendem a dar um pouco de trabalho.

— Amém. — Catcher e Jeff falaram simultaneamente. Eu dei a eles um olhar sarcástico.

— O que te traz a nossa vizinhança?

— Eu estava colocando o Catcher e o Jeff a par do nosso último drama. Para resumir a história, operações secretas e raves, parte dois.

Ele fez uma careta. — Isso não me alegraria mesmo se eu não fosse o seu avô.

— Não. — eu concordei.

— Eu odeio ser o portador de más notícias também. — ele disse. — Mas o seu pai me disse que vocês dois não se fala há algumas semanas.

Eu não me importava com o meu pai, mas eu me importava ainda menos com o fato que ele havia colocado o meu avô no meio da nossa briga.

— Na verdade, eu o vi saindo da festa do prefeito ontem à noite. Nós tivemos uma troca bem interessante. — Eu assegurei ao meu avô.

— Boa menina. — ele disse com um sorriso.

Eu pulei para fora da mesa. Era hora de colocar o resto do show investigativo na estrada. — Eu preciso correr, e você precisa voltar para a sua festa, então eu vou deixá-los para que eles possam preencher os detalhes para você.

— Como se tivesse uma chance que eu pudesse evitar isso. — meu avô disse. Ele me abraçou mais uma vez, e então me deixou ir.

Eu me despedi e andei de volta para a porta da frente, os Trolls de rio acenando para mim quando eu passei como se eu estivesse sendo examinada. Não como um vampiro, talvez, mas pelo menos como a neta de um homem que eles confiavam.

Amigo em lugares importantes definitivamente ajudava – especialmente se você tinha inimigo em lugares ainda mais importantes.

Meu telefone tocou assim que eu havia entrado no carro. Eu fechei a porta e o atendi. Era a Mallory.

— Ei, Cabelo Azul. Como está?

Ela não falou, mas ela imediatamente começou a soluçar.

— Mal, o que está errado? Você está bem?

— Catarse⁸. — ela disse. — É um daqueles choros de catarse.

Eu soltei uma respiração. Eu estava preparada para cantar pneus na pressa de chegar até ela se ela estivesse em perigo. Mas toda a garota sabe a importância de um choro catártico – quando você não está chorando sobre nada em específico, mas porque *tudo* se transformou em um gigante e contorcido nó.

— Há algo sobre o qual você queira falar?

— Mais ou menos. Não realmente. Eu não sei. Você pode me encontrar?

— Claro. Onde você está?

Ela fungou. — Eu estou em Schaumburg. Eu estou no Goodwin's saindo pela I-90. Eu sei que é longe, mas você poderia me encontrar aqui? Você tem tempo?

Goodwin's era um daqueles restaurantes ubíquos que ficavam abertos vinte e quatro horas por dia que você via nos estacionamentos dos escritórios e nos estacionamentos de hotéis. O tipo frequentado por cidadãos idosos às quatro da tarde e adolescentes à meia noite. Eu não chamaria a Mallory de uma pessoa gastronômica, mas ela definitivamente possuía um interesse em cozinha moderna. Se nós íamos nos encontrar no Goodwin's, ela ou queria comida sem gosto ou anonimato.

Eu não gostei muito de nenhuma das opções.

— Eu estou acabando de sair do escritório do Ombud. Vou demorar uns quarenta e cinco minutos para chegar aí. Está tudo bem?

— Sim. Eu estou estudando. Eu estarei aqui.

A parte do estudando explicava a escolha do restaurante. Nós demos o nosso adeus e eu olhei de volta para a porta do escritório por um minuto, me perguntando se eu deveria voltar e avisar o Catcher que a garota dele estava estressada. Mas eu era a MAPS⁹, e havia um código de honra. Um protocolo. Ela havia me ligado, não para o Catcher – mesmo ele estando no escritório e claramente acessível. Isso significava que ela precisava desabafar comigo, então era isso que nós iríamos fazer.

— Estou a caminho. — eu murmurei, e liguei o carro.

Enquanto dirigia, fiz planos para a segunda parte da minha investigação. E essa parte era um pouco mais complicada, em grande parte porque eu não achava que a minha fonte gostava de mim. Na primeira vez que nos conhecemos, Jonah

⁸ Catarse (do grego Κάθαρσις "kátharsis") é uma palavra utilizada em diversos contextos, como a tragédia, a medicina ou a psicanálise, que significa "purificação", "evacuação" ou "purgação". Segundo Aristóteles, a catarse refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um drama.

⁹ BFF (Best Friend Forever) – Melhor Amiga Para Sempre.

havia sido brusco. Na segunda vez, eu o encontrei nas ruas escuras de Wrigleyville, me seguindo por todo lugar para que ele pudesse dar uma olhada em mim. Testar a minha coragem, por assim dizer.

A Guarda Vermelha havia sido organizada há dois séculos para proteger os Mestres vampiros, mas agora operava para manter um olhar cuidadoso nos próprios Mestres. Quando Noah Beck, o líder dos Selvagens de Chicago, me fez uma oferta para eu me tornar um membro, ele havia me informado que o Jonah, capitão dos guardas da Casa Grey de Chicago, seria o meu parceiro se eu me afiliasse. Eu estava lisonjeada pela oferta, mas me juntar a um grupo cujo propósito era manter um olho nos Mestres provocaria a III Guerra Mundial na Casa Cadogan. Ethan, se ele descobrisse, teria visto a decisão como um tapa em seu rosto.

Eu me considero ser uma vampira bem de baixa resistência; adicionar propositalmente à minha pilha de drama não era realmente a minha vontade.

Jonah, tendo sido singularmente não impressionado comigo, provavelmente não estava decepcionado que eu havia dito não. Eu não estava esperando que esta ligação fosse melhorar alguma coisa, mas a GV possuía detalhes sobre as raves – incluindo a rave que eles haviam limpado. E já que a minha visita ao escritório do Ombud não havia sido exatamente produtiva na base de recolhimento de informações (embora muito produtiva na base da diplomacia com os Trolls de rio), Jonah era a fonte da qual eu precisava beber.

Ele já havia me ligado uma vez antes, então quando eu estava a caminho para o norte em direção à Schaumburg, eu disquei o seu número. Ele respondeu depois de uns dois toques.

— Jonah.

— Oi. É a Merit.

Houve uma pausa incômoda. — Negócios de Casa?

Eu presumi que ele estava perguntando se eu estava ligando em nome da Casa Cadogan – ou sobre a nossa conexão com a GV. — Não exatamente. Você tem um minuto para conversar?

Outra pausa. — Me dê cinco minutos. Eu te ligo de volta.

A linha ficou muda, então eu me certifiquei se a campainha estava ligada e coloquei o meu telefone no guarda-copo enquanto eu me dirigia em direção à I-90.

Jonah foi pontual, o relógio do painel havia movido exatos cinco minutos quando ele me ligou de volta.

— Eu tive que sair. —ele explicou. — Eu estou na rua agora. Imaginei que evitaria o drama. — Os vampiros de Scott Grey viviam em um galpão reformado no

bairro Andersonville, não muito longo de Wrigley Field. Os sortudos.

— O que foi? — ele perguntou.

Eu decidi oferecer a verdade. — O Prefeito Tate nos chamou ontem em seu escritório. Contou-nos que ele tinha uma testemunha ocular que contou que um grupo de vampiros havia matado três humanos.

— Droga. — o seu xingamento foi baixo e soava um pouco cansado. — Mais alguma coisa?

— Tate sugeriu que a violência era parte da cultura das raves. Mas baseado nas informações que nós possuímos isso soa diferente. Maior. Mais malévolo. Se a testemunha, um Sr. Jackson, estava falando a verdade, isso tem as características de algum tipo de ataque. Que aconteceu em uma rave pode ser um problema menor. De qualquer maneira, é hora de fazer algo sobre eles, e para fazer isso, eu preciso de informações.

— Então você me ligou?

Eu revirei meus olhos. A pergunta sugeria que ele estava me fazendo um favor – e que ele pediria um favor em retorno. Como todo vampiro.

— Você é a minha melhor esperança para respostas. — eu disse enfaticamente.

— Infelizmente, eu não tenho muito para te dizer. Eu sei sobre a última rave – aquela que a GV limpou – mas somente porque Noah me informou dos detalhes. Eu não estava lá.

— Você acha que o Noah possa ter maiores informações?

— Talvez. Mas porque não ligar para ele diretamente?

— Porque você foi oferecido a mim como parceiro.

Jonah pausou. — Esta ligação é uma indicação de interesse na GV?

É um último esforço para recolher informações, eu pensei, mas ofereci ao invés. — Eu acho que isso é grande o bastante e transcende as Casas ou a associação à GV.

— Justo. Eu farei algumas perguntas e te retornarei se eu descobrir algo. Eu presumo que você não contará a ninguém que conversamos.

— O seu segredo está a salvo comigo. E obrigada.

— Não me agradeça até que eu descubra algo. Eu entrarei em contato.

A linha ficou muda, então eu guardei o telefone. Havia mais drama e

complicação a cada dia que passava.

Raramente uma noite passava sem drama vampiresco.

Algumas vezes ficar só de pijama com um bom livro soava como uma ideia fenomenal.

O telefone tocou novamente quase imediatamente após eu ter desligado. Eu olhei para a tela, era o meu pai.

Eu brevemente considerei mandá-lo diretamente para o correio de voz, mas eu estive fazendo isso muito ultimamente – tanto que a minha falta de comunicação chegou ao radar do meu avô. Eu não queria problemas para ele, então eu engoli, abri o telefone, e o ergui para o meu ouvido.

— Alô?

— Eu gostaria de falar com você. — meu pai disse; aparentemente como um jeito de me cumprimentar.

Isso era inevitavelmente verdade. Eu tenho certeza que o meu pai tinha um número de tópicos no questionário para mim. O truque era descobrir que tópico em particular estava na mente dele hoje.

— Sobre? — eu perguntei.

— Algumas coisas no horizonte. Eu fiquei sabendo de alguns investimentos nos quais o Ethan possa estar interessado.

Ah, isso explicava o bom humor em Creeley Creek. Se houvesse algo que fazia o meu pai feliz, era a possibilidade de ganho de capital e uma gorda comissão.

Mesmo assim, eu gostei que ele estivesse interessado em trabalhar com o Ethan, ao invés de tentar enterrar a todos nós.

— Nós estamos no meio de algo agora. Mas eu definitivamente irei avisar o Ethan sobre a sua oferta.

— Ele pode me ligar no meu escritório. — meu pai disse. Ele quis dizer o arranha-céu na Avenida Michigan do outro lado do Parque Millennium. Somente o melhor imóvel para o melhor agente imobiliário da cidade.

Com este pouco de informação, a linha ficou muda.

Se somente nós pudéssemos ter escolhido a nossa família...

Capítulo 6

Caça as Bruxas.

Parei no estacionamento quase vazio do restaurante. A janela do restaurante mostrava somente um punhado de homens e mulheres.

Estacionei o Volvo e entrei, dando uma olhada em volta até encontrar Mallory. Ela estava sentada em uma mesa de frente para um laptop e uma pilha enorme de livros, seu reto cabelo azul celeste preso atrás das orelhas. Ela franzia para a tela, um copo quase cheio de suco de laranja ao seu lado.

Ela olhou para cima quando me aproximei, e notei círculos escuros em volta de seus olhos.

— Oi. — ela disse, alívio em seu rosto.

Deslizei na cadeira. — Você parece cansada. — não tinha como não notar quando sua melhor amiga estava mal, imaginei.

— Eu estou cansada. — ela fechou o laptop e deslizou para fora do caminho, então juntou as mãos na mesa. — Practicum¹⁰ não é tão maluco quanto parece.

Cruzei minhas pernas no meu assento. — Trabalho duro?

— Fisicamente e emocionalmente exaustivo. — ela franziu em direção à pilha de livros. — Isso parece com Feitiçaria em campo, aprendendo coisas que deveria ter estudado 10 anos atrás, comprimindo tudo isso em um período de alguns meses.

— São coisas úteis?

— Sim. Quero dizer, eu verifiquei isso com o meu tutor tantas vezes que virou uma espécie de segunda natureza agora.

Antes que tivesse tempo de piscar, o saleiro e o frasco de pimenta se arrastaram através da mesa na minha frente.

Olhei para cima e encontrei Mallory completamente parada, sua expressão suave. Já havia visto Mallory mover coisas antes, móveis da última vez, mas nunca tinha visto ela tão indiferente sobre isso.

¹⁰ Estágio.

— Isso é..., impressionante.

Ela deu de ombros, mas havia algo sombrio em seus olhos. — Eu posso fazer quase sempre sem pensar sobre isso.

— E como você se sente sobre isso?

Foi quando as lágrimas começaram a cair. Ela olhou para cima e para longe, como se o gesto sozinho iria impedir das lágrimas caírem. Mas elas escorreram pelas suas bochechas de qualquer jeito. E quando ela esfregou-as, percebi que seus dedos estavam vermelhos e feridos.

— Converse comigo. — disse para ela, então olhei em volta. Nosso canto do restaurante estava vazio, a única garçonete a vista estava sentada numa cadeira do outro lado do aposento, enrolando talheres de prata em guardanapos de papel. — Só tem praticamente eu e você aqui.

Isso desatou um novo dilúvio de lágrimas. Meu coração se apertou com o pensamento de que ela havia feito ou visto coisas nas últimas semanas que a deixou em lágrimas, e isso provavelmente não poderia ser interrompido.

Levantei-me e me movi para seu lado na mesa, esperando para que ela permitisse que eu me sentasse ao lado dela.

— Conte-me.

— Não sei mais quem eu sou.

Eu não podia ajudar sorri. Se tivesse algum problema que eu poderia entender como uma vampira novata, era isso. Apoiei minha testa contra seu ombro.

— Continue.

As comportas se abriram. — Eu era essa garota, certo? Fazendo minhas coisas. Tinha cabelo azul, trabalhando com minha sorte como executiva de marketing. E então você é uma vampira, e Ethan Sullivan está tocando meu cabelo e dizendo que eu tenho magia. E então tem Catcher e eu sou uma bruxa e estou aprendendo sobre Chaves e como atirar bolas de fogo de merda em alvos para que eu esteja pronta quando a inevitável merda relacionada aos vampiros atinja o ventilador.

Ela sugou o ar, e então começou de novo. — Supostamente era para eu ter um parceiro aos 30, Merit. Ter um condomínio fechado no lago. Ter uma Bolsa

Birkin¹¹ e estar geralmente satisfeita com meu enorme terreno. E agora eu estou fazendo... — ela olhou em volta. — Magia. E não somente magia.

Outra lágrima escorreu pela sua bochecha.

— O que você quer dizer com, não somente magia?

Sua voz caiu uma oitava. — Você sabe sobre as 4 Chaves, certo?

— Claro. Poder, existência, armas, textos.

— Certo. Essas são as quatro maiores divisões da magia. Então, concentrar não é tão simples, essas não são as únicas maiores divisões.

Franzi para ela. — Então há outras?

Ela se inclinou em minha direção. — Magia negra, Merit. Coisa ruim. Há um sistema inteiro de magia negra que revestem as quatro Chaves boas. — agarrou um guardanapo e desencapou uma caneta. — Você já viu a tatuagem de Catcher, não é?

Acenei. Passava através do seu abdômen, um círculo dividido em quadrantes.

Ela esboçou a imagem que eu já tinha visto, então apontou para os quatro segmentos em forma de um pedaço de torta. — Então cada quadrante é uma Chave, certo? Uma divisão da magia. — ela puxou outro guardanapo de um detentor e o abriu, então tirou outro círculo dividido.

Quando tinha terminado, ela colocou o segundo guardanapo encima do primeiro.

— São as mesmas quatro divisões, mas tudo de magia negra.

Nessa hora, minha voz era gentil. — Dê-me algo para continuar aqui. Que tipo de magia negra, estamos falando? Do tipo, Elphaba a Bruxa má do Oeste ou do tipo Sonserina¹²?

Ela chacoalhou a cabeça. — Não posso dizer.

— Você pode me contar qualquer coisa.

Ela olhou para cima, frustração clara em sua face. — Não é que eu *não quero* dizer, eu *não posso* dizer. Há uma Ordem juju¹³ em ação. Eu sei coisas, mas não

¹¹ Bolsas Birkin, são bolsas consideradas símbolo de riqueza, devido ao seu elevado preço e a dificuldade do acesso ao público.

¹² Ela tenta fazer piada sobre Elphaba, que é um personagem fictício do Mágico de Oz. E Sonserina, que é conhecida como uma das quatro casas de Hogwarts, que criava bruxos ambiciosos.

¹³ Juju na África Ocidental refere-se ao poder sobrenatural atribuído a um objeto.

posso pô-las para fora. Eu posso pronunciar as frases em minha cabeça, mas não posso exatamente dar voz às palavras.

Eu não gostei do som disso, o fato de que agora mesmo o código secreto da Ordem estava usando magia para impedir Mallory de falar sobre coisas que preocupava ela. Coisas sombrias. Coisas lamentáveis?

— Há algo que eu possa fazer?

Ela balançou a cabeça mantendo os olhos em suas mãos que estavam encima da mesa. — Isso é o porquê de suas mãos estarem tão machucadas?

Ela acenou. — Estou cansada, Merit. Estou treinando e aprendendo o que posso, mas isso, eu não sei, usa você de maneira diferente. — apertou suas mãos em punhos e então os libertou novamente. — É um tipo diferente de exaustão. Não apenas o corpo. Não só a mente. Alma, também, de certo modo. — suas sobrancelhas cheias de preocupação.

— Você já conversou com Catcher sobre alguma dessas coisas?

Negou. — Ele não está na Ordem. Eu não posso dizer a ele nada que eu não possa te dizer.

De repente tive uma compreensão do porque Catcher não era tão fã da Ordem, e porque não me importei se ele ainda era membro ou não.

— Como posso te ajudar?

Ela engoliu. — Podemos apenas sentar aqui por um pouco mais de tempo? — suspirou de forma cansada. — Estou apenas cansada. E tenho provas chegando, e tenho curso intensivo para fazer, muitas expectativas em mim. Eu apenas não quero ir para casa. Sem voltar para minha vida. Eu apenas quero sentar nessa droga de restaurante comum por mais algumas horas.

Coloquei meu braço em volta de seus ombros. — O tempo que você precisar.

Ficamos sentadas por mais uma hora, mal nos falando, Mallory bebericava o suco de laranja e encarava a janela para o extraordinário carro que passou na frente do restaurante.

Quando seu copo ficou vazio, me enrolei em seu ombro novamente. — Ele te ama você sabe. Mesmo que pareça que você não pode dizer alguma coisa a ele, você pode. Quero dizer, eu entendi que você não pode dar a ele os detalhes, mas você pode dizer o que está te preocupando.

— Você tem certeza?

Eu peguei um pequeno fio de esperança em sua voz e o puxei. — Tenho certeza. É o Catcher, Mallory. Maluco teimoso? Claro. Grosseiro? Absolutamente. Mas também totalmente apaixonado por você.

Fungou. — Continue.

— Lembra o que você me disse sobre o Ethan? Que eu merecia alguém que me queria desde o início? Bem, Catcher Bell é o seu “alguém”. Ele vai quebrar ao meio qualquer um que chegar perto de você, e isso tem sido óbvio desde o segundo que ele te conheceu. Não há dúvidas em minha mente que ele esteja incluído, e não há nada que você não possa contar a ele. Bem... — adicionei com um sorriso. — A menos que você se torne uma vampira. Isso provavelmente será uma quebra de acordo.

Mal riu um pouco, meio chorou e secou seu rosto novamente.

— Suponho que não esteja fazendo planos para ser uma vampira, não é?

— Não nesse momento.

— Ótimo. Acho que um vampiro na família já é demais.

— Concordo com isso. É apenas... — pausou, e então começou novamente. — Há muitas decisões na minha vida para negar. Sem contar com aquele Chanel de ótima qualidade que vimos na loja de consignação na Divisão. Sem ver Buffy até a terceira temporada. Coisas menores, mas você sabe o que eu quis dizer. — ela balançou a cabeça. — Mas isso. Ser identificada como uma feiticeira, concordando em ir adiante com essas coisas, aceitando parte das coisas, eu não sei. Talvez eu devesse apenas ignorar isso tudo. Continuar com o andar da carruagem e ignorando os vampiros e os feiticeiros e Ethan tocando meu cabelo. Quero dizer, quem faz isso? Quem pega no cabelo de alguém e pronuncia que eles têm magia?

— Darth Sullivan.

— Darth maldito Sullivan. — ela riu um pouco, então apoiou sua cabeça em meu ombro. — Você não desejou apenas que pudesse fugir disso tudo? Rebobinar sua vida ao dia antes de se tornar super naturalmente influenciada e capturar um Amtrak¹⁴ para fora da cidade?

Sorri um pouco, pensando no que Ethan poderia dizer. — O pensamento me ocorreu.

— Tudo bem. — disse, pondo suas palmas na mesa e suspirando. — Está na hora de uma conversa animada. 1, 2, 3 e já.

¹⁴ Amtrak: carro militar anfibio.

Era minha dica para chamar um adulto para nadar na piscina da misericórdia expulsá-la de lá, e então oferecer uma pequena motivação mágica particular.

— Mallory Carmichael, você é uma feiticeira. Você pode não gostar disso, mas é um fato. Você tem um dom, e você não vai sentar perto de uma bebida de café Goodwin de 99 centímetros porque você se preocupa sobre suas tarefas. Você é uma feiticeira, mas não é um robô. Se você tem preocupações sobre o seu trabalho, converse com alguém sobre isso. Se você pensa que poderá falhar no teste, então pare de tentar fazer isso. Quebre a corrente do comando se for necessário. Você tem consciência, e você sabe como usá-la.

Nós ficamos quietas por um momento, até seu decisivo aceno.

— Era isso que eu precisava.

— É por isso que você me ama.

— Bem, isso e nós usamos o mesmo número de sapato.

Ela rodou em seu assento e puxou o joelho. Seu pé, agora escorado no assento, estava confortável em um par verde limão da edição limitada da Puma..., um dos pares que eu deixei na casa da Mal quando me mudei para Cadogan.

— Esses são...

— É que eles são *tão* aconchegantes.

— Mallory Delancey Carmichael.

— Ei, o Festival de Rua é nesse fim de semana. — disse de repente. — Talvez possamos ir e comer alguma carne no espeto.

Festival de Rua era uma festa animada de comidas que indicava o final do verão. Restaurantes e fornecedores levantavam suas tendas brancas em Grant Park para vender pelas ruas suas mercadorias e comemorar o final do calor de Agosto e absorver o vapor da umidade. Normalmente, eu era uma grande fã. Fornecendo uma amostra de Chicago enquanto escutava música ao vivo não era exatamente uma forma ruim de gastar uma noite.

Por outro lado. — Você está tentando me distrair com carne assada?

Ela piscou.

— Sério Mallory. Esses sapatos eram de edição limitada. Você se lembra de quanto tempo eu tentei encontrá-los? Nós ficamos procurando na Web, por mais ou menos, três semanas.

— Crise epistemológica aqui, Mer. Sério. Um não pode pisar alegremente em

uma imitação barata quando um está preso em uma crise.

Suspirei, sabendo que havia sido derrotada.

Quando nos despedimos, não parecia que tinha passado 2 horas. Ela precisou de mais 20 minutos antes que estivesse pronta para retornar à sua vida, para as Chaves e magia e Catcher. Ela decidiu chegar mais cedo em seu practicum, e ao invés de ir ela ligou para Catcher e isso foi bobo e doce o suficiente para o meu sangue adoçar.

Mas mesmo repugnante, ela estava sorrindo ao final da ligação, então tive que apoiar Catcher. Nós trocamos abraços no estacionamento, e mandei-a para casa em Wicker Part e para os esperançosos braços de um feiticeiro de olhos verdes.

Seja o que for, funcionou.

Irônico eu acho, que eu estivesse voltando para a casa de um vampiro de olhos verdes, embora definitivamente não, para sua decepção, para seus braços esperançosos.

Estava próxima ao território vampiro quando meu telefone voltou a tocar.

— Merit. — respondi.

— Alguma coisa está acontecendo essa noite. — Jonah disse.

— Uma rave?

— Devemos começar nessa direção. Mas se essas coisas são realmente violentas como você tem ouvido...

Ele não precisava terminar a frase, infelizmente. Essa complicação era óbvia e ruim.

— Como você descobriu?

— Mensagem de texto. Mensagem em grupo, igual os outros.

— E dessa vez chegaremos cedo o suficiente? — desejei em voz alta.

— Dessa vez tivemos sorte e encontramos o telefone. Alguém o deixou na casa dos Benson's.

— Benson's, do outro lado da Rua de Wrigley Field Benson's?

— Sim. É o bar Grey House.

Um dos vários bares que ficam em volta do estádio que tinha instalado arquibancadas em sua cobertura, Benson's era, na minha opinião, o melhor ponto

da cidade em ter uma vista do Wrigley Field sem comprar ingresso.

— Créditos para esse aí. Eu gastei várias agradáveis noites no Benson's.

— E então você estava em companhia de vampiros antes de você, ter pelo menos uma noção deles. Que irônico.

Eu não podia ajudar, mas eu ri. Ele deve ser pretensioso, mas Jonah aparentemente tinha um senso de humor, também.

— De qualquer forma, eu tenho o telefone no meu escritório, e nós não pensamos muito sobre isso até recebermos a mensagem. Mesmo formato, mesma mensagem dos outros.

— O telefone é útil? Você pode rastrear o número ou alguma coisa assim?

— O telefone estava disponível, e não esteve sendo usado por muito tempo. As despesas de ligações foram todas para negócios para que não fossem rastreados os números dos clientes. A única aproximação foi à mensagem. Nós ligamos para o número de volta, e já havia sido desligado. Nós não fomos capazes de encontrar qualquer outra informação.

Ah, mas eles não tinham Jeff Christopher.

— Você poderia me passar o número? Tenho um amigo com algumas habilidades com computadores. Não vai doer se ele der uma olhada.

Jonah me passou o número, alcancei um envelope e uma caneta do porta luvas e escrevi, fazendo uma nota mental para enviar isso para Jeff mais tarde.

— Então, onde é a rave?

— Em uma cobertura em Streeterville.

Streeterville ficava no centro de Chicago. Vários arranha-céus, montanhas de dinheiro, e muitos turistas.

— Eu não estou doida com a ideia de uma rave com vampiros em Streeterville.

— Embora isso iria dar um bom título de filme de terror. *"Vampiros em Streeterville"*, eu quero dizer.

Uma segunda piada em questão de minutos. — Estou feliz de saber que você tem senso de humor.

— Eu sou um vampiro, não um zumbi.

— Bom saber.

— Se você estiver dentro, encontre-me na torre de água. Duas da manhã.

Chequei o relógio do painel, era quase meia-noite, o que me deu tempo suficiente para voltar para a Casa, trocar de roupas, sair novamente. — Eu estarei lá. — garanti a ele. — Sobre as armas, o que devo levar? Espada ou adagas escondidas.

— Estou surpreso com você, Sentinela. Vampiros geralmente não usam lâminas ocultas.

Ele estava certo. Lâminas ocultas eram consideradas uma forma desonrosa de lutar. Eu ouvi a pergunta com sua voz: *Você é uma guerreira honrada?*

De certa forma, carregar uma lâmina oculta não passava no teste de faro que eu justamente acabei de dizer a Mallory para usar, mas o que eu poderia fazer?

— A proibição das lâminas ocultas foi feita antes que Celina ficasse descontrolada e decidisse nos revelar para o mundo. Eu posso lutar sem aço se necessário, mas prefiro ter reforço. — eu acho que comprovei esse ponto muito bem ontem à noite. Em pensar que apenas há alguns meses atrás, eu havia sido uma aluna graduada em Literatura Inglesa. Vai entender.

— Bem colocado.

Um pensamento me ocorreu. — Eu não posso dizer a Ethan que estou visitando a rave sozinha, e eu com certeza não posso dizer que estou indo com você se você quer manter sua identidade da sociedade secreta.

— Talvez você deva substituir Noah na versão que você disser a Ethan.

Desde que Noah era de fato o líder dos vampiros Rogues de Chicago, isso fazia sentido. Certamente, eu ainda iria mentir para Ethan. Eu não estava louca com essa ideia, mas não era justo depender de Jonah e seus informantes e então revelar sua identidade da sociedade.

— Provavelmente é uma boa ideia. — conclui.

— Eu vou ligar para Noah para informá-lo. Eu te verei a noite. Ligue-me se precisar de algo.

Eu fiz minhas rápidas despedidas, sinceramente na esperança de que eu pudesse fazer isso pelas próximas horas antes de encontrar Jonah sem precisar ligar para ele por ajuda.

Claro, mesmo que se eu não ligasse para um vampiro pedindo ajuda, eu ainda precisaria pedir para um vampiro por permissão.

O caminhão de comida havia partido quando retornei para a Casa, e os humanos pareciam cansados novamente. Ethan provavelmente não contava com o segundo benefício desse caminhão - a sonolência de comida pós-carne quente.

Caminhei entre os protestantes com um sorriso amigável e acenos; então caminhei para a Casa e conduzi para o escritório do Ethan no primeiro andar. Encontrei a porta aberta, o escritório zumbia com atividade.

Helen, o contato com vampiros novatos da Casa, estava no meio do aposento, fichário cor de rosa em sua mão, dirigindo a multidão com novos móveis para dentro do escritório do Ethan. A sala tinha sido quase totalmente evacuada depois do ataque, a maior parte dos móveis reduzidos a palitos de fósforo. Mas isso tinha sido consertado pelos homens e mulheres aparentemente vampiros, que deram a Tate a política de homens livres na Casa, quem estava carregando as peças da nova gigante mesa de conferência.

Outro vampiro que eu não reconheci caminhou rapidamente por perto, oferecendo sugestões para os carregadores sobre a posição dos móveis. Desde que ela vestia um terno áspero cor de rosa que combinava exatamente com Helen, presumi que ela era assistente de Helen.

Ethan estava sentado atrás de sua nova mesa, sua cadeira empurrada para trás, um tornozelo cruzado sobre um joelho, seu olhar em Helen. Ele os observou trabalhando com uma mistura de divertimento e irritação em sua expressão.

Eu explorei o lugar e notei uma grande quantidade de papéis brilhosos espalhados em sua mesa, catálogos de decoração de casa, menu com serviços de bufê, projetos de iluminação.

— O que está havendo?

— Estamos nos preparando.

Mãos nas minhas costas, olhei para baixo para um dos menus de serviços de bufê.

— Para uma festa de formatura? Deixe-me adivinhar, *“Uma noite sob as estrelas”* é o seu tema.

Ethan me encarou, uma linha entre seus olhos.

— Para uma vinda iminente de Darius West.

Aquilo me confundiu. Darius West era o líder do Presídio de Greenwich. Desde que GP ficava perto de Londres, não poderia imaginar que a chegada de Darius anunciava alguma coisa boa.

Isso acabou de me convencer de que Ethan não se juntaria a mim e Jonah na

rave esta noite. Darius deu-me uma desculpa perfeita para manter Jonah dentro do armário.

Mas isso não significava que eu não perderia a chance de cutucar Ethan. — Ainda tem outra visita surpresa na Casa Cadogan?

Ele manteve sua voz baixa. — Assim como nós discutimos a visita de Lacey não é uma surpresa, embora seja um tanto acelerado. — ele olhou para mim. — E assim como também foi discutido, você é a única por quem eu me interessou.

Eu não estava animada para essa conversa em uma sala vazia, muito menos com uma sala cheia de vampiros, então mudei o assunto. — Quando nosso estimado líder virá para cá?

— Evidentemente em duas horas.

Pisquei chocada que Ethan não iria me dar nenhuma notícia avançada sobre a chegada do homem que tínhamos que chamar de Sire. — E você só me diz isso agora?

Ethan molhou os lábios, irritação cruzando em sua face. — Darius aparentemente acredita que seria melhor que sua visita na Casa fosse de forma natural, por assim dizer. Sem aviso quer dizer sem tempo para fingir condições na Casa, ou algumas preocupações. Ele quer nos ver em nosso típico meio ambiente.

— Sendo o Knuckle Draggers que normalmente somos?

Ele sorriu de forma tênue. — Como você diz. Ele está num avião, embarcou perto do pôr do sol, e estará aqui relativamente logo. Helen está preparando uma refeição noturna. Há algumas..., tradições que devem ser seguidas.

— Sacrifício de virgens?

— O melhor alimento, a base de milho e carne de vaca do meio oeste. Em abundante quantia para Darius e sua companhia.

Essa palavra apertou meu estômago. — Quando você diz companhia...

— Não inclui Celina. Ele não vai trazer qualquer um dos membros da GP, apenas sua equipe usual de viagem. Ele já tem homens em Chicago. Eles ficarão no Trump.

— Estou surpresa que eles não vão ficar aqui se ele quer manter os olhos nas coisas.

Ele zombou. — O maior quarto que temos disponível é a suíte do consorte, e o gosto de Darius corre para algo maior e mais refinado.

Não desenvolvi muito respeito pela GP em relativamente alguns meses em

que virei vampira; essa informação não estava ajudando com a minha impressão por Darius West tão pouco.

Agora que ele havia explicado as manobras dos móveis, era hora de dar a Ethan uma dose de divertidas novidades. Gesticulei em direção a Helen e seus ajudantes. — Posso conversar com você em particular?

— Para discutir?

— Negócios da Casa.

Ele olhou para cima, encontrando meu olhar por um momento enquanto avaliava meu pedido. — Helen. — seus olhos ainda nos meus. — Poderia nos dar um momento?

— Claro. — com um sorriso ela fechou seu fichário. Com um giro de sua mão, ela gesticulou para seus assistentes e os carregadores.

— Vá em frente. — ele disse quando a porta do escritório havia se fechado.

— Primeiro sobre negócios, meu pai quer envolver você em algum tipo de investimento. Se sinta livre para ligar para ele ou não; eu apenas prometi que iria falar com você a respeito disso.

Ethan rolou os olhos. — Isso explica o divertido otimismo dele em Creeley Creek.

— Exatamente o que pensei. Quanto aos outros negócios de Creeley Creek, visitei o escritório de Ombud. Eles não ouviram nada sobre os episódios violentos. — endureci minha vontade e ofereci a mentira que havia preparado. — Desde que tinha suspeitas que as raves eram comandadas por Rogues, eu chamei Noah.

Ethan pausou, provavelmente debatendo se o problema era digno para me censurar por fazer uma ligação para o líder dos vampiros Rogues sem sua permissão. Mas depois de um tempo, ele demonstrou piedade. — Bem pensado.

Era uma mentira, é o que era. E não sentou muito bem em meu estômago ou coração. Mas tinha que ser feito.

— Ele ligou alguns minutos atrás. Ele recebeu uma mensagem que dizia a hora e o lugar para o tipo de evento de hoje à noite.

— Uma rave?

Encolhi os ombros. — Ele não sabe. Ele apenas recebeu a hora e o lugar. Alguma cobertura alugada em Streeterville. Duas da manhã.

Ethan empurrou de volta as mangas da camisa e olhou para baixo para seu relógio. — Não há muito tempo. E Darius está vindo, eu não posso ir, e não posso

ceder alguns guardas.

— Eu sei. Noah se voluntariou para ir comigo.

Ethan me observou por alguns minutos. Nós normalmente, em circunstâncias, concluimos nossas várias aventuras juntos. Essa seria a primeira para mim, uma aventura com outro vampiro.

— Não estou animado sobre essa ideia.

— Se a informação de Tate estiver correta, estamos procurando por algo grande e asqueroso nas raves, talvez essas raves estejam envolvidas em algo. Nós precisamos descobrir. Se não, você usará uma roupa de paraquedista laranja.

— Eu sei. — ele pegou um lápis preto e deu uma batidinha sem pensar na mesa antes de olhar para mim com olhos esverdeados translúcidos. — Você terá cuidado?

— Eu não tenho interesse em terminar isso do lado errado de uma estaca de Aspen¹⁵. — eu prometi. — E, além disso, eu fiz dois juramentos de servir sua Casa. Não seria exatamente autêntico de minha parte se eu fugisse só por ter medo.

Sua expressão se amaciou simpaticamente. — Você está?

— Eu prefiro evitar violência.

— Eu conheço o sentimento.

Com a repentina batida na porta, nós dois olhamos. Dois vampiros, desacompanhados por Helen, parados na entrada, dividindo o peso de um sólido pedestal de mármore.

Olhei para Ethan, sobancelha elevada.

— Pertenceu a Peter Cadogan. — falou secamente. — Estava no armazém, mas Helen achou que iria acrescentar um tipo de inspiração para a sala.

— Longe de mim, negar.

— Podemos entrar com isso? — um dos vampiros perguntou.

Ethan acenou para eles entrarem. — Mas é claro. Obrigado. — enquanto se apressavam mármore em mãos, ele olhou de volta pra mim. — Boa sorte essa noite. Relate-me quando você retornar.

Com isso, ele olhou para baixo para seus papéis, desviando-me de seu escritório.

¹⁵ Aspen: tipo de árvore.

Levou um momento para dar a volta e me deslizar para a porta novamente. Não era como se esperasse uma despedida chorosa, mas de fato nos tornamos parceiros. Eu podia entender sua reserva para falar sobre as raves em frente a outros vampiros, mas algumas palavras de sabedoria não teriam sido ruim. Eu deveria ter sido um soldado, mas eu ainda era uma novata..., e mesmo que soldados vampiros fossem ocasionalmente amedrontados.

Por mais que eu amasse o casual, e por mais enevoadado que Agosto tenha sido até agora, eu sabia que jeans e top de algodão não iriam ter sucesso essa noite. Nós estávamos conduzindo para a rave. Da melhor maneira, iria ser uma festa para vampiros, e eu precisava olhar a região, da pior forma, iria ser uma batalha de vampiros, e eu iria precisar de proteção.

Não, hoje era noite para couro. Bem, calças de couro, pelo menos, desde que fazia muito calor com o conjunto completo.

Eu sei estereótipo vampírico. Eu tinha esse pensamento toda vez que eu tirava o couro do meu armário. Mas se você perguntar para qualquer motociclista de Harley que experimentou estrada imprudentemente ele irá explicar porque ele usa couro. Porque *funciona*. Aço pode retalhar, e balas podem penetrar. Couro faz com que essas coisas sejam um pouco mais difíceis de atravessar.

Puxei um longo, delicado, top cinza do armário e uni com as calças de couro, então puxei meu cabelo em um alto rabo de cavalo, deixando uma franja em minha testa. Eu pulei o amuleto de Cadogan, eu estava tentando sair em segredo, apesar de tudo, mas coloquei um longo colar feito com tranças de contas coloridas peltre por cima do top. Com minhas botas pretas, o visual parecia metade pista de decolagem, metade garota festeira. Não parecia como um soldado vampiro, o qual imaginei que iria ajudar. Elemento surpresa, e tudo o mais.

Deslizei minha adaga, firmado em uma extremidade de minha posição, em minha bota direita, então preendi meu celular e bipe em uma pequena e apertada bolsa. Eu não iria levar a bolsa ou o bipe para o evento, mas pelo menos e não iria precisar carregar um punhado de aparelhos para o carro. Juntos, eles não eram exatamente ergonômicos.

Apenas adicionei blush e gloss para os lábios quando houve uma batida na porta. Luc, presumi enviado por Ethan para uma sessão de estratégia de último minuto.

— Bem a tempo. — disse, abrindo a porta.

Olhos esverdeados me encararam de volta. Ethan não havia enviado Luc, ele veio por si só. Ele examinou minha roupa. — Encontro noturno?

— Estou tentando me ajustar com o resto dos convidados. — lembrei-o.

— Entendo. Você pegou armas?

— Uma adaga em minha bota. Mais alguma coisa seria muito óbvio.

A emoção estava clara em seus olhos, mas eu precisava estar concentrada. Mantive minha voz neutra, minhas palavras cuidadosas.

— Estarei a salvo. E Noah será meu apoio.

Ethan acenou. — Eu atualizei Luc. Os guardas estão em prontidão. Se você ligar, eles virão correndo imediatamente. Se precisar de qualquer coisa, você liga para um deles. Se qualquer coisa der errado com você...

— Eu sou imortal. — o interrompi, lembrando-o do relógio biológico que havia parado de marcar. — E eu não tenho interesse em tomar liberdade com minha imortalidade.

Ele acenou pesar em seus olhos. Esse olhar o deixava parecendo que estava procurando uma discussão entre dois amantes, não entre chefe e empregado. Talvez ele tivesse sentimentos por mim. Sentimentos verdadeiros, atados à obrigação e posição. Mas mesmo que eu estivesse interessada em seguir essa liderança, agora não era o momento. Eu tinha uma tarefa a executar.

Mas antes que eu pudesse lembrá-lo disso e mandá-lo para seu caminho, ele encaixou meu rosto em suas mãos.

— Você terá cuidado. — era uma ordem que quebrava qualquer argumento. Isso era conveniente, desde que as palavras me faltaram.

— Você terá cuidado. — ele repetiu. — E você manterá contato comigo, Luc, ou Catcher. Darius estará aqui, então Malik e eu, estaremos indisponíveis. Entre em contato com quem você puder. Não tome riscos desnecessários.

— Eu prometo que não estava planejando isso. Não porque você me pediu para não fazer. — adicionei apressadamente. — Mas porque gosto de estar viva.

Ele claramente não estava convencido, e acariciou a linha da minha mandíbula com o dedo. — Você pode fugir. Você pode continuar fugindo até os confins da Terra. Mas eu não estarei muito atrás de você.

— Ethan...

— Não. Eu nunca estarei muito longe de você. — ele inclinou meu queixo para que eu não pudesse fazer nada além de olhar para seus olhos. — Faça as coisas que tem que fazer. Aprenda a ser um vampiro, ser um guerreiro, ser o soldado que você é capaz de ser. Mas considere a possibilidade que eu cometi um erro e eu me arrependo, e vou continuar a lamentar por esse erro e tentar convencer você a me dar outra chance até que a Terra pare de girar.

Ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios em minha testa, meu coração se derretendo mesmo que meu mais racional lado abrigou suspeita.

— Ninguém disse que o amor é fácil, Sentinela.

E então ele se foi e eu estava com a porta fechada novamente, deixando-me parada lá, chocada, olhando-a.

O que eu deveria fazer com isso?

Capítulo 7

Mais que humano.

A Chicago Water Tower¹⁶ parecia o topo de um bolo de casamento no meio da Magnificent Mile¹⁷. Tinha sobrevivido ao Grande Incêndio, e agora servia como símbolo da cidade – e plano de fundo para fotografias de turistas.

Jonah estava encostado contra o corrimão de pedra, ao lado dos degraus dentro do prédio, em jeans sofisticados e uma camisa prateada, seu olhar no telefone em suas mãos. Seu cabelo estava solto ao redor de um rosto que poderia ter sido esculpido pelo próprio Michelangelo – se Michelangelo tivesse esculpido um homem que parecia um deus Irlandês. Maços do rosto perfeitas, nariz reto, maxilar quadrado, e longos olhos azuis amendoados emoldurados por mechas do seu cabelo ruivo.

Sim, Jonah era muito bonito, mesmo tento uma expressão séria que marcava seu rosto quando ele olhou para cima. Ele enfiou o telefone em um bolso e se aproximou. Eu o observei me avaliar, absorvendo o couro e pensando se eu seria uma ajuda ou um obstáculo nessa aventura particular.

— Você está adiantada. — ele disse.

Eu me lembrei de escolher minhas batalhas. — Prefiro adiantada do que atrasada. Pensei que poderíamos querer discutir estratégia antes de entrarmos.

Ele apontou abaixo da Avenida Michigan, em direção ao rio.

— Vamos andar e conversar.

E então começamos a descer a Avenida Michigan, dois vampiros altos e bem vestidos, provavelmente parecendo que estavam em um encontro, e não planejando uma infiltração em uma orgia de vampiros. E nós parecíamos normais o bastante, aparentemente, já que ninguém nos identificou como vampiros. Ah, os benefícios da noite.

— Quantos vamps? — eu perguntei a ele.

¹⁶ Chicago Water Tower - <http://goo.gl/Xc3PG>

¹⁷ Magnificent Mile é uma área de Chicago, com grande movimentação, principalmente à noite.

— Eu não sei. Raves são encontros muito íntimos, então se isso é uma Rave, não muitos.

— Se você achou o telefone com o convite no Benson's, você está achando que era de um vamp da Casa Grey?

Jonah me olhou furiosamente. — Eu espero; pelo bem dos vamps da Casa Grey, que não seja. Mas como você disse, o bar tem uma política de portas abertas, e nós normalmente mantemos em segredo a filiação com a Casa. Então pode ter pertencido a qualquer um.

Eu assenti. — Você sempre esteve na Casa Grey?

— Não. Eu nasci Rogue. Cresci em uma parte dura de Kansas City. Não é o lugar mais fácil de viver. Eu quase não consegui sair. E então Max veio.

— Foi ele quem te tornou um vampiro?

— Foi ele. Ele me ajudou a escapar de uma má situação. Bem se entendermos políticas e dramas vamps como uma saída.

— Eu posso me identificar.

— Eu achei que sim. Sem ofensa, mas Sullivan é o mais político possível.

Eu ri em voz alta. — Nunca foram ditas palavras mais verdadeiras. Ele é um bom Mestre. Importa-se profundamente com sua Casa. — *e com a exclusão de todo o resto*, eu silenciosamente adicionei.

— E vocês dois?

Eu cortei a pergunta. A maioria dos vamps de Cadogan sabia que Ethan e eu tínhamos passado uma noite juntos, então não foi uma grande surpresa que Jonah, membro de um grupo de espionagem, soubesse também. Mas mesmo apreciando que ele estivesse me dando à oportunidade de esclarecer a situação, me irritava o fato de ele assumir que eu era um obstáculo, emocionalmente ou de outro jeito. Começar do zero teria sido legal.

— Nós não estamos juntos. — eu o assegurei.

— Só checando. Eu gosto de ter um aviso sobre possíveis complicações que podem entrar no meu caminho.

— Nenhum nesse assunto. — eu o assegurei. Para o desapontamento do Ethan.

Nós nos separamos quando um bando de adolescentes desceu a Avenida Michigan. Era duas da manhã, e as lojas estavam fechadas há muito tempo, mas também era uma noite de verão, e as aulas ainda não tinham começado. Eu acho

que andar pela Avenida Michigan era uma atividade relativamente segura se você fosse um adolescente com muito tempo livre em suas mãos.

— De qualquer modo, Max era um vampiro com poder de um Mestre, mas sem Casa. O GP considerou-o instável e não o daria um título oficial. Eles estavam certos sobre a instabilidade. O que eu acho? Max era bipolar quando humano, e tornar-se um vampiro não ajudou.

— Não poderia ser uma boa ideia tê-lo solto em Kansas City sem vigilância.

— E esse era exatamente o problema. O GP não achou que ele era equilibrado o bastante para uma Casa, mas isso só significava que um psicopata de ego alto estava por aí, criando um vamp atrás do outro. A criação da Casa Murphy foi uma maneira do GP controlar os Rogues e Max. Eles deram a Casa ao Rich e nos governaram em alguma provisão antiga do *Canon*.

— Como você acabou em Chicago?

— Eu fui transferido para Grey quando Scott virou Mestre. Cada nova Casa tem o direito de roubar alguns Novatos dos outros para ajudar a encher a Casa. Eles podem iniciar novos vamps também, obviamente, mas a troca dá a eles um começo.

— Você está preocupado que alguém na festa possa te reconhecer? Quero dizer, você já está aqui por algum tempo, e se alguém lá for da Casa Grey...

— Se alguém for da Casa Grey, eles vão pensar que eu estou lá para achá-los, impor as regras da Casa, e arrastá-los de volta à racionalidade – bem antes de eu chutar seus traseiros. A Casa Grey não é a Casa Navarre. Nós podemos gostar de esportes, mas nós respeitamos autoridade. Nós somos um time – uma unidade. Existe uma cadeia clara de autoridade, e nós a seguimos.

— E Scott é o treinador?

— E o general. — ele concordou.

Mesmo isso sendo teoricamente verdade, eu pensei, Jonah ainda era membro de uma organização cuja missão era secretamente policiar os Mestres. Isso não se encaixava muito bem na analogia Scott-é-meu-general.

— De qualquer modo, sem preocupações do meu lado. — Jonah concluiu.

Nós passamos por uma linha de turistas sobrecarregados com sobras de restaurante e sacolas de compras. Eles pareciam exaustos, como se já tivesse passado da hora de retornarem para o hotel.

— Eu nunca estive em uma rave verdadeira antes. — eu disse depois de passarmos por eles. Eu olhei para ele. — Você já?

— Perto de uma, mas não entrei.

— Eu estou nervosa. — eu confessei.

— Eu não tenho objeção a nervosismo antes de uma operação. — Jonah disse. — Ele te mantém focada. De pés no chão. Contanto que você não congele – e pelo o que eu ouvi sobre o ataque em Cadogan, você não vai congelar.

— Eu fui bem até agora.

— Até agora conta. — ele parou no semáforo e apontou para a esquerda. — Nós atravessamos ali, e depois subimos alguns quarteirões.

Quando o semáforo abriu, nós atravessamos a rua e fomos para o leste, alguns blocos longe de Michigan.

— É aqui. — Jonah disse.

Isso era..., definitivamente alguma coisa. O prédio parecia uma lança negra arremessada à margem do Chicago River – pelo menos os três ou quatro andares mais altos. Eles ainda estavam sobconstrução, suas estruturas esqueléticas enroladas em plástico obscuro.

Um sinal em uma placa de madeira anunciava que o edifício era a futura casa de uma companhia financeira.

— *Com vampiros assim.* — eu pensei. — *Quem precisa de inimigos?*

— Hoje. — Jonah disse. — Nós estamos bancando os convidados. Aja como se você pertencesse aqui. — ele puxou a porta rotatória do prédio. Quando eu segui, Jonah sorriu para o homem atrás da mesa de segurança e foi até lá, como se ele pertencesse a uma festa de vampiros na cobertura.

— Nós estamos aqui para a, hm, batedeira. — Jonah disse casualmente.

— Código de segurança? — o guarda perguntou.

Jonah sorriu. — Tentadora.

Por um segundo, eu pensei que ele tinha errado. O guarda olhou para Jonah, então para mim, antes de aparentemente decidir que nós estávamos no prédio por razões legítimas, gesticulou em direção ao elevador. — Cobertura. Fique longe da beirada. É uma queda feia.

Jonah andou em direção ao elevador e apertou o botão. Quando a cabine chegou, nós entramos.

— Você está pronta para isso? — ele perguntou quando a porta fechou.

— Eu não tenho certeza absoluta.

— Você pode fazer isso. Apenas se lembre, se isso for uma rave, nosso objetivo não é fechá-la hoje. Nós entramos, e descobrimos o que o Sr. Jackson pode ter visto. Nós identificamos criminosos, simpatizantes, o que pudermos. Um passo a frente é bom o bastante para nossos propósitos.

— Isso soa razoável o bastante.

— A GV é uma organização muito razoável.

— Não que isso importe hoje. — eu apontei.

— A GV sempre importa. Nosso bem-estar sempre importa.

A intensidade em sua voz me fez perguntar. — Isso é um teste? Um processo seletivo da GV?

O elevador chegou à cobertura, e uma voz feminina anunciou — *Suíte de cobertura*. Assim que as portas abriram com um *shush*.

— É só uma coincidência. — Jonah finalmente respondeu, colocando uma mão na minha cintura. — Vamos.

Eu assenti, e nós saímos do elevador.

Chamar o lugar de cobertura era um exagero. Um dia pode chegar lá. Mas hoje, era um lugar de construção.

O espaço em si era enorme, um retângulo quase totalmente vazio com o centro cheio de vigas de metal, que eu assumi que marcavam os lugares onde as paredes internas eventualmente seriam construídas. O quarto em si era escuro, iluminado por algumas luzes de construção penduradas e o brilho fraco da cidade iluminada através do plástico que cobria as paredes externas. O chão era de concreto e estava marcado por escombros de construções, e caixas de materiais estavam espalhas pelo quarto.

No total, o efeito era bizarro, como o lugar em um filme de terror, onde dois amantes se esgueiram para dar um amasso – bem antes de o assassino irromper pelas paredes, com a faca na mão.

Eu não vi humanos, mas alguns vampiros estavam agrupados pelo espaço, suas roupas variando de alta costura para casual, de Jimmy Choo¹⁸ para flanela de bazar. Com esse tanto de vamps, era improvável que todos fossem Vampiros Rebeldes sem conexão com uma Casa.

— Você vê alguém que reconhece? — eu perguntei a Jonah, procurando na multidão algum sinal de afiliação com uma Casa – pingentes dourados em correntes para vamps de Navarre ou Cadogan, suéteres para vamps da Casa Grey.

¹⁸ Loja de grife.

Mas eu não reconheci nenhum vamp de Cadogan, e eu não vi nada que me desse alguma dica de onde eles poderiam ter vindo.

— Ninguém. — ele disse distraidamente.

A mistura misteriosa de vamps se agitou quando o lamentoso som de guitarra de Rob Zombie, *"More human than human"*, tocou pelo ar, que estava espesso com magia. Uma névoa de magia, muito potente, que imediatamente levantou arrepios nos meus braços.

— Magia. — eu murmurei.

Os dedos dele apertaram na minha cintura. — Um monte de magia. Um monte de glamour. Você vai sucumbir?

Eu podia sentir os tentáculos do glamour se movendo ao redor de mim, me sentindo, tentando penetrar em minhas defesas. Eu havia sido testada por magia antes – a primeira vez que conheci Celina, quando ela me cobriu de magia para sentir meu poder.

Mas mesmo com Celina, eu não tinha sentido tamanha quantidade em um só lugar. Eu me concentrei e me forcei a respirar através da magia, a relaxar e deixá-la fluir como quisesse. Normalmente resistência só tornava o glamour mais difícil de resistir, como se apreciasse o desafio de te derrubar.

Mas eu não achei que esse glamour estava tentando me convencer de alguma coisa. Eu não senti nenhum vampiro tentando me fazer acreditar que eles eram mais espertos, bonitos, ou fortes do que realmente eram, ou a me soltar. Talvez essa fosse somente uma onda de magia proveniente de um monte de vampiros. Adicione isso ao baixo e à guitarra picante, e você tem uma receita de enxaqueca.

Eu mexi meus ombros e imaginei a magia rolando por mim como uma onda da Costa do Golfo. Como ela fluiu e descobriu que eu não ofereci um jogo para ser ganho, a onda passou direto. O ar ainda formigava com magia, mas eu podia me mover através dele, em vez do contrário.

— Eu vou ficar bem. — eu disse quietamente a Jonah, meus braços e pernas formigando.

— Você tem resistência. — ele disse, olhando para mim com apreciação nos olhos.

— Eu não posso fazer glamour. — eu confessei. — Resistência é um dom que ganhei. Mas esse sentimento, esse quarto, ainda é errado. Ainda é estranho.

— Eu sei.

Eu me forcei a desembuchar a conexão que já tinha sido feita. — Celina pode trabalhar esse tipo de magia. Talvez não nessa quantidade, mas parece ela. O jeito que ela olha dentro de você.

— Bom pensamento. Vamos torcer para não esbarrarmos nela, também. — ele soltou o aperto na minha cintura, mas entrelaçou seus dedos com os meus. — Até descobrirmos, fique perto.

— Eu estou bem ao seu lado. — eu assegurei a ele.

Ele assentiu, e me guiou através da multidão.

Um vampiro ou dois encararam enquanto andávamos, mas a maioria nos ignorou. Eles falavam entre si mesmos – suas palavras inaudíveis, mas seus gestos tornando clara a emoção em seus olhos. Eles estavam prontos e esperando alguma coisa começar. Era magia antecipatória.

Quando passávamos por um grupo, o vamp mais perto de nós levantou sua cabeça para olhar. Suas presas haviam descido e suas íris estavam prateadas, suas pupilas reduzidas, mesmo na iluminação mal humorada.

Seu lábio superior se levantou, mas outro vamp perto dele puxou-o de volta para qualquer que fosse a briga que estivessem tendo.

— Eu tenho que admitir, isso não é exatamente o que eu esperava.

Eu olhei ao redor e percebi que o plástico tinha sido puxado em um canto do quarto, e a abertura levava a uma sacada. — Vamos tentar lá fora. — eu sugeri. — Se humanos estão aqui, eles vão querer apreciar a vista.

Jonah concordou e nós manobramos nossa saída. A sacada estava sem mobília, mas cheia de humanos.

Eles estavam espalhados aqui e ali, a maioria mulheres, provavelmente com menos de vinte e cinco anos, mais ou menos. Como os vampiros, as garotas vestiam tudo, de vestidos de festa e salto alto para roupas góticas com saias curtas e botas grandes. Uma garota loira, mais alta e curvilínea que o resto, vestia uma tiara com serpentina branca, e uma faixa de seda rosa atravessando seu peito. Quando a multidão se dispersou, eu pude ver NOIVA escrita na faixa em letras de Glitter. A garota ao lado dela segurava sua mão, ambas sorrindo em antecipação.

O mais indiferente que pudemos, nós andamos até a beirada da sacada, onde um corrimão tinha sido instalado. O lago estava em um lado de nós, a cidade no outro. Jonah deslizou um braço ao redor da minha cintura, e nós continuamos a aparência de dois amantes aproveitando uma conversa pré-derramamento-de-sangue.

— Uma futura noiva procurando uma aventura pré-matrimonial? — eu disse

quietamente.

— Possivelmente. Elas podem estar completamente cientes de onde estão se metendo. Olhe os pulsos.

Eu olhei as garotas de novo. Ao redor dos seus pulsos estava uma faixa de silicone vermelha. — O que é aquilo?

— As faixas marcam-nas como simpatizantes de vampiros. Aquelas que acham que somos escuros e deliciosos.

— *Como chocolate com alto teor de açúcar.* — eu pensei. — Mesmo com o resto da cidade começando a se virar contra nós?

— Aparentemente. Eu apoio o apoio, embora um bracelete de plástico não diga *“aliados políticos permanentes”*. — ele suspirou. — Mas aqui eles estão, e mesmo Scott e Morgan deplorando isso, beber dos humanos não é um pecado.

— Palavras corajosas para um vampiro que não é Cadogan.

Jonah bufou. — Eu suporto a minha declaração. De qualquer jeito, nós esperamos até vermos algo estranho e aí nós entramos.

Eu sorri para ele, e puxei divertidamente uma mecha do seu cabelo ruivo, bancando a parte na qual fui designada. — Funciona para mim.

Ele sorriu, e o efeito foi efetivo o bastante para fazer meu coração duro tropeçar um pouco. — E eu pensando que você seria teimosa e difícil de trabalhar.

Dessa vez, eu dei a ele um beliscão no braço que esperava ser divertido – e não rancoroso. — No caso de você ter esquecido, Ethan Sullivan me treinou. E no caso de você não saber, Catcher Bell me deu aula de luta com espadas. Eu fui criada no *“difícil de trabalhar”*.

Ele riu. — Então você está perdoada.

— Tão generoso.

Ele colocou sua mão no coração como um homem confessando seu amor. — Essa é a natureza do trabalho do GV.

Eu dei a ele uma tapinha na bochecha. — Querido, eu só vou ter que aceitar sua palavra nisso.

Nós ficamos na sacada por um tempo, dedos entrelaçados, ocasionalmente compartilhando sussurros furtivos. Se essa fosse uma rave de verdade, haveria muito menos bateria-e-baixo e colares que brilham no escuro do que eu teria esperado. Mas pílulas e pó ainda eram passados por aí, e havia glamour o suficiente no ar para minha pele tremer, meu pescoço começando a doer com a

movimentação constante para tirar o formigamento peculiar.

Nós ficamos de olho nos humanos, e do nosso poleiro situado a centenas de pés da cidade, nós assistimos a peça tomar forma. Vampiros entravam e circulavam ao redor de humanos, cobrindo-os com álcool e glamour. Os vamps estavam claramente em toque com seus instintos predatórios – e eles agiam com eles. Quando as taças de champagne foram passadas, os humanos foram separados e divididos, e depois acompanhados, um por um, de volta a cobertura. Eles estavam provavelmente inconscientes do fato de estarem sendo atraídos como filhotes de um bando.

Quando um vamp alto de cabelo preto pegou uma das garotas góticas pela mão e a levou de volta pelo plástico, Jonah me cutucou. — Vamos para dentro. Eu vou ficar com ela, ter certeza de que as coisas fiquem somente na superfície. Você fique de olho no resto delas.

— Vou ficar. — eu disse, ignorando a palpitação no meu estômago quando ele beijou minha mão e voltou para o quarto.

Eu o segui, e vou admitir: meus problemas com garotos de lado, eu poderia apreciar o andar de um vampiro da Casa Grey.

Infelizmente, eu estava fazendo exatamente aquilo quando fui cercada.

Capítulo 8

A ARTE DA GUERRA.

Começou com um encontrão, uma mulher obviamente bêbada tropeçando para frente. Nós estávamos dentro da pretensa cobertura de novo quando ela deu um encontrão em mim, me empurrando em cima de dois caras atrás de mim.

Ela olhou penosamente para mim. — Desculpa.

— Sem problemas. — eu disse com um sorriso apertado. Mas quando eu me virei para pedir desculpas para os caras que eu havia tropeçado em cima, eles estavam ainda menos animados.

Ambos eram vampiros, ambos com aparência normal, ambos com camisas de botões e jeans, um levemente mais alto do que o outro. O vampiro mais alto tinha um cabelo escuro, o mais baixo era loiro. Os dois me enquadraram perto o bastante, eu podia sentir o cheiro da colônia barata e do cheiro fraco de sangue que os cercava. Eles haviam tomado sangue recentemente – mas de quem no cômodo?

Eu comecei com educação. — Desculpa. Bateram em mim.

— Sim, bem, veja por onde você está andando, porra.

Tudo bem, um pouco de exagero, mas nós estamos em uma festa com muitas pessoas. Pode ser que já pisaram antes neles e eles estavam de saco cheio da multidão.

Eu sorri levemente. — Com certeza.

O cara loiro agarrou meu cotovelo. — Isso não soa muito como uma desculpa, sabia. Não soa como se você estivesse realmente arrependida por ter empurrado a gente.

Este cara estava falando sério? Eu mal tinha batido nele.

Eu puxei meu braço para longe. — De novo, desculpa. — eu olhei ao redor casualmente, procurando por Jonah ou algum sinal de garotas, mas a multidão parecia ter engrossado, e nenhum deles estava à vista. Pela primeira vez, eu realmente desejei que eu estivesse com o Ethan ao invés do Jonah. Pelo menos com ele eu poderia ter me comunicado telepaticamente.

— Eu não estou gostando da sua atitude. — o cara loiro disse.

— Como? — eu ofereci. — Eu apenas estava tentando sair do seu caminho. — Enquanto eu batia os meus cílios, eu o averiguei, esperando encontrar alguma pista de afiliação a alguma Casa. Mas não havia medalha, nem jaqueta. Sem sorte nessa frente.

— Você sabe a senha? — ele perguntou.

— Hm, mulher sedutora. — eu disse tédio na minha voz. — Eu vou achar o meu namorado. — Eu me virei para me distanciar dos caras e em direção à parte do cômodo que o Jonah havia se encaminhado, mas os vampiros anteciparam o movimento. O de cabelos escuros se moveu para a minha frente, enquanto o loiro assumia o ponto às minhas costas.

— Não é a senha inteira. — murmurou o cara de cabelos escuros.

O outro estreitou o seu olhar. Seus olhos eram do mesmo formato do vampiro que eu havia visto antes – suas pupilas com pontinhas de preto no meio de um mar de prata. Estes caras estavam seriamente vampirados esta noite. Este era um efeito colateral de toda a magia no ar? Os meus olhos estavam assim agora?

— Qual é a outra metade da senha? — ele exigiu.

O meu estômago congelou. Mesmo que a mensagem do Jonah oferecesse o resto da senha, eu não tinha ideia de qual era. Eu imaginei que oferecer a palavra errada apenas iria irritá-los mais. Era hora de blefar, eu optei por fazer o papel da garota festeira.

Eu enrolei um fio de pérolas ao redor do meu dedo e me inclinei para frente. — Vocês não precisam realmente da outra metade da senha de mim, certo? Meu namorado foi aquele que falou com o segurança. Vocês o viram em algum lugar? Cabelo meio ruivo. Bem alto?

— Todos são responsáveis pela senha. — o de cabelos escuros falou. — Se você não sabe você não pertence aqui. — eu esperei até que ele se virasse novamente para mim para que eu pudesse chegar os seus olhos: iguais aos outros dois. Completamente pratas, mas as pupilas estavam constritas como se os vampiros estivessem encarando o sol.

— E eu não te conheço. — confirmou o loiro, sua expressão ficando fria. Que ele não me conhecesse era um pequeno milagre dado às palhaçadas anteriores de primeiras páginas nas revistas. — Eu não gosto de vampiros que eu não conheço.

Eu pisquei. — Talvez você devesse me conhecer. Se o meu namorado aprovar, quer dizer.

Os dois trocaram um olhar, e então cometeram o primeiro erro deles. O vampiro loiro colocou um braço ao redor da minha cintura e me puxou para perto

dele. — Chega de jogos. Você vai vir comigo.

Eu ergui minha voz para um gritinho de menininha. — Oh, meu Deus, *tire* suas mãos de mim!

— Ah, lutar só vai deixar ele mais excitado, luz do sol. — disse o alto.

— Não nessa vida. — eu murmurei, então enfiei o salto da minha bota no pé do cara loiro. Ele gritou uma fileira de xingamentos, mas me largou. Era isso que eu estava esperando. Eu dei um passo para longe, então olhei para o cara de cabelos escuros com olhos de corça.

— Ele me machucou.

— Sim, bem, vai ficar pior. — ele caiu para frente, braços esticados para me alcançar, mas eu não estava prestes a entrar numa briga com algum vampiro socialmente desagradável e bêbado com magia em uma festa que eu estava de penetra. Eu não era, no entanto, orgulhosa demais para manter os meus ataques acima do cinto. Eu coloquei uma mão no ombro dele e dei uma joelhada na virilha dele que o deixou de joelhos.

— Idiota. — eu murmurei, antes de adotar aquele tom agudo de menininha novamente. — E você mantenha suas mãos para você! — eu gritei com um biquinho, antes de dar um passo na direção dele – encolhido no chão, gemendo – e correndo para o anonimato do povo. Eu imaginei que eu tinha um ou dois bons minutos antes que eles apontassem os canos para mim, o que significava que eu precisava encontrar o Jonah e nós precisávamos sair fora. Eu não podia ainda dizer se o Tate ou o Jackson estavam certos sobre a violência, mas alguns destes vampiros eram definitivamente de arrepiar os cabelos – e eu estava na mira deles.

Eu olhei em volta para encontrar algum sinal do meu pretenso parceiro, mas ele não estava em nenhum lugar para ser visto. Ainda mantendo um olhar na garota, provavelmente, mas isso não iria me ajudar. O público engrossou o que era ótimo em termos de me proteger dos bandidos, mas não para encontrar a agulha no palheiro de vampiros.

Eu decidi fazer círculos concêntricos ao redor do espaço. Com cada volta, eu me movia mais para perto do meio.

Eu tinha que encontrar o Jonah alguma hora, e esperançosamente eu também confundiria os caras que pensavam que eu era nada mais do que uma invasora de festas com presas.

Eu fiz o meu caminho até a parede de plástico, que estava encharcada com umidade, e comecei a me mover ao longo dela, olhos abertos para qualquer sinal de Jonah. Eu tinha que virar e balançar no meio da multidão para fazer progresso, mas eu ainda não o via.

O que eu via era vampiros e humanos curtindo a companhia um do outro. Peças aleatórias de móveis haviam sido colocadas aqui e acolá. Vampiros estavam espalhados ao longo dos móveis, e os humanos, agora que estavam no meio da mistura de vampiros, estavam espalhados junto aos vampiros. Eles pareciam mais do que felizes de ser o centro das atenções dos caras de presas.

E eu quis dizer “presas” literalmente. Uns poucos humanos já estavam sendo bebidos – com um vampiro no pulso ou preso à carótida de alguém. Eu trabalhei para bloquear o pico de interesse pelo sangue oferecido – desejando que eu tivesse uma caixa de bebida profilática antes que eu fosse embora – e para lutar com a vontade de balançar os humanos para que eles voltassem com o seu bom senso. Mas as expressões deles justamente gritavam consentimento..., até que eu alcancei um deles que não parecia tão interessado. Eu parei na hora.

Ela estava sentada no chão de concreto, suas costas contra um pino de aço. Seus joelhos estavam erguidos, sua cabeça caída para o lado, olhos piscando lentamente, como se ela estivesse com problemas para se concentrar no mundo ao redor dela.

Glamour. Um monte dele, se o zunido no ar fosse alguma indicação.

Humanos se voluntariando a se envolver no escuro era uma coisa. Mas isso parecia com algo diferente. Algo muito menos consensual.

Ethan havia me dito uma vez que o glamour era sobre reduzir as inibições humanas. Que o humano não faria nada que ele ou ela não quisesse fazer normalmente. Mas não havia nada nos olhos desta garota que falava de prazer..., ou consentimento.

Eu nunca bebi de um humano antes. Claro, eu também nunca havia tido realmente vontade. Minhas experiências recentes com humanos não haviam sido exatamente prazerosas. E esta garota? Suficiente dizer que eu não encontrei nada nem mesmo minimamente interessante, vampiro ou não, sobre morder uma garota que parecia estar drogada além de sua capacidade de consentir o ato.

Eu acho que racionalidade poderia se sobrepor a fome.

Eu me agachei na frente dela e não consegui ver marcas de mordidas visíveis. Mesmo ela podendo ter sido mordida em algum lugar escondido, não havia sangue algum no ar.

— Você está bem? — eu perguntei para ela.

Ela olhou para mim, seus olhos esferas escuras, suas pupilas quase totalmente dilatadas. O oposto dos olhos do vampiro. — Eu estou perfeitamente contente.

Eu estava bem confiante que ela não acreditava nisso realmente. — Eu acho

que é o glamour falando. Você..., eles...

— Se eles beberam o meu sangue, você quer dizer? — ela sorriu um pouco triste. — Não. Eu continuo esperando que eles bebam. Você acha que é porque eu não sou bonita o bastante? — ela estendeu a mão vacilante e tocou a ponta do meu rabo de cavalo. — Você é muito bonita.

Mas então suas mãos caíram, e seus olhos se fecharam agitados. Ela estava pálida. Muito pálida. Eu não estava certa se o glamour era forte o bastante para realmente adoecer um humano, se não era o glamour, e não era perda de sangue, talvez algo havia sido colocado na bebida dela?

Qualquer que fosse a razão, eu precisava tirar ela daqui.

Seus olhos se abriram de novo, só uma fresta embaixo de seus cílios. — Você vai viver para sempre, sabia. Todos os vampiros vão.

— Infelizmente, provavelmente não aqueles que se mete em tantas confusões como eu.

Eu deveria ter batido na madeira depois de ter dito isso, mas pelo menos eu sentia o cheiro de sangue antigo no vampiro atrás de mim antes que ele atacasse.

Eu balbuciei um xingamento silencioso antes de ficar de pé e me virar para ele. Ele era alto e musculoso com cabelo escuro e encaracolado que caía no lado errado e um queixo muito quadrado. Havia sangue no canto de sua boca, e eu estava orgulhosa de dizer que eu não tinha o menor interesse nele.

E seus olhos, totalmente prateados da mesma forma que aqueles vampiros que eu havia visto.

— Você está me roubando, vampira?

— Ela está doente. — eu disse para ele. — Este não é o lugar para ela. Se você quer sangue de humanos, encontre em outro lugar.

Os vampiros ao nosso redor começaram a olhar para nós, seus olhos desviando entre eu e ele como se eles estivessem tentando descobrir de que lado eles ficariam. Ele olhou ao redor para eles, um sorriso persuasivo em seu rosto.

— Ah, nós temos um simpatizante de humanos em nossas mãos? Você sente pena dos pequenos humanos?

Nem tanto arrependida, mas sim compreensiva. Eu sabia o que significava estar bêbada sem o seu consentimento. Com alguma sorte, eu havia sobrevivido ao meu ataque, mas eu não desejaria isso a ninguém mais.

Infelizmente, os vampiros ao meu redor ainda não estavam convencidos.

— Eu sinto pena por aqueles que não estão aqui por vontade própria.

Ele riu profundamente, uma mão pressionada em seu abdômen enquanto ele ria alto. — Você acha que alguns desses humanos não querem estar aqui? Você acha que eles não pagariam para estar aqui conosco? Deixe os humanos nos xingarem. Deixe a imprensa nos chamar de monstros. Nós somos tudo o que eles querem ser. Mais fortes. Mais poderosos. *Eternos*.

Houve murmúrios vagos de concordância no público. Eu aparentemente havia ido do protesto anti vampírico para o pró-vampirismo em questão de horas.

Você sabe o que eu pensei? Eu pensei que as pessoas precisavam parar de se segurar em seus preconceitos cegos e pensar racionalmente. Parar de forçarem a si mesmos no molde de amantes ou inimigos. Alguns vampiros tinham problemas, como esse cara estava demonstrando, e havia vários humanos em Chicago – e alguns deles eleitos – que não eram exatamente um modelo de ideal.

— Já chega. — eu disse. — Chega de falar. Esta garota não está com a consciência clara para consentir nada. Eu estou tirando ela daqui. — eu apertei minhas mãos em punhos, me preparando para a batalha, e esfreguei minha panturrilha contra o interior da minha bota, sentindo a protuberância reveladora da adaga escondida lá.

Mas o vampiro não estava acreditando no meu discurso, e claramente não estava com medo de mim. — Você não é o meu Mestre, criança. Encontre outra coisa para fazer. Algum menino bonito para morder.

— Eu não vou deixá-la.

Ele estreitou seu olhar e eu senti a cabeça pesar com o glamour dele, o afrouxamento da preocupação e medo, e a vontade de encontrar um lugar no chão e me oferecer a ele, independentemente das circunstâncias.

Mas eu mantive meus olhos treinados nos dele e lutei contra a vertigem. Eu endireitei minha espinha e dei a ele um olhar questionador. — Você estava tentando fazer algo ali?

Ele inclinou sua cabeça para mim, interesse em sua expressão. Eu lutei contra a vontade de escapulir e me esconder de seu olhar intrigado, mas enquanto eu fosse o alvo – e a garota não fosse – eu imaginei que eu podia aguentar.

— Você é..., interessante.

Eu quase revirei meus olhos, mas então eu percebi o presente que ele havia me dado. Eu olhei maliciosamente para ele. — Você gostaria de descobrir o quão interessante? — como uma adolescente levada, eu girei a ponta do meu rabo de cavalo, então o joguei por cima do meu ombro, revelando o meu ombro.

No que diz respeito à isca, pode não ter sido muito, mas funcionou bem o bastante. Ele baixou seus olhos – me encarando embaixo dos cílios baixos – e começou a espreitar na minha direção como um leão caçador. Eu já vi um vampiro espreitar antes – eu havia visto Ethan no seu ápice, movendo-se na minha direção com luxúria em seus olhos. Isso não era aquele tipo de luxúria. Isso não era sobre amor ou conexão – mas controle. Ego. Vitória.

Eu o encarei de volta, mesmo que a intensidade de sua expressão fizesse a minha pele se arrepiar. Ele iria beber – mas ele não iria parar, não até que não restasse mais nada dentro dela. Talvez fosse a magia no ar que o empurrava até o limite, talvez fossem os seus próprios instintos predatórios. Qualquer que fosse a razão, eu não queria ser parte dela.

Num movimento suave igual seda que iria deixar o Catcher orgulhoso, eu bati a mão em torno da adaga e a deslizei de sua bainha. E então estava levantada na minha mão, luz caindo na lâmina, o aço deixando um formigamento agradável na minha palma. Eu apertei meus dedos ao redor do cabo.

O vampiro finalmente pareceu perceber que eu estava falando sério. Sua expressão caiu.

Com a adaga na mão, eu olhei para a garota. — Você pode se levantar?

Ela assentiu lágrimas deslizando de seus olhos. — Eu estou bem. Mas eu quero ir para casa.

Eu estiquei minha mão. Quando ela a pegou, eu a puxei para ela ficar de pé. Infelizmente, deixando-a de pé não ajudou muito. Nós ainda estávamos cercadas – por um vampiro puto que eu havia provocado, e uma dúzia mais que não possuíam um interesse especial na garota, mas pareciam bizarramente ansiosos por um briga.

Foi sobre este tipo de violência que o Sr. Jackson havia falado?

Eu engoli o medo que fazia um nó na minha garganta, e me endireitei, olhando para o público com uma bravata forçada. — Eu estou tirando ela daqui agora. Alguém tem um problema com isso?

Eu deveria saber melhor do que formular isso como uma pergunta.

— Que tal eu, docinho. — disse um vampiro que me queria, e um frio pinicou minha espinha. Eu era forte e rápida e imortal, mas a garota não era. Mesmo se eu lutasse para abrir meu caminho pela multidão, eu não podia lutar ao máximo e protegê-la ao mesmo tempo.

O que eu precisava, eu pensei, era uma distração.

O seu horário não poderia ter sido melhor.

— Maldição. — eu escutei do outro lado do cômodo, seguido por vidro se quebrando que silenciou o resto do público.

O cheiro metálico de sangue preencheu o ar, e todos os vampiros na vizinhança se viraram na direção do foco do cheiro. Eu vi Jonah pela multidão, encarando um vampiro amedrontado.

Sangue havia sido derramado, talvez de um copo quebrado ou de uma jarra. Não uma maneira ruim de chamar a atenção dos vampiros – e me dar uma chance para ir para a porta.

Eu olhei para a garota no meu braço. — Qual é o seu nome?

— Sarah. — ela disse. — Sarah.

— Bem, Sarah, nós vamos correr um pouco. Está preparada?

Ela assentiu, e logo que o escandaloso e o resto dos vampiros começaram a se mover na direção das ondas de cheiro, nós saímos fora.

Eu entendi o apelo do sangue. Eu estava começando a ficar com fome. Nós estávamos nos aproximando do final da noite, e já havia passado horas desde que eu havia comido..., ou havia bebido sangue. O cheiro estava se tornando incontestavelmente delicioso, então eu mordisquei o meu lábio para me manter focada, a picada aguda de dor empurrando para dentro a fome. Como era normalmente o caso, esta não era a hora ou o lugar.

Eu guiei Sarah pelos vampiros que agora estavam indo na direção do sangue, seu braço em cima do meu ombro, meu braço ao redor da cintura dela. Nós não estávamos exatamente graciosas, mas nós estávamos mais perto da porta e mais longe do caos.

E o caos definitivamente tinha irrompido.

O cômodo se tornou um furacão de violência enquanto os vampiros entravam e se arrastavam um em cima do outro para conseguir sangue. Um vampiro nervoso provocou uma briga com outro, e aquela discussão fez seu caminho para dentro da conversa de outra pessoa, que irritou aqueles vampiros, também. A violência viajava como um vírus pelo cômodo, se espalhando conforme fazia contato. E conforme a violência aumentava a magia também – se derramando no ar e tornando os vampiros ainda mais predatórios do que eles já estavam.

— Eu pensei que você poderia precisar da cavalaria.

Eu olhei para a minha direita, aliviada ao ver Jonah ao meu lado novamente. — Você demorou o suficiente. Obrigada pela distração.

— De nada. Eu não esperava exatamente que você puxaria a espada e sequestraria uma humana. — ele olhou para Sarah. — O que aconteceu?

— Não sei. Drogas? Glamour? Não estou certa. De qualquer forma, nós precisamos tirá-la daqui.

— Eu estou bem atrás de você. — ele disse com um aceno, e nós fincamos o nosso caminho até os elevadores.

As portas estavam abertas quando nós chegamos lá, eu ajudei Sarah a entrar enquanto Jonah apertava os botões até as portas fecharem, silenciando os sons de luta atrás de nós. Eu deslizei a adaga novamente para dentro da minha bota.

Não foi até que nós estávamos a meio caminho da descida pelo prédio que eu soltei a respiração que eu estava segurando. Eu olhei para Sarah. — Você está bem?

Ela assentiu. — Estou bem. Mas todas aquelas outras pessoas lá. Nós precisamos tirá-las de lá também.

Jonah e eu trocamos um olhar.

— Talvez vocês pudessem chamar a polícia? — ela perguntou. — Conte a eles sobre a festa, e quando eles vierem, eles possam tirar o resto dos vampiros para fora?

Jonah olhou novamente para mim. — Se os policiais vierem...

Eu assenti, entendendo a sua preocupação. Se precisasse dos tiras para fechar esse negócio, nós estaríamos nadando com más notícias na imprensa e de volta para o escritório do prefeito – presumindo que o Tate já não havia emitido o mandato do Ethan.

Mas talvez nós não precisássemos dos tiras. Talvez nós só precisássemos do medo dos tiras...

— Nós podemos conseguir isso antes deles. — eu disse quando as portas do elevador se abriram novamente. — Ajude-a a sair. Eu encontrarei você daqui um minuto.

Nós trocamos de posição ao lado de Sarah, e enquanto eles se moviam para a porta da frente, eu me forcei para a mesa de segurança. O olhar do guarda seguiu Jonah e Sarah pela porta da frente, sua mão no walkie-talkie na sua mesa.

— Ei. — eu disse quando eu o alcancei, atraindo sua atenção para mim. — Nós acabamos de receber uma ligação, os tiras estão a caminho para a cobertura. É melhor você ir lá para cima e ter certeza que todos já foram embora, ou com certeza haverá prisões e uma bagunça gigantesca. Sua, hm, clientela de presas não

ficará feliz com isso.

O guarda assentiu entendendo, então pegou o seu walkie-talkie, apertou o botão, e pediu por reforço. Eu esperei que ele tivesse o bastante – e talvez algum repelente vampírico enquanto ele estivesse fazendo isso.

Eu o deixei para as suas preparações, procurando um ar fresco e limpo enquanto eu ia para fora novamente. Eu assisti Jonah e Sarah mancando ao atravessar a rua para um pequeno espaço quadrado verde. Ele ajudou Sarah a sentar-se em um assento de ferro forjado, eu fiquei onde estava até eu estar certa que a minha mente estava limpa e a minha fome estava controlada.

Um minuto ou dois depois, eu cruzei a rua.

— Evacuação em progresso. — eu disse para o Jonah, então me agachei na frente da Sarah. — Como você está se sentindo?

Ela assentiu. — Estou bem. Só muito, muito envergonhada. — ela pressionou uma mão em seu estômago. Seja qual for o nevoeiro que havia a silenciado havia passado, e ela começou a chorar para valer.

Jonah e eu trocamos um olhar desconfortável.

— Sarah. — eu disse suavemente. — Você pode nos contar o que aconteceu? Como você terminou lá?

— Eu ouvi que os vampiros estavam dando esta festa. — ela esfregou uma mão embaixo de seu nariz. — Eu pensei, oh, vampiros, isso poderia ser divertido, sabe? De primeira estava tudo bem. Mas então – eu não sei. A tensão no cômodo ficou meio alta, e então eu comecei a me sentir bem estranha, e eu me sentei no chão. Eu podia vê-los pelo canto dos meus olhos. Eles se moviam ao redor e me olhavam, como se eles estivessem tentando ver se eu estava pronta.

— Pronta? — eu perguntei.

— Pronta para dar sangue. — ela tremeu e suspirou. — E então você chegou. — ela balançou sua cabeça. — Eu estou realmente envergonhada. Eu não deveria ter estado lá. Eu deveria ter ido embora. — ela olhou para mim. — Eu realmente quero ir para casa. Você acha que poderia me encontrar um táxi?

— Está feito. — Jonah disse, dando um passo para a rua para buscar por uns táxis. Estava tarde, mas nós ainda estávamos dentro de umas duas quadras de Michigan, então não era completamente improvável de nós encontrarmos um.

Enquanto ele se movia para longe, eu olhei para Sarah de novo. — Sarah, como você descobriu sobre a festa?

Ela ficou vermelha e desviou o olhar.

— Nos ajudaria muito se você pudesse me dizer. Poderia nos ajudar a parar estas festas.

Ela suspirou, e então assentiu. — Minha amiga e eu estávamos em um bar – um daqueles bares de vampiros? Nós conhecemos um cara lá.

— Você sabe qual bar de vampiro?

— Temple?

Meu estômago afundou. Este era um bar de Cadogan. — Continue.

— Então, nós saímos para tomar um ar fresco – havia muitas pessoas lá – e havia um cara do lado de fora. Ele disse que a festa estava acontecendo e nós nos divertiríamos. Minha amiga, Brit, não queria ir, mas eu queria, sabe, ver do que se tratava.

Então Sarah havia recebido informação sobre a rave no Bar Temple, e Jonah haviam encontrado o telefone no Benson's. Isso significava que o pessoal que frequentava os bares também sabia sobre as raves. Ethan também ficaria puto sobre isso.

— O cara que você conversou; como ele era?

— Oh, hm, ele era meio baixo. Mais velho. Cabelo escuro. Meio grisalho? E havia uma garota com ele. Eu me lembro de que ela usava; tipo, um chapéu gigante, então eu não conseguia ver seu rosto. Oh, mas quando eu estava voltando para dentro, ele a chamou pelo nome. Era meio antigo, como Mary ou Martha... — Sarah apertou seus olhos fechados enquanto ela tentava lembrar.

Meu coração pulsou de ansiedade. — Era Marie?

Seus olhos se abriram novamente. — Sim! Era Marie. Como você sabia?

— Palpite de sorte. — eu disse. Eu posso não conhecer nenhum homem baixo em particular, mas eu conhecia uma vampira com uma predileção por causar confusão. E era uma vez conhecida por Marie.

Antes que eu pudesse fazer outra pergunta, Sarah fez uma careta.

— Você está bem?

— Só uma dor de cabeça. Havia algo estranho ar, eu acho.

Excelente seguimento para a minha próxima pergunta. — Você tomou algo enquanto você estava lá? Talvez alguma bebida que alguém te deu?

Ela balançou a cabeça. — Você está me perguntando sobre drogas, mas eu não tomo drogas. E eu sei que eu não devo beber nada que eu não tenha pegado eu

mesmo. Mas isso, outra garota – uma humana – a entregou para mim.

Ela puxou um pequeno envelope de papel, o tipo que poderia ter um vale-presente, de seu bolso. Era branco, e havia um *V* escrito na frente. Eu o coloquei no meu bolso para depois. E então eu fiz a pergunta que fez eu me odiar um pouquinho, mas eu tinha que perguntar. As apostas eram altas demais.

Eu tinha que saber se ela representava um risco para Cadogan.

— Sarah, você está pensando em ir até a polícia?

Seus olhos se alargaram. — Oh, Deus, não. Eu não deveria ter ido à festa, e se os meus pais descobrirem, se o meu namorado descobrir, eles iriam *enlouquecer*. Além disso. — ela adicionou timidamente. — Se eu chamasse os tiras, vocês estariam encrencados também; certo? Vocês são vampiros, também, mas vocês me ajudaram.

Eu assenti alívio no meu peito. — Eu sou uma vampira. — eu confirmei. — Meu nome é Merit.

Ela sorriu um pouco. — Merit. Eu gostei. Meio que descreve você. Como se você sempre estivesse destinada a ser boa, sabe?

Desta vez, era eu que estava fungando para dentro uma repentina lágrima errante.

O ruído seco de uma porta de carro abrindo puxou o meu olhar para a rua. Jonah estava de pé ao lado de um táxi preto e branco, com a porta aberta. — Vamos te levar para casa.

Sarah assentiu. Ela ainda tropeçou nos seus pés, mas nós conseguimos dar mais ou menos doze passos até o táxi. Na porta, ela se virou de volta para mim e sorriu.

— Você ficará bem? — eu perguntei.

Ela assentiu. — Eu vou. Obrigada.

— Você não tem que me agradecer. Eu sinto muito pelo que aconteceu. Eu sinto muito que eles fizeram você se sentir desconfortável.

— Está esquecido. Mas eu não vou esquecer-me disso. — ela disse. — Não o que você fez esta noite.

Quando a porta fechou, nós vimos o táxi se afastar.

Jonah olhou de volta para mim, e então para o céu oriental. — O amanhecer chegará logo. — ele disse. — Nós deveríamos ir para casa. — ele gesticulou pela rua. — Eu estacionei bem perto na verdade. Você quer uma carona de volta para o

seu carro?

— Isso seria ótimo. — eu concordei; a adrenalina dando lugar à exaustão.

Nós andamos em silêncio por algumas quadras, então paramos ao lado de um sedan híbrido.

— Pensando sobre o meio-ambiente?

Ele sorriu pesarosamente. — Se o clima ficar ruim, nós estaremos aqui para presenciar. Já é bom ir planejando antecipadamente.

Quando ele destrancou as portas e nós entramos, eu dei a ele as direções para o meu lugar de estacionamento, então fechei meus olhos e deixei minha cabeça cair de volta no banco.

Dentro de segundos eu estava dormindo.

Capítulo 9

É SEMPRE TÃO HUMILHANTE... A MENOS QUE VOCÊ SEJA IMORTAL E ENTENDA A IMPORTÂNCIA DE SE MISTURAR.

Estremeci acordando, piscando com o brilho das luzes desconhecidas. Eu estava enrolada em uma bola em cima de uma cama trenó¹⁹ gigante que cheirava a colônia amadeirada e canela. Sentei-me e dei uma olhada no ambiente que não me era familiar. Uma cama enorme, cheia com roupa de cama cinza claro. Uma televisão igualmente grande de tela plana em cima de uma cara cômoda. E, inclinando-se contra a cômoda, braços cruzados sobre o peito, estava Jonah. Ele estava vestido com um look mais casual hoje, em uma camisa com decote em V, jeans e tênis.

— Boa noite, Sentinela.

— Onde estamos?

— Na Casa Grey. No meu quarto.

— Grey... — comecei a repetir, mas a noite começou a voltar a minha memória. Adormeci em seu carro, e ele deve ter me trazido aqui. Não, ele não só me trouxe - como deve ter me carregando - para Casa Grey enquanto eu estava desmaiada no sono.

— Eu não estava confortável em te deixar em seu carro. Você estava dormindo completamente, e você está aqui era mais fácil de explicar do que se eu tivesse aparecido com você na Casa Cadogan. O amanhecer estava perto; eu tive que tomar uma decisão.

Isso fazia sentido, embora eu não estivesse feliz em ter sido carregada por aí como a garota indefesa de um dos meus romances favoritos.

— Obrigado. Será que alguém me viu entrar?

¹⁹<http://67pics.com/view2.php?q=PicturesOfSleighBed&url=http://www.funnyfur.com/ProductImages/sophisticatedpup/NoelleSleighBed.jpg>

Se assim for, desde que eu tinha passado a noite no quarto do Jonah, eu podia imaginar muito bem o quê eles estavam pensando. Senti o rubor subindo nas minhas bochechas.

— Não. Todo mundo estava dentro até então.

Eu balancei meus pés sobre a cama e enterrei os dedos em um caro, grosso carpete. — Onde você dormiu?

Ele levantou um polegar por cima do ombro. — Sala de estar. Eu sou um cavalheiro, e não há nada sobre seduzir um vampiro inconsciente que me atrai.

Ele deu de ombros. — Além disso, o sol estava quase nascendo. Nós estávamos fora. Eu poderia ter dormido bem ao seu lado, e ninguém teria notado. Nós dois éramos uns anjos.

Eu estava dando uma pausa dos homens, mas apreciei saber que ele me deu espaço. Foi uma coisa cavalheiresca a se fazer, e não algo que foi feito só por uma concessão.

— Obrigado.

Ele deu de ombros. — Eu peguei seu telefone. Enviei uma mensagem ao Ethan para que soubesse que você estava bem. Eu pensei que você, provavelmente, falaria com ele quando voltasse e uma chamada minha teria sido muito suspeita.

Eu balancei a minha cabeça em concordância. Claro, só porque ele não tinha se assumido perante o Ethan isso não significava que não haveria perguntas. Ethan ainda iria me perguntar onde eu tinha passado o meu dia.

Olhei para a sala onde ele dormiu. Um sofá de veludo e um assento do amor estavam posicionados perto de outra enorme TV de tela plana montada na parede. O resto da sala era igualmente agradável. Tapetes luxuosos, cores ricas, teto e painéis de madeira. Um Arcade vídeo game²⁰ contra uma das paredes, e uma camisa emoldurada de Ryne Sandberg pendurado na outro.

Este lugar poderia ser descrito como o berçário do vampiro.

— Este é um lugar muito bonito e doce.

— Casa nova, novas acomodações. Bem, Casa relativamente nova, de qualquer maneira. Apenas oito anos de idade, que não é muito quando a imortalidade é o contexto.

²⁰ http://3.bp.blogspot.com/_X1BFSkLIH1c/TCVkfPvLzI/AAAAAAAAABew/tYejPJv8v0s/s320/Ms-Pac-Man-Galaga-Classic-Arcade-Combo-Video-Game-by-Namco-md.jpg

Ele caminhou até um minifrigorífico construído em um gabinete na parede do fundo e abriu-a, revelando as linhas arrumadas de garrafas long neck. Ele pegou uma e andou ao meu encontro.

— Eu não acho que o *Hair of the Dog*²¹ vai fazer algo por mim hoje.

— Não é cerveja.

Quando ele estendeu-a, olhei-o. Era sangue. Era a garrafa de cerveja tradicional, mas definitivamente não a bebida tradicional. Era outro produto da Blood4you – infelizmente chamado de Long Beer. Eles definitivamente precisavam utilizar as ideias da Mallory em seu marketing.

— Você para que precisa de um pouco.

Eu balancei minha cabeça em concordância e torci a tampa, os meus dedos tremendo com a fome súbita. O sangue estava frio e tinha um gosto apimentado, como se tivesse sido medicado com uma pitada ou duas de Tabasco. Enquanto fosse sangue, era delicioso. Mas, mais importante, saciava a necessidade. Terminei a garrafa em segundos, em seguida, baixei novamente, respirando.

— Acho que você precisava disso?

Eu balancei a cabeça, limpando a boca com as costas da minha mão. — Desculpe. Às vezes, a fome me leva.

Jonah estendeu a mão e pegou a garrafa da minha. — Pode acontecer. E você teve uma grande noite ontem.

— Não o suficiente grande quanto poderia ter sido, mas grande. Eu tive fome na festa, e tive sorte em não sair do controle como todo mundo lá.

Ele largou a garrafa em uma bandeja ao lado da geladeira. — Falando nisso, você certamente inflamou alguns dos vampiros ontem.

— Não fui eu. — eu assegurei a ele. — Uma vampira se chocou comigo e acabei com dois vampiros tentando me tirar da festa.

Jonah fez uma careta. — Parecia haver muita agressividade no ar.

— E você notou seus olhos? — perguntei. — Totalmente prata, quase sem pupilas. Eles estavam seriamente no estado vampiro.

— Houve também muita magia na sala. Você coloca essas duas coisas juntas e você tem vários vampiros ansiosos por uma luta.

²¹ Marca de uma cerveja. http://blog.oregonlive.com/thebeerhere/2008/10/large_adambottl.JPG

Eu balancei minha cabeça. — Isso não poderia ser apenas o volume de todos os vampiros em um quarto juntos. As Casas não poderiam existir se apenas estar perto de outros vampiros o faz predatório o suficiente para lutar por qualquer razão. Talvez seja uma coisa mentalidade de grupo? Um vampiro comete violência e o resto deles segue o exemplo?

Jonah balançou a cabeça. — Eu tenho outra teoria. E se a magia não fosse apenas as emitidas por vampiros, e se estivesse os guiando?

— Você está sugerindo que alguém estava usando magia contra nós? Alimentando a agressão? — ele balançou a cabeça. — Tornar os vampiros superpredatórios.

— Certo. — eu permiti — Vamos dizer que é magia. Mas o que isso implica? Feiticeiros? Eles geralmente tentam ficar longe do drama vamp, e só existem três na área de Chicago. Eu sei quem são dois deles, e vampiros fazendo o jogo de gladiadores não está colocado em sua lista de afazeres.

Certo, eu nunca tinha conhecido o professor da Mallory, mas eu tive uma boa ideia de como ele estava gastando o seu tempo em seu treinamento.

— Ok, então provavelmente não são feiticeiros. Como você encontrou Sarah? — Jonah perguntou.

— Ela estava sentada no chão, parecia totalmente desorientada. Não tinha marcas visíveis de mordida, de modo que outra coisa tinha que estar acontecendo. É possível que o Glamour faça alguém adoecer? Quer dizer, torná-los mais fracos fisicamente apenas com o glamour?

Ele franziu a testa, considerando. — Eu nunca vi isso. Mas isso não quer dizer que não é possível. Você descobriu alguma coisa com ela? Como ela teve conhecimento sobre a festa?

Passei adiante as informações que ela tinha me dado sobre Temple Bar e o homem que ela tinha visto lá fora. — Ela também me deu isso. — eu disse, cavando o envelope do bolso. Puxei-o para fora, abri a tampa e esvaziar o conteúdo do envelope na minha mão. Duas pílulas brancas caíram em minhas mãos.

— Bem. — ele disse. — Isso explica o porquê ela estava tão fora de si.

Eu segurei um comprimido contra a luz. As mesmas marcas em V foram impressas em sua superfície.

— Ela disse que não tomou nada.

— Ela também ficou envergonhada com o que aconteceu.

— Verdade. — eu concordei. — Tate disse que o senhor Jackson foi preso

por posse de drogas. Então, talvez vampiros estejam drogando os seres humanos para fazê-los ficarem mais suscetíveis ao glamour?

— Dada a multidão que você viu na noite passada, isso pareceu forçado para você?

Infelizmente, isso não aconteceu. Naturalmente, nós também não temos nenhuma evidência disso. Sarah poderia ter sido encantada por vampiros, não manipular os seres humanos foi um grande avanço em relação a droga-los. Seja como for, valeu a pena checar. Eu coloquei as pílulas de volta no envelope, em seguida, enfie em meu bolso novamente. — Vou levá-los até o escritório do Ombud. — eu disse a ele.

— Talvez eles possam saber mais informações.

Após o interrogatório, Jonah me deixou tomar banho no seu pequeno banheiro. Esfreguei o rímel que estava borrado e amarrei, novamente, meu rabo de cavalo. Quando sai, ele estava tirando o celular do seu bolso que estava tocando. Ele olhou para mim.

— Vou ter que atender essa ligação. Volto em um instante. Sinta-se em casa. E tem mais sangue na geladeira se você precisar.

Acenei para ele. — Obrigado.

Ele saiu fechando a porta atrás dele, deixando-me sozinha, no conforto de sua suíte. Dobrei a esquina, indo em direção à sala me voltando para um grupo de artigos emoldurados na parede. Eles eram quatro diplomas de doutorados: três deles da Escola Estadual em Illinois (história, antropologia e geografia) e um de Northwestern (literatura alemã e pensamento crítico). Cada diploma com uma variação do seu nome - John, Jonah, Jonathan, Jack - e suas datas espalhadas pelo século XX. Acho que pós-graduação era possível para um vampiro.

A porta abriu. — Desculpe. — disse ele atrás de mim. — Era Noah, ele agora esta ciente que você passou a ultima noite em seu condomínio.

— Bem pensado. — eu disse, assumindo que Ethan não me perguntasse sobre os melhores pontos da casa do Noah, ou qualquer outro detalhe sobre Noah que não seja o pouco que eu já sabia. Apontei para os diplomas. — Você é muito estudioso.

— Estudioso é um eufemismo para *geek*?

— É um eufemismo para *Homem com quatro PHDs*. Como você conseguiu todos eles?

— Enquanto escondia o fato de que eu tenho presas; você quis dizer?

Balancei minha cabeça, e ele sorriu caminhando em minha direção. — Com muito cuidado. Eu tinha aulas noturnas. Claro que isso foi antes das aulas online estarem disponíveis. — ele sorriu secretamente quando olhou para os diplomas. — Naquele tempo, pós-graduação ainda era um lugar para os excêntricos. Era fácil bancar o gênio solitário, aquele que só tinha aulas à noite, dormia durante o dia e etc...

— Você foi orientador de alguém?

Ser um orientador de ensino, um professor assistente, parecia como um trabalho árduo.

— Eu não. Tive sorte em conseguir uma bolsa e eu gostava de pesquisar, então eles me mantinha longe das salas de aula. De outro modo teria sido muito difícil de esconder tudo. — ele inclinou sua cabeça para mim. — Você tem alguma graduação?

— Antes da minha transformação, sim.

Ele deve ter ouvido o ressentimento em minha voz. — Eu estou supondo que há uma história aí?

— Eu estava fazendo a pós-graduação na UC, antes que eu me transformasse em uma vampira. Literatura Inglesa. Três capítulos escritos da minha dissertação. — antes que eu pudesse parar a história toda veio à tona. — Eu estava andando pelo campus em uma noite e fui atacada. — olhei para ele. — Um dos Rogues contratados pela Celina.

Ele juntou o resto da história. — Você foi uma das vítimas do Parque. Aquela que foi mordida no campus?

Eu balancei a cabeça. — Ethan e Malik estavam por lá. Eles apareceram e o atacante com medo fugiu, e Ethan me levou para Casa e me transformou.

— Deus, isso foi muita sorte da sua parte.

— Foi. — concordei.

— Então o Ethan salvou sua vida.

— Ele salvou. E me fez um vampiro Cadogan e me tornou a Sentinela da Casa. — eu fiz uma careta. — Ele também me tirou da faculdade. Ele não achava que eu poderia voltar como vampira.

Isso foi logo após a Secretaria Norte Americana Vampira ter me tirado da sala, então ele provavelmente estava certo.

— Ele tinha um ponto. — disse Jonah. — A graduação escondendo sua natureza vampira não era uma tarefa fácil. Seria mais fácil, eu acho, para um

vampiro antigo, que sabia das regras, como jogar o jogo. Agora para um iniciante que estava aprendendo tudo? — ele deu de ombros. — Teria sido muito mais difícil.

— Disse o homem com quatro doutorados.

— Bem lembrado. Mas você parece ter se ajustado a rotina vampira mesmo sua transformação não tendo sido por escolha.

— Não foi fácil. — eu admiti. — Eu tive meus momentos de irritação louca. Eventualmente chegou ao ponto onde eu tive que aceitar quem eu era e lidar com isso – ou deixar a Casa e fingir ser humana novamente. — dei de ombros. — Eu optei por permanecer na Casa.

Jonah molhou os lábios depois olhou para mim torto. — Eu tenho que dar crédito quando ele é merecido. E você se saiu muito bem na noite passada.

— O elogio teria sido melhor se não houvesse uma nota de surpresa em sua voz.

— Minhas expectativas eram baixas.

— Sim, eu estou ciente disso. — lembrei-me do primeiro dia em que nos conhecemos e no desdém em sua voz. — E o porquê disso, exatamente? Por que esse sentimento anti Sentinela?

Ele sorriu. — Não é tão anti Sentinela...

— Como anti Merit. — terminei por ele

— Eu conheço sua irmã. — ele disse. — Charlotte. Nós temos amigos em comum.

Charlotte era minha irmã mais velha, atualmente casada e com dois filhos e engajada como organizadora em tempo integral do Baile de Caridade e arrecadação de fundos. Eu amava minha irmã, mas eu não era parte – por escolha – do elegante círculo que ela reinava. Então não era tão impressionante que ele a conhecesse.

— Ok. — eu disse.

Ele suspirou, depois olhou para mim um pouco culpado. — Eu assumi, que já que você era uma Merit você seria seu clone.

Levei um momento para responde. — E agora?

— Eu imaginei, já que vocês eram irmãs e tal. E ambas eram Merits... — ele parou de falar, mas eu não necessitava que ele terminasse. Jonah não foi o primeiro vampiro que havia confessado me julgar com base no nome da minha família e sua

bagagem de riqueza e notoriedade. Não estou dizendo que o dinheiro não tenha suas vantagens, mas não ser julgado pelos seus próprios méritos, não é uma de suas vantagens. Por outro lado isso explicava o porquê dele ter sido tão frio nas primeiras vezes que nos encontramos. Ele esperava um mimado vampiro com dinheiro de Chicago.

— Eu amo minha irmã. — disse a ele. — Mas estou longe de ser seu clone.

— Eu vejo.

— E agora você acredita em que?

— Oh, bem. — ele sorriu e tinha orgulho em seus olhos. — Agora eu já vi você em ação. Eu vi esse anjo vingador...

— Eu prefiro garota com “rabo de cavalo vingadora”. — eu disse secamente. Esse foi o apelido atribuído a mim por Nick Breckenridge (aka “o chantagista”). Jonah revirou os olhos.

— Esse anjo vingador vampiro. — ele continuou. — Que veio ao resgate dos seres humanos e rugindo através do pessoal que ficava em seu caminho. E agora eu estou pensando que você não seria, no final das contas, uma adição tão ruim para a Guarda Vermelha.

— Ao contrario do acidente de trem que teria sido a um par de semanas atrás?

Ele teve a graça de ruborizar.

— Eu sei que você não se impressionou por mim. Você não escondia isso. E eu não me chamaria de anjo vingador. Eu sou Sentinela da minha Casa, e eu faço o que for necessário para protegê-los.

— Proteger *somente* a eles?

Encontrei seu olhar firme. — Por enquanto, só a eles.

Ficamos ali por um momento deixando que a frase caísse entre nós. Novamente eu estava rejeitando a oportunidade de me tornar sua parceira, mas admitindo que não estivesse descartando completamente a ideia. Afinal imortalidade era um longo tempo.

Ele balançou a cabeça. — Eu provavelmente deveria levar você de volta para o seu carro.

— Isso me parece uma boa ideia. Preciso ir para casa.

Voltar a Casa, voltar para o Ethan. Voltar para uma rotina que não envolvesse lutas entre vampiros enlouquecidos – mas que agora envolve mentir

para ele sobre o ocorrido.

Jonah pegou suas chaves, e nós deixamos o quarto. A visão externa era inacreditável. A Casa Grey era localizada em um armazém convertido perto de Wrigley's Field, e eles definitivamente fizeram uso do espaço. Sua porta era uma de muitas, ao longo do corredor, cada uma com espaçamento feito o de um hotel. O corredor era aberto do outro lado, um corrimão feito em hastes de aço e finos fios dando lugar a um átrio de quatro andares. Passando o átrio, no mesmo nível que nós estávamos, ficava outra fileira de portas. Eu supus que eram quartos.

Andei até o parapeito e olhei para baixo. O espaço abaixo de nós estava um campo que foi preenchido por uma árvore de 12 metros de altura e uma ilha de vegetação exuberante. Havia também plantas e árvores ao longo do caminho que delimitava o espaço. Espaços negros situavam-se ao longo do caminho, cada um deles preenchida com uma bandeira de um time esportivo de Chicago.

Isso era diferente de tudo que eu já tinha visto antes e definitivamente totalmente diferente de tudo que eu já tinha visto em campo vampiro.

— Isso é espetacular. — eu disse quando Jonah me encontrou no parapeito. Olhei para o teto que era todo em vidro. Mas isso não poderia funcionar em uma Casa de vampiros. — Como as árvores crescem? Quero dizer, vocês não tem que fechar o teto solar durante o dia?

Jonah fez um círculo com suas mãos. — O teto tem uma cobertura parabólica que fecha durante o dia. — ele girou os dedos. — Eles fecham como uma câmera shutter²², então ficar uma fresta no meio para a árvore. E o mecanismo é fotossensível, então os círculos seguem o sol na rotação da Terra para assegurar que as árvores sempre tenham luz.

— Isso é incrível.

— A tecnologia é bastante impressionante. — ele concordou. — Scott tem tido tempo para experimentar coisas novas, o que nós não podemos falar de todos os mestres.

— Eles tendem há serem um pouco chatos.

Ele fez um som vago de acordo. — O resto das folhagens recebe luz através das persianas giratórias.

— E se um vampiro tem uma emergência e precisa se locomover através do átrio durante o dia?

²² http://image.shutterstock.com/display_pic_with_logo/259384/259384,1254998911,4/stock-vector-vector-camera-shutter-apertures-38455441.jpg

— Eles não precisam. — Jonah disse simplesmente. — A Arquitetura interior da Casa foi organizada para que você nunca tenha que atravessar o átrio para chegar ou sair de qualquer alojamento. — ele apontou a seguir. — As salas na lateral do átrio são dispensáveis, a maioria são escritórios e sempre existem as sombras para serem utilizadas de qualquer maneira.

Ele se virou e começou a descer o corredor e eu o segui para um elevador e um estacionamento subterrâneo que era muito similar ao nosso: um grande espaço de concreto cheio com carros caros. Parei quando passamos por um carro Platinum prata conversível. Era pequeno e curvilíneo, com faróis redondos, um capô com ventilação²³, rodas de liga leve e ele parecia exatamente com o tipo de carro que o James Bond iria dirigir.

— Isso é... Esse é um Aston Martin²⁴?

Ele olhou por cima. — Sim, esse é o carro do Scott. Ele está vivo há quase 200 anos, um homem acumula prêmios com algum tempo.

— Eu já vejo. — eu disse, apertando minha mão junto ao corpo, controlando a vontade de passar os dedos por toda a pintura impecável. Eu nunca tinha visto um de perto. Para falar a verdade eu nunca vi um fora do cinema. Mas era impressionante. Eu não me considero uma pessoa aficionada por carros, mas era difícil não apreciar longas linhas e doces curvas. E o que eu imagino que era um motor muito rápido.

— Muitos; você sabe, cavalos de força ou o que quer que seja?

Ele sorriu e destravou a porta o híbrido e falou ainda sorrindo quando subimos no carro. — Não muito para um carro pomposo?

— Eu posso apreciar uma coisa bonita. Mas os carros são apenas uma paixão tola para mim.

— Anotado.

Nós dirigimos de Wrigleyville para Magnificent Mile e meu carro. Eu era muito sortuda pelo meu carro continuar estacionado no mesmo lugar por 24 horas, mas enquanto tinha uma multa presa com o limpador não tinha nenhum prendedor no pneu. Estacionar nas ruas de Chicago era uma atividade perigosa.

— Você vai levar uma reclamação por dormir fora? — ele perguntou pela janela aberta enquanto eu destrancava minha porta.

²³http://www.caranddriver.com/var/ezflow_site/storage/images/reviews/car/09q2/2010_aston_martin_dbs_volantefirst_drive_review/gallery/photo_147/2720720-1-eng-US/image_cd_gallery.jpg

²⁴ <http://www.tuningnews.net/wallpaper/1024x768/aston-martin-amv10-05.jpg>

— *Só no caso do Ethan achar que eu estou dormindo com o Noah.* — pensei comigo mesma.

— Eu vou ficar bem. — disse para Jonah. — Além disso, não é como se você pudesse me acompanhar para casa. Iria estragar seu disfarce.

— Verdade. Nós deveríamos planejar falar novamente. Eu acho que essa não foi a ultima vez que iremos ouvir algo sobre o que rolou na noite passada.

— Provavelmente não. — meu estomago se revirou. Eu não estava empolgada com a possibilidade de voltar para outra rave, se isso era o que era mesmo. Eu tinha habilidades necessárias para guerra, mas não tinha estomago para isso. Foi fácil ajudar alguém em necessidade, mas teria sido melhor se não houvesse ninguém necessitado em primeiro lugar.

— Vou conversar com os garçons do Temple Bar, vê se eles notaram algo de suspeito. E eu vou deixar você saber se eu descobrir algo sobre o número telefônico. Eu também irei falar com eles sobre drogas. Eles iram saber se substancias ilegal estão aparecendo por ai, e quais são os seus efeitos.

— Soa como um bom plano. Mantenha-me informado.

— Eu vou, obrigado novamente pela sua ajuda.

Jonah riu levemente. — É para isso que os parceiros servem.

— Não pule para as conclusões. Nós não somos parceiros ainda.

Com um sorriso final, ele se distanciou do meio fio, me deixando na calçada sozinha ao lado do Volvo. O que foi que a Mallory falou sobre não querer voltar para sua vida novamente? E o que foi que eu disse para ela? Algo sobre aceitar as coisas que nos foram apresentadas sem levar em consideração as coisas ruins? Subi no Volvo e fechei a porta atrás de mim, soprando a franja e colocando o carro para andar.

— Bons tempos. — eu murmurei, enquanto virava o carro para o trafego. — Bons tempos.

Quando eu estava estacionando em frente a Casa, eu peguei um momento para colocar em andamento a próxima parte da investigação. Disquei para o número do Jeff.

Sua resposta foi entusiástica. — Merit! Nós ouvimos que deu em merda noite passada. Você está bem?

— Oi, Jeff. Eu estou bem. Conto tudo mais tarde. Mas por agora eu preciso de um favor.

— As habilidades do Jeff. O que foi?

Falei o número de telefone que Jonah tinha me dado. — Esse é o numero de onde foi originada a mensagem sobre a localização da rave. Você pode rastreá-lo?

— Trabalhando nisso. — ele disse e ouvi o *bater* rítmico das teclas. — Nada a primeira vista. — ele disse após um momento. — Me dê um pouco mais de tempo, que eu vou encontrá-lo.

— Você é uma graça.

— Você e eu sabemos disso. Eu ligo para você.

— Obrigado Jeff.

Com isso feito, guardei o telefone e olhei para a Casa. Provavelmente era melhor lidar com a parte difícil logo. Entrei – dessa vez por um corredor de protestantes – e fui direto para o escritório do Ethan. A porta do escritório estava aberta e ele estava sentado em sua mesa atendendo a uma ligação. Eu esperei até ele terminar a ligação e comecei a falar. As palavras vindo; rapidamente.

— Foi em um arranha-céu em Streeterville, mas não era uma rave íntima não como nós pensávamos. Essa tinha pelo menos duas dúzias de vampiros. Muita magia e muito glamour e muita briga. Todos estavam muito perto de estourar, como se estivessem à espera de uma desculpa para brigar. Tinha muito seres humanos e algumas sangrias. E há também a possibilidade deles estarem sendo drogados para ficarem suscetíveis ao glamour.

Os olhos de Ethan se focalizaram em algo por trás de mim.

— Sire. — ele disse depois de um momento. — Essa é a Merit, Sentinela da casa Cadogan. Merit, Darius West, chefe do Presídio de Greenwich.

Oh, merda!

Capítulo 10

Como Um Chefe.

Eu congelei, percebendo pela primeira vez - e muito tarde - que não estávamos sozinhos no escritório. Fechei os olhos, constrangida, ruborizando. Tanto por manter a nossa infiltração nas *raves* encoberta.

Poucos segundos depois, eu finalmente abri meus olhos novamente, à espera de ver a fúria de Ethan. Em vez disso, ele ofereceu um gentil olhar de reprensão. Talvez ele estivesse mudado.

— Eu sinto muito. — murmurei, antes de virar para Darius. Ele estava com Malik e Luc, sentado no escritório na frente da mobília de couro que não estava lá na minha última visita. Helen fez um excelente trabalho.

Darius era alto e magro, com cabeça raspada e olhos azuis. Suas feições eram afiadas e um pouco arrogantes, nariz reto, boca larga e com um queixo aristocrático.

— Isso é um conto muito interessante a narrar. — ele disse. Darius tinha um sotaque claramente inglês, sua dicção teria deixado à rainha orgulhosa.

— Venha sentar-se. Ethan, você não gostaria de se juntar a nós, também?

Tive um pressentimento de que o pedido era na verdade uma ordem; então me sentei em uma das cadeiras de couro que ficavam de frente para o sofá. Quando Ethan me seguiu, Luc e Malik se sentaram nas duas cadeiras remanescentes. Ethan pegou uma cadeira ao meu lado.

Darius sentou no sofá, colocou a mão no seu bolso e retirou uma leve caixa prateada. Ele abriu e puxou um pequeno cigarro preto. Não foi até que ele o colocasse em sua boca que ele olhou ao Ethan para ter permissão.

— Fique a vontade. — Ethan disse, mas estava claro que ele não apreciava a ideia de Darius fumando na Casa.

Com o cigarro na lateral de sua boca, Darius devolveu a caixa para o seu bolso e puxou um isqueiro. Ele acendeu, deixando uma nuvem de fumaça pairando no ar, tocou a ponta do cigarro antes de colocá-los entre seus dedos. Colocou as cinzas em um pesado prato de cristal situado no meio da mesa de café.

Tragou por um momento, em seguida levantou uma única sobrancelha. —

Eu acho que agora nós sabemos de onde vem à expressão que o Ethan tinha. — e soprou uma nuvem de fumaça por uma dos lados da sua boca.

— Nesse clima político. — ele começou. — Com esses desafios você manda sua Sentinela para uma *rave*?

— Eu não tenho certeza se era uma *rave*. — eu apontei, tentando salvar o que podia. — Nós acreditávamos que poderia ser uma *rave*. — ou alguma coisa que se denominava de *rave* — mas essa era em uma escala diferente. Muito grande e muito violenta.

— *Raves* sempre são violentas. — Darius disse. — Essa é a natureza de uma *rave*.

Abri minha boca para discordar, mas pensei melhor. Depois de tudo, como eu só tinha visto uma única *rave*, ele definitivamente saberia melhor do que eu se a sede de sangue fosse incomum.

— O que não é típico. — ele continuou. — É um membro da equipe oficial da casa sendo utilizado para tais atividades.

— A infiltração foi nossa única opção. — Ethan falou.

O rosto de Darius irradiava descrença e seu tom foi impassível. — Sua única opção?

Ethan pigarreou. — Seth Tate nos informou que uma testemunha tinha visto o suposto assassinato de três humanos por vampiros. Ele tinha, em mãos, um mandado de prisão para mim, e que pretendia executar o mandado se nós não resolvêssemos o problema em uma semana. A oportunidade para investigar apareceu e nós a pegamos.

— Ele executou o mandato?

— Ainda não, mas ele...

— Então você tinha *opções*. — Darius disse, em um tom que não admitia argumentações, nos lembrando de que Ethan era o mestre da Casa, mas Darius era o mestre de todas as Casas. Então ele dirigiu seu olhar frio e azul para mim.

— Você é a Sentinela.

— Eu sou Sire.

— Particularmente você parece uma bagunça.

Eu tive que me segurar para tentar não alisar meu cabelo e minha blusa amassada. Eu dormir com essa roupa, e mesmo eu tendo me limpado um pouco na Casa Grey, eu tinha certeza que ainda parecia muito ruim. Por outro lado, eu

parecia horrível porque eu estava trabalhando, não porque me faltava habilidades básicas de higiene.

— Eu estava em uma missão, Sire.

— Claro que estava. — Darius murmurou. — E só agora você está retornando para a Casa? Você atravessou Chicago desse jeito?

Eu esperei dando a Ethan a chance de me dizer alguma silenciosa sugestão, para me dizer o que eu poderia ou não dizer a Darius, mesmo tento entregue quase tudo. Quando ele permaneceu em silêncio, assumi que isso era permissão o bastante e disse a verdade e nada mais.

— Já era tarde, Sire. Estava perto do amanhecer.

Com o cigarro entre seus dedos, Darius molhou seus lábios, e lentamente voltou seu olhar para Ethan.

— Agora é à hora para se alcançar a imagem publica perfeita, para moldá-la e adoçá-la, e não andar descabelada e amassada por toda a cidade como se fosse uma garota festeira.

O insulto foi duro. Ethan se mexeu em sua cadeira. — Ela é um soldado. Mesmo seu campo de batalha não sendo comum não o faz menos do que qualquer outro campo de batalha, nem faz o seu uniforme menos do que um uniforme usual.

Eu apreciei que ele tomou partido por mim, que se posicionou para o que ele acreditava que era meu “mero” status como um soldado da Casa. E, honestamente, que maior serviço honrável tinha lá? Tomar decisões a partir de um continente de distancia usando uma camisa desamassada, fumando cigarros de uma caixa de prata?

Levantei meu queixo e encontrei o olhar de Darius. — Eu sou um soldado. — eu confirmei. — E eu não tenho nenhum problema com isso.

Suas sobrancelhas levantaram com interesse. — E você retornou de uma batalha.

— É uma maneira de dizer.

Darius encostou-se na cadeira novamente. — Você disse que os eventos dessa noite, o que quer que eles fossem, foram excepcionalmente violentos. — ele soltou outro sopro, e uma suspeita em sua cara. — Você já esteve em outra *rave*? Você tem uma base para ser comparada?

— Eu não tenho. — admiti. — A comparação está baseada nas informações de outras fontes, e de um lugar que visitei depois do fato. Nossa inteligência diz que as *raves* em Chicago são poucas e distantes entre si, e esta, talvez para evitar o

risco de detecção – elas eram muito íntimas. Alguns poucos vampiros no máximo. E não foi isso que vimos noite passada.

— Embora eu discorde das suas conclusões, não é um péssimo relatório. — ele se virou para Ethan. — Posso vê o porquê você gosta dela, Ethan.

— Ela é mais do que capaz. — Ethan concordou. — Mas eu assumo que uma atualização sobre o trabalho da Sentinela não é, o quê o fez cruzar o rio.

Darius inclinou-se a frente e colocou o resto do cigarro no cinzeiro. — Os negócios em Chicago estão, como você sabe, expandindo. Metamorfos. Rogues. O ataque contra sua Casa.

Ethan cruzou uma perna sobre a outra. — Como você pode ver, essas coisas estão sendo cuidadas.

— Essas *coisas* pedem uma decisão mais organizada e um controle político das Casas de Illinois. Quando Celina foi removida, você se tornou o mestre com maior status de Chicago, Ethan. É da sua responsabilidade, e seu dever para com o Presídio manter a estabilidade no seu domínio.

— *E ele conseguiria.* — pensei. — *Se você conseguir manter Celina na Inglaterra, onde ela pertence.*

— O que você quis dizer com isso? — Ethan perguntou.

— Isso significa que há uma oportunidade, significativa que a Casa Cadogan será colocada sobre uma sindicância judicial pelo Presídio até que Chicago esteja sobcontrole.

Eu não precisava saber detalhes de uma “sindicância” para obter uma ideia geral, o GP estava ameaçando assumir o controle da Casa.

A sala ficou em silêncio, assim como Ethan. O único sinal de que ele tinha escutado as ameaças de Darius foi à linha indicando preocupação entre os olhos.

— Com todo o devido respeito Sire, não há necessidade uma de ação impetuosa. — o tom de Ethan estava neutro, suas palavras cuidadosamente moldadas. Eu sabia que ele está fervendo sobre a possibilidade do GP intervir e assumir a sua Casa. Mas ele estava fazendo um trabalho impressionante em manter suas emoções sobcontrole.

— Eu não estou inteiramente certo se foi devidamente respeitoso Ethan. E como eu tenho certeza que você não vai gostar, colocando uma das Casas americanas em sindicância, não é algo que Presídio encare com leveza. Traz-nos memórias desconfortáveis.

— Desconfortável? — perguntei. Provavelmente não deveria ter falado, mas

às vezes a curiosidade vampírica vence.

Darius assentiu. — A Revolução Americana, foi uma época difícil para os britânicos e norte-americanos como você pode imaginar. O GP ainda não tinha sido formado – ainda tinha décadas de estrada pela frente – e o Conselho Rogue detinha o poder. Por ser francês, o Conselho apoiou a Liberdade das colônias. E nós por sermos britânicos, não o fizemos.

— De fato. Um excelente motivo. — Ethan apontou. — Para impedir a discussão da sindicância.

— A discussão já está em andamento, Ethan. Eu sei que você não aprova o Presídio ou as ações que tomamos, mas nós temos regras e processos por uma razão.

— *Então Celina pode ignorá-los?* — eu me questionava. Houve uma batida na porta, e uma pequena abertura. Um homem vestido com calças engomadas, camisa de botão e suspensórios – cabelos castanhos levemente ondulados – olhou para dentro.

— Sire, a sua chamada com a Casa de Nova York está pronta. — Sua voz estava igualmente britânica e elegante, ele devia fazer parte da comitiva de Darius.

Darius olhou para cima. — Obrigado, Charlie. Eu irei em um minutos.

Charlie balançou a cabeça, em seguida, desapareceu através da porta novamente. Quando ele se foi, Darius levantou-se. E o resto de nós seguiu.

— Vamos conversar mais tarde. — disse Darius, em seguida, acenou para mim. — Boa sorte com a continuação do seu treinamento.

— Obrigado, Sire.

Quando ele saiu, a porta foi fechada atrás dele, o silêncio reinava. Ethan apoiou os cotovelos nos joelhos e alisou os cabelos.

— Sindicância. — Luc repetiu. — Quando foi a ultima vez que isso aconteceu?

— Não desde a crise financeira antes da 2ª guerra mundial. — Malik respondeu. — Muitos, muitos anos.

— Ele não está sendo razoável. — Eu disse, olhando ao redor. — Nada disso é culpa de Cadogan. É culpa de Adam Keene. E do GP – é culpa da Celina. Só estamos reparando as consequências de seus péssimos atos, e agora ele quer colocar o GP como responsável pela Casa.

Ethan se endireitou, sentando na cadeira novamente. — Isso é um jeito longo e curto de dizer. Um investigador viria, e começaria uma investigação dos

procedimentos da Casa, e tem a autoridade – a garante autoridade do GP– para aprovar toda decisão feita nessa Casa. Independente se é uma grande ou pequena. Um investigador poderia reportar toda decisão de volta para o GP, incluindo Darius, incluindo Celina.

Ethan olhou de volta para mim, com seus olhos verdes gelados.

— E eu tenho que me perguntar se ele estaria aumentando a questão se a nossa Sentinela não tivesse acabado de informá-lo, de mão beijada, que Chicago estava lidando com um inferno.

Então o calmo, sereno Ethan que perdoava, tinha sido uma atuação para Darius.

Infelizmente para ele, nós chegamos muito longe para eu ser intimidada por uma frase ou um olhar desagradável. Eu tinha ido para fora enfrentar o perigo para ele e para a Casa, e não estava preste a entender por que ele não gostava das consequências. Devolvi o mesmo olhar para ele.

A sala ficou em silencio, até que Ethan ordenou os outros para fora da sala, com seu olhar fixo em mim.

— Deixem-nos, por favor.

Quando ninguém se moveu, ele olhou ao redor da sala. — Não estou pedindo por permissão.

Isso foi o suficiente para enviar Luc e Malik para fora, os dois oferecendo simpatia. Não foi até que estivéssemos sozinhos, à porta fechada por atrás deles, que Ethan finalmente desviou o olhar. Por um minuto ele se sentou calmamente, com as costas rígidas. Finalmente ele voltou para a sua mesa e se sentou atrás dela, colocando espaço – e mobília – entre nós. Eu o conhecia o suficiente para chamar esse ato de “típico de Sullivan.” Era o tipo de ação que poderíamos adicionar ao jogo da bebida do Ethan Sullivan, caindo em algum lugar entre sua sobrancelha arqueada e seu hábito de se referir a qualquer novato em sua Casa por posição, ao invés do nome.

— Sentinela. — disse por fim, juntando os dedos em sua mesa.

Dei um passo à frente, com a intenção de fazê-lo acreditar o quanto eu me arrependi do que eu indevidamente disse a Darius. — Ethan, eu sinto muito. Você estava no telefone, e nem se quer me ocorreu que tinha alguém atrás de mim.

Ele levantou a mão. — Você disse a ele onde você esteve. Eu não tenho certeza se te estrangulo agora ou se te entrego ao Presídio e os deixo lidar com isso.

Se eu fosse ele, eu também iria querer me estrangular. Eu simplesmente

balancei a cabeça. Quando Ethan olhou para mim novamente, lá estava o desespero em seus olhos.

— Um investigador. Na minha maldita Casa. A Casa que tenho assistido, guiado, amparado quando era necessário. Você sabe o quão insultante é isso? Ter um administrador – algum especialista organizacional que não conseguiria guiar vampiros nem com a ajuda de um mapa e bússola- me substituindo? Dizendo-me o quê eu fiz de errado ou certo, como eu poderia “consertar” algumas coisas que eu quebrei.

Meu coração se apertou com simpatia. Deve ter sido difícil ouvir, que não só o líder supremo dos vampiros não estava satisfeito com seu trabalho, mas ele estava pensando em enviar alguém para garantir que o trabalho estava sendo feito corretamente. Isso não teria me excitado, também. E a pior parte? É que era parcialmente minha culpa. Quero dizer, parecia improvável que Darius tivesse vindo de tão longe se ele não tivesse preocupações sobre a Casa, mas isso não significava que eu não tivesse dado um empurrãozinho.

— Esta Casa é velha, Merit. É uma respeitável Casa. A nomeação de um avaliador é um tapa no meu rosto. — ele olhou para longe, balançando a cabeça. — Como eu não posso tomar isso como um insulto a tudo que eu fiz desde a morte de Peter?

Esse Peter era Peter Cadogan, o nome pelo qual a Casa foi nomeada e seu primeiro mestre. O homem que tinha segurado as rédeas até sua morte, quando Ethan assumiu.

— Eu levaria para o lado pessoal, também.

Ethan soltou uma risada. — Isso é dificilmente sobre eu levar para o lado pessoal, Sentinela. Isso é uma tapa contra mim, Malik, Luc, Helen e todos os funcionários. Todo iniciante comprometido, cada iniciante que tem servido. Todo sacrifício feito. Você basicamente disse a ele que não temos nada em mãos.

— Não vimos coisas comuns na noite passada. Este não era uma meia dúzia de vampiros e um casal de humanos, Ethan. Era dezenas de vampiros, dezenas de humanos. A festa era enorme e barulhenta, não algo privado para beber.

— Então não era uma *rave*.

— Não o tipo de *raves* que conhecia antes. Os vampiros estavam no limite, a magia espessa. Vampiros estavam provocando briga em todo lugar.

— Você e Noah tiveram que se defender?

Odeio mentir para Ethan. *Odeio*. Mas não era certo limpar minha consciência ao custo de Jonah, então eu engoli e contei a história.

— Nos defendemos, sim. Não estávamos envolvidos em lutas, embora as coisas tenham sido desagradáveis quando saímos. Eu tinha encontrado uma humana que precisava de ajuda – drogada ou com glamour – não tenho certeza de qual. Ela precisava sair, e lá tinha alguns vampiros que não ficaram nada felizes ao vê-la indo. Noah derramou sangue como distração, e os vampiros foram à loucura. O lugar entrou em erupção com a luta, mas saímos com ela e a mandamos para casa. Ela estava bastante grata – envergonhada o suficiente – e eu não acho que ela vá nos causar mais problemas.

Eu suspirei e desviei o olhar.

— Eu odeio dizer isso, Ethan. Mortifica-me ter que pensar em uma mulher estando em uma posição tão ruim, como ela sendo dispensável. Ela foi tratada como uma mercadoria por aqueles vampiros. Isso não deveria acontecer novamente. Não por nós.

Olhei de volta para ele, e apreciei a simpatia em seus olhos.

— Você é uma vampira muita humana. — ele carinhosamente disse.

— Se você diz.

— Certa vez, eu também considerei como dispensável. E, alguns vampiros, ainda consideram. Mas para você, deixe-nos esperar que eles não sangrem para você.

Ele ficou quieto por um momento, apenas olhando. Eu finalmente quebrei o silêncio. Procurei em meu bolso, tirei o envelope, e entreguei a ele. — É por isso que nós pensamos que os seres humanos podem ter sido drogados.

Ethan inspecionou o envelope, depois despejou os comprimidos em sua mão. — O que é V?

— Não sei. Estou assumindo que ele representa "Vampiro". E a piada? A humana, que me deu isto, Sarah, havia sido informada sobre a *rave* no Bar Temple.

Seu olhar era frio. — Alguém está usando o bar da Casa Cadogan para se aproximar dos humanos?

— Esse parece ser o caso.

Um músculo em seu rosto se contraiu, mas depois de um momento, ele pareceu relaxar novamente.

— Pelo menos você não conseguiu não dizer a Darius sobre isso.

Houve um sorriso em seus olhos que me fez sorriso.

— Vamos agradecer a Deus pelos pequenos milagres. — eu concordei. —

Sarah disse que ouviu sobre a *rave* através de um homem pequeno..., e uma mulher chamada Marie.

Ethan congelou, antes de deslizar as pílulas de volta ao envelope. — Há provavelmente milhares de mulheres em Chicago chamadas Marie.

— Isso é verdade. — eu concordei.

Ele entregou o envelope de volta para mim. — Não há nenhuma maneira de saber se era Celina. Ela não é chamada por esse nome em dois séculos.

— Isso também é verdade. — disse eu, tocando meus dedos contra o envelope.

— Você geralmente é muito mais argumentativa neste momento.

— Eu geralmente tenho mais provas para ir adiante.

Ele sorriu. — Podemos fazer de você ainda uma Sentinela.

Claro que, enquanto eu ainda não tinha provas de que Celina estava envolvida em algo desagradável, isso não mudava os fatos... — Mas ainda é ainda uma grande coincidência que a traficante de drogas da *rave* estivesse usando um dos ex nomes da Celina.

— Um nome que foi o responsável por nos levar direto a um dos seus cúmplices da ultima vez que ela o usou. — Ethan me lembrou. Ele tinha um ponto. Celina tinha enviado e-mail incriminatórios para Peter como “Marie Collette”. Mas ela tinha esquecido um fato importante.

— Celina não sabe que rastreamos aquele endereço particular de e-mail, ela estava usando meia dúzia de outros para encobri-lo. E ela não sabe que foi assim que ficamos sabendo sobre Peter. Ela só sabe que ele parou de aparecer até fazer o seu lance. E, mais importante, ela provavelmente não imaginava que ela tinha sido pega. Quais são as chances de que aquela garota em particular me diria que alguém que se chamava “Marie” estava recrutando humanos fora do bar?

— Quais as chances de que Celina usaria um nome que nós poderíamos identificar fora do nosso próprio bar?

Ok, posto desse jeito, não parecia tão convincente.

— Só porque eu atualmente não tenho todas as provas não significa que não há provas a serem encontradas.

— E assim começa. — ele murmurou, em seguida, ergueu o olhar, não mais divertido. — Merit, o chefe do GP está a poucos passos de distância de nós agora. Estou ordenando para não trazer o nome dela a tona novamente...

Quando eu abri minha boca para fazer uma objeção, ele levantou a mão.

— Até que você tenha mais evidência do que um nome que ela pode ou não ter usado. Agora eu considero o assunto a ser descartado. Entendido?

— Entendido. — disse eu, depois molhei meus lábios. — Você confia em mim?

Seu olhar foi um pouco mais sedutor do que eu podia lidar. — Se Eu *confio* em você?

— Isso soa como se Darius não quisesse que eu ficasse com as minhas mãos sujas. Mas este é o meu trabalho e, francamente, eu sou meio que boa nisso.

— Para a surpresa de todos.

Eu dei a ele uma cara petulante. — Sabemos que algo estranho está acontecendo lá fora. Se a *rave* é a nossa forma de entrar e acabarmos com isso - dessa maneira como temos certeza que os vamps não estão lá fora abatendo os humanos em massa - então vamos à rota das *raves*. Eu preciso chegar lá de novo, e nós precisamos continuar puxando essa corda.

— Você não pode fazer um inimigo no GP. E não só porque você é um membro desta Casa. — ele acrescentou preventivamente ao meu olhar estreitado. — Eu compreendo a sua impaciência e eu honro o seu compromisso. Mas se eles acreditam que você está indo contra eles, eles vão te derrubar, Merit. Sua soberania é importante. Celina vive, porque ela não contestou a supremacia deles, se você desafiá-lo, você coloca uma ameaça direta a Dario e aos outros. E isso será o começo do fim para você.

— Eu sei. Mas isso não é razão suficiente para permiti-los rasgar a cidade.

Sua expressão - meio triste, meio com orgulho - espelhado minhas próprias emoções. — Eu não treinei você, investi em você, para que você fosse entregue ao GP como um sacrifício para cidade.

Sua voz era suave, sincera, mas havia emoção em seus olhos. Emoção real.

— Eu não pretendo servir de sacrifício. E eu não pretendo deixar você ser um, também.

Ele olhou para longe. — Eles têm um olho na Casa. Eles saberão o que estamos fazendo.

— *Agora a parte injusta do acordo.* — eu *pensei*, me abraçando. — Não se você não estiver envolvido.

Ele fez uma pausa, claramente surpreso, depois se inclinou para trás em sua cadeira. Ele podia estar nervoso sobre a ideia, mas eu despertei seu interesse. —

Você quer dizer?

— Quero dizer que tenho amigos poderosos. Mallory. Catcher. Gabriel. O meu avô. Noah. — não falei Jonah e o resto da Guarda Vermelha. — Eu poderia trabalhar com eles para realizar o que o GP não permitirá que você faça.

Carrancudo, Ethan se sentou novamente e embaralhando distraidamente papéis em sua mesa. Depois de um momento, ele sacudiu a cabeça. — Se você está trabalhando sem minha permissão, você também estará trabalhando sem minha proteção. E se você for pega, o GP não vai gostar da ideia de uma Sentinela sem controle correndo por Chicago.

— Mas eles permitem que uma ex Mestre descontrolada corra ao redor de Chicago?

— Ela só matou os seres humanos. — ele lembrou secamente para mim. — Você está falando em desafiar o GP.

— Eu estou falando sobre fazer o que é necessário, e o que é certo. Temos piquetes humanos lá fora e um prefeito que vai tentar, Deus sabe o que contra você e contra a Casa para que ele possa fazer um nome para si mesmo. Nós também temos vampiros muito irritados que estão começando brigas sem provocação apenas para o divertimento de fazê-lo. Você os quer correndo ao redor de Chicago? Além disso. — eu silenciosamente adicionei, sabendo o que ele precisava ouvir. — Eu sou mais forte agora do que era antes. Eu sou mais qualificada agora do que era antes.

Ele olhou para mim, a preocupação apertando seus olhos. Deus, eu odiava ver essa preocupação. Odiava o que eu tinha feito para colocá-la lá. E assim eu fui até ele, todos os motivos para fazer o contrário. Eu escorreguei entre a sua cadeira e mesa, e quando ele inclinou-se para mim e descansou a testa no meu abdômen, eu deslizei os dedos na seda grossa e dourada que eram os seus cabelos.

— Serei cuidadosa.

Ethan grunhiu e envolveu suas mãos em volta da minha cintura. Corri meus dedos por seu cabelo – o mesmo movimento várias vezes – e em seguida, tracei meus dedos pelas suas costas. Gradualmente, senti a tensão sair de seus ombros.

Ele olhou para cima novamente, seus olhos agora uma brilhante piscina verde.

Eu sorri para ele. — Você parece bêbado.

— Sinto-me..., relaxado.

Eu não confiava que eu não cruzaria mais linhas do que eu tinha acabado de cruzar, então soltei suas mãos e afastei-me em seguida, então me movi em torno da

sua mesa e sentei-me na outra cadeira. Achei que ia ver a irritação em seus olhos quando olhei para trás. Pela segunda vez, ele me surpreendeu.

Ele estava sorrindo, uma espécie honesta, humilde, doce sorriso.

— Talvez eu esteja ficando melhor nisso. — questionou. — Melhor em corteja-la na forma em que você deve ser cortejada?

Eu cruzei uma perna sobre a outra e encontrei o sua olhar. — Meu trabalho é garantir a sanidade desta Casa. Garantir a sanidade do meu Mestre parecia como um bom começo.

— É essa a história que você está segurando?

— Essa é a minha resposta.

— Eu não compro.

Eu sorri fracamente, os olhos semicultos sob os meus cílios. — Você não precisa fazer isso.

— Hmmp. — disse ele, mas ele estava claramente satisfeito pela réplica.

Desta vez, ele foi quem tomou à ofensiva. Ele se levantou e moveu-se em torno de sua mesa e veio para mim. Eu me ajeitei cada nervo em meu corpo em estado de alerta enquanto ele se aproximava. Quando ele chegou até mim, tomou minhas mãos, o mesmo movimento que o Prefeito Tate tinha usado um par de noites atrás.

— Estou confiante o suficiente para assegurar que eu prefiro estar no controle. — ele disse. — É uma consequência, eu acho da responsabilidade de manter esta Casa. Mas eu lhe disse o que sentia por você...

— Na verdade, não.

Ele piscou. — Como?

Eu dei-lhe um sorriso. — Você me disse que estava começando a se lembrar como era o amar alguém. Você não fez uma confissão específica para mim.

Seus lábios se apertaram, mas ele foi inteligente o suficiente para a pergunta pertinente. — Será que vai fazer uma diferença se eu disse isso?

— Não. Mas uma garota gosta de se sentir apreciada.

O único aviso que tive foi o flash em seu os olhos antes que ele se movesse, ficasse de joelhos. Eu gelei; meu estômago girando. Brincadeiras de lado, um menino de joelhos significava coisas que eu não estava preparada para ouvir.

Ethan chegou à frente e deslizou uma mão ao redor do meu pescoço, o

polegar traçando o ponto de pulso encontrado lá. — Merit, eu am...

— *Não*. — eu sabia que eu o incitei a fazer isso, mas não queria dizer que eu estava pronto para as palavras. Eu poderia ouvir o pedido em minha voz, mas eu consegui pará-lo antes que ele dissesse a palavra com A. — Não diga. Colocá-lo para fora, só vai tornar mais difícil, para nós dois, fazermos o nosso trabalho.

— Eu não estou lisonjeado pelo fato de que você não tem certeza se eu quero dizer isso ou não.

— Você quer?

Ele me deu um olhar calmo, mas então sua expressão se alterou para algo muito mais avaliativo. E isso me preocupou.

— O quê? — eu perguntei a ele.

— Nós somos vampiros.

— Eu estou ciente.

— Como vampiros, nós barganhamos, nós negociamos e nós honramos os nossos acordos.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — E qual acordo você pretende formar?

— Eu quero um beijo. Um único beijo. — acrescentou antes que eu pudesse questioná-lo. — E eu vou manter a declaração para mim. Um beijo, e então eu vou cessar todos os flertes, como você chama, a menos até que você venha para mim com suas próprias declarações.

Olhei para verificar a sua expressão. Psicologia reversa não era algo dele, e acordo por outro lado, não fazia muito sentido. Eu não nego a atração entre nós, mas me senti bastante confiante para não prosseguir com a proposta sexual com meu chefe.

— Um beijo? — eu repeti.

— Um beijo.

— Feito. — eu disse. Esperando ele sacar a arma, eu fechei os olhos e ofereci os lábios franzidos. Ethan riu, mas ignorou-me tempo suficiente para me fazer abrir um olho.

— Não pense que você vai conseguir passar por isso assim tão fácil. — a mão no meu pescoço deslizou para baixo, seu polegar descansando no côncavo da base do meu pescoço, o resto dos seus dedos abertos em toda a minha clavícula. Seus olhos verdes presos aos meus, pelo menos até que seus cílios caíram e ele se aproximou.

Mas ele não me beijou.

Sua boca pairou sobre a minha, mas ele não foi adiante e eu me recusava a fazer isso, então ele se recusou a pegar seu prêmio.

— Você está trapaceando. — murmurei. Eu estava dividida sobre se eu estava contente com isso ou não. Eu estava com medo que se eu tocasse sua boca, perderia a vontade de resistir, e eu tinha medo que se eu desistisse, eu perderia meu coração novamente.

Ethan balançou a cabeça. — Eu disse um beijo, e eu quis dizer isso. Um beijo, meus termos, a ser invocada na hora certa.

De repente, ele mudou sua boca ao meu ouvido, seus dentes no lóbulo da minha orelha. Estremeci com o contato e uma centelha vibrou em minha coluna, meus olhos revirando no prazer ridículo que era isso.

— Isso não é um beijo. — ele sussurrou seus lábios na minha orelha.

— Também não é o espírito do negócio.

— Não vamos focar nas formalidades, Merit.

E então seus lábios estavam de volta, pairando contra o meu queixo, provocando-me com a possibilidade do que ele poderia fazer.

Com a antecipação do mesmo.

Eu lutei contra o impulso de avançar, para empurrar meus lábios contra os dele, para acabar com isso. Para empurrar os meus lábios contra os dele, porque ele incitou-me a isso.

— Eu vou ter você em minha cama novamente, Sentinela. E ao meu lado. Essa é uma promessa.

— Você esta tentando me seduzir?

— Está funcionando?

Minha resposta foi menos uma palavra do que um frustrado resmungar.

Eu era autossuficiente o suficiente para saber que a única coisa que eu gostava mais do que conseguir o que eu queria era não conseguir o que eu queria. Na minha experiência, querendo era mais divertido do que muitas vezes ter.

Por outro lado, este era um jogo que poderia facilmente ser jogado por dois.

Eu levantei a mão e empurrei uma mecha de cabelo atrás das suas orelhas, em seguida tracei uma linha desde a sua sobrancelha até seu queixo com um dedo,

o meu olhar bebendo cada parte do rosto, das suas perfeitas bochechas aos seus longos lábios.

Desta vez, ele congelou.

Empolgada com o poder feminino, tracei a linha do pescoço, em seguida, enrolei um punho no colarinho de sua camisa e puxei para frente.

Seus olhos se arregalaram, por trás de um sorriso.

Desta vez, eu o torturei, deslizando meus lábios ao longo da linha do queixo e, em seguida à sua orelha. Mordi-o delicadamente, apenas o suficiente para ouvir a seu pesado suspiro. Eu não tinha certeza se eu queria isso, se eu estava torturando ele porque achei que ele merecia ser provocado do mesmo jeito que ele me provocou, ou se eu queria a alegria de fazê-lo sozinho.

Meu coração batia forte, o ritmo acelerado pelo medo e apreensão e de simples desejo.

— Você gosta de ser provocado? — sussurrei.

— Eu gosto das previas. — ele disse as palavras confiantes, mas sua voz áspera com excitação.

Eu tomei a sua voz grave como a minha sugestão. Eu queria provocá-lo, e não empurrar-nos para um ponto onde não teria volta. Eu coloquei minha mão espalmada contra o peito de Ethan e empurrei para trás. Levantou-se vacilante aos seus pés, olhando para baixo para mim, com frustração em seus olhos.

— *Um gosto de seu próprio remédio.* — pensei. — Para estar tão perto de algo que você queria... e ainda assim muito longe.

Eu me levantei e caminhei em volta da minha cadeira e em direção à porta, em seguida, suspirei e ajeitei meu rabo de cavalo.

— É isso?

Meu coração estava batendo como um tambor em meus tímpanos, o sangue correndo nas minhas veias mais rápido do que deveria estar. — Um beijo, você me disse. Você teve sua chance de consegui-lo.

Ethan molhou os lábios, ajeitou o colarinho, e voltou para sua mesa. Ele sentou em sua cadeira, em seguida, olhou para mim, algo suave nos olhos.

— Um beijo. — prometeu. — E depois disso, a próxima vez que nos tocamos, será porque você me pediu.

Eu não era ingênua o suficiente para dizer-lhe que não iria pedir, para negar que eu nunca iria procurá-lo novamente. Eu sabia melhor, nós dois sabíamos

melhor.

— Estou com medo. — finalmente confessei.

— Eu sei. — sua voz era calma. — Eu sei, e mata-me saber que fui eu quem colocou esse medo em seus olhos.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Próximo passo? — eu perguntei, transformando-o de volta para negócios, mais uma vez.

— Uma bebida forte?

Abri a boca para responder, mas depois algo me ocorreu. Pensei no que Sarah tinha dito, e depois fiz um gesto em direção ao seu mobiliário novo e brilhante. — Você sabe uma bebida forte pode não ser uma ideia tão ruim.

— Será que eu finalmente impulsionei você ao álcool, Sentinela?

Eu sorri para ele, um brilho em meus olhos.

— Estamos chegando ao final da construção. Talvez eu devesse levar alguns dos noviciados para uma bebida no Bar Temple.

Ele arregalou os olhos, admirado. — Oferecendo uma oportunidade de investigar se casualmente alguém está usando meu bar para recrutar vítimas humanas. Bem pensado, Sentinela.

— Eu não sei do que você está falando, Sullivan. Eu só estou falando sobre algumas bebidas com minhas amigas.

Sentamos em silêncio por um momento, o novo acordo entre nós se solidificando.

Eu era os olhos e ouvidos do Ethan, sua ferramenta para resolver o problema que Tate tinha apresentado. Mas para mantê-lo seguro, ele não podia ter mais informações do que o necessário. Eu não estava louca por assumir o risco com o GP, e eu não tinha muita experiência interpretando a Sentinela sem o Ethan ao meu lado, mas eu gostei da ideia de interpretar a Sentinela sem ter a luta constante com a química entre Ethan e eu e o perigo que isso trazia.

Ele olhou para o relógio. — No caso de você esta vagamente curiosa, Darius, sem dúvida, estará de volta para outra rodada de ameaças, mas ele vai acabar se retirando para seus aposentos. Uma combinação entre Jet e lag vampiro. Se você estava pensando em ir ao bar, vamos dizer, às três horas, você provavelmente irá perdê-lo inteiramente.

— Como é lamentável. — com o acordo firmado, eu fui para a porta. — Vou

mantê-lo informado sobre qualquer bebida especial.

— Sentinela?

Eu olhei para trás.

— Da próxima vez que você estiver se sentindo falante, não se esqueça de verificar primeiro o aposento.

Capítulo 11

Festa das Garotas.

Não era saudável, eu podia admitir. Eu sabia que bolo fofo de creme de marshmallow não era a cura para frustração física, uma longa corrida pelo Hyde Park ou sessões de treinamento com Luc teriam curado melhor do que as calorias teriam.

Mas isso não faria meu quarto Mallocake – um processado e hidrogenado bolo fofo de chocolate com recheio de marshmallow tão adocicado que deixaria seus dentes com cáries – menos delicioso do que o terceiro havia sido.

Mallory havia descoberto Mallocake uma noite em uma loja de conveniência em Bucktown. Havia apenas algumas lojas em Chicago que vendiam eles, nos quais fizeram desenvolver um amor pela coisa – similaridades a parte a respeito de seus nomes – isso muito mais inconveniente.

Mallocake eram feitos na padaria Mãe e Pai em Indiana, e eram feitos uma vez por mês, o que fazia ser bem difícil de encontrá-los. Mas era uma dor na bunda para poder adquirir, eu não podia culpar o gosto deles.

Eles eram *ridiculamente* bons.

O bolo fofo de chocolate tinha simplesmente o balanço perfeito de um cheiro especial de chocolate e um não muito doce bolo, nos quais se combinavam perfeitamente contra o volumoso creme que cheirava a açúcar. Tinham uma centena de calorias em uma simples dose, e cada caixa ostentava quase uma dúzia de bolos embrulhados em celofane. Eles eram uma reunião de autopiedade simplesmente esperando para agir.

Por outro lado, eu era uma vampira. Eles não podiam me machucar. Qualquer crítica que você deve ter em relação a Ethan por me tornar uma vampira a parte, eu tenho um metabolismo loucamente rápido e obviamente nenhuma forma de ganhar peso.

Um vampiro inteligente teria tomado sangue, saciado sua necessidade com uma bolsa ou duas de O positivo ou AB. Mas Mallocake eram tão humanos. E algumas vezes uma garota precisa manter contato com sua humanidade. Algumas vezes uma garota necessita de um café da manhã que não envolva linho²⁵ ou erva

²⁵ Planta herbácea.

de trigo ou ovos caipiras orgânicos. Além disso, nos éramos os únicos seres vivos que podiam comer açúcar processado e carboidratos com impunidade – porque não ir fundo nessa, não é mesmo?

Mallocake era isso.

Sério, era um ato de comemoração pelo fato de que o jornal diário não revelava uma só palavra a respeito da rave da noite passada. As coisas não estavam muito bem na Casa quando retornei, mas uma imprensa calma ainda era uma vitória que precisávamos.

E assim, uma pequena vitória e duas mil calorias mais tarde; coloquei os papéis de celofane no lixo e agarrei meu celular da escrivaninha. Havia consumido meu aperitivo, então era hora de voltar ao trabalho.

Jeff atendeu depois do primeiro toque. — Merit!

— Fala comigo, Jeff. Alguma novidade a respeito do número de celular?

— Nenhuma maldita coisa. Estava designado para um celular pré-pago, e a conta não tinha mensagens enviadas ou ligações. Apenas aquele texto. E não encontrei nenhum registro de compra no meu arquivo de dados ou dos minutos ou do celular, então provavelmente foi pago a dinheiro nas duas transações.

— Hmmm. Isso é deprimente. E para constar, eu estou perturbada com o fato de você ter um registro de compras.

— E apenas meio ilegal. Ei, você quer que eu te faça sumir do sistema de finanças? Eu posso fazer isso. Até mesmo os Federais não poderiam te encontrar. Eles são muito amadores lá.

Era muito entusiasmo em sua voz para meu conforto. Eu era a neta de um policial, apesar de tudo. Por outro lado, Jeff trabalha para esse policial.

— Não, obrigada. Se você cometer um crime, vamos ter certeza de que e para o bem da cidade.

— Você não é divertida. — Jeff queixou-se.

— Ah, isso não é verdade. Eu sou muito divertida.

— Vampiros são divertidos apenas em 10% do tempo. Os outros 90% são bem irritantes. E sangrentos.

— Você tem passado bastante tempo com o Senhor Bell. Ei, enquanto estou com você ao telefone, poderia falar com ele? Eu tenho uma pergunta.

— Absolutamente. — ele disse, e escutei seu pedido. — Catch, a netinha está ao telefone.

Eu ouvi um arrastar de pés, no qual imaginei que era o som de Jeff carregando seu telefone até Catcher. Isso me deu tempo para me acostumar com o fato e avaliar o “netinha”. Era muito para minha amabilidade vampírica.

— Yo gabba gabba²⁶. — Catch disse. — O que há?

— Drogas.

— Nós estamos na terceira maior cidade do país. Você vai precisar ser mais específica.

Eu peguei o envelope e o observei.

— Tabletes brancos. Duas por vez e são entregues em um pequeno e branco envelope. Tem um V na pílula e também na parte de fora do pacote.

Ele ficou quieto por um momento. — Vou ter que checar o banco de dados, mas isso não me parece familiar. Porque pergunta?

Eu dei a ele um resumo, substituindo o nome de Jonah pelo de Noah novamente, e odiando que essas mentiras estivessem começando a chegar ao topo. Em breve eu iria precisar de um aplicativo apenas para manter tudo corretamente.

— Há alguma chance de que os humanos estejam sendo drogados com isso? — perguntei em voz alta. — Para deixá-los mais suscetíveis ao glamour?

— Então eles estariam mais de acordo em dar sangue em uma festa? Isso não faz sentido para mim. — imaginei-o se recostando em sua cadeira, mãos atrás da cabeça, pronto para repartir alguma sabedoria. — De qualquer forma, fazer alguma coisa glamorosa meio que traria muitos problemas. Quero dizer, esse é o propósito do glamour, apesar de tudo.

— Verdade.

— E, além disso, eu não quero culpar a vítima aqui, mas se eles estão aparecendo nas festas vampíricas, eles provavelmente tem alguma ideia da sangria que irá ocorrer. Isso não quer dizer que eles estão consentindo com o que irá ocorrer com eles, brincar de apoiar os vampiros na festa não é o mesmo que sentar e oferecer uma veia, mas o ponto é que eles talvez não precisem de uma dose dupla de convencimento. Você sabe sobre as pulseiras?

— As vermelhas? Sim, eu as vi. Havia algumas delas lá.

— Então não parece que vampiros precisem convencer alguém. E francamente, humanos se sentando e oferecendo suas veias não oferece

²⁶ Yo Gabba Gabba: programa educativo, exibido pelo canal Playhouse Disney Channel.

exatamente muito desafio. Não tenho certeza se esse é o tipo de disputa de testosterona que os vampiros iriam gostar.

— Não deste tipo. — confirmei. — Havia muita magia flutuando em volta. Alguma chance da magia ser externa? Não vampírica, eu quero dizer.

Sua voz estava plana. — Você está perguntando se um feiticeiro poderia nocautear um humano para que um vampiro pudesse chegar até ele? Mesmo que aja outro schlubs da Ordem em Chicago além de Mallory e seu tutor, no qual não há. Não há forma de que um feiticeiro tenha feito isso.

— E quanto à agressão? Um feiticeiro estaria interessado em fazer os vampiros mais agressivos, dando a eles um temperamento à flor da pele, esse tipo de coisa?

— Eu odeio estragar seus sonhos Merit, mas seu nível de testosterona realmente não é de muito interesse para a Ordem.

Muito para a ideia de um feiticeiro de Jonah, não que eu fosse uma grande fã disso de qualquer forma.

— Então estou confusa. Eu tinha esperança de que você tivesse alguma ideia.

— Eu sempre tenho ideias. Você disse que havia violência, glamour, e drogas; certo?

— Era mais para O Demônio Ficou Selvagem. Os mordedores tinham presas expostas, e eu vi um monte de olhos realmente prateados. Não é comum a íris se tornar prateada. Havia magia suficiente, glamour suficiente, sangue suficiente flutuando em volta, o que fez com que suas pupilas fossem reduzidas a nada. — eu quase mencionei Jonah, e tive que lembrar de usar o nome de seu disfarce. — Noah criou uma distração com um pouco de sangue, e os vampiros ficaram fodidamente loucos.

— E sangue. Vocês são vampiros. Fodidamente louco e uma conta de matemática bem básica.

— Não como Primeira Fome de desejo por sangue. Mais, eu não sei, furiosa? — eu pensei a respeito do que Ethan havia dito. — Parecia que o evento todo não era sobre sensualidade, e sim sobre lutar. Agressão. Adrenalina. Nos não estamos falando sobre alguns vampiros bebendo em alguns esconderijos de buracos na parede. Nós estamos falando de uma grande festa com muita magia, muito glamour, muitos humanos suscetíveis, e muitos vampiros furiosos prontos para lutar.

Catcher assinalou. — Não quero ser portador de más notícias, mas talvez seja apenas um efeito colateral da popularidade. Talvez seja como os vampiros

festejam hoje em dia.

— Se for assim, eles estão fazendo o recrutamento no Bar Temple. E o celular que recebeu a mensagem de texto foi encontrado no Benson.

Ouvi um rangido de sua cadeira.

— Eles estão recrutando nos bares das Casas?

— Pelo que escutamos. O fato é que quem recrutou no Temple foi um homem baixo e uma mulher. Nós achamos que o nome da mulher seja Marie. Eu já te disse qual o nome de nascimento de Celina? Marie Collette Navarre. — eu disse sem esperar por sua resposta.

— Agora isso é interessante. E uma porcaria de evidência, mas é interessante.

— Eu vivo para informar.

— Não suponho que você tenha planos para ir até o Bar Temple e investigar.

— Estou partindo dentro de uma hora.

— Boa garota. Por enquanto, vou falar com nossa fonte vampírica e ver se descubro algo sobre os recrutas. Além disso, te devo um favor.

— Deve?

— Devo. — ele clareou a garganta um pouco nervosamente. — Mallory e eu conversamos ontem à noite.

— Ela esta bem?

— Não está em seu melhor. Mas ela esta se sentindo muito melhor depois de uma reflexão de sua consciência. Você fez bem por ela, Merit, e eu aprecio isso. Muito. Eu conversei com ela. O resto vai vir com o tempo. — ele me garantiu.

Meus olhos umedeceram um pouco nos cantos.

— Obrigada, Chefe. Eu estava preocupada. Eu a amo, também, você sabe. Não da forma grotescamente física que você sente.

— O sexo e fenomenal.

Emiti um falso som de vomito. — Poupe-me dos detalhes e me ligue se aprender qualquer coisa.

— Anotado. — ele disse e a linha morreu.

Desliguei o telefone e encarei o cabo do mesmo por um minuto; não muito

pronta para fazer a próxima ligação da lista.

Ethan provavelmente não tinha comprado meu argumento, mas eu ainda suspeitava de que Celina tinha sua parte nisso: pra não dizer o mínimo, contratando vampiros – ou talvez o homem baixo – para fazer seu trabalho sujo. Era muita coincidência que “Marie” estava correndo por ai encorajando os vampiros de tratar humanos como comida conveniente disponível.

Fiz uma promessa pra mim mesma – custe o que custar, ela era minha. Ela me causou problemas, causou problemas a Ethan, e ela estava se encarregando de causar problemas para a Casa e para a cidade. Mesmo que eu tivesse que esconder isso de Ethan e do GP, eu iria desmascará-la.

Claro que ainda precisava de evidências. Eu podia admitir que o uso de um antigo pseudônimo não era exatamente forte para suportar a minha teoria. E se eu quisesse confirmar no que quer que ela esteja envolvida, quem tinha o melhor acesso a Celina?

Morgan Greer. O mais novo Mestre da Casa Navarre, ex- (curto) namorado, e seguidor de Celina. Mas ele tem sido o Segundo de Celina, e isso fez dele minha melhor fonte de informações sobre ela atualmente. Eu não podia confiar que ele voluntariamente iria ligar para Scott e Ethan oferecendo a eles informações.

Disquei o número de Morgan – o qual ainda estava em meu telefone apenas esperando por uma ligação embriagada – e esperei o toque.

— Greer. — ele cuspiu.

Havia alguma coisa pretensiosa sobre ele responder com seu sobrenome. Ele ganhou isso de volta quando se tornou o Mestre da Casa Navarre; aparentemente ele queria lembrar aos que ligavam essa mudança de posição.

— Ei Morgan. Aqui e Merit.

— Oh. Oi. — um suspeito tom carregado em sua voz.

— Desculpa por ligar para você, mas preciso de um favor.

— Um favor?

— Sim, e eu preciso que você prometa que não vai pirar.

— Ninguém diz isso a menos que as chances de pirar sejam bem altas.

— Verdade. — pausei por coragem, então expeli tudo. — Preciso falar com você sobre Celina. — dei-lhe os detalhes, da suposta *rave* até a mulher chamada Marie na parte de fora do Bar Temple.

Houve uma longa pausa. — E o que, exatamente você acha que ela esta

fazendo?

— Não tenho certeza ainda. Talvez solicitando humanos para algum tipo de sessão de controle da raiva vampírica?

Emitiu um som desdenhoso. — Merit, mesmo que eu concordasse com você, o que eu não concordo; o GP não vai colocá-la atrás das grades.

— Talvez não. Mas se tivéssemos informações suficientes sobre o que ela esta realmente fazendo aqui, nós aumentaríamos a nossas chances. E com isso, nós teríamos um melhor entendimento do que ela é capaz e como podemos mantê-la longe de destruir a cidade.

— Então me deixe ver se entendi direito, você quer que eu te ajude a investigar minha Mestra, a mulher que me fez um vampiro, a quem fiz dois juramentos para servir, contra os desejos do GP, e você não tem nenhuma evidência de qualquer coisa que você acha que ela esteja envolvida?

— “Investigar” é realmente uma palavra muito forte. Eu prefiro “manter informado sobre”.

Ele ficou quieto.

— Olha; eu sei que é muito a pedir, especialmente de você, especialmente de mim. Mas ela tentou me matar duas vezes, ela tentou matar Ethan, e só Deus sabe se ela esta se mantendo longe dos negócios de Navarre.

Aquela última foi um tiro no escuro, mas dado pela rápida mudança em sua respiração, eu descobri que estava em alguma coisa.

— Ela tem amigos. Pelo menos um casal de Cadogan, e nem mesmo é a sua Casa. Você perdeu algum membro ultimamente?

Eu tive que conceder isso a ele. Seu tom mudou de adolescente medroso para vampiro no comando.

— Não. Mas eles a amavam. E eu não criei nenhum vampiro ainda. E não farei até a primavera, então sua lealdade é para com ela. Isso me surpreenderia se eles estivessem mantendo contato? E que eles não me disseram a respeito disso? Eh. Eu não colocaria muita chance nisso, mas coisas estranhas têm acontecido.

— Se ela estiver envolvida nisso, arranjando humanos para festas vampíricas, porque ela faria isso? Qual seria sua motivação para isso?

— Bem, ela teve sua coroa removida a força, por assim dizer. Se ela não pode brincar de vampira heroína, talvez ela esteja pronta para um papel como antagonista.

— Os humanos não gostam mais dela, então ela com muita alegria o dá de

alimento para os lobos?

— Como eu disse, coisas estranhas têm acontecido. Mas eu seriamente, seriamente duvido que ela esteja brincando dessa forma livremente. Aparecendo em um bar Cadogan quando pessoas podem reconhecê-la? Isso não se encaixa pra mim.

E agora Morgan e Ethan estavam pensando da mesma forma. Era um desenvolvimento assustador. Mas os dois esqueceram uma coisa importante sobre Celina.

— Mas essas pessoas podem me incluir. E ela tem tido um confronto comigo sempre que se revela. — a mulher tinha algo pra mim, embora eu não estivesse inteiramente certa do por que.

— Eu não sei. Apenas não estou sentindo esse argumento.

— Bem, quando você começar a senti-lo mais forte – ou talvez escutar qualquer coisa a respeito de Celina ou o local em que ela está – você poderia me ligar? E se você não quiser fazer isso por mim, considere o destino da cidade.

— Você acha que ela causaria tanto problema?

— Sim Morgan, eu acho. Celina é muito esperta, muito experiente, e, pelo que vi, muito infeliz sobre o caminho que as coisas tomaram. Ela espera brincar de mártir com humanos assim como com os vampiros. Ela deve ter alguns vampiros ao seu lado...

— E os vampiros de Cadogan nisso. — ele interrompeu.

Rolei os olhos, mas continuei. — Ela deve ter alguns vampiros ao seu lado, mas ela não tem mais os humanos. E isso é o que a está incomodando.

— Traga-me mais evidências. E iremos conversar.

Ele desligou o telefone.

Porque todo mundo fica exigindo “evidências” e “fatos”? Eu juro, policiais e dramas de sala de julgamento estavam arruinando o bom nome do instinto.

Bem, de qualquer forma, eu tinha que obter mais informações. Devia já ter começado.



Meu esforço em espionagem no Bar Temple não poderia começar sem uma pequena conversa de apresentação, então depois que tomei banho e vesti mais roupas dignas de um bar – minha calça de terninho e outra blusa de algodão, esta era vermelha, combinava com a ruiva Mary Jane – saltos estilosos – segui para o subsolo.

A Casa tinha quatro andares de maravilhas vampirescas: dormitórios e a suíte de Ethan no ultimo andar. Dormitórios (incluindo o meu), a biblioteca, e o salão de eventos eram no segundo andar. O primeiro andar incluía escritórios administrativos, a cafeteria, e salas de conferências. O subsolo, porém, era todo negócios: sala de treinamento, depósitos de armas e munições da Casa Cadogan, a academia, e a Sala de Operações. A Sala de Operações servia como escritório de Luc e Quartel General dos guardas da Casa Cadogan, incluindo Lindsey e, ocasiões raras, eu.

A porta da Sala de Operações estava aberta, e dessa vez eu tive o bom senso – e a paciência – de espiar antes adentrar.

Juliet e Kelley estavam sentados de frente para os computadores junto à parede, o que queria dizer que Lindsey provavelmente estaria lá fora patrulhando a região. Luc estava sentado a mesa de conferência que ficava no meio da sala – mas ele estava usando um terno.

Ao lado de Luc sentava um alto, levemente desajeitado homem em um terno pelo menos de um tamanho muito grande. Ele estava falando em alta velocidade sobre seu hobby em vídeo games.

— E eu tentei não trapacear, mas você não pode sempre contar com os designers para criarem um jogo que progride logicamente por qualquer parte particular do mundo, então ocasionalmente você tem que abrir mão de seus padrões e encontrar um código de trapaça adequado para progredir, porque você realmente não quer perder a inércia de seguir em frente, avançar ou você perdera completamente o interessa na missão.

Quando ele pausou para respirar, me encontrei sugando o ar também. Esse cara, quem quer que seja não sabia quando parar.

— Obrigado, Allan. Acho que essa e uma interessante resposta, embora isso não explique como você pode contribuir para a Guarda da Casa.

Ai meu Deus, Luc estava *entrevistando* este cara.

Nós tínhamos um homem a menos desde que Peter nos traiu, então ele teve que procurar um substituto. Eu esperava que esse fosse uma escolha segura e não a primeira escolha de Luc; de qualquer forma, estaríamos com problemas.

A expressão de Allan estava murcha. — Vai ser útil nas horas em que eu,

como Guarda da Casa, precisarei contar com meus instintos de batalha e ocasionalmente desobedecer ao padrão da administração – o protocolo padrão, se quiser – especialmente quando seguir as ordens do Capitão da Guarda que...

— Wow. — Luc interrompeu. — Este é um excelente esclarecimento, e eu acho que isso irá servir para nós por hoje, desde que combinemos outro encontro – ah, e veja aqui esta nossa Sentinela!

Amaldiçoei em silêncio, mas coloquei um sorriso falso e passei pela porta. — Olá gente.

Luc se levantou e se dirigiu para a porta, então colocou uma mão nas minhas costas. — Graças a Deus, Sentinela. — ele murmurou e então sorriu amplamente para Allan.

— Allan, já conheceu nossa Sentinela? Merit, Allan está se candidatando para a vaga de guarda. Ele é um vampiro Cadogan que vive fora da Casa, e esta procurando se juntar a nossa pequena família.

Isso explicou o porquê eu nunca o tinha visto antes. Ofereci um pequeno aceno. — Prazer em conhecer, Allan.

Mas Allan não tinha tempo para gentilezas. — Há realmente alguma razão para ter uma Sentinela nós dias de hoje e nessa idade, dado ao estado atual em tecnologia de segurança?

— Tudo bem, então. — Luc disse, então guiou Allan para a porta. — Apenas siga a direita subindo as escadas para voltar ao primeiro andar. Obrigado por vir.

— Quando vou saber quando começar?

— Bem, nós estamos apenas no começo de nosso processo de entrevistas, mas nós absolutamente vamos deixar você saber quando vamos preencher a vaga.

— Estarei de férias em uma semana. Vou para Branson. Então é possível que você não me encontre. Mas tenho um telefone de satélite. Posso levar comigo.

— Isso é excelente. — Luc disse, enquanto empurrava-o para fora da Sala de Operações. — Tenho certeza que recebera a informação. E diga “oi” para Andy Williams quando estiver lá.

Luc fechou a porta, então pressionou sua testa contra ela.

— As entrevistas não vão bem?

Com a testa ainda pressionada contra a porta, espiou. — Quero apunhalar meu olho com um lápis. Esse garoto é inteligente, mas sua cabeça está no lugar errado, e ele não têm exatamente habilidades sociais.

— Então talvez ele seja bom com computadores. Até Jeff Christopher tinha fixação por Warcraft. — assinalei.

— Você é sempre otimista. E eu não estou proibindo suas bolas de jogar. Eu talvez devesse cortar minhas presas em outra hora, mas sou dono de todo atual sistema de jogos no mercado dos Estados Unidos. E alguns de Taipei que ninguém sabe a respeito ainda.

Ele sacudiu a cabeça. — Nah, eu me imponho pela atitude. Nós estávamos perguntando para esse cara se ele ficaria em frente a uma estaca por todos nos se necessário, e ele estava enrolando filosoficamente sobre quando esta tudo bem em desobedecer a ordens? Não, obrigado. Você confiaria nele para fazer isso por você?

— Bom ponto. E não.

— A menos que uma modelo de exposição esteja atirando a estaca. — Kelley falou secamente, seu olhar ainda escaneando as imagens em preto e branco do circuito fechado da tela do computador.

— Você atingiu essa na cabeça, Kels. Agora, Sentinela, o que a trás escadas abaixo, com exceção de seu tão bom momento? Darius te assustou para cá para baixo?

— Na verdade, tenho que te dar um alerta sobre uma coisa. Pode ligar para Malik? Pode pedir que ele descesse também?

Luc arqueou a sobrancelha. — Tem alguma coisa te incomodando?

— Não exatamente. Mas talvez tenha um antigo Mestre Navarre recrutando humanos para fora do Bar Temple.

As sobrancelhas de Luc se elevaram. — Deixe-me chamá-lo pelo telefone.

Capítulo 12

ALÉM DO ARCO-ÍRIS.

Dez minutos depois – e provavelmente uma desculpa para Ethan e Darius – Malik se juntou a nós na Sala de Operações. Nós colocamos Lindsey, que estava lá fora patrulhando o terreno, no viva voz, para que ela pudesse ouvir.

— Estou aqui. — Lindsey disse. — Desembuche; Merda Gostosa.

Ela me amava mesmo.

— Então, vocês sabem o básico. — eu disse a eles. — Nós anteriormente vimos *raves* pequenas – alguns vampiros, algumas pessoas, algumas bebidas. Agora estamos falando de festas completas com um monte de vamps, um monte de humanos, e um monte de potencial para violência. Eu não vi o tipo de violência que Tate mencionou enquanto estávamos lá – mas nós saímos de lá o mais rápido que pudemos. Nós sabemos que humanos estão cheios de glamour, que talvez tenha sido ajudado por uma droga que estivesse sendo passada. E nós achamos que os convites para os humanos estão saindo dos bares das Casas.

O quarto ficou silencioso, todo mundo trocando olhares preocupados.

— Sua evidência? — Malik perguntou.

— O telefone que recebeu a mensagem sobre a reunião de ontem foi deixado no Benson's, o bar da Casa Grey. E outro humano nos disse que ela descobriu sobre a festa quando se encontrou com um homem baixo e uma mulher chamada Marie, do lado de fora do Bar Temple.

O lábio de Malik se ergueu. — Alguém está usando nosso lugar para atingir os humanos.

— Esse parece ser o caso.

Havia somente uma palavra para o olhar em seus olhos – determinação. — E qual é o seu plano?

— Bem, em um mundo perfeito, o plano seria não irritar o GP. Mas como sabemos esse claramente não é um mundo perfeito.

Houve vários resmungos de concordância pelo quarto.

— Darius nos quer seguros e presos dentro da Casa Cadogan – onde, por

enquanto, ele pode ficar de olho na gente – e não criando problemas fora da Casa. Mas já tem problemas explodindo lá fora, e se nós não tomarmos o controle da situação, as coisas vão piorar muito rapidamente. Não podemos simplesmente sentar aqui e assistir a cidade cair ao nosso redor.

— Eu sei que sou jovem. — eu continuei. — Mas eu também tenho a obrigação de fazer as coisas que acho necessárias para proteger a Casa. Mesmo se Darius não aprovar... e mesmo se Ethan não souber sobre elas.

Eu deixei a implicação penetrar por um minuto, e então diminui minha voz. — Eu dei a ele uma atualização geral, mas eu não vou lhe dar os detalhes, e ele não está vindo. Quanto menos ele souber...

— Menos Darius pode usá-lo como um bode expiatório.

Eu acenei em concordância. — Precisamente. O resumo é ele me deu autorização para tomar a melhor decisão que eu pudesse, e eu quero dar a todos vocês a mesma cortesia. O GP está colocando pressão o suficiente na Casa sem a minha adesão. Se você quer saber o que estou fazendo, eu vou contar. Se não. — eu levantei minhas mãos. — Não se preocupe. Você pode negar que sabia o que estava acontecendo, e espero que isso vá protegê-los de Darius, se o pior acontecer.

Minha parte dita, eu olhei ao redor da sala novamente.

Luc colocou um pé no topo de mesa. — Você está mesmo nos perguntando se não vamos ficar do seu lado contra o GP? Mesmo, Sentinela? Eu pensei que tinha te ensinado melhor que isso. Nós somos um time – e você é um membro dele.

— E você está ficando melhor nos discursos. — Lindsey disse. — Eu acho que Sullivan te subiu a cabeça. Oh, e eu estou totalmente dentro.

Juliet e Kelley sorriram uma para a outra, e para mim.

— Nós estamos dentro também. — Kelley disse. — Nós conhecemos Ethan por mais tempo que Darius. Ele pode não ser perfeito, mas está preocupado sobre a Casa, e não só sobre política.

— Concordo. — Julie disse.

Todos nós olhamos para Malik, o único que eu não tinha muita certeza. Não que eu duvidasse de suas alianças, mas ele estava quieto o bastante para eu não estar inteiramente certa de onde eu estava com ele.

— Seu coração está no lugar certo. — ele disse. — É tudo que eu preciso saber.

Eu sorri para ele, e acenei para o grupo. — Okay, então. Aqui está o plano.

Quarenta e cinco minutos depois, um bando de vampiros estava saindo de

um táxi na rua escura e abafada em frente ao Bar Temple, não muito longe do Campo Wrigley. Eu, Lindsey e Christine – Christine Dupree, antes de ela ter perdido seu nome para se juntar a Casa, outra vamp da minha sala de Novatos – vestidas impecavelmente em tons chiques de preto, cinza e vermelho; e maquiadas em cada centímetro de nossas vidas imortais.

Nós provavelmente parecíamos o elenco novo de *Charlie's Angels*²⁷. Eu era a morena gostosona, Lindsey era a loira presunçosa, e Christine – anteriormente morena – estava estrelando uma peruca ruiva.

Christine não era uma guarda, e não éramos amigas próximas. Já que estávamos arrastando-a para algo que poderia colocá-la em problemas – e pedia sua lealdade – Luc deu a ela um sermão sobre dever. Nós não demos a ela todos os detalhes sobre as *raves*; ela só sabia que nós estávamos investigando ações ruins no Bar Temple. Ela parecia ansiosa para ajudar, o que era bom o bastante para mim.

Já para o bar em si, eu fiz um novo plano – bancar a isca.

Os vamps de Cadogan me conheciam como Sentinela, e Lindsey como guarda. Mas eles também sabiam que Christine era a filha de Dash Dupree, um advogado de Chicago com má reputação, e que eu era a filha de Joshua Merit, o Sr. Manda-Chuva do Governo de Chicago.

Eu tinha percebido na festa da Streeterville que eu podia bancar a baladeira muito bem, então eu iria tentar de novo. E com a credibilidade minha e a de Christine, ninguém ia questionar duas socialites se misturando no Bar Temple, fazendo perguntas sobre novos tipos de excitação.

Havia uma fila do lado de fora. Embora humanos não sejam permitidos na Casa, Tate não tinha estendido o banimento para os bares. Colin e Sean tinham ficado criativos, instalando placas de neon em cima da porta para manter os visitantes informados. Hoje, as luzes de HUMANOS e CADOGAN estavam acesas, o que significava que os vamps de Navarre ou Grey estavam sem sorte.

A parte de humanos estava bem para mim, pois nos ajudaria a realizar a parte um dos meus Planos de Infiltração no Bar Temple, ou PIBT²⁸. Infelizmente, o banimento de vamps de Grey ou Navarre não ajudaria. Eu esperava que pudesse usar a noite para recolher informações de outras Casas sobre as *raves* e drogas. Oh, bem. Jonah podia me colocar na Casa Grey. E sobre Navarre, eu cruzaria aquela ponte quando fosse à hora.

²⁷ Série de TV norte-americana. Esse é o “novo elenco”: <http://goo.gl/6psfY>

²⁸ Em inglês, “Temple Bar Infiltration Plan” – T-BIP.

Christine, Lindsey e eu entramos como se fôssemos donas do lugar, e ficamos em frente ao bar por um momento... para olhar e sermos olhadas.

Eu tomei um minuto para apreciar a localização. O Bar Temple era praticamente um santuário para os Cubs, meu time favorito. As paredes estavam enfileiradas com uniformes e bandeiras, e as lembranças dos Cubs cobriam cada lugar livre no bar. O bar estava sendo comandado por dois vampiros ruivos, também irmãos, Sean e Colin. Eles mantinham todas as coisas Irlandesas e dos Cubs vivas e bem em Wrigleyville.

— Primeira parada na PIBT. — eu disse as minhas companheiras. — Identificar humanos que possam ter conseguido um convite para uma *rave* passada ou futura, para que possamos identificar o hospedeiro.

— Ou hospedeira. — Lindsey adicionou. — Não vamos nos esquecer da possibilidade de Celina.

— Podemos, por favor, para de chamar isso de PIBT? — Christine disse. — Eu entendo que você gosta de acrônimos, mas isso soa ridículo.

— Infelizmente. — Lindsey disse. — Eu tenho que concordar. A não ser que o acrônimo seja muito mais duro. Como “PERIGO” ou “CARA DE ASSASSINA” ou “ARMADA” ou alguma coisa assim.

Eu dei a ela um olhar questionador. — E o que, exatamente, “PERIGO” significaria?

— Hmm. — ela olhou para o teto enquanto inventava uma resposta. — “Garotas Novatas zangadas e dedicadas examinando risco²⁹?” Ou talvez, “drogas nunca são boa diversão, certo³⁰?”.

— *Chato*. — eu murmurei.

— Aw, cara triste. Eu apareci com isso totalmente do nada. Sem reconhecimento por eu ter feito isso do nada?

— Senhoritas. — Christine disse, levantando a mão. — Vamos agir de acordo com nossas idades e permanecer no alvo.

Lindsey e eu trocamos um olhar culpado. Eu sou honesta o bastante para admitir que sarcasmo e bobeira fossem meus métodos preferidos de lidar com estresse. Mas eu estava cheia de estresse, e eu não podia exatamente criar uma briga de katana.

²⁹ Em inglês, “Dedicated, angsty, Novitiate girls examining risk?” que formaria a palavra “Danger”.

³⁰No original, “Drugs are never good entertainment, right?” que também forma a palavra “Danger.”

Friamente, Christine observou a multidão como um leão olhando para um bando de búfalos – dedicada a achar o mais fraco. Nós achávamos que humanos em um bar vamp teriam mais chances de se lembrar de uma socialite que virou vampira, e dar a ela informação de uma festa de vamps.

— Ali. — ela finalmente disse, apontando com um dedo perfeitamente feito para alguns caras humanos em camisas de sociedades que, pelo olhar do jarro vazio na mesa deles, já tinham bebido um pouco.

— Eu começo ali. — ela disse, e atravessou a sala em direção as suas vítimas insuspeitadas. As cabeças dos caras se ergueram quando ela se aproximou seus olhos se tornando um pouco embaçados, embora eu não tivesse certeza de isso era porque os dois tinham acabado com o jarro, ou porque ela estava jogando algum glamour.

— Psíquica Forte? — eu perguntei a Lindsey. Essa era a denominação de um vamp com uma boa capacidade de usar glamour.

— Nem. — Lindsey disse. — Aquelas expressões caidinhas são cem por cento sobre sua adorável forma feminina.

Se fosse isso, aquela forma foi provada vencedora; um dos garotos se levantou e ofereceu uma cadeira a Christine. Ela a pegou, modestamente cruzando uma perna sobre a outra, e se inclinando para conversar com os garotos. Se eles tivessem alguma informação pertinente, eu não tinha duvidas de que ela as arrancaria.

— Ela é surpreendentemente boa nisso. — eu disse, olhando para Lindsey. — Luc está entrevistando-a para um trabalho?

— Eu não tenho certeza se ela serve. — Lindsey disse. — Ela é mais o tipo fundo de confiança – o que cai bem em situações como essa. Por outro lado, sem reclamações se termos que jantar na Cafeteria Memorial de Dash Dupree por uma década.

Eu ri, e olhei para o bar. — Já que o trabalho dela está sendo executado, vamos fazer o nosso.

— Humanos, confere. — Lindsey concordou, fazendo o formato de uma marca afirmativa com o dedo. — Agora, devemos atingir o barman?

Eu sorri para ela e me movi em direção ao bar. — Só tente acompanhar, Okay?

Lindsey bufou. — Querida, você pode ter a carne, mas eu tenho a grelha.

Somente Colin, que era um pouco mais velho e alto que Sean, estava

trabalhando no bar hoje.

— Se ele está sozinho, pode não ser uma boa hora para tirá-lo de lá. — Lindsey disse enquanto me seguia.

Eu tomei seu ponto, mas o cobri com o meu. — Nós somos noturnos, e ele provavelmente trabalha no bar até o amanhecer. Eu não tenho certeza se é uma boa ideia tirá-lo de lá, mas precisamos descobrir o que está acontecendo.

Nós esbarramos na multidão de humanos e vamps na frente do bar e fomos diretamente até ao fim dele. Eu esperei até Colin se mover até nós, limpando suas mãos em uma toalha enfiada no cinto, antes de emergir a questão.

— Podemos conversar em particular por alguns minutos?

Com uma expressão duvidosa, Colin se virou para pegar duas cervejas de um refrigerador pequeno, então as colocou no bar e pegou o dinheiro que um vamp tinha deixado ali. — Ocupado hoje. Pode esperar?

— Hm, oi? — Lindsey perguntou, se movendo ao meu lado e colocando um cotovelo no bar. — Eu estou aqui. Eu posso ficar de olho no bar.

Colin franziu a testa para ela. — Você pode fazer isso?

— Querido, eu passei uma década da minha vida gloriosa colocando doses na Aldeia do Leste. Essas pessoas vão estar bêbadas e entretidas quando você voltar, ou eu não sou uma das 10 mais gostosas da Casa Cadogan. Sério. — ela adicionou, com um olhar para mim. — Tem uma lista, e nós duas estamos nela.

— Legal. — eu disse. Nada mal para uma estudante de graduação louca por bibliotecas.

De gostosa para barman, Lindsey não desperdiçou tempo, se esgueirando atrás do bar e jogando uma toalha branca sobre o ombro.

— Senhoras e senhores. — ela anunciou. — Quem precisa de uma bebida?

Quando a multidão soltou uma vaia apreciativa, Colin colocou sua mão nas minhas costas e me guiou até o outro lado do bar. — Vamos para o escritório. É mais quieto lá dentro.

Eu segui enquanto ele fazia uma volta pelo bar. Ele trabalhou pela sala como um policial maduro: checando bebidas, beijando garotas bonitas na bochecha, recomendando coberturas de pizzas no associado ao lado, e perguntando sobre os pais de humanos aparentemente amigos. Eu não conhecia Colin muito bem, mas ele era claramente adorado, tanto quanto o aparelho do bar e engrenagens dos Cubs e vampiros.

Quando nós cruzamos o quarto, paramos no corredor dos fundos coberto de

fotografias – e passamos por uma foto de Ethan e Lacey Sheridan, sua paixão antiga – e entramos em um quarto pequeno no fim.

Colin puxou um chaveiro do seu bolso e destrancou a porta. O escritório era pequeno – mal era grande o bastante para suportar a escrivaninha de metal e armário de arquivos velho. Cada superfície limpa estava coberta de papéis – revistas, notas, cheques, trocos de impostos, papéis amarelos de propriedades legais, jornais dobrados, programas esportivos, faturas, menus de delivery.

As paredes também estavam cobertas, embora fossem menos amigáveis. Cartazes e calendários estrelando Pinups dos últimos setenta anos estavam colados como papel de parede pelo quarto, loiras peitudas e morenas em shorts curtos e saltos de sete centímetros sorrindo para nós coquetemente. Parecia o escritório que você encontraria uma estação de serviço e loja de troca de óleo. Não era exatamente o lugar que uma mulher ficava confortável, mas então, eu não era a audiência alvo.

— Bela decoração. — eu disse educadamente.

— Nós gostamos. — ele disse. — Feche a porta, por favor?

Eu a fechei, o que diminuiu o volume o bastante para nos permitir falar ao invés de gritar.

Colin rodeou a escrivaninha e abriu a primeira gaveta do armário de arquivos. Ele tirou de lá um cantil, arrancou a tampa, e deu um gole.

— Álcool? — eu pensei em voz alta.

— Tipo O. Minha mistura especial. — ele ofereceu para mim, mas eu neguei. Eu precisava de uma cabeça limpa, e não estava confiante de que a “mistura especial” do Colin ia me manter em um lugar somente de negócios.

— Não, obrigada.

Com o cantil ainda em mão, ele puxou uma cadeira antiga, a almofada de encosto coberta com mais plástico do que tecido, e se sentou. — Agora, Senhora Sentinela, o que eu posso fazer por você?

— Você notou alguma coisa anormal por aqui, ultimamente?

Ele fez um som sarcástico. — Era uma vez, esse era um bar para vampiros. Para os que tinham presas, e para suas famílias. Desde que saímos do armário, eu estive servindo humanos que pensam que vamps machos são heróis românticos e pensativos, e que vamps fêmeas tem uma formula secreta para perder peso. Eu também ocasionalmente sirvo humanos que pensam que vamps são lixos e precursores do apocalipse. Então, anormal? Sim, Sentinela. Eu diria que sim.

No fim do discurso, suas palavras tinham se acelerado, e quanto mais rápido ele falava, mais pronunciado ficava seu sotaque. Eu nunca estive na Irlanda, mas conseguia ouvir as montanhas verdes na sua voz.

Ele também tinha um ponto, mas eu estava procurando por algo um pouco mais específico, então eu fui direto ao meu ponto. — Nós achamos que vamps estão usando o bar para achar humanos para algum tipo novo de *rave*. Alguma coisa assim soa um sino?

Ele deu um gole no seu cantil. — Como eu disse, muitos humanos querem passar tempo com vampiros. Eu não tenho certeza se conheceria a diferença entre um vamp dando em cima de um humano e um vamp convidando um humano para algum tipo de festa com bebidas.

— Muito bem. — eu mordi meu lábio por um momento, desapontada que ele não tinha me dado muita informação valiosa. — Okay, e as drogas? Algo chamado V? Pode ser usado para tornar os humanos suscetíveis ao glamour.

Suas sobrancelhas se levantaram com interesse. — Não me diga. Somos tão incapacitados com glamour esses dias que precisamos recorrer a produtos farmacêuticos para fazer o trabalho?

— Ainda não estamos certos de como isso funciona, só que foi achado em uma festa.

Ele balançou um ombro. — Isso é um bar, drogas são parte do pacote. Eu não ouvi sobre novas drogas sendo passadas, mas isso não significa que não está acontecendo.

Terceiro golpe na Sentinela, mas eu tentei novamente. — E pessoas familiares? Alguém que frequenta o bar bem mais que o normal? Alguém incomum, ou que aparecem várias vezes?

Colin se inclinou de volta na sua cadeira e cruzou seus braços sobre o peito, o cantil ajeitado em baixo dos seus braços como uma boneca. — Eu não quero chover em cima do seu cavalo, e eu aprecio tudo que você faz pela Casa como Sentinela. Mas para ser franco, eu passo meu tempo tentando me certificar de que os vampiros e humanos nesse bar sejam bem atendidos e entretidos e tenham a oportunidade de queimar um pouco do estresse que se constrói pela semana de trabalho. Mas se você está perguntando se eu vi alguma coisa que sugira que o Bar Temple é o novo HQ para algum tipo de movimento *rave*? Então não, eu não vi.

Vazia, eu suspirei. Eu achava que o cara que passava a maior parte do seu tempo no bar saberia tanto quando pudesse sobre o que Sarah achava que estava acontecendo no Bar Temple. Mas ele tinha um ponto, ele podia ter acesso, mas também tinha muitas coisas para fazer.

Eu assenti. — Obrigada pela sua honestidade. Entre em contato se pensar em alguma coisa?

Ele ofereceu um sorriso. — Pode deixar Sentinela.

Sem mais informação em mãos, eu me despedi de Colin e voltei para o bar.

E foi onde eu consegui a surpresa número dois.

Eu sabia que Lindsey tinha nascido em Iowa. Eu sabia que seu pai era um churrasqueiro. Eu sabia que ela tinha vivido em Nova York e tinha tido uma aliança com os Yankee que eu, como uma fã leal de Cubs, só conseguia assumir ser o resultado de alguma insanidade vampira baixa.

Eu não sabia que ela era uma barman extraordinária.

Eu achei Lindsey atrás do bar e uma multidão de vamps, com dólares em mão, gritando o nome dela como se ela tivesse ganhado uma bandeira para eles.

A garota era *fenomenal*. Ela girou uma coqueteleira horizontalmente em uma mão, e uma garrafa de álcool azul na outra. A multidão gritou, “Uhu!” quando ela jogou a garrafa sobre seu ombro e a pegou novamente na mão da sua mão, então derrubou os conteúdos de ambas as garrafas em um copo de Martini. A garrafa e a coqueteleira pararam em cima do bar, e então o copo estava em sua mão e ela foi até o vampiro na frente dela. Ela organizadamente pegou o dinheiro dos dedos estendidos do vamp e empurrou-o em uma jarra.

A multidão ao seu redor soltou outra rodada de aplausos. Lindsey curvou-se e então começou a preparar outra bebida para o próximo vamp na fila. Os vamps no bar assistiram seus movimentos com olhos brilhantes, como se estivessem esperando por um gole único de um vinho raro e limitado. Pessoalmente, eu não entendi a reação, mas eu não bebia muito.

Eu me virei quando senti uma batidinha no meu ombro e achei Christine ao meu lado.

— Alguma coisa para reportar?

Ela gesticulou em direção aos garotos. — Nossos novos irmãos de sociedade favoritos estão aqui pelo menos uma vez por semana, geralmente no fim de semana. Na última sexta-feira, eles estavam fumando em um beco quando um homem se aproximou, fez algumas propostas sobre tentar uma experiência nova de vampiros. Acabou que nossos irmãos de sociedade foram corajosos o bastante para se aventurarem em um bar de vampiros, mas não foram corajosos o bastante para algo a mais. — ela me deu um sorriso conhecedor. — Beber em um bar com vamps aparentemente dá a eles uma sensação de perigo sem as calorias, digamos. Eles não deram uma boa olhada no homem, mas...

Eu levantei uma mão para pará-la, satisfação esquentando meu sangue. Eu realmente gostava do momento quando as peças do quebra-cabeça começavam a se encaixar. — Me deixe adivinhar, ele era baixo, mais velho, cabelo preto?

Seus olhos se arregalaram em surpresa. — Como você sabia?

— Minha testemunha estava tomando um ar lá fora quando foi abordada por um homem com a mesma descrição.

— E ele está usando o Bar Temple como seu próprio terreno de recrutamento?

— Esse parece ser o caso.

Aplausos barulhentos se espalharam pelo ar próximo ao bar. Eu olhei bem a tempo de ver Lindsey terminar outra bebida e aplaudir como um comerciante em Vegas.

— E agora, para o meu próximo truque. — ela disse, dirigindo um olhar para mim. — Algo que vampiros nunca verão. Eu farei sua Presidenta Social da Casa obedecer às minhas ordens!

Com o encorajamento da multidão, ela me chamou. Eu revirei meus olhos, mas a multidão apreciou o humor, então eu fiz a minha parte e me esgueirei atrás do bar.

Ela imediatamente começou a mandar em mim, apontando para copos de tamanho médio. — Me dê sete daqueles copos e alinhe-os pelo bar.

Quando eu fiz como ela mandou, Lindsey pegou uma coqueteleira limpa e começou a derrubar álcool dentro dela. Depois de ela ter colocado cinco ou seis tipos de álcool, ela abaixou as garrafas novamente e tampou a coqueteleira.

— Vocês sabem do que eu tenho saudade? — ela perguntou à multidão. — Nuvens. Luz do sol. Aquele momento estranho quando chove, mas o sol ainda está no céu. Nasceres do Sol. Por de Sol – até depois do fato, é claro.

A multidão riu apreciadamente.

— Mas vocês sabem do que eu mais tenho saudade? — ela continuou. — Arco-íris, como um monte de M&M's jogados pelo céu. Então para todos vocês, amáveis vamps de Cadogan, aqui está um arco-íris, uma cor de cada vez.

Com uma virada do seu pulso, Lindsey começou a derrubar o líquido em cascata sobre os copos. Ela encheu o primeiro copo com azul, e assim que cada copo estivesse cheio, ia para o próximo. Como mágica, o álcool que ela tinha colocado na coqueteleira se tornou um arco-íris pelos copos, de turquesa para um tom brilhante de rosa. Quando ela terminou, havia sete copos de líquido em cima

do bar como um arco-íris perfeito e molhado.

— E é assim. — ela disse, colocando a coqueteleira de volta no bar. — Que vampiros fazer arco-íris.

O bar explodiu em aplausos. Eu tinha que admitir, era um truque muito bom. As bebidas podem não ser boas – eles pareciam adereços de filmes de ficção científica, para ser honesta – mas elas pareciam fenomenais.

Lindsey olhou para mim e sorriu. — Nada mal para uma fã de Yankee, hein?

— Nada mal mesmo. — Colin disse, indo para trás do bar novamente. — Você nos orgulhou.

Ele aparentemente não tinha sido o único impressionado. Os vamps que estavam pelo bar, uma mistura de homens e mulheres, começaram a se empurrar para pegar uma das sete bebidas.

— É só álcool, senhoras e senhoras. — Colin disse com uma risada, limpando o álcool em excesso que Lindsey tinha derrubado.

— Tem muito mais de onde isso veio. — ela adicionou. — E eu tenho certeza que Colin ficaria feliz em pegar seu dinheiro por eles.

Colin riu, mas o empurra-empurra pelas bebidas de Lindsey me pareceu estranho. Essencialmente, elas eram somente álcool servido por um membro da Casa que poderiam ver em qualquer outra noite da semana – e em um bar que poderiam visitar em qualquer outra da semana.

Meus sentidos aguçados, eu me movi de volta até o fim do bar, e peguei o olhar de Lindsey pelo canto do olho. Ela assistiu eu me mover, e sempre a guarda presunçosa, deu aos vamps o mesmo olhar, e viu-os se cutucando para pegar o álcool.

Isso significava que nós duas estávamos assistindo o momento que um pequeno empurra-empurra se transformou em uma luta completa.

Capítulo 13

A REVOLUÇÃO VAI SER TELEVISIONADA.

— Eu vi primeiro. — disse um vampiro no fim do bar com *dreads* enfiados em baixo de um chapéu estilo boina.

— Eu estava quase o pegando quando você colocou sua mão pesadona lá. — disse um segundo homem, esbelto e de cabelo castanho, vestindo uma camiseta escura e calças cáqui. Eles pareciam mais poetas ou caras de cafeterias do que valentões do Bar Temple... Até eles começaram a se socar no rosto.

— Mas que merda? — Lindsey exclamou enquanto eu rodeei o bar para separá-los. Eu agarrei o de Camiseta pelo braço e o puxei para trás. Ele tropeçou um pouco antes de cair de bunda no chão. *Dreads* – ainda no auge da paixão – se jogou na minha direção – mas eu peguei seu punho e torci seu braço, empurrando seu peso para que ele ficasse de joelhos.

E então eu olhei nos seus olhos. Suas pupilas estavam estreitas, suas íris prateadas dois anéis brilhantes como diamantes ao redor delas.

Eu murmurei um palavrão. Eles estavam agindo como os vamps da *rave* tinham agido – alegriños e raivosos – e eles tinham tido as mesmas íris alargadas. Meu estômago despencou em aviso, e eu temi o pior. Essa era a próxima fase de uma histeria vampíresca em massa?

Eu dei um golpe no pescoço do *Dreads* que cortou um pouco do seu oxigênio e o deixou no chão. Infelizmente, quando eu me levantei de novo, vários outros vamps tinham sucumbido ao que quer que tenha os atingido. Punhos furiosos e insultos eram jogados, os vamps se batendo como se suas vidas – e não um copo barato de um álcool mais barato ainda – estivesse em risco.

A irritação se espalhou como um vírus. Cada vamp que recuava e sem perceber esbarrava em outro começava um segundo round, e a violência correu pela multidão.

Se nenhuma opção melhor a não ser pular na bagunça, eu olhei para Lindsey, dei um aceno de concordância com ela, e fiz meu movimento. Meu objetivo não era ganhar a luta, e sim separar os combatentes. Eu comecei pulando entre os dois mais próximos de mim. Eu levei um soco no ombro pela interrupção, mas consegui separar os vamps. Eu os empurrei para direções opostas e me direcionei para o

próximo par.

Lindsey fez a mesma coisa, saltando sobre o bar – derramando as bebidas de arco-íris no processo – e separando vamps.

Infelizmente, eles não estavam dispostos a ir embora. O que quer que tenha os possuído havia tomado o controle, fez eles continuarem se arranhando, ansiosos para lutar por nada substancial.

Felizmente, aqueles que não estavam afetados – alguns homens e mulheres que eu tinha visto na Casa – nos ajudaram a separar os lutadores. Nós nos tornamos um time. Lutando contra nossa própria espécie, infelizmente, mas ainda assim, lutando por uma causa boa.

Eu apreciei o esforço, mesmo não sendo o bastante. Com cada par que eu separava, outro parecia surgir, até que a massa de vampiros lutando ia da porta até o bar.

Sobre o barulho da briga, eu pude ouvir sirenes se aproximando. Alguém tinha ligado para a polícia, por causa da luta. Isso ia se tornar ainda mais feio; era hora para um novo plano.

Eu olhei em volta, procurando por Lindsey, e achei-a na minha esquerda, arrastando um vampiro pelo tornozelo.

— Lindsey, eu vou tirar os humanos do bar! — eu gritei, tirando um vamp de cima de mim e me virando para evitar um golpe da bota de alguém.

Policiais não ficariam felizes se vamps estivessem lutando entre si, mas eles ficariam furiosos se humanos fossem pegos no fogo cruzado. Com Tate na nossa cola, eu não tenho certeza se nós poderíamos passar por esse tipo de escândalo com a Casa intacta, muito menos sem um receptor.

— Já estou indo. — ela respondeu, derrubando seu vamp a algumas mesas de distância. Outro vamp de Cadogan fez o trabalho para ela, segurando aquele vamp enquanto ela corria na minha direção, e puxava de mim o vamp que tinha tentado me derrubar.

— Você é maravilhosa. — eu disse a ela, saltando sobre alguns vampiros que estavam brigando enquanto eu corria para a porta. Eu comecei fazendo uma barricada para vampiros pegando a mesa mais próxima e arrastando-a em direção a porta. Mais três mesas formaram uma parede falsa entre a saída e o resto do bar, o que mantinha os vamps brigando em um só lugar e dava aos humanos um caminho livre.

Eu olhei de volta na multidão, e vi um casal espremido em um canto, com os olhos arregalados. Eu corri até eles, os levantei, e apontei a saída agora

parcialmente segura.

— Saia por ali. — eu disse, e enquanto eles iam até a porta, eu procurei pelo restante deles. Os humanos eram muito fáceis de avistar. Os poucos vamps que não tinham sido afetados pela violência estavam tentando ajudar; a maioria dos humanos a se esconder, provavelmente chocados pela violência e tentando ficar fora do caminho. Eu localizei o máximo deles que eu podia e os mandei até a porta, as sirenes da polícia ficando mais altas enquanto eles corriam.

Quando eu tinha retirando o último humano, eu fui até a porta e encontrei a rua emergida em luzes azuis e vermelhas enquanto humanos corriam do bar como reféns libertos de um assalto em banco.

Policiais começaram a sair dos seus veículos, e eu temi o pior – que todos nós seríamos presos por incitar desordem pública. É claro, isso tornaria a ameaça de prisão de Tate discutível.

Eu me movi lentamente em direção à calçada, não ansiosa para levar um tiro dos policiais que acharam que eu era um inimigo. Adrenalina começou a pulsar novamente enquanto eu me preparava para enfrentar o round dois – as consequências. Mas quando um *Oldsmobile*³¹ familiar estacionou próximo à calçada, eu respirei aliviada.

Meu avô saiu do assento passageiro do carro, usando calças cáqui e uma camisa amarela-manteiga de mangas curtas e desabotoadas.

Jeff saiu do banco de trás, e Catcher se levantou do lado do motorista em uma camisa fazendo a propaganda de “Bang Bang Reparo Domiciliar”. Suas roupas podem ter sido bregas, mas sua expressão era toda negócios.

Os três acenaram para os policiais que passavam. Eu fui até eles.

— Problemas?

— Violência. — eu disse. — Lindsey estava misturando bebidas no bar, e os vamps começaram a lutar para ver quem ia ficar com qual bebida. A agressão se espalhou como um vírus depois disso.

— A mesma coisa que você viu na *rave*? — Catcher perguntou, e eu assenti.

— Parece que sim. Algo no ar, talvez, ou nas suas bebidas? Eu não sei. — eu gesticulei o bando de humanos. — Nós tiramos os humanos do bar, mas as coisas ainda estão tensas lá dentro. Eles ainda estão eufóricos, e separá-los não tem funcionado.

— Como você os acalmou na *rave*? — Jeff perguntou.

³¹ Oldsmobile foi uma marca de veículos descontinuada pela General Motors em 2004.

— Nós não acalmamos. Basicamente falsificamos um alarme de incêndio e saímos de cena. Já que não apareceu nos jornais, eu assumi que eles se acalmaram por si próprios.

Uma mesa de bar repentinamente voou pelo corredor aberto e se espatifou na calçada, rolando até parar em frente a um carro da Polícia de Chicago.

— Nós não temos esse tempo. — Catcher disse.

— Entre lá. — meu avô sugeriu, apontando para chamar a atenção de um dos policiais do DPC. Eles compartilharam algum tipo de código secreto de policiais, os outros oficiais recuando enquanto Catcher corria até o bar e desapareceu lá dentro.

Somente um momento depois Lindsey e o resto dos vamp não combatentes estavam correndo até a calçada. Colin era o último na fila, uma expressão grave em seu rosto.

— O que Catcher vai... — foi tudo o que eu consegui dizer antes do bar ficar silencioso. Sem vidros quebrando, sem gritos, sem *pops* secos de carne contra carne.

Embora eu soubesse que provavelmente isso não era possível, meu primeiro pensamento foi que Catcher tinha, de algum modo, derrubado cada vampiro no bar com suas habilidades de luta loucas. Mas Jeff sugeriu uma resposta mais provável.

— Magia. — ele sussurrou. — Catcher tirou os vamps felizes do bar. Isso deu a ele espaço para trabalhar com as Chaves em cima do resto.

— Colocando-os para dormir? — eu perguntei.

— Não, provavelmente só um vodu calmante. Ele é bom nisso – influenciar as pessoas a se acalmarem. É uma habilidade que vem a calhar em certas ocasiões.

Eu não estava certa de como me sentia sobre esse vodu. Embora confiasse em Catcher, eu não estava feliz sobre um feiticeiro usando suas habilidades para sedar vampiros. Eu teria preferido estar lá dentro com ele, ficando de olho nas coisas e providenciando um pouco de vigilância.

Mas antes que eu pudesse dar voz à minha preocupação, estava acabado. Catcher apareceu na porta novamente e acenou em direção ao resto dos policiais. Agora, já havia um monte deles cercando o nosso lugar de Wrigleyville. A maioria usava uniforme, mas alguns eram detetives em camisas e ternos, seus distintivos presos a suas cinturas ou a uma corrente em volta do pescoço.

— Vamos entrar. — meu avô disse. — Eu espero que ninguém seja preso até resolvermos isso. Esses oficiais sabem que essa não foi uma chamada de bêbados e desordenados, e sim que tem alguma coisa a mais acontecendo,

sobrenaturalmente.

— E eu vou manter um olho nos vamps até que eles voltem a si mesmos. — Jeff adicionou, colocando uma mão no meu braço. — É parte da nossa descrição de trabalho, ocasionalmente bancamos os anjos da guarda.

— Eu apreciaria isso.

— Nós estaremos em contato assim que pudermos. — meu avô disse. — E você, fique fora de problemas até lá.

Eu olhei de volta para o bar e pensei em minha investigação. Nossos garotos fraternos e Sarah podem ter sido solicitados pelo mesmo cara, pelo menos baseado nas suas descrições mínimas. Isso valia algumas perguntas a mais. — Na verdade, eu acho que vou dar uma olhada por aí.

Meu avô franziu o semblante. — Eu não tenho certeza se quero você andando por aí quando tem algo estranho no ar.

— Eu tenho uma adaga na minha bota, e estou rodeada por policiais.

— Ponto justo, bebê. Só me faça um favor, tenha cuidado? Eu ficaria muito bravo se os uniformizados acabassem prendendo minha neta, sem mencionar a ligação que teria que fazer ao seu pai.

— Nenhum de nós quer que essas coisas aconteçam. — eu assegurei a ele.

Enquanto meu avô e Jeff voltavam ao bar, eu vasculhei o quarteirão.

Lindsey e Christine tinham reunido os vamps não afetados no canto apostado a mim. Os humanos, agora testemunhas, estavam circulando dentro do perímetro da faixa amarela. Paparazzi já tinham se reunidos nos cantos, tirando fotos como se estivessem fora de estilo. Os *cliques* dos obturadores soavam como uma onda de insetos.

Darius e Ethan iam ter um ataque sobre isso. E falando sobre eles, eu tirei meu celular do meu bolso. Eu odiava ser a mensageira de más notícias, mas eu precisava atualizar Ethan. Eu decidi mandar uma mensagem de texto com uma recapitulação rápida (“BRIGA NO BAR TEMPLE. POLICIAIS AQUI.”) e um aviso (“FOTÓGRAFOS À SOLTA. NÃO DEIXE DARIUS CHEGAR PERTO DE UMA TV.”) Uma mensagem teria que servir por hora.

Isso feito, eu olhei a rua na outra direção. O quarteirão estava segmentado por um beco que corria ao lado do bar. Se nosso solicitador de *raves* estava xeretando no Bar Temple, ele teria se movido pelo beco? Esse parecia um passo tão razoável quanto qualquer outro, então eu decidi checar.

Eu enruguei meu nariz assim que dei uns passos no beco. Era uma noite

quente de verão, e o beco cheirava como a maioria dos becos urbanos provavelmente cheirava – lixo, sujeira, e urina de fontes desconhecidas. Era escuro, mas grande o bastante para um carro passar. Uma placa em uma parede que no passado estava escrito “SEM BICICLETAS OU MOTOS”, agora estava escrito “SEM CLETAS OU OTOS”. Eu segurei uma risada juvenil, mas ainda sorri um pouco.

No meio do beco, eu cheguei até a entrada de serviços do bar. A porta pesada de metal era vermelha e enferrujada e marcada com sinais de “SOMENTE ENTREGAS” e “PROTEGIDO PELA SEGURANÇA AZH”. Caixas de cerveja amassadas estavam enfiadas em uma pilha ao lado da porta. Além disso, não tinha muito que se ver.

Por precaução, eu andei até o outro fim do beco. Havia algumas caçambas e mais outras duas entradas de serviço para outros negócios, mas era só isso.

Eu franzi com desapontamento. Eu não tinha certeza do que esperava ver, embora um homem baixo de cabelo preto em baixo de uma flechinha flutuante neon que dizia VILÃO AQUI teria sido legal. Uma confissão rápida e suspeita não teria sido um problema, também.

Isso era bem mais difícil que nos filmes.

Oh, *droga*. Era isso.

Meu coração, praticamente pulando com animação; eu corri até a porta dos fundos do bar. Como previsto, acima da porta estava uma câmera de segurança. A área era escura e suja, então a câmera não deve ter capturado nada que valesse um Oscar, mas pelo menos era uma pista. Mas primeiro, eu precisava encontrar Jeff.

Eu corri de volta pelo beco, mas Jeff ainda não tinha saído do bar. Já que eu não estava a fim de pular no meio do drama do DPC, eu decidi checar com Lindsey.

Eu não tinha dado dois passos quando senti uma mão no meu ombro.

— Está tudo bem?

A voz era familiar, mas ele tinha me assustado o bastante para eu fazer um giro de corpo completo. Eu me virei e encontrei Jonah atrás de mim em jeans e uma camiseta. Dois vampiros que eu não conhecia estavam atrás dele. Um vestia um suéter amarelo com um número na frente. O uniforme da Casa Grey, eu supus.

Jonah estava aqui com amigos, o que significava que estávamos bancando a Sentinela e o capitão, sem a conexão da GV. E nesses lugares, já que ninguém tinha nos visto juntos na Casa Grey, ainda não tínhamos nos conhecidos. Eu podia brincar junto com ele.

— Você é Merit, certo? Sentinela de Cadogan?

— Sim. E você é?

— Jonah. Capitão. Casa Grey. — ele olhou de volta para o bar. — Você precisa de ajuda aqui.

— Acho que estamos bem. Houve uma briga no bar.

Os olhos de Jonah se arregalaram. — Uma briga?

Eu olhei de volta para os caras atrás dele. Eu podia dar informação a Jonah, mas esses dois eram completos estranhos. — Eu não conheço seus amigos.

— Danny e Jeremy. — ele disse, apontando para cada um deles. — Eles são Guardas da Casa Grey.

Danny sorriu e assentiu; Jeremy ofereceu um meio aceno. — E aí? — ele falou.

— Você pode ser franca. — Jonah disse, e eu tive a impressão de que ele estava conversando comigo como um membro potencial da GV, e não somente uma testemunha do caos.

Nesse caso. — Havia um monte de vamps lá. Eles ficaram bravos por causa de nada, e então ficaram loucos. O bar praticamente explodiu com isso.

— Nós ouvimos que tiveram alguns encontros. Violentos.

— Eu vi com meus próprios olhos. — eu desviei o olhar para os caras atrás dele. — O que vocês estão fazendo aqui?

— Estávamos na vizinhança, mas estamos voltando para a Casa. — ele tirou um cartão branco do seu bolso e me deu. Era um cartão de negócios com seu nome, posição, e número de telefone. — Minha identificação está aí. Sinta-se livre para me ligar se você precisar de alguma coisa.

— Obrigada. Eu agradeço à oferta.

— Nada como um pouco de cooperação entre Casas. — ele disse. — Boa sorte.

— Eu agradeço.

Com um aceno, o Capitão da Casa Grey e seus empregados se moveram e desapareceram na multidão. Seria legal pedir sua ajuda novamente – mas o que ele poderia fazer hoje?

Eu enfiei o cartão no meu bolso e, quando eu me virei, achei Catcher atrás de mim.

— Você conhece Jonah?

— Eu conheço agora. — eu disse; meu estômago se revirando por causa da mentira. — Ele é o capitão da Casa Grey.

— Assim eu ouvi. — ele me encarou por um momento.

— O quê? — eu perguntei; minha própria curiosidade aumentada. Ele suspeitava que eu conhecesse Jonah? Ele suspeitava que Jonah soubesse mais do que estava admitindo?

Mas Catcher continuou em silêncio, mantendo qualquer que seja suas suspeitas para si mesmo.

Foi então que eu o vi – somente uma sombra na minha visão periférica a princípio, mas depois um homem distinguível em pé do outro lado da rua, um dos seus soldados atrás dele.

Era McKetrick, vestido com calças de correr pretas e uma camiseta preta. Sem armas óbvias, mas com os policiais perto, era impossível dizer se ele estava carregando algo escondido. Ele tinha um par de binóculos em mão, e o homem atrás dele escrevia em um caderno pequeno. Aparentemente nosso amigável vizinho antivampiro estava fazendo uma missãozinha de reconhecimento hoje. Ele examinou a multidão, aparentemente sem saber que eu estava perto, com um grupo de simpatizantes de vampiros. Eu tenho certeza que ele teria alguma coisa prazerosa para falar sobre isso.

Eu me inclinei em direção a Catcher. — Do outro lado da rua, no canto. É McKetrick e um dos seus babacas.

Com toda a discrição de um operante de CIA, Catcher apontou para um prédio na direção de McKetrick. — Você sabia que aquele prédio foi criado por um macaco que vivia no topo da Torre do Tribunal?

— Eu não sabia disso. Um macaco, você diz?

— Pelos bananas, jogando porcarias, toda aquela história. — ele se virou de volta e colocou suas mãos nos bolsos. — Não conheço o rosto. Mas ele está em preto, e tem binóculos e subalterno. Ex – militar?

— Dado o jeito que ele estava vestido outro dia, foi isso que pensei. O que você acha que ele está fazendo aqui?

— Ele provavelmente tem um grampo na polícia. — Catcher disse; o resmungo em sua voz me dando toda a sua opinião sobre eles que eu precisava. — Ele provavelmente ouviu a ligação e decidiu vir ver que tipo de problemas os vampiros estavam se metendo hoje.

— Droga de vampiros. — eu murmurei.

— Sempre se metendo em alguma coisa. — ele concordou. — Já que ele está focado nos vamps, eu vou dar um de Chicago Shuffle e manter os olhos nele.

— Chicago Shuffle?

— Eu vou andar para a direção oposta e o pegar pelas costas.

— Claro que sim, chefe. — eu disse. — Só evite militares e mulheres e pernas bonitas.

Catcher me deu um olhar negro. — Às vezes, eu não sei por que me importo.

— Porque eu sou demais, e você me substituiu na minha própria casa.

Ele sorriu maliciosamente. — Isso diminui a dor. Você fica de olho nele daqui e me mande uma mensagem se parecer que ele vai se juntar à diversão.

— Vou fazer isso.

Catcher abaixou seu boné de beisebol, e depois se imergiu na escuridão da rua, na direção oposta.

— Chicago Shuffle. — eu murmurei quietamente, só querendo ouvir a frase em voz alta. Eu decidi que todas as operações futuras precisavam de nomes tão malandros quando aquele.

Jeff apareceu assim que Catcher desapareceu. — Onde ele foi?

— Nós vimos McKetrick, aquele que odeia vamp, do outro lado da rua. Catcher foi até lá dar uma olhada. O que você descobriu lá dentro?

— Tem um monte de vamps dopados lá dentro, e os policiais não estão felizes sobre eles causarem problemas públicos. Eles vão querer jogar a culpa em Cadogan, você sabe.

— Eu sei. Eu não estou ansiosa para falar com Ethan sobre isso.

— Eu não estaria também. Os policiais estavam falando com Chuck sobre ligar para o Prefeito Tate, avisá-lo sobre o que está acontecendo.

— Um problema meio pequeno demais para incomodar o prefeito, não é?

— Aparentemente não quando envolve vampiros. — ele apontou em direção aos paparazzi, ainda tirando fotos, agora dos humanos que tinham estado dentro do bar.

— Não tem muito que possamos fazer agora. — eu disse. — Mas tem algo que você pode fazer por mim. — eu levantei uma mão antes que ele pudesse me lembrar sobre Fallon novamente. — E não é nada sensual. Mas vai exigir sua proeza tecnológica.

— Essa é a minha segunda proeza favorita.

— Tem uma câmera na porta dos fundos do bar. Você pode checar com Colin e descobrir se estão gravando o vídeo?

— Vou descobrir. Se eu achá-lo, o que estou procurando?

— Qualquer coisa. Atividades suspeitas, chefes de drogas, coisas assim.

— Isso não é muito específico.

Eu o toquei no braço. — É por isso que eu vim até você, Jeff. Porque você tem habilidades loucas. E fique de olho em um cara baixo com cabelo preto. Se você o achar, leva o grande prêmio.

Jeff se balançou nos calcanhares. — Defina grande prêmio.

Eu levei um tempo imaginando um prêmio que não o deixasse em apuros com Fallon – ou eu em apuros com o Bando Central da América do Norte. Mas Jeff era todo americano e Metamorfo de sangue vermelho, então eu tive uma ideia.

— Eu vou ligar para o açougueiro favorito do meu avô e pedir uma entrega especial luxuosa de feriados para o escritório.

Suas sobrancelhas se arquearam, um brilho de apreciação predatória nos seus olhos.

— Nós não devemos; você sabe, aceitar coisas grátis, empregados da cidade, e toda aquela...

— Eu tenho certeza que tem meia dúzia de filés ali, provavelmente lombo, hambúrgueres, costeletas, salsichas. Mas se você acha que é desapropriado, eu deixo para lá. Eu não quero colocar você em problemas.

Jeff assentiu com certeza. — Se existe um vídeo, eu vou achá-lo. Nós vamos pegar o seu homem.

— Sou grata.

Com a tarefa em mãos, Jeff voltou até o *Olds* do meu avô, onde ele entrou no banco de trás e abriu um laptop preto.

Eu sorri ao entusiasmo, feliz que tivesse amigos que estavam do lado da verdade e justiça. Ser Sentinela teria sido muito mais difícil sem Jeff, Catcher, meu avô, Mallory, e todo mundo que continuava mandando informação na minha direção. Você não podia mesmo subestimar o valor de um bom time.

E agora eu estava começando a soar como Jonah. Talvez sua conversa sobre a GV estivesse pegando em mim, depois de tudo.

Capítulo 14

A LISTA DA VIDA³².

À medida que o amanhecer se aproximava, o resto dos vampiros começou a emergir do bar, tropeçando um pouco no meio das luzes estroboscópicas dos carros da polícia e dos flashes de câmeras. Eles estavam cobertos de contusões que já estavam verdes, resultante do processo de cura rápida vampírica. Aposto que as feridas na comunidade levariam mais tempo para curar, infelizmente.

Meu avô e Catcher conversaram com os policiais, provavelmente compartilhando anotações e teorias. Jeff eventualmente levou o laptop para o bar, provavelmente para descobrir o que ele conseguiria sobre as fitas de segurança.

Quando a polícia removeu a sua fita e os carros começaram a partir, eu me dirigi para o local onde Lindsey e os vampiros não afetados esperavam.

Ela levantou-se quando me aproximei. — Você sabe alguma coisa?

— Ainda não. Cenas de crime, aparentemente, envolvem muita espera e ter que ficar em pé ao redor. E você?

Lindsey olhou para os vampiros, que pareciam chocados pelo drama combinado de policiais, detetives, álcool em arco-íris e paparazzi. — Nada ainda. Ouvi de um dos paramédicos que seu avô trouxe um conselheiro para falar com os humanos.

— Foi uma briga de bar. — eu resmunguei. Os humanos tinham certamente o direito aos seus sentimentos, mas nenhum deles tinha sido ferido, eles nem sequer tinham estado realmente envolvidos.

— Mas foi uma briga de bar com vampiros loucos e assustadores. — ela disse exageradamente, remexendo os dedos, como um monstro ameaçador.

Bufei, mas reconheci que não era um argumento que eu ia ganhar, não quando os humanos estavam cercados por repórteres e câmeras. Olhei para o bar. — Talvez nós devêssemos voltar para dentro. Limpar um pouco. Você quer trocar com as tropas?

³² Do original 'The Bucket List' que é uma lista de coisas que queremos fazer antes de morrer.

— Deus, sim, por favor. Luc queria que ficássemos quietos até que os policiais nos dessem o ok, então eu tenho estado aqui e entediada. Vou considerar o seu como o ok da polícia.

Essa racionalização funcionava para mim. — Dê-me um minuto de avanço. Quero dar uma olhada ao redor. — ela assentiu; então eu voltei para dentro.

O piso do bar parecia um campo de batalha, não muito diferente de Cadogan após o ataque dos Metamorfs, embora com uma decoração mais casual. A memorabilia³³ dos Cubs, felizmente, conseguira escapar ao ataque, mas as mesas e cadeiras estavam na sua maioria viradas ao avesso. Verifiquei o bar procurando qualquer coisa que pudesse me dar uma pista a respeito do por que os nossos vamps estavam ficando loucos, mas assumi que tudo o que pudesse ajudar já teria sido levado pelos policiais. E não havia um homem baixo, com os convites para a *rave* em lugar nenhum.

Se Celina estava envolvida e estava de alguma forma liderando uma histeria vampírica em massa, ela conseguiu nos expulsar do nosso próprio bar. Era exatamente o tipo de coisa que ela teria apreciado. Enquanto estava lá sozinha, eu imaginei Celina aparecendo detrás do bar, repleta de balões, com os braços levantados em vitória.

— Ah, o poder da fantasia. — eu murmurei e comecei a endireitar as mesas de bar capotadas. Lindsey entrou pela porta, seu bando de vampiros atrás dela.

— Tudo bem, meninos e meninas. — disse ela. — Vamos colocar este lugar em forma³⁴ de novo. Por assim dizer.

Os vampiros resmungaram, mas obedeceram, corrigindo cadeiras e mesas. Colin gemeu quando caminhou de volta pela porta e inspecionou o seu bar. Ele olhou para mim. — Você vai descobrir quem fez isto?

— Estou trabalhando nisso. — eu assegurei-o. — E falando nisso, eu preciso de mais um favor. Você sabe assobiar?

Ele colocou dois dedos em sua boca e soltou um agudo trinado. Levou apenas um momento antes que eu tivesse a atenção de todos os vampiros no bar.

— A discrição é a melhor parte da bravura. — eu disse. — Por isso eu vou para o escritório na parte traseira. Se alguém tiver informação, este seria um bom momento para vir falar comigo.

³³ O termo memorabilia vem do inglês, "memorable" e representa tudo aquilo que tem um significado importante para uma pessoa e que pode trazer alguma recordação de épocas, momentos etc.

³⁴ Do original 'in fighting form' que é um trocadilho, porque literalmente traduzido quer dizer 'em forma de luta/briga', mas significa colocar tudo certo novamente, tudo no lugar.

Como uma professora da escola primária irritada, eu encarei-os até que comecei a ver algumas expressões envergonhadas atravessar as suas faces. Isto provavelmente não seria nada bom para a minha popularidade, mas precisava ser feito. Jogar de ser social era secundário a jogar de ser Sentinela e de realmente manter a Casa intacta.

Olhei para Colin e estendi a mão até que ele ofereceu as chaves do escritório. Quando as tinha na mão, fui para o escritório. Destranquei a porta e me dirigi imediatamente para o armário de arquivos. Eu precisava de uma bebida, e não acho que ele se importaria se eu provasse do seu cantil. Abri a primeira gaveta, tirei o frasco, e dei uma funga experimental no conteúdo.

Meu nariz enrugou. O que fosse que estava em sua mistura secreta, cheirava bastante a vinagre³⁵. Apertei meus olhos fechados e tomei um gole.

Era... não era assim tão ruim, na verdade. Não era um gosto que eu poderia facilmente descrever, "envinagrado" era o mais próximo, mas havia também o cheiro de sangue e uma ponta doce que equilibrava o sabor, parecido com vinagrete de framboesa. Claro, eu não queria beber muito vinagrete de framboesa, por isso voltei a colocar a tampa e prometi a mim mesma um Mallocake extra quando eu finalmente chegasse a casa.

Notei a presença dela na soleira da porta ao mesmo tempo em que fechava o armário de arquivos novamente. Ela era uma vamp que eu já tinha visto na Casa, mas que eu não conhecia de verdade, uma morena bonita com cabelos longos, ondulados e uma figura curvilínea.

Ela olhou para direita e para a esquerda no corredor como se tivesse medo de ser vista escurecendo a porta da professora.

— Você pode fechar a porta, se quiser. — eu lhe disse.

Ela entrou e fechou a porta atrás dela. — Eu sou a Adriana. — ela disse. — Vivo no terceiro piso da Casa.

— Prazer em conhecê-la.

Ela foi direta ao ponto. — Eu não gosto de ser fofoqueira, mas sou fiel a minha Casa, e sou leal ao Ethan. — não havia como duvidar da ferocidade do afeto em seu olhar. — E se alguém ameaça isso ou a Casa, é hora de falar.

Assenti solenemente. — Estou ouvindo.

— Eu vi isso pela primeira vez há algumas semanas. Eu estava em uma festa, sem humanos, e um vamp da Casa Grey estava usando isso. Ele experimentou e,

³⁵ Do original 'pickled' que é quando tem um cheiro muito ativo, como a vinagre ou álcool, etc.

vinte minutos mais tarde, estava batendo em alguém que ele disse ter flertado com a sua garota.

Adriana fez uma pausa, parecendo reunir sua coragem, e depois olhou para mim novamente. — E então, esta noite, eu encontrei isto no banheiro. — apertou um punho cerrado, e depois abriu os dedos. Na palma da sua mão estava um pequeno envelope branco com um **V** inscrito na frente. Eu não precisava olhar no interior para saber o que continha.

Fechei meus olhos com força, irritada com a minha própria estupidez. As drogas não eram para os humanos. Não haviam sido usadas para fazer os humanos mais obedientes; para isso eles usaram apenas o bom e antigo glamour.

Elas eram para os *vampiros*. Não era o derramamento de magia ou um vírus ou algum tipo de histeria em massa que os estava tornando agressivos, era uma droga que eles tinham, aparentemente, sido estúpidos o suficiente para tomar.

Talvez enfraquecesse suas inibições em relação à violência, talvez aumentasse a sua testosterona. Qualquer que fosse a química, este era o motivo dos vamps na rave estarem dispostos a lutar pelo meu deslize, o motivo dos vamps no bar estarem lutando por bebidas em arco-íris..., e provavelmente era a razão pela qual o prefeito Tate pensava que três humanos haviam sido mortos em West Town.

— Obrigada. — eu disse, abrindo os olhos novamente e estendendo a minha mão. Ela entregou as drogas.

— Se serve de consolo, a imortalidade faz alguns deles ficarem aborrecidos. — Adriana disse. — Então eles fazem coisas, experimentam coisas, que eles não iriam normalmente experimentar. Mas agora está rondando no Bar Temple, e eu não quero ver isto se infiltrar na Casa.

— Excelente opinião. Você alguma vez conheceu o vendedor? — eu perguntei.

Ela balançou a cabeça. — Essas coisas se movem de vamp para vamp. A menos que você esteja muito interessada, o que eu não estou; você não precisa nem entrar em contato com o vendedor.

Outra questão em aberto, mas pelo menos eu conseguira reunir algumas informações. Alguém lá fora, estava vendendo **V** para os vampiros de Cadogan. Outro alguém, talvez o mesmo, estava solicitando humanos para raves.

Quem estava orquestrando isso colocou os dois juntos e você tinha uma situação explosiva.

— Obrigada por me informar. Vou dizer a Ethan sobre a V, para que possamos colocar um ponto final nisto, mas não lhe vou dizer quem me disse.

Eu podia ver o alívio em seu rosto, mas ela rapidamente endireitou seus ombros novamente. — Você descubra. — disse ela. — Descubra quem está colocando isto lá fora, quem nos está colocando em risco.

— Eu pretendo fazê-lo. — lhe prometi.

Quando voltei para o bar, as cadeiras e mesas estavam direitas novamente. Christine estava varrendo o vidro quebrado, enquanto outro membro de nossa classe de Novitiates³⁶ segurava a pá para ela. Colin estava atrás do bar novamente, limpando bebidas derrubadas e garrafas de cerveja quebradas.

Cabeças se viraram quando entrei, vamps me olhando com curiosidade. Eles provavelmente se perguntavam o que eu sabia agora, e quantos problemas iam ter por causa disso.

Era uma boa pergunta. Porque agora, em nome de mim, Ethan, e da Casa, eu estava *puta*. Eu podia ter sido compreensiva com os lutadores quando imaginei que isto era algum tipo de histeria em massa. Mas isto era algo que eles tinham *escolhido* fazer. Todos estes problemas: os policiais, a má imprensa que íamos inevitavelmente receber, a fúria de Tate, as raves, foram causados porque vampiros idiotas decidiram tomar drogas.

Eles fizeram uma escolha para criar o caos, e eu não tinha simpatia por isso.

Andei até ao balcão e saltei sobre ele, então agarrei a corda do sino gigante que pendia por trás dele. Era usado para disparates de vampiro, geralmente para sinalizar o início de um jogo de beber com base em idiossincrasias de Ethan.

Mas agora eu o usei para sinalizar algo mais grave.

Agarrei a corda e balancei para frente e para trás até que o sino tocou do outro lado da sala. Depois puxei um balde de gelo de uma prateleira e coloquei-o no meio do balcão. Chequei a multidão para me certificar de que apenas vampiros estavam presentes, e quando a magia confirmou isso, eu permiti o vitríolo³⁷ fluir.

— Portanto, isto é sobre drogas. — eu disse, e me senti um pouco melhor quando alguns dos vampiros não afetados pareceram surpresos, pelo menos eles não estavam consumindo. Mas eles eram, aparentemente, os únicos.

— Alguns de vocês têm consumido. — eu disse. — Eu não sei por que, e não tenho certeza se me importo. De qualquer forma, vocês não poderiam ter escolhido

³⁶ Classe dos Iniciados, não sei se traduziram nos outros livros da série então deixei assim mesmo.

³⁷ Nome antigo para se referir ao Ácido Sulfúrico, no contexto significa que ela ia começar o sermão, ia deixar o 'ácido' fluir.

um momento pior. Darius está na cidade e Ethan já está em apuros. A Casa está na berlinda com Tate, e isto certamente não vai ajudar.

Eu deixei as palavras afundar durante um momento, prestando atenção aos sussurros silenciosos e aos olhares preocupados.

— As coisas estão mudando. — eu disse em um meu tom mais suave. — A nossa Casa passou por um inferno recentemente, e o futuro não está parecendo muito mais brilhante. Eu não vou dizer a Ethan quais de vocês estiveram aqui hoje à noite.

Houve olhares de evidente alívio por todo o bar.

— Mas não podemos deixar isto acontecer novamente. Nós não podemos, eu não posso, permitir V dentro da Casa. Além disso, dado que eu tenho que contar à polícia sobre as drogas, há uma boa chance de que todos vão ser revistados antes de sair.

Levantei o balde de gelo para mostrar-lhes que estava falando sério e, em seguida, pousei-o no bar. — Se vocês têm V, ele vai para o balde. Vou levá-lo para fora do bar eu mesma vou entregá-lo à polícia. Será melhor vindo de mim do que de todos vocês individualmente. Não podemos deixar que as coisas piorem. Assim, pelo bem da Casa, façam a coisa certa.

Eu virei e olhei para a parede, dando-lhes privacidade para fazerem seus depósitos. Demorou alguns segundos, mas eu finalmente ouvi passos e o barulho de cadeiras, e então o *ping* de um comprimido ou o folhear calmo de um envelope batendo na lateral do balde.

Os sons de limpeza de consciência.

Depois de um momento, Colin chamou meu nome. — Eu acho que eles terminaram. — ele disse calmamente quando olhei para ele.

Assenti e depois olhei para a multidão. — Obrigada. Vou garantir que ele saiba que vocês ajudaram; que vocês entenderam suas responsabilidades. E vocês podem sempre, sempre vir a mim se tiverem problemas.

Com isso dito, mas ainda me sentindo como uma completa agente antidroga, peguei o balde e me dirigi para a porta. Agora eu sabia por que isso estava acontecendo, sabia o porquê de as raves serem maiores e mais vis do que antes. Eu esperava ter sido capaz de manter o caos fora da nossa Casa.

Agora eu tinha que encontrar o traficante e acabar com o caos em toda a parte.

Saí do bar e encontrei o meu avô, Catcher, e Jeff. Meu avô estava sentado na

calçada, a sua expressão sombria.

Ele levantou-se quando me aproximei. Guiei-o para trás de um dos carros e para fora do caminho dos paparazzi, antes de lhe entregar o balde.

— Isto é **V**. — eu disse. — A mesma coisa que vimos na festa em Streeterville. Aparentemente ela se espalhou a partir de Benson até a Casa Grey e depois até o Bar Temple, onde os vamps da Cadogan foram estúpidos o suficiente para experimentar. — Olhei para Catcher. — É por isso que tem sido tão violento. Não é o glamour nem a magia...

— São as drogas. — ele concordou com um aceno. — Não para os humanos, mas para os vampiros.

— Eu acho que você provavelmente está certa sobre isso. — meu avô disse, puxando dois claros e pequenos sacos de plástico para provas do bolso da jaqueta. Havia comprimidos e envelopes em cada um.

— Onde você encontrou isso?

— No chão do bar. — disse a ele. — Alguém deve ter deixado cair na confusão. Talvez o **V** signifique “*vampiro*”. Ou “*violência*”?

— Tudo o que você lhe quiser chamar. — Catcher disse. — É ruim. **V** está nos clubes, nas festas, nos vampiros.

Meu avô olhou para os paparazzi, que estavam tirando fotografias de trás da fita da polícia, suas lentes cinzas e pretas fazendo dentro e fora enquanto tentavam capturar cada pedaço da cena.

— Eu não posso impedi-los de tirar fotos. — ele disse. — Mas eu vou segurar a questão do **V**, enquanto possível. Neste ponto, a droga é apenas orientada para vampiros, e não parece ser um risco óbvio para os seres humanos.

— Eu aprecio isso, e eu tenho certeza que Ethan também.

Um policial se aproximou do meu avô, olhando para mim enquanto vinha. Catcher, Jeff, e eu ficamos em silêncio quando o meu avô se afastou de nós, conversou tranquilamente com o policial e, quando terminaram, lhe passou o balde.

Quando meu avô voltou mais uma vez, com o cenho franzido, eu assumi que nada de bom estava vindo em minha direção.

— Como você se sente sobre vir até à delegacia e dar uma declaração?

Meu estômago enrolou. Ele estava me fazendo um favor por me deixar falar, por me deixar controlar o destino da Casa, por assim dizer, mas isso não significava que eu estava louca sobre a ideia de ir voluntariamente a uma delegacia de polícia.

— Não muito bem, para ser verdadeira e honesta. Ethan vai surtar.

— Não, se a outra opção é um vamp Cadogan aleatório sem o seu treinamento ou fidelidade. Nós precisamos falar com um vamp Cadogan. — ele disse. — E é melhor que seja você do que qualquer outra pessoa.

Eu suspirei. Agora não só eu era a portadora de más notícias como eu também estava encarregada de relatar todos os detalhes sujos para o CPD³⁸. Mas meu avô estava certo, que outra opção melhor nós tínhamos?

Assenti em acordo, suspirei, e tirei meu celular de novo.

Eu podia não ser portadora de boas notícias, mas pelo menos eu poderia lhe dar um aviso prévio, e rezar a Deus que ele não estivesse à minha espera para me tirar o meu medalhão no final da noite.

Fui ao banco da frente do Oldsmobile de meu avô, a adrenalina se transformando em exaustão enquanto íamos para a delegacia do CPD. Ele estacionou em um local reservado e escoltou-me para o edifício, uma mão nas minhas costas para me manter firme.

Dada à tarefa em mãos, eu apreciei o gesto.

O edifício era relativamente novo e bastante estéril, a pintura descascada e os móveis de metal antigos dos dramas policiais substituídos por cubículos e quiosques automatizados e pisos de azulejos brilhantes.

Eram quase quatro da manhã, por isso o edifício estava tranquilo e quase vazio, exceto por um punhado de oficiais uniformizados se movendo nos corredores com perpetradores algemados: uma mulher com uma saia curta e botas de cano alto com exaustão inegável em seus olhos; um homem nervoso, com bochechas magras e jeans sujos; e um garoto corpulento cujo cabelo comprido cobria seus olhos, vestido com uma enorme camiseta cinza pontilhada de sangue. Era uma cena triste, um instantâneo de pessoas tendo, sem dúvida, uma noite infeliz.

Eu segui o meu avô através do que parecia a zona de trabalho³⁹ dos detetives, filas de mesas e cadeiras idênticas preenchiam uma sala rodeada por um anel de escritórios. Os detetives levantaram seus olhares quando passamos,

³⁸ Departamento Policial de Chicago.

³⁹ Do original 'bullpen' que corresponde a uma área aberta em um escritório com espaço de trabalho para vários funcionários.

oferecendo acenos ao meu avô e curiosos, ou simplesmente suspeitos, olhares para mim.

Do outro lado da zona de trabalho deles, seguimos por um corredor e entramos em uma sala de entrevistas que tinha uma mesa de conferência e quatro cadeiras. A sala, parte da renovação, cheirava como uma sala de mostra de mobiliário, a madeira cortada, plástico e polimento com cheiro a limão.

Em resposta ao gesto do meu avô, eu me sentei. A porta se abriu quando ele estava se sentando ao meu lado. Um homem alto, de pele escura e vestindo um terno de riscas entrou e fechou a porta. Ele tinha um bloco de notas e uma caneta amarela na mão, e usava o distintivo em uma corrente ao redor do seu pescoço.

— Arthur. — disse meu avô, mas Arthur estendeu a mão antes que meu avô conseguisse ficar em pé para saudá-lo.

— Não se incomode por minha causa, Sr. Merit. — Arthur disse, dando um aperto de mão ao meu avô. Então, olhou para mim, um pouco mais de suspeita em seus olhos. — Caroline Merit?

Caroline era o meu primeiro nome, mas não o nome que eu usava. — Trate-me por Merit, por favor.

— O Detetive Jacobs está na Divisão Vice⁴⁰ há 15 anos. — meu avô explicou. — Ele é um bom homem, um homem de confiança, e alguém que considero um amigo.

O que, sem dúvida, era verdade, considerando os respeitosos olhares que compartilhavam, mas o Detetive Jacobs claramente ainda não tinha a sua opinião sobre mim formada. Claro, eu não estava aqui para impressionar ninguém. Eu só estava aqui para dizer a verdade. Então foi isso que tentei fazer.

Nós revisamos o que eu tinha visto na rave, o que apreendi com Sarah, e o que eu tinha visto hoje à noite. Não ofereci análises ou suspeitas, apenas fatos. Não havia necessidade, não havia razão que eu pudesse imaginar para inserir o drama de Celina ou do GP em eventos que já eram dramáticos o suficiente.

O Detetive Jacobs foi fazendo perguntas ao longo do relato. Ele raramente fazia contato ocular durante a conversa, em vez disso, manteve os olhos em seu papel enquanto rabiscava notas. Muito parecida com seu terno, sua caligrafia era limpa e arrumada.

Eu não estava certa de que ele estava menos suspeito no final da minha lengalenga, mas eu me senti melhor por ter-lhe dito. Ele podia ser humano, mas ele também era cuidadoso, analítico e focado em detalhes. Eu não fiquei com a

⁴⁰ A Divisão Vice lida com problemas relacionados com jogos ilegais, prostituição, pornografia, etc.

sensação de que se tratava de uma caça às bruxas, mas sim de que era uma tentativa séria da sua parte de resolver um problema que apenas passou a envolver vampiros.

Infelizmente, ele não tinha qualquer informação sobre o V ou de onde poderia estar vindo. Como Catcher tinha dito, sendo a terceira maior cidade no país, Chicago não era exatamente imune a problemas com drogas.

O Detetive Jacobs também não compartilhou qualquer estratégia comigo, então se ele tinha planos para fazer a sua própria infiltração, eu não estava ciente disso. Mas ele me deu um cartão e me pediu para chamá-lo se descobrisse mais alguma coisa, ou se tivesse alguma coisa que eu pensasse que poderia ajudar.

Eu duvidava que Ethan quisesse que eu envolvesse detetives veteranos do CPD na investigação do nosso problema de drogas.

Mas era por isso que eu tinha sido nomeada Sentinela, eu pensei, dobrando o cartão no bolso.

Ethan estava sentado em uma cadeira de plástico no corredor. Estava curvado; cotovelos sobre os joelhos, as mãos entrelaçadas. Ele batia os polegares juntos, seus cabelos loiros dobrados atrás das orelhas. Era o tipo de pose que você teria visto em um membro de família na sala de espera de um hospital, cansado, tenso, antecipando o pior.

Sua cabeça levantou ao som de minhas botas no piso de ladrilho. Ele se levantou imediatamente e, em seguida, caminhou para mim. — Você está bem?

Assenti. — Eu estou bem. Meu avô pensou que seria melhor obterem a história de mim.

— Parecia a decisão mais acertada. — disse uma voz atrás de mim.

Olhei para trás para ver o meu avô se deslocando pelo corredor em direção a nós. Ethan estendeu sua mão. — Sr. Merit. Obrigado por sua ajuda.

Meu avô abanou sua mão, mas ele também sacudiu a cabeça. — Agradeça à sua Sentinela. Ela é uma boa representante de sua Casa.

Ethan olhou para mim, com orgulho - e amor? - em seus olhos. — Estamos de acordo nisso.

— Estou cansada. — eu disse. — E não tenho um carro. Podemos voltar para a Casa?

— Absolutamente. — o olhar de Ethan se deslocou para o meu avô. — Você precisa de mais alguma coisa de nós?

— Não. Terminamos por agora. Desfrutem do resto de sua noite na medida

do possível.

— Improvável. — eu disse, acariciando seu braço. — Mas nós vamos fazer o melhor que pudermos.

Mas antes que pudéssemos dar um passo em direção à saída, as portas no final do corredor abriram. Tate entrou, seguido por um esquadrão de assistentes vestidos de terno. Pareciam sonolentos, e eu simpatizava, era um trabalho de merda que exigia que os puxa sacos usassem ternos às cinco e quinze da manhã.

Tate caminhou em nossa direção, com uma mistura de simpatia e irritação em sua expressão. Eu deduzi que a irritação era oferecida pela sua metade estratégica, o líder político antecipando comerciais desagradáveis sobre "o problema vampírico". A simpatia era, provavelmente, oferecida pela sua metade compreensiva.

Ele olhou para o meu avô em primeiro lugar. — A situação está contida?

— Esta; Senhor Prefeito. As coisas no bar estão controladas, e Merit veio até aqui e nos forneceu uma declaração muito detalhada para que possamos tentar solucionar a situação.

— Que é?

— Ainda estamos descobrindo isso, senhor. Você vai ter meu relatório assim que eu puder digitá-lo.

Tate acenou com a cabeça. — Aprecio isso, Chuck. — ele olhou para Ethan. — Isto está relacionado com o problema que eu lhe pedi para resolver?

— Pode estar. — disse Ethan vagamente. — Merit está passando a maior parte de seu tempo livre investigando a situação, incluindo esta noite.

A expressão de Tate suavizou e passou à expressão de político. — Eu não posso te dizer o quanto aprecio isso.

— *Oh, eu poderia dizer.* — eu pensei brandamente. — *Você provavelmente apreciaria os 10 ou 15 pontos a mais nas urnas.*

Tate estendeu a mão e apertou a minha, e depois a de meu avô. — Merit, vamos ficar em contato. Chuck, eu espero seu relatório.

Ele estendeu a mão para apertar a mão de Ethan, mas em vez de um simples agitar, ele inclinou-se para Ethan e sussurrou algo em seu ouvido.

Os ombros de Ethan endureceram, e ele olhou fixamente em frente, mal controlando sua ira, quando Tate se afastou.

O carro de Ethan estava estacionado em um lote seguro ao lado da estação.

Eu mal consegui fazer a curta caminhada. O drama estava começando a tomar um pedágio coletivo; apesar de todas as minhas forças extra de vampira, eu estava cansada. Meu cérebro estava confuso, meu corpo estava exausto e minha temperatura era aquele frio profundo e estranho que você tem antes que comece a gripe.

Ethan abriu a porta para mim e fechou-a novamente quando eu estava lá dentro. Chequei o relógio no painel, eram quase cinco e quarenta e cinco, cerca de 20 minutos antes do amanhecer. Outra noite até tarde e outra corrida contra o sol nascente.

Silenciosamente, Ethan entrou no carro e ligou o motor.

Fiz uma jogada final para ser uma Sentinela obediente. — Você quer o resumo da situação agora?

Ele deve ter visto a exaustão em meus olhos, porque balançou a cabeça. — Luc me informou dos pontos principais, e os programas de notícias da manhã já estão falando do caso. Descanse por agora.

Eu devo ter tomado a sugestão literalmente, porque me lembro de concordar com a cabeça, mas não do resto da carona. Tão logo ele tirou o carro de seu local de estacionamento e começou a sair do parque de estacionamento, eu deixei cair minha cabeça sobre o encosto do assento. Acordei novamente quando o carro descia para o estacionamento Cadogan.

— Você *está* cansada. — disse ele.

Coloquei a mão sobre minha boca para esconder um bocejo. — Está quase amanhecendo.

— Assim é.

Sentamos ali sem jeito por um momento, como um casal no final de um primeiro encontro, sem muita certeza do que é suposto fazer.

Ethan fez a primeira jogada, abrindo a porta e saindo. Eu fiz o mesmo, balançando um pouco quando saí do carro, mas conseguindo ficar de pé. Eu podia sentir o puxão do sol, meus nervos coçando com a exaustão, o meu corpo gritando que era tempo para encontrar um lugar macio e escuro para esperar pelo dia.

— Você vai conseguir chegar lá acima? — perguntou.

— Eu vou conseguir. — concentrei-me em colocar um pé na frente do outro, piscando para manter meus olhos focados.

— O sol faz um número em você. — disse Ethan enquanto digitava o código para a porta do porão, em seguida, segurou-a aberta para eu passar como um

zumbi. Eu estava consciente o suficiente para perceber que ele não parecia ter o mesmo problema.

— Você é menos afetado? — perguntei enquanto caminhávamos para as escadas.

— Eu sou mais velho. — explicou. — Seu corpo ainda está se ajustando à mudança genética, às diferenças entre ser diurno e noturno. À medida que você começa a envelhecer, você achará a atração mais fácil de gerenciar. Mais como uma sugestão gentil do que como uma ordem.

Fui capaz apenas de resmungar um som de acordo. Por algum milagre, eu consegui chegar ao segundo andar sem cair.

— Falaremos amanhã. — disse Ethan, e se dirigiu para as escadas. Mas eu chamei o seu nome para detê-lo. Ele olhou para trás.

— O que Tate sussurrou em seu ouvido?

— Ele disse: *"Corrija isto, porra, ou você sabe o que acontece."* Vamos falar sobre isso amanhã.

Ele não teve que me dizer duas vezes.

Capítulo 15

Tudo o Que Brilha.

Como Ethan tinha apontado, uma desvantagem óbvia de ser noturna era o fato de que o sol exercia mais poder sobre mim do que eu gostaria de admitir. Por outro lado, eu não preciso de cafeína para acordar. Podia ter passado alguns minutos grogues, mas a névoa explodiu com suficiente rapidez, deixando uma vampira bem acordada (e, geralmente, faminta) à sua passagem.

Comecei a noite com uma tigela de cereais de canela crocantes e tanto sangue quanto o meu estômago podia aguentar. Tinha lutado muito na noite passada, e meu nível de stress tinha sido bastante elevado. Luta e stress geralmente apertavam meu gatilho da fome mais rápido que qualquer outra coisa.

Bem, talvez além do Ethan. Eu podia confirmar que o material ensacado não se comparava em sabor à coisa real, mas isso não o tornava menos satisfatório. Nutrição era boa e necessária, mas o conforto emocional também valia à pena.

Tomei banho e me vesti com minha roupa preta de Cadogan. Eu não tinha certeza do que a noite reservava, mas estava confiante de que depois das aventuras da noite passada Darius estaria envolvido de alguma forma. Era provavelmente melhor me vestir um pouco melhor do que eu tinha estado à última vez que ele tinha me visto.

Escovei meus cabelos até que brilharam e acrescentei o meu medalhão de Cadogan e sapatos Mary Jane. Eu tinha estado tão ocupada com o drama de vampiros que tinha esquecido o drama da feitiçaria de Mallory, por isso antes de descer eu abri o meu telefone. Encontrei uma mensagem de meu pai, provavelmente outra súplica para lhe permitir ajudar a Casa Cadogan. Joshua Merit não era nada se não persistente.

Enviei uma mensagem a Mallory para ver como iam às coisas, e obtive uma resposta rápida: "MELHOR ESTA NOITE. PRÁTICA EM MAGIA CURATIVA. DIVERTIDO!"

Eu não tinha certeza se o seu "DIVERTIDO!" era sarcástico, mas "magia curativa" soava muito melhor do que magia negra.

Meu telefone soou de novo quando eu estava fechando minha porta. Desta vez, era uma mensagem de Lindsey, e não era uma promissora.

"PRECISAMOS CONVERSAR," ela dizia.

Eu odiava ouvir isso. Meus dedos foram rápidos com as teclas. "PROBLEMAS DA CASA?"

"PROBLEMAS COM GAROTOS," respondeu ela, e meus ombros perderam um pouco de tensão. "PROBLEMAS CRIADOS POR MIM."

Eu não estava inteiramente certa como ela tinha conseguido problemas ou drama com garotos. Ela esteve comigo ontem à noite, e ainda passara uma hora depois do pôr do sol. Não resisti a perguntar.

"COMO VOCÊ PODE TER PROBLEMAS COM GAROTOS TÃO CEDO DESTA NOITE?"

"BASTA ENCONTRAR-ME MAIS TARDE," respondeu ela. "O DIABO ESTÁ NOS DETALHES."

Isso não era sempre verdade?



Com uma conversa potencialmente angustiante com Lindsey na minha agenda para mais tarde, eu me dirigi para as escadas, para o escritório de Ethan. Encontrei-o sozinho, a porta aberta, ajustando em sua estante nova os knickknacks⁴¹ que ele recuperara da batalha.

— Um pouco de decoração de interiores para começar a noite?

— Tentando fazer com que o meu escritório se sinta como o meu escritório novamente.

— A procrastinação⁴² pode ser muito gratificante.

Ele riu com tristeza. — Como você apontou, pode ser uma emoção muito humana, mas há sem dúvida algo de satisfatório em fingir que o mundo está bem e que seus problemas se manterão até que você esteja pronto para lidar com eles.

— É um agradável mecanismo de enfrentamento. — eu concordei. — Fico feliz que você o tenha adotado. Onde está Darius esta noite?

— Scott ganhou na loteria esta noite, Darius está na Casa Grey. — ele se virou e olhou para mim. — Diga-me que você aprendeu alguma coisa na noite passada. Diga-me que esta bagunça vai ter um fim bom.

⁴¹ Coleções de diversos objetos de artesanato ou arte, tais como antiguidades, bijuterias, móveis, entre outros.

⁴² Adiamento de uma ação.

— Quanto devo dizer-lhe? Quer dizer, eu não quero colocá-lo em uma posição desconfortável com Darius.

Ethan fez um som sarcástico. — Você claramente não viu as notícias locais da noite passada.

Eu não vira, e pelo tom de sua voz, eu provavelmente não iria querer. — Tão ruim assim?

— É tão ruim que Darius ainda não me ligou.

Fiz uma careta. A única coisa pior do que ter seu chefe gritando com você era fazer asneira tão regamente, que ele optava logo pelo tratamento de silêncio.

Decidi não dourar a pílula. Havia detalhes que eu não precisava dar, por exemplo, informação sobre os vampiros que tinham realmente comprado e consumido as drogas, mas eu não ia dar-lhe uma falsa sensação do problema.

— Tudo se resume a V. — comecei. — É uma droga para os vampiros, e não para os humanos. Esta, de alguma forma, os tornando mais agressivos. Os bares das Casas, pelo menos de Grey e Cadogan, têm sido usados como pontos de distribuição. Eu não tenho certeza sobre Navarre.

Dei-lhe um momento para processar a informação, pelo aspecto dele, ele precisava disso. Colocou o cotovelo na prateleira, então esfregou as têmporas com uma mão.

— Eu já aturei muito nesta Casa. — ele afirmou. — Infelizmente, os vampiros não são mais imunes à estupidez do que os humanos. — deixou cair à mão e desviou o olhar, o canto dos olhos enrugados com a decepção. — Eu esperava que eles respeitassem a Casa, e a mim, mais do que isso.

— Sinto muito, Ethan.

Ele balançou a cabeça e mudou de tema. — Conte-me sobre o bar.

— Colin não viu nada fora do normal. Pedi a Jeff para analisar as imagens de segurança para que possamos descobrir como a droga está entrando. E está definitivamente entrando, apesar de eu ter obrigado todos a entregar os seus fornecimentos para que não pudessem trazê-la de volta para a Casa.

— E para não ser encontrada em sua posse, se os policiais os revistassem.

— Exatamente. — eu concordei. — Mas meu avô já a tinha encontrado no bar, então ele já tinha chegado a essa conclusão. Dei-lhe o resto das drogas, e foi nessa altura que eles trouxeram o Detetive Jacobs.

— Sua teoria?

— Ainda estou trabalhando nisso. Em termos da imagem geral, temos agora dois exemplos de vamps extraviolentos e drogas no mesmo lugar na mesma altura. Quanto à razão de isso ter acontecido... — dei de ombros. — Quem está distribuindo as drogas? Alguém que nos quer dar problemas? Alguém que quer os vamps derrubando as Casas por conta própria? Alguém que quer nos derrubar um comprimido⁴³ de cada vez?

— Isso não soa como Celina. — ele apontou.

— Não a menos que ela tenha decidido que todos os vampiros têm que sofrer pelos crimes dela. — eu concordei. — Morgan acha que não é provável, mas eu não a acho incapaz disso.

— Até que você tenha mais provas, eu não vou conceder esse ponto. E quanto a McKetrick? Ele está se concentrando em nos expulsar de Chicago. Talvez ele esteja distribuindo V para atizar os vampiros e pressionar Tate a deportar-nos?

— McKetrick estava do lado de fora do bar na noite passada. — afirmei. — Eu o vi e, em seguida, apontei-o para Catcher. Ele ia seguir McKetrick e obter a informação que conseguisse. — fiz uma nota mental para me informar com ele mais tarde. — Dito isso, McKetrick pode nos odiar, mas fazer os vamps, extra-agressivos é arriscar muitos danos colaterais. Eu não vejo isso sendo parte de seu plano mestre.

— Quem quer que esteja por trás disto, precisamos encontrá-los e parar a distribuição antes que as coisas fiquem piores.

— Coincidência, essas são as duas primeiras coisas na minha lista de coisas a fazer.

— Eu tenho uma terceira coisa para você. Jantar na Casa Grey esta noite com Darius e os Mestres. Darius também convidou Gabriel e Tonya. À uma da manhã. Partimos daqui. E é formal, é claro.

Dado que Darius parecia um defensor de regras, a parte do formal não me surpreendeu. Mas eu estava curiosa sobre o convite para Gabriel e Tonya, a esposa de Gabriel. Vampiros e Metamorfos tinham uma relação historicamente desagradável; um monte de desconfiança e angústia por parte dos vampiros, e um monte de reviramento de olhos e negação por parte dos Metamorfos.

— Por que convidar Gabriel e Tonya? — eu perguntei.

— Se eu estivesse sendo generoso, eu diria que Darius está interessado em melhorar as relações entre as espécies sobrenaturais. Mas é mais provável que ele esteja tentando controlar o nosso relacionamento com as Matilhas. Seria ruim se as

⁴³ Referente às drogas, derrubá-los comprimido por comprimido, sendo que cada vampiro que tomasse a droga estaria contribuindo para esse resultado.

Casas de Chicago se alienassem completamente as Matilhas. Mas na mente de Darius, seria muito pior tornarmo-nos demasiado acolhedores com eles. Nunca houve uma aliança oficial com um Pack antes. Se nós conseguíssemos fazer uma, isso indicaria uma mudança definitiva no poder em nossa direção.

Quando ele mencionou a potencial aliança com a Matilha, eu desviei o olhar. O medo de Ethan de que o nosso relacionamento, ou o nosso futuro rompimento, colocasse em risco a nossa amizade crescente com a Matilha Central da América do Norte foi à razão que ele dera para a separação de que ele agora se arrependia.

— Vamos lá. — disse Ethan, de repente, andando em direção à porta.

Olhei para ele de novo, tirada de meu devaneio. — Para onde vamos?

— Sala de Operações. Eu devia ter levado você lá para baixo há 15 minutos.

O segui obedientemente para as escadas do porão e em direção à sala de Operações. A porta estava aberta; Luc, Juliet, Kelley, Malik, e Lindsey já estavam reunidos em torno da mesa de conferência. Luc, com uma camisa de brim desbotada e jeans, era um interessante contraste com o resto dos guardas, que estavam todos vestidos de preto.

Ethan fechou a porta. Sentei-me em um lugar vazio na mesa, e ele se sentou na cadeira ao meu lado.

Olhei entre Luc e Lindsey, que estavam sentados em extremos opostos da mesa, tentando ler as folhas de chá⁴⁴ a respeito de sua mensagem anterior. Mas ela usava a sua expressão habitual de tédio levemente divertido; Luc estava examinando o papel na mesa da sala de Operações, com uma caneca fumegante na mão. Se eles estavam chateados, eu não podia dizer, e não havia qualquer tipo de magia negativa perceptível no ar.

— Finalmente, eles se juntam a nós. — disse Luc, bebericando sua bebida. Normalmente, esse tipo de comentário vindo dele teria sido uma provocação. Desta vez, apenas soou como uma repreensão, e Luc normalmente não era rabugento. Talvez *tivesse* acontecido alguma coisa entre ele e Lindsey.

— Estávamos nos portando bem. — Ethan lhe disse. — Merit estava me informando sobre a investigação da noite passada.

— Fale. — disse Luc.

— Resumindo, é o **V** que tem causado a violência.

Luc franziu a testa, endireitou-se e colocou sua caneca sobre a mesa, colocando as mãos em torno dela como se lhe estivesse fornecendo calor

⁴⁴ Tentando ler as folhas de chá é uma expressão que corresponde a tentar decifrar algo.

necessário. Eu tinha tido frio como uma vampira novata, e tinha demorado algum tempo para afastar esse frio. Mas era agosto e estavam provavelmente noventa graus lá fora. Eu não entendia as pessoas que bebiam café no calor do verão.

— Por que iria algum perdedor vender drogas a vamps e juntá-los em festas? Qual é o objetivo dele?

— Merit pensa que McKetrick pode estar envolvido. — Ethan disse. — Que talvez seja uma manobra para expulsar os vamps da cidade.

Levantei uma mão. — Na verdade isso foi uma ideia do Ethan. — eu disse, dando crédito onde o crédito era devido - ou distribuindo a culpa em conformidade.

Luc inclinou a cabeça para trás e para frente, enquanto considerava. — Quem quer que tenha tido a ideia, não é má, embora fabricar a droga e distribuí-la; organizar as festas, e todo o resto significa um monte de trabalho apenas para se livrar de uma população. Existem formas mais fáceis.

— Concordo. — disse Malik. — E correndo o risco de apoiar uma das nossas teorias⁴⁵ favoritas, a primeira testemunha viu uma mulher chamada Marie. Algum voto para Celina?

— Mas não ouvimos nada sobre ela desde então. — eu apontei. — Por isso, se ela está envolvida, está escondida debaixo do radar. Pedi a Jeff Christopher para verificar as fitas de segurança do bar, então se houver algum sinal dela, ou mais detalhes sobre o vendedor, nós vamos encontrá-los.

Luc assentiu, então pegou um controle remoto que estava pousado ao lado de sua caneca. — Nesse caso, mais algumas boas notícias para alegrar a vossa noite. — ele pressionou os botões do controle remoto e até o clip na tela começar a passar.

Era a gravação de um programa de notícias. Pegamos o fim de uma história sobre guerra internacional antes de o título mudar para dizer, "Violência Vampírica em Wrigleyville." A jornalista do sexo feminino, chique com seu terno em tom de joia, e com seu cabelo duro como um capacete acima de sua cabeça, ofereceu o resto.

— No top de notícias locais desta manhã. — disse ela. — Um aumento da violência na cidade é considerado o resultado de uma droga chamada **V** que está circulando entre a comunidade vampírica da cidade.

⁴⁵ Do original 'jump on our favourite bandwagon', que significa passar a apoiar uma tendência que se tornou popular e que está com cada vez mais apoiantes, neste caso ele passa a apoiar a teoria da Merit de que é a Celina por trás de tudo isso.

Apareceu uma imagem de um comprimido branco de **V** na mão de alguém, e depois uma foto do Bar Temple.

— Um desses eventos foi o distúrbio de ontem à noite em um bar de Wrigleyville com laços com a Casa Cadogan. Estivemos ao vivo na cena ontem à noite, e eis o que um morador local tinha a dizer.

Eles mostraram o vídeo dos dois garotos de fraternidade no Bar Temple.

— Oh, esses pequenos merdas traidores. — Lindsey murmurou. — Esses são os humanos com que Christine falou.

— Foi horrível lá dentro. — disse o mais alto dos dois garotos. — Todos os vamps gritando uns com os outros. Era como se eles simplesmente tivessem enlouquecido.

— Você temeu por sua vida? — perguntou um repórter fora da tela.

— Oh, absolutamente. — disse ele. — Como podia não o fazer? Quero dizer, eles são vampiros. Nós somos apenas humanos.

— A bomba atômica foi inventada por "apenas humanos". — Malik murmurou. — A Segunda Guerra Mundial e a Inquisição Espanhola foram perpetradas por "apenas humanos".

Nós claramente não éramos uma multidão receptiva para jornalismo sensacionalista.

— Os vereadores Pat Jones e Clarence Walker emitiram declarações esta manhã pedindo uma investigação às Casas Vampíricas de Chicago e seu papel nesta nova droga. O prefeito Tate respondeu aos acontecimentos desta manhã, após se reunir com seu conselho econômico.

O noticiário mostrou então uma foto de Tate apertando mãos com uma mulher em um terno nada favorecedor. Ao lado de uma burocrata de aparência simples, ele parecia muito mais como um herói de romance: olhos sedutores, cabelos escuros, sorriso perverso. Você tinha que se perguntar; quantos votos ele havia conseguido apenas porque os eleitores queriam estar perto dele.

Quando os repórteres começaram a bombardeá-lo com perguntas sobre a briga no bar, ele levantou as duas mãos e sorriu carinhosamente. — *Aquele sorriso*, — eu pensei. — *caminhava numa linha fina entre empatia e condescendência*.

— Eu deixei as Casas de Chicago bem conscientes de suas responsabilidades, e tenho certeza que elas vão tomar as precauções necessárias para dar um fim imediato à disseminação de **V** e da violência. Se não, é claro, novos passos terão que ser tomados. Meu governo não tem medo de dar esses passos. Nós tivemos um monte de trabalho para refazer esta cidade em uma cidade de que Illinois se pode

orgulhar, e nós continuaremos a garantir que Chicago continua a ser um lugar de paz e prosperidade.

A repórter apareceu na tela novamente. — Os índices de aprovação⁴⁶ do Prefeito Tate permanecem consistentemente altos mesmo à luz da recente onda de violência.

Com isso, Luc alcançado o controle remoto e parou o vídeo novamente.

A sala ficou silenciosa e pesada com a preocupação. Imaginei que agora sabia por que meu pai tinha ligado. Ele estava provavelmente morrendo de vontade de repreender-me por ser um vampiro e manchar o nome da família, apesar do fato de que eu não tinha tido opinião sobre ficar com presas, e estava dando o meu melhor para manter a paz em Chicago.

A menos que seu tom tenha mudado sobre isso também.

— Bem. — Ethan finalmente disse. — Realmente me traz algum conforto saber que os índices de aprovação do prefeito Tate permanecem fortes.

— Tate deve estar alimentando os jornalistas com informações. — eu ofereci. — Nós mal sabíamos sobre o aumento da violência, e meu avô prometeu manter o V longe da imprensa.

— Então Tate está usando os vamps para fazer jogos políticos? — Luc ofereceu. — Eu acho que não é a primeira vez que um político aproveita o caos, mas com certeza seria bom se não fosse às nossas custas.

— E que ele não tivesse um mandado de prisão pronto⁴⁷. — eu concordei.

— Boa forma de colocar a cidade em primeiro lugar. — disse Lindsey.

Luc olhou para Ethan, preocupação em sua expressão. — Soube alguma coisa de Darius?

— Ele ainda está em silêncio de rádio⁴⁸.

— Não vai correr bem.

— Drogas e violência no meu bar? Drogas e violência cobertas por paparazzi locais, que irão provavelmente se espalhar para cobertura nacional, se isso ainda não tiver acontecido? Não, eu imagino que ele não estará agradado, e há uma boa chance de que a Casa vá sofrer por isso.

⁴⁶ Referência às votações políticas, significa que ele ainda é apoiado por grande parte da população e ainda terá muitos votos.

⁴⁷ O que Tate está usando para chantagear Ethan.

⁴⁸ Significa cessar todas as comunicações por rádio.

— Diga-lhe a outra parte. — disse Kelley.

— A outra parte? — Ethan perguntou; seu olhar mudando de Kelley para Luc.

— A outra parte. — Luc confirmou, pegando o tablet⁴⁹ e tocando na tela. A imagem no projetor mudou do noticiário a uma transmissão ao vivo em preto e branco de um bairro escuro de rua. Durante o meu período como uma guarda da Casa de plantão, eu tinha visto essa imagem tempo suficiente para estar familiarizada com ela.

— Isso é o exterior da Casa Cadogan.

— Bom olho, Sentinela. — Luc elogiou. — Realmente é. — Tocou no tablet novamente e fez zoom na imagem, se fixando em um sedan de forma quadrada com dois passageiros. Ambos usavam ternos.

— Kelley foi dar uma corrida. Ela notou o sedan quando saiu, e ela notou o sedan quando ela voltou.

— Vinte e seis quilômetros. — Kelley adicionou. — Demorei uma hora e 24 minutos.

Nada mal para uma corrida de longa distância. Um ponto para a velocidade de vampiro.

— Isso é muito tempo para dois caras de terno ficar sentados em um carro fora da Casa. — disse Ethan e em seguida olhou para Luc. — É um carro não marcado do CPD.

— Foi o que pensamos. Nem o carro, nem os ternos pareciam do pessoal de McKetrick, então deduzimos que seriam detetives. Nós ligamos para o escritório do Ombud para confirmar, mas eles não sabiam sobre o carro.

Murmurei uma maldição. — Eles também não sabiam sobre a rave do Sr. Jackson. Tate não está sendo totalmente sincero com o escritório.

— Falta de confiança? — Ethan perguntou.

— Ou talvez medo de que o escritório do Ombud esteja muito ligado a Casa Cadogan. — sugeri. — O escritório do Tate não dá todas as informações ao escritório do Ombud, o que funciona como uma forma de controlar⁵⁰ o meu avô.

Lindsey fez uma careta. — Isso é um tapa na cara.

⁴⁹ Um tablet PC ou simplesmente tablet é um dispositivo pessoal em formato de prancheta que pode ser usado para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos 3D.

⁵⁰ Do original 'check and balance', que corresponde a um mecanismo de controle interno que protege contra fraudes e erros por omissão.

— Sim, é. — eu concordei. — Eu acho que o carro da polícia assinala a falta de confiança de Tate em nós, também?

Ethan se mexeu em sua cadeira. — Considerando o fato de que ele tem um mandado de prisão contra mim pronto, eu diria que sim.

Meu celular tocou. Puxei-o para fora e verifiquei o identificador de chamadas. — Falando no diabo. É Jeff. — abri o celular. — Ei, Jeff. Tem algo para mim?

Jeff deu uma risadinha. — Claro que tenho. Mas estou estritamente fora dos limites agora. Você sabe, por causa da pequena dama.

— Sem querer desrespeitar a você ou aos seus. Ei, estou na sala de Operações com Ethan e todo mundo. Posso colocá-lo no alto-falante?

— Força. Provavelmente é útil que todos ouçam.

Coloquei o telefone no meio da mesa e apertei o botão do alto-falante. — Okay. Você está ao vivo. O que você tem?

— Aw, se eu apenas tivesse preparado um monólogo.

Ouvimos a voz de Catcher no fundo. — Concentre-se garoto.

— Bem. — disse Jeff, e ouvi o estalido de teclas. — Afinal as câmeras de segurança estão funcionando, e Colin e Sean gravam os vídeos. São armazenados no bar em um servidor dedicado, e também há backups externos apenas para o caso de algo de ruim acontecer. Fiquei realmente muito impressionado. Você não espera que bares tenham esse tipo de protocolo de segurança.

Pela aparência dura do quarto dos fundos, Bar Temple, definitivamente não parecia o tipo de estabelecimento com um "servidor dedicado", não que eu pudesse diferenciar um servidor dedicado de um servidor não dedicado.

— Então, de qualquer maneira, eu peguei o vídeo e carreguei-o.

Inclinei-me para frente, unindo minhas mãos em cima da mesa. — Diga-me que você encontrou algo, Jeff.

— Envolveu algum rebobinar. — disse ele. — Caminhões usam muito o beco para fazer as entregas. Há também a ocasional entrega do caminhão de catering, caminhões de lixo, táxis, caronas até ao bar, etc., etc. Mas, desde há dois meses, a cada par de dias, geralmente nas primeiras horas, um Shelby Mustang⁵¹ vintage – carro estranho – para no beco. Às vezes o carro fica lá por alguns minutos, nada acontece, e depois o carro vai embora. Às vezes um condutor sai.

⁵¹ O Ford Mustang Shelby GT500 é um esportivo da série Mustang da Ford.

Meu coração começou a bater com antecipação. Nós estávamos nos aproximando, eu sabia disso. — Qual é a aparência do condutor?

— Bem, embora os backups sejam impressionantes, o vídeo é uma merda. Muito granulado. Mas eu consegui uma imagem para você. Vou enviar-lhe uma foto.

— Use este e-mail. — disse Luc, lendo um endereço para Jeff e pegando um dos tablets de cima da mesa. — Assim podemos projetar a imagem.

— Feito e feito. — Jeff mal tinha dito as palavras quando o tablet de Luc assobiou, sinalizando uma nova mensagem. Seus dedos dançaram sobre o tablet, e uma imagem apareceu na tela.

O cara era baixo, talvez um metro e meio com sapatos, e velho com cabelo liso e escuro e feições bulbosas⁵². Não havia nada de especialmente notável sobre seu rosto, mas eu jurava que o tinha visto antes.

— Ele parece familiar a alguém? — eu perguntei, mas recebi murmúrios de "não" em torno da sala.

Os outros podiam não tê-lo reconhecido, mas eu tinha um pressentimento de que Sarah o faria.

— Ele corresponde à descrição do cara que Sarah, a humana na festa em Streeterville, conheceu. — disse. — Me faça ganhar a noite e me diga que você tem uma placa do carro, Jeff.

— Porque eu sou, de fato, impressionante, eu fui capaz de zerar o vídeo. Consegui a licença do carro, e em seguida, corri a mesma no sistema do DMV⁵³. O carro está registrado em nome de um Paulie Cermak. — Jeff leu um endereço. — O servidor diz que o seu endereço é perto do Garfield Park Conservatory.

Fiz planos para fazer uma visita ao Sr. Cermak. Eu também abri os olhos novamente e sorri para o telefone.

— Jeff, você é um modelo ideal de homem.

— O engraçado é que, — Jeff continuou. — o título do carro mostra uma venda recente, há alguns meses, para o nosso Sr. Cermak. Mas não há informações sobre o proprietário anterior ou de quem ele comprou o carro.

Franzi o cenho para o telefone. — Isso parece estranho.

⁵² Inchadas.

⁵³ Departamento de Veículos Motores.

— Definitivamente estranho. — Jeff concordou. — Quando estamos olhando para registros, dados demais geralmente sinalizam uma planta. Dados insuficientes sinalizam um matagal. Vendas de veículos estão quase sempre no sistema, não há nenhuma razão para não estarem. Esse arquivo tinha matagal escrito sobre todo ele. Ah, e isso não é tudo.

— Estamos ouvindo.

— Porque eu sou, de fato, não só supremamente incrível, mas também para, além disso, sou um saco de batatas fritas, de preferência com sabor a jalapeño⁵⁴, eu verifiquei os antecedentes criminais do Sr. Cermak na base de dados de Cook County. Quero dizer, provavelmente não deveria entrar em seu sistema sem permissão, mas que mais um garoto tem a fazer quando a sua vamp favorita faz uma chamada?

— De fato. O que você aprendeu?

— Efetivamente, não muito. Há um registro criminal selado no arquivo dele, e é isso.

— Você acha que o arquivo foi falsificado, também?

— Eh, não necessariamente. Você pode selar registros criminais por todos os tipos de razões legítimas. Para proteger a vítima, porque é menor de idade, porque o criminoso é um zumbi comedor de cérebros sem vontade própria nem consciência...

— Registro selado? — Ethan solicitou.

— Yeah. Então, o arquivo é fechado, e não consigo acessar quaisquer dados. Eles estão realmente usando uma criptografia muito boa nos registros selados. Eu precisaria da chave de acesso ou senha, ou você teria que ter uma ordem judicial para ver o arquivo.

— Então, um beco sem saída⁵⁵?

— Ha! Você fez uma piada. Mas sim. Muito morto. Mortinho da Silva. Totalmente morto, embora eu não tenha certeza se sei qual é a diferença entre essas duas coisas.

— Nós percebemos.

— Oh, uma última coisa. — ouvi mais teclas batendo, o som sobreposto pelo cantar sussurrado de Jeff. Soava como "White Christmas".

⁵⁴ O jalapeño ou pimenta-jalapenho é uma pimenta média-grande originária do México, valorizada pela sua calorosa ardência na degustação.

⁵⁵ Na tradução perde a piada, mas vem do original 'dead end', que corresponde a um beco sem saída, mas traduzido literalmente seria algo como um final morto...

— Um pouco cedo para canções de Natal, não é, Jeff?

— Nunca machuca entrar no espírito festivo, Merit. Ok, então o vídeo não é muito bom, e o beco ao lado da porta do bar não é muito bem iluminado. Mas ocasionalmente, em uma lua cheia, a luz brilha do jeito certo... — quando ele parou, eu ouvi mais teclas a bater. — Ok. — disse ele novamente. — Eu vou enviar-lhe outra imagem.

Esta era uma imagem imprecisa em preto-e-branco de um carro no beco. Jeff tinha razão, a imagem estava granulada, mas o veículo mostrado era inegavelmente um Mustang clássico, com listras de corrida e aberturas laterais. E isso não era tudo.

Eu olhava para a foto, tentando em vão focá-la. — Aquilo é uma mulher no lugar de passageiro?

— Parece que sim. — disse Jeff. — É mais uma sombra, mas parece ser uma mulher. Curvas; sabe?

— Nós sabemos. — Ethan disse secamente.

— De qualquer forma, eu estava verificando a sombra da senhora no vídeo, certo? Estava rodando o filme com a velocidade na metade, e encontrei algo mais. Eu tenho uma imagem mais perto, e vou enviá-la para você.

Novamente, o tablet buzinou, e uma nova imagem em preto e branco substituiu a anterior sobre nossa tela.

Olhei para ela, mas com visão predatória ou não, eu ainda não conseguia uma boa visão da mulher no carro. Na verdade, eu não conseguia uma boa visão de nada senão pixels.

— O que é suposto estarmos vendo? — eu perguntei em voz alta.

— Verifique o meio da imagem. — disse Jeff. — Aproximadamente onde o pescoço dela estaria.

Abri minha boca para protestar que não conseguia ver nada e foi aí que o vi, em torno de seu pescoço, um inegável brilho de luz.

— Jeff, isso parece um medalhão de Casa. — não muito diferente do que eu tinha visto Celina usando na noite que ela voltou para a Casa Cadogan.

— Foi isso que eu pensei também.

— Você pode ampliar a imagem? — Ethan perguntou.

— Infelizmente, não posso dar-lhe mais detalhes. O sensor da câmera simplesmente não registrou mais nenhum dado. Mas isso é algo, não é? Meio que

sugere que você tem um vamp de uma Casa envolvido neste negócio da droga.

Malik e Ethan trocaram um olhar pesado.

— Sugere isso sim. — Ethan concordou. — Mas por agora, vamos manter isto entre nós, ok?

— Você é o chefe. — disse Jeff agradavelmente.

— Obrigado, Jeff. Nós apreciamos isso.

— Infelizmente, eu tenho uma má notícia para ir junto com a boa notícia.

— O quê? — eu perguntei.

— Paulie Cermak é o único suspeito que temos para a distribuição de V. Eu analisei o vídeo ontem à noite, e tive que entregá-lo ao CPD este manhã.

— É claro. — eu disse. — O Detetive Jacobs teria interesse no vídeo.

— Sim. Eles enviaram detetives para a casa de Cermak esta manhã.

Ethan franziu o cenho para o telefone. — Eles encontraram alguma coisa?

— Nada. A casa foi limpa. O carro foi limpo. Eles ainda estão processando algumas das coisas que levaram como evidência de rastreio, mas não há nada que o ligue às drogas ou às raves. Até onde sabemos, ele era apenas um cara em um beco público. Ele tinha todo o direito de estar lá.

Seja como for, minha intuição me dizia que Paulie Cermak era mais que um transeunte, e eu aposto que se convocássemos todos os vampiros Cadogan que tinham estado no Bar Temple no último mês, eles poderiam assinalá-lo como o cara que tinha estado lá fora vadiando e distribuindo V. Claro, isso exigiria chamar cada vamp Cadogan. Eu não estava disposta a arrastar todos os vamps nisto, pelo menos não ainda.

— Obrigado, Jeff. Alguém tem alguma objeção quanto a eu fazer uma visita ao Sr. Cermak sozinha? — ao ouvir a minha sugestão, a cabeça de Ethan disparou para cima, mas ele não deu voz a nenhuma objeção.

— Não de nós. E o CPD não tem que saber. Ei, Chuck esta me contatando pelo Pager, por isso eu tenho que ir. Temos um par de fadas que querem que ele seja o mediador de uma disputa de propriedade, e eu preciso fazer o upload de alguns docs. Estaremos em contato.

— Obrigado, Jeff. — eu disse e desliguei telefone.

A Sala de Operações ficou silenciosa por um momento.

Olhei em volta para os vampiros na sala. — Alguma teoria antes que eu visite

o nosso aparente traficante de drogas?

— Quão oposta você é a pena de morte? — Luc rosnou.

— Eu prefiro não jogar de juiz, júri e carrasco. — eu disse. — Mas se você tiver alguma sugestão estratégica ou diplomática, eu sou toda a favor.

Ethan afagou minhas costas, bem-humorado. — Boa Sentinela.

Capítulo 16

O TRANSGRESSOR.

Lindsey me escoltou até meu quarto para que pudesse por minhas botas novamente e agarrar minha espada. Normalmente eu deixava de trazê-la em público quando saía, mas Paulie Cermak era possivelmente um chefe de drogas, e eu estava conduzindo para seu território. De jeito algum que eu iria entrar em seu terreno sem aço.

Quando estávamos dentro com a porta fechada, Lindsey estava em minha cama enquanto eu estava sentada no chão, espada desembainhada em frente a mim para assegurar de que estava em forma de batalha, fez a confissão que ela aparentemente estava segurando.

— Nós demos uns amassos. — ela disse.

Eu esfreguei a lâmina com um papel de arroz. — Eu não me recordo de ter dado uns amassos em você.

— Dei uns amassos em Connor.

Olhei para ela e não podia ajudar com o desapontamento que cruzou minha face. Connor era um vampiro da minha classe de Iniciação, um garoto doce com quem Lindsey esteve flertando desde nossa Recomendação para a Casa. Ele era fofinho e charmoso do seu modo..., mas ele não era Luc.

— Quando aconteceu?

— Eu voltei do Bar Temple, e alguns de nós pegou o caminho da escada do salão, e então todo mundo se cansou e foram embora. Todo mundo menos ele, quero dizer. E então uma coisa levou a outra...

A lâmina limpa; embainhei a espada de novo.

— Uma coisa levou você a dar um amasso em um novato vampiro?

— Isso pareceria ser o caso.

— *O que era novo.* — eu pensei. — *Era o fato de que ela estava decepcionada com isso.* — Lindsey não era muito pessimista, e não era seu estilo Monday-morning-quarterback suas próprias decisões. Talvez Luc estivesse fazendo progresso.

Inclinei minha cabeça para ela. — Então porque você parece estranha a respeito disso?

Mãos abaixadas, ombros desmoronaram para frente culpadamente, Lindsey desviou o olhar.

Eu pensei na margem que escutei na voz de Luc mais cedo, e descobri a razão. — Luc descobriu?

Ela acenou.

— Merda, Linds.

— Sim, merda. — quando ela olhou de volta para mim, uma lágrima deslizou em sua bochecha. Ela secou de forma relaxada, mas não tinha como não ver a culpa em seus olhos.

— Essa coisa com Connor, foi só um caso? Só porque você teve uma noite realmente longa?

— Eu não sei o que é. Isso é meio que meu problema. Eu apenas..., eu não sei, eu não estou pronta para estar em algum tipo grande. — ela agitou as mãos no ar. — De relacionamento.

— Não está pronta? Você tem quase um século de idade.

— Este definitivamente *não* é o ponto. Olha, Luc e eu nos conhecemos há muito, muito tempo. Ele tinha uma namorada; eu tinha um namorado. Ele é quente, claro. Óbvio que ele é quente. Mas nós começamos como amigos, e eu apenas prefiro que continuemos amigos a nos tornarmos algum tipo de inimigos mortais.

Dei a ela um olhar duvidoso. — Como você e Luc se tornariam inimigos mortais? Eu não tenho certeza se ele ao menos já teve um inimigo mortal. Bem, além de Celina. E Peter.

— Definitivamente Peter. — ela concordou, então encolheu os ombros. — Eu não sei. Eu apenas..., imortalidade é um longo tempo. Eu poderia estar viva por um longo tempo, e estou tendo um tempo difícil imaginando apenas um homem fazendo parte disso.

Minha espada em mãos, me levantei, movi-me para a cama, e sentei ao lado dela. — Então o ponto é: nada de grande relacionamento agora.

— Sim. — disse tristemente.

Eu odiava isso pelos dois. A ela pela culpa, e a ele pelo pesar. — Então o que você vai fazer?

— O que posso fazer? Partir seu coração? Dizer a ele que não estou

interessada em estabilizar-me? — ela caiu de volta na cama. — Isso é o porquê evitei isso por tanto tempo. Porque ele é meu chefe, e se tentarmos e não funcionar...

— Isso seria muito estranho para todo mundo.

— Precisamente.

Nós ficamos quietas por um momento.

— Então, o que você acha dos Cubbies? — ela finalmente perguntou; falsa animação em sua voz.

— Nomeie um jogador de Cubs atual.

— Hm, aquele ardente com largos ombros e aquele de barbicha?

— E isso é o que ganho por ser amiga de uma fã dos Yankee.

— Eu sou imprestável. — ela ficou em silêncio, então colocou um travesseiro em seu rosto. Um abafado, frustrado grito escapou.

— Você não é imprestável. Ei, sem contar que você é uma das dez mais atraentes da Casa Cadogan, certo? Eu colocaria você pelo menos nas três mais.

Ela levantou a ponta do travesseiro e soprou o cabelo de seu rosto. — Sério?

— Sério.

Ela sorriu um pouco. — Você é a melhor Sentinela que já existiu.

É, às vezes eu desejava ser.



Luc e Ethan me encontraram no primeiro andar novamente.

— Você está com seu celular caso precise da gente?

— Sim. — assegurei, dando palmadinhas no bolso da jaqueta. — Se os policiais descobrirem alguma coisa na casa dele, ele provavelmente não irá querer ser territorial o suficiente para começar alguma coisa. Mas eu definitivamente irei ligar para você se a necessidade aparecer. Não se preocupe...

— Ela prefere permanecer viva. — Ethan terminou por mim.

— Sim. — eu disse com um sorriso.

— Mantenha um olho atrás de cúmplices. — Luc ofereceu. — Se ele está realmente limpo, alguém deve estar fazendo o trabalho sujo por ele. Eles podem

estar em alerta depois que CPD vasculhou.

— É também possível que ele tenha mudado os protocolos depois de tudo.
— Ethan disse.

— Vou ter uma boa vista depois que entrar. Ele sabe que está na lista do vigia, então provavelmente ele não se surpreenderá em me ver. A grande questão é: se eu encontrá-lo, o que faço com ele?

Ethan arqueou uma sobrancelha suspeitamente.

— Não estou sugerindo um homicídio. — expliquei. — Mas se o CPD não encontrar nada, não é como se eu pudesse trazê-lo.

— Apenas consiga a informação que puder. — Ethan disse. — E se mantenha a salvo. Não se preocupe em engajá-lo. Nós sabemos onde ele está e como encontrá-lo.

— Pelo menos até ele fugir. — Luc disse.

— E volte na hora do jantar. — Ethan me lembrou.

— Eu me lembro. Voltarei a tempo de me limpar e me vestir respeitosamente. — eu tinha que fazer isso, ia me encontrar com um dos três Mestres da Casa e o cabeça do GP. De nenhuma maneira eu iria lá sem estar bem vestida.

Ethan sorriu de volta. — Isso seria muito apreciado.

Com o som de passos no chão de madeira, nós nos viramos. Malik estava na esquina do corredor, sua expressão pálida.

— Darius está no telefone. — anunciou. — Ele gostaria de conversar conosco.

Luc e Ethan trocaram um olhar que me deixou nervosa, mesmo que fosse um dos olhares que os oficiais no comando compartilhavam para que eles não precisassem falar as palavras em voz alta e assustar os soldados. — Meu escritório. — Ethan disse; então me olhou. — Trabalhe sua magia, Sentinela, e termine isso. — ele seguiu Malik pelo corredor, e os dois desapareceram no escritório do Ethan.

Olhei para Luc. — Você quer me acompanhar até meu carro?

— Feliz em fazê-lo.

Eu guiei o caminho pela calçada para o portão Cadogan. Como sempre, duas fadas mantinham-se em atenção enquanto passávamos, mas dessa vez, um deles era uma garota. Ela tinha o mesmo reto, negro cabelo como os mercenários homens, e seu rosto era esculpido e magro de um jeito de supermodelo Europeia.

Ela também usava o mesmo negro conjunto como o seu, uma duplicata e deu-me o mesmo olhar de desinteresse quando passei.

— As fadas mercenárias se tornaram igualitárias? — perguntei a Luc enquanto caminhávamos pela rua, ignorando os gritos de protesto. Haviam mais acampados nesta tarde, provavelmente pela reportagem no jornal da manhã, e falavam o novo clássico: “Sem mais vampiros. Sem mais vampiros”.

— Aparentemente nós anteriormente tivemos Fadas homens porque nenhuma mulher havia se solicitado para o trabalho. Ela o fez.

— Qual seu nome?

— Nem tenho ideia. — Luc disse. — Eu nem mesmo sei quais os nomes dos que ficam lá, e nós temos os mercenários no contrato por anos. Eles preferem manterem-se profissionais.

Nós passamos por um compacto sedan estacionado na rua da Casa. Os dois homens nos bancos da frente roíam seus sanduíches. Binóculos e copos de café de papel estavam armazenados no painel. Presumi que fossem nossos policiais.

— Não exatamente sutis, não é mesmo? — murmurei para Luc.

— Mais ou menos tão sutis como vampiros com V.

— Ai.

— Muito cedo?

— Vamos esperar até que não estejamos sobameação de processo. E falando de assuntos desconfortáveis. Sobre Lindsey...

— Ela está me matando, Sentinela.

— Eu sei. Sinto muito.

— Eu a vi beijando ele.

— Honestamente? Não acho que ela tenha sentimentos por Connor. Eu apenas acho que ela não está pronta para se relacionar.

Ele parou na calçada e me olhou. — Você acha que ela irá se recuperar?

— Eu certamente espero que sim. Mas você sabe quão teimosa ela é.

Ele riu melancólico. Alcançamos meu carro laranja, e gentilmente pousou o punho no porta-malas. — Eu definitivamente sei disso, Sentinela. Eu suponho que posso decidir esperá-la até o final, ou não. Não há muito que possa fazer.

Dei a ele um simpático sorriso. — Eu também acho.

— A propósito, você tem alguma ideia para me dizer quais vampiros estão usando V? Eles precisam ser interrogados.

Balancei a cabeça. — Nem ideia. Virei às costas quando eles pegaram as drogas, e eu prometi não delatá-los se tivessem identidade. Eu fiz uma promessa, e não vou quebrá-la. Não vou revelar minha fonte.

Esperei irritação ou uma palestra sobre deveres para com a Casa e seus vampiros, mas não recebi. Ele quase me olhou orgulhoso.

— Bem jogado, Sentinela.

Eu acenei para ele, então ajustei minha espada e coloquei o pé dentro do carro. — Enquanto eu estou fora, se assegure de que Ethan não assassine Darius.

— Farei o meu melhor. Boa sorte. — Luc disse, fechando a porta.

Eu esperava que não precisasse.

Eu não era pomposa o suficiente para ter um GPS, o qual iria parecer estranho em um Volvo de qualquer maneira. Então encontrei a casa de Paulie Cermak da forma antiga, com um endereço da rua e as direções impressas da internet, oferecidos por Kelley antes de sair de casa.

Jeff estava certo, a casa de Cermak não estava longe do Parque Conservatório Garfield. O conservatório era um lugar incrível, mas essa área definitivamente já havia visto dias melhores. Alguns pedaços grandes do quarteirão estavam vazios, a pequena grama que ficava entulhada de lixo. Muitos dos prédios, majestosas casas de pedra e da Segunda Guerra, casas de época, haviam visto melhores dias.

A casa de Cermak era indescritível, um estreito, edifício de dois andares com telhas cinza e um alto e inclinado telhado. O jardim era limpo, a grama cortada, mas com nenhum real paisagismo para falar sobre. Os resquícios de papel de fast-food estavam espalhados pelo gramado, provavelmente pego pelo cortador de grama, e ninguém havia se importado o suficiente para limpar.

Ele tinha sorte a respeito de uma coisa, diferente das outras casas desse lado do quarteirão, Cermak tinha uma garagem lateral. Não estava ligada, mas era uma garagem apesar de tudo, e deu a ele uma forma de evitar milhares que outros Chicagoenses tinham que encarar todo dia, estacionamento na rua residencial.

Estacionei meu carro a algumas casas abaixo, e então agarrei minha espada e uma pequena lanterna do porta luvas. Uma vez lá fora, preendi minha espada e empurrei a lanterna no meu bolso. Tranquei o carro, dei uma boa olhada em volta à procura de algum McKetrick errante ou carros de polícia desmarcados, e comecei a andar.

Faz alguns meses que sou Sentinela. Enquanto não estava estimulada pelas batalhas, estava me acostumando com elas. Mas parte do trabalho que ainda me deixava nervosa era a parte da espionagem. Eu estive nervosa caminhando por Michigan com Jonah, mas pelo menos eu tinha alguém para me fazer companhia e manter minha mente longe do serviço adiante. Agora eu estava sozinha na escuridão, vizinhança silenciosa com nada mais que meus pensamentos.

Eu odiava a expectativa de violência.

Parei junto a uma caixa de correio de plástico preto. Uma bandeira vermelha estava levantada, mas eu resisti à tentação de abrir a caixa e ver para quem ele estava mandando a carta. Eu tinha problemas suficientes sem adicionar extravio de cartas à lista.

A garagem de Cermak estava escura, como era no andar superior da casa. O primeiro andar estava iluminado. A porta de segurança estava aberta; a porta de tela estava fechada.

— Comece com a garagem. — murmurei, andando nas pontas dos pés pela grama na parte mais distante do terreno. A garagem, como qualquer uma era consistia em duas linhas finas de concreto, apenas o suficiente para dar ao pneu do carro um pouco de proteção contra lama. Grudei na grama para ocultar o som das minhas botas. Enquanto eu planejei bater na porta da frente em algum ponto, eu queria checar o terreno antes, e isso requeria dissimulação.

A garagem era estreita, um estilo antigo com uma porta emparelhada e uma fileira de janelas a caminho do teto. Tirei minha lanterna, girei-a, e espreitei para dentro.

Um tiro de excitação passou por mim.

Um brilhante Mustang estava estacionado, o mesmo carro que havíamos visto na filmagem - um cupê com listras de corrida brancas e o intrigante Mustang Side Scoops⁵⁶. O carro era grandioso. Qualquer que fossem os problemas de Cermak, não podia culpar seu gosto para automóveis.

Tirei uma foto com a câmera do celular, e considerei a opção "*confirmar veículo*" checada. Próxima parada, a casa.

Cruzei o gramado e me direcionei para a pequena entrada de concreto. Um show televisivo dos anos oitenta, completa com risadas, retumbou pela porta de tela.

Quando alcancei a entrada, embalei minha mão ao redor do cabo de minha espada, apertando-o para conforto. Eu podia ver através da casa pela cozinha e o

⁵⁶ Modelo de carro

fogão verde abacate e a geladeira. A casa por dentro era simplesmente decorada com móveis, estilo motel. Simples e econômico, mas durável.

— Posso ajudá-la?

Pisquei quando o homem caminhou até a porta, o homem do vídeo do Bar Temple. Ele usava uma blusa de moletom dos Yankee que parecia ter visto dias melhores e um par de jeans usados. Ele sorriu, revelando boca cheia de retos, dentes brancos. E devia ter morado em Chicago, mas o sotaque era todo de Nova York.

Decidi chegar ao ponto. — Paulie Cermak?

— Você o encontrou. — ele disse, sua cabeça inclinou para o lado enquanto traçava meu rosto..., e então minha espada. — Você é Merit.

Ele deve ter visto surpresa em meus olhos, enquanto ria. — Eu sei quem você é, criança. Eu vejo televisão. E espero que eu saiba o porquê de você estar aqui. — ele se moveu para a tranca da porta de tela e abriu-a um pouco. — Você quer entrar?

— Estou bem aqui. — eu podia estar curiosa, mas não era estúpida. Preferia estar fora daqui com a cidade em minhas costas do que desejosamente entrar na casa de um suspeito.

Ele deixou a porta trancada novamente e cruzou os braços. — Nesse caso, porque não terminamos logo isso? Você estava me procurando..., agora me encontrou. O que você quer comigo?

— Você tem gasto algum tempo no Bar Temple ultimamente.

— É uma pergunta ou um fato?

— Desde que nós dois sabemos você estacionou o carro na parte de fora do bar, vamos dizer que seja um fato.

Ele encolheu os ombros de forma descuidada. — Sou um pequeno homem de negócios, apenas tentando fazer meu caminho no mundo.

— Quais são seus negócios, Senhor Cermak?

Seu sorriso era grandioso. — Relações da Comunidade.

— Wrigleyville é uma comunidade relevante?

Paulie rolou os olhos. — Criança; eu tenho interesses em toda parte da cidade.

Todas essas perguntas; e eu estava começando a me sentir atravessar entre um policial e um repórter investigativo, com nenhuma das credenciais ou

autoridades. — Seria uma coincidência que você começasse a rodar por fora do Bar Temple e uma nova droga atingisse as ruas?

— No caso de você não estar ciente, o homem e a mulher em azul estiveram dentro de minha casa da cabeça aos pés. Você implica que tenho distribuído drogas, mas não acha que eles teriam encontrado algo se eu estivesse fazendo isso?

Avaliei-o por um momento. — Senhor Cermak, gostaria de saber o que eu acho.

Ele sorriu lentamente, como uma hiena furiosa. — Como isso já veio à tona, sim. Eu gostaria de ouvir o que você pensa.

— Você tomou a providência de manter qualquer traço de V fora da sua casa. Eu acho que isso torna você um homem incrivelmente esperto e um homem rico em recursos. A questão, então, é onde está mantendo as drogas..., e de quem você está arranjando. Você gostaria de me inteirar nisso?

Paulie Cermak me encarou, olhar selvagem, por um momento antes de estourar em risadas, um tipo de dor de barriga que o fez tossir descontroladamente.

Quando ele finalmente parou de gargalhar, limpou as lágrimas dos cantos dos olhos com os dedos que eram longos e mais delicados que eu pensei que poderia ser.

Como os dedos de um pianista, mas ligado a um baixo e com peito de barril traficante de drogas.

— Oh, Jesus. — disse. — Você vai me dar uma embolia, criança. Você é um pontapé, sabia disso? E você não é exatamente tímida, não é mesmo?

— Isso é um não?

— O mundo dos negócios é um lugar muito delicado. Você tem superiores. Intermediários. E todo dia, vendedores ordinários.

— Assim como você?

— Como você diz. Agora, se eu atrair muita atenção para aqueles outros níveis, a balança inteira desestabiliza, e isso faz a gerência infeliz.

— McKetrick é seu gerente?

Ficou quieto por um tempo. — Quem é McKetrick?

Não podia ter certeza, mas tive a sensação de que sua confusão era legítima que Cermak realmente não sabia quem era McKetrick. Além disso, ele havia admitido que estava vendendo drogas. Porque começar a mentir agora?

Um pensamento me ocorreu, e não o tipo de pensamento que iria me ajudar a dormir melhor à noite. Eu era neta de um policial, e uma vampira com conexões com a Casa Cadogan. Porque ele iria mentir para mim, a menos que ele pensasse que os vampiros não poderiam tocar nele..., ou para quem quer que ele estivesse trabalhando? E quem era a única mulher que o GP que não nos deixaria tocar?

Eu tinha que investigar, mas eu não queria deixá-lo, ou Celina, nervosos.

— Você trabalha sozinho? — perguntei a ele.

— Grande parte do tempo. — disse cuidadosamente, não tendo certeza do lugar que a pergunta tinha se direcionado.

— Com vampiros?

— Benzinho, eu tenho uma carótida. Dado a natureza do produto, eu prefiro entrar e sair com a menor quantidade de presas possível.

— Você estava acompanhado com uma vampira chamada Marie.

Paulie encarou-me de volta, recusando a responder. Talvez ele não tivesse notado a câmera de segurança. Corajoso como ele devesse estar sobre o **V**, Cermak aparentemente não queria admitir o envolvimento de Celina. Eu não tinha certeza o que isso assinalava qualquer coisa. E eu estava começando a ficar sem ideias.

— Eu sei o que você pensa que isso representa. — Paulie disse.

— O que?

— **V**. — ele disse. — O nome da droga. Você acha que significa “vampiro”, não é?

Pausei por um momento, surpresa que ele estava aceitando deixar claro sobre isso. — Isso me ocorreu. — eu finalmente transpirei.

Ele apontou o dedo em minha direção. — Então você esteve errada. É o Latim da palavra “verdade”. A intenção é relembrar aos vampiros como realmente é ser um vampiro. A velha escola, morcegos voando, Transilvânia, filmes de terror e sede de sangue. O lado bom da sede de sangue. E batalhar. Nada dessa afeminada besteira humana sexual. Saindo por aí e misturando tudo. **V** é um presente, para os vampiros. *Veritas*. Verdade. — ele repetiu. — Pessoalmente, eu aprecio isso.

Essa era uma terrível filosófica explicação.

— E o que o faz ser tão generoso para os vampiros?

— Eu não sou generoso, criança. Não estou dizendo que tenho visto **V**, mas se tivesse, não é o tipo de coisa que eu me envolveria pela bondade de meu coração. É mais o tipo de coisa da qual eu vivo.

— Quem desejaria?

Paulie bufou. — Quem você acha que teria a motivação para fazer algo assim? Para deixar os vampiros loucos por sangue, para deixá-los querer agir como “reais vampiros”? — ele encolheu os ombros. — Tudo que posso dizer disso é: você tem que ir mais alto na corrente do que eu, boneca.

Outra dica sobre Celina? Ou talvez outro superior nas Casas de Chicago? Eu precisava de mais informação. — Você quer me apontar à direção certa?

— E ter a chance de reduzir meu rendimento? Não, obrigado criança. — um antigo telefone tocou de algum lugar na casa. Paulie olhou para trás, e então para mim. — Você precisa de mais alguma coisa?

— Não no momento.

— Nesse caso, você sabe onde me encontrar. — ele caminhou para trás e fechou a porta, e a casa sacudiu um pouco em sua base enquanto ele caminhava para o telefone e silenciou o toque.

Fechei os olhos e exclui alguns estranhos barulhos da vizinhança, focando no telefonema.

— Número errado. — ouvi-o dizer, o toque do telefone tocando enquanto ele colocava o telefone no gancho.

Caminhei de volta pelas escadas e cruzei o gramado para a garagem, então virei para encarar a casa. Mordi o lábio por um momento, tentando descobrir meu próximo movimento.

Mesmo no escuro, era óbvio que a pintura estava descascando em tamanhos grandes para longe das paredes. O telhado parecia terrível, e a tela na porta estava rasgada na base.

Olhei de volta para a garagem. A casa de Paulie estava em um estado bem miserável — mas ele tinha um perfeito Mustang? Se ele nem podia bancar a reforma da casa, como ele podia bancar um Mustang?

Eu não sabia a resposta, mas achei que era melhor explorar. Puxei meu telefone e mandei uma mensagem para Jeff. “NENHUM DADO NA CASA DE CERMAK. CONTINUE PROCURANDO PELO CARRO”.

Tinha acabado de entrar no carro quando Jeff ligou de volta.

— Isso foi rápido.

— Nós estamos na mesma onda. Estive me aprofundando pelo banco de dados desde que nos falamos mais cedo, e não encontrei nada sobre a venda do carro. Se isso realmente foi vendido, digo se dinheiro foi trocado, foi uma venda

fora da rede. O único jeito de rastrear isso agora é se Cermak por acaso te dizer quem vendeu para ele.

— Negativa essa opção. Eu acho que isso torna o carro um beco sem saída.

— A menos que você por acaso se depare com o cara que vendeu isso para Cermak.

— Em uma cidade com quase três milhões? Improvável.

Mas ele me deu uma ideia. Enquanto eu não poderia exatamente acariciar Celina e perguntar se ela conhecia Paulie Cermak, eu conhecia alguém mais que poderia.

Olhei meu relógio. Eram apenas onze horas. Eu tinha tempo para uma pequena viagem para o leste..., e alguns profundos exercícios de respiração Zen antes de chegar lá, porque eu iria precisar reunir todo tipo de paciência que pudesse.

— Você faria um favor, Jeff? Mande-me uma foto da filmagem de Cermak por e-mail?

— Pode deixar.

Assim que recebi seu e-mail, guardei o telefone. Considerei ligar para Ethan para atualizá-lo, mas a ideia fez meu estômago rolar. Ele acabara de estar ao telefone com Darius, e eu realmente não queria saber como a conversa havia sido.

Ethan provavelmente não aprovaria minha próxima viagem. Não, uma visita na Casa Navarre parecia ser uma daquelas coisas que seria mais fácil de se desculpar mais tarde do que pedir permissão em primeiro lugar, especialmente com um nervoso líder do GP na cidade.

Decisão tomada, eu me afastei da calçada. Era hora de visitar Gold Coast.

Capítulo 17

DOIS MESTRES E UMA MÁ ATITUDE.

Eu estava a caminho para a Casa Navarre quando o telefone tocou de novo. Era Jonah, então eu abri e aconcheguei o telefone entre minha orelha e ombro.

— Oi, Jonah. E aí?

— Só checando. Como a investigação está prosseguindo?

— Bem, fomos capazes de identificar o homem baixo que Sarah viu do lado de fora do bar. Achamos um vídeo com o carro dele. Um cara chamado Paulie Cermak. Acabei de fazer uma visitinha a ele.

— Pegou algo de interessante?

— Na verdade, não. Ele tem uma casa de merda e um Mustang reluzente. Ele não é exatamente tímido sobre seu trabalho, mas sua história diz que ele é um pouquinho manipulador. Ele diz que tem diretoria patrocinando o show. A polícia não achou nada para enquadrá-lo, então eu não acho que vamos ter muita sorte, também.

— Alguma chance de McKetrick estar no controle?

— Ele parece não ter ideia de quem é McKetrick. Ele também diz que V significa *Veritas*.

— “Verdade”?

— A mesma.

— Isso é horivelmente profundo para um comerciante de pílulas.

— É exatamente o que eu pensei.

— Mentas brilhantes, e tal. — ele disse, com uma nota divertida na sua voz.
— Você vem para a festa hoje?

— Vou. Você?

— Com os sinos... e um terno Italiano que não tenho escolha a não ser usar.

— Apenas fique grato que vocês só têm que usá-los em ocasiões especiais. — eu disse a ele. — Vocês têm que usar joias – nós temos que usar ternos Italianos

toda noite.

Ele riu. — Verdade absoluta. Ei, falando do Ethan, um aviso – minha história é que nos encontramos pela primeira vez do lado de fora do Bar Temple, depois do incidente.

— Tudo bem por mim. Você já falou com Darius?

— Ainda não. Eu estive com os guardas hoje. Nós estávamos treinando. Por quê?

— Só um aviso, ele é um saco. — eu me arrependi das palavras no instante que elas saíram da minha boca. Claro, Jonah tinha me feito um favor, mas o que eu sabia sobre ele? Além da sua aparência linda e exagero de diplomas?

— Estou bem ciente. — Jonah disse. — Ele e Scott conversaram sobre as joias, na verdade. Darius as achou inconveniente para as Casas de vampiros.

Eu não consegui segurar meu riso. — Isso soa como algo que ele diria. Eu acho que Scott ganhou a batalha, eventualmente?

— Eu não diria que ele a ganhou. Mais como se ele não fosse desistir, e Darius eventualmente perdeu interesse na discussão.

— Essa é uma estratégia arriscada com um imortal. — eu disse. — Eles têm todo o tempo no mundo para discutir.

— Falando por você mesma?

— Eu? Claro que não. Eu não sou teimosa, e sim completamente flexível.

— Mentirosa. — ele disse maliciosamente. — Bem, eu vou parar de te assediar, e deixar você voltar ao trabalho. Ligue-me se precisar de mim.

— Vou ligar. Obrigada.

Eu guardei o telefone de novo; um pouco perturbada pela ligação. Foi legal de Jonah checar – partindo da ideia de que o V era um problema que os vampiros precisavam encarar juntos. Todos com as mãos na massa, assim como estava acontecendo, ao invés da Sentinela trabalhar sozinha.

Por outro lado, a conversa tinha soado um pouco..., romântica. Ele estava checando, perguntando como eu estava ultimamente. Talvez ele realmente estivesse gostando de mim e dos meus vários charmes. Mas havia uma beirada amigável e de flerte na sua voz que eu não tinha ouvido antes..., e eu não estava completamente animada em ouvir agora. Lisonjeada? Sim. Mas eu não precisava da complicação.

Eu também não estava excitada por ter dado a ele uma atualização que

Ethan ainda não tinha. Eu não gostava de decepção, especialmente quando se tratava de mentir para alguém que tinha salvado minha vida uma vez. Eu sabia que estava segurando informação dele, mas isso não tornava a situação mais confortável.

A ironia? Eu tinha ido contra Ethan por ele segurar informação de mim. Não que isso tivesse o impedido, mas isso ainda me deixava maluca. E agora eu estava fazendo a mesma coisa. Minhas razões eram melhores? Isso era pior?

E embora não fôssemos um casal, a desonestidade parecia errada. Como uma quebra de confiança que havíamos conquistado um tipo de confiança que ia além de Sentinela e Mestre. Eu também estava relutante em usar Ethan como um confidente sobre Jonah e a GV. Se existisse alguma possibilidade de que ele pudesse ser neutro, uma segunda opinião ajudaria.

Mas como um Mestre, ele não podia ser neutro. Então mesmo eu não gostando, não havia nenhum caminho limpo e verdadeiro agora.

Eu ponderei essa conclusão por um tempo, repassando-a várias vezes na minha mente. Eu me perdi nos meus pensamentos e na viagem.

Não que vampiros fossem antiestéticos a mansões. A estética do design de vampiros estava longe de correntes, velas de caveiras, e laços pretos, e não era como se a Casa Cadogan fosse uma cabana. Tinha sido elegante antes do ataque, e estava ficando elegante novamente.

Mas a Casa Navarre estabelecia um novo padrão para a opulência de vampiros. Primeiro, estava enfiada na vizinhança da *Gold Coast*, uma das áreas mais ostentadas de Chicago, cheia de mansões da Era Dourada e retiros de celebridades. Segundo, o interior era impressionante. Espaços gigantes, arte estranha, e o tipo de mobília que você via em revistas de design. (O tipo de mobília que você achava legal em um museu, mas não gostaria de sentar nela para assistir um jogo na tela de plasma no Sábado à tarde.).

Eu mencionei que Navarre tem uma recepção?

Tendo estacionado o Volvo e me arrumado o máximo possível no espelho retrovisor, eu entrei lá dentro e me preparei para encarar as três mulheres morenas que controlavam o acesso a Navarre e seu Mestre.

Ethan e eu tínhamos as chamados de três Destinos, à lá mitologia Grega, porque elas possuíam um tipo parecido de poder⁵⁷. Elas eram bonitas, mas eu tinha a impressão de que um movimento em falso – ou um passo desautorizado pela escrivanhinha da recepção – e você estaria em problemas.

⁵⁷ Referência às três irmãs do Destino, que teciam o fio e controlavam o que acontecia, inclusive quando uma pessoa morria.

Hoje elas basicamente pareciam esgotadas. O saguão da Casa estava cheia de pessoas. Nenhuma se encaixa em categorias óbvias – sem jornalistas, sem vampiros, ninguém parecia um membro da equipe de McKetrick, fazendo uma inspeção interna. A maioria usava ternos pretos, mais parecidos com contadores do que os usados em Cadogan, e eles carregavam blocos de anotação ou mochilas pretas lisas.

Eu passei por eles, até a mesa da recepção, e esperei até receber atenção do Destino na esquerda.

Depois de um momento, ela olhou para mim, obviamente exausta, seus dedos voando pelo teclado, mesmo olhando nos meus olhos.

— Sim? — ela perguntou.

— Merit, Sentinela, Cadogan, aqui para ver Morgan, se ele estiver disponível?

Ela suspirou, finalmente olhou para sua tela, e continuou com a maratona de digitação. Um homem se inclinou ao meu lado na mesa e olhou para ela.

— Eu tinha um encontro há quinze minutos.

— Nádia está trabalhando o mais rápido possível, senhor. Ela estará com você em breve. — ela apontou um dedo com unha longa em direção aos bancos atrás da mesa. — Sente-se.

O homem claramente não gostou da sua resposta, mas ele mordeu sua língua e voltou para seu lugar.

Eu me inclinei um pouco. — O que está acontecendo aqui hoje? Eu achei que Tate não permitia humanos nas Casas?

Ela revirou seus olhos. — Ele ofereceu uma exceção a essa regra. Nós estamos no processo de selecionar nossos vendedores para o próximo ano. O prefeito sugeriu que Nádia conversasse com os representantes dos negócios humanos na cidade para pegar seus lances.

Nádia era a Segunda de Navarre, a vice-presidente de Morgan. Ela também era linda, como uma top model, o que era uma coisa chocante de se saber na primeira vez que você entra na casa do seu ex-namorado.

O Destino lançou um olhar infeliz pela multidão. — Eu duvido seriamente de que eles possam alcançar nossas necessidades.

Eu tinha assumido que nós tínhamos uma equipe de limpeza e terrenos, e eu conhecia uma das Chefas da Casa. Mas não tinha me ocorrido que vampiros precisavam de vendedores. Mas alguém tinha que estocar as cozinhas da Casa, manter pastas e marcadores fluorescentes na Sala de Operações, e se certificar de

que os cantis no escritório de Ethan estivessem cheios de licor bom. Aqui, esse dever cabia a Nádia e um bando de vendedores competindo pelo privilégio de vender seus produtos.

Eu ponderei se Malik fazia a mesma coisa na Casa Cadogan, entrevistando vendedores, considerando lances e cotações, e revendo contratos. Certamente faria sentido. Ethan era o Chefe Executivo da Casa, o que tornava Malik o Chefe de Operações da Casa.

Uma loira com cabelo preso fortemente e um monte de delineador preto foi até a mesa. — O Sr. Greer está disponível? Talvez eu pudesse falar com ele se Nádia está muito ocupada?

Expressão límpida, o Destino olhou para mim. — Você se lembra de onde é o escritório dele?

— Eu posso me achar. — eu assegurei a ela, me distanciando dos grunhidos infelizes da mulher que eu tinha passado à frente.

Não que ela tivesse alguma chance.

Eu atravessei o gigantesco primeiro andar da Casa até a escadaria em arco que levava até o segundo andar. O escritório de Morgan estava lá, uma suíte moderna com uma vista no jardim. A porta estava fechada, então eu bati minhas juntas nela.

— Entre.

Eu entrei..., e quase fiquei sem ar.

Morgan estava seminu, vestido somente em calças pretas, colocando uma camiseta branca de mangas curtas sobre sua cabeça, os músculos no seu estômago se apertando e agrupando com o esforço. Quando ele estava vestido, ele puxou seu cabelo negro na altura do ombro e o amarrou na nuca.

Foi só nesse momento que ele olhou para mim. — Sim?

Eu abri minha boca, mas a fechei de novo, tendo esquecido completamente o discurso que estava preparada para fazer. Honesta por Deus, minha mente estava completamente em branco, todo pensamento racional tenho voado com a vista do seu corpo. Deus sabia que atração física nunca foi o problema. Nada sobre Morgan era o problema. Eu era o problema. *Ethan* era o problema.

Eu tive que balançar minha cabeça para dispersar isso. Sua expressão se tornou convencida. Eu assumi que ele estava feliz por ter sido capaz de me perturbar.

— Não estava esperando companhia? — eu finalmente consegui.

Morgan sentou na beira de uma cadeira, colocou meias, e ergueu sapatos chiques do chão e deslizou seu pé em um deles. — Eu acabei de treinar, e nós temos o jantar em uma hora. O que você precisa?

Percebendo que eu estava parada no corredor, a porta aberta, eu entrei na sala e a fechei atrás de mim.

— Eu queria te atualizar sobre a investigação.

Colocando o segundo sapato, suas mãos pararam, e ele olhou para mim. Foi quando eu notei as sombras azuis debaixo dos seus olhos. Ele parecia cansado. Não devia estar sendo fácil para ele ficar no lugar de Celina, especialmente dado o resto. Eu não invejava um Segundo forçado no lugar de Mestre... e eu tinha ajudado a colocá-lo ali.

— Então, me atualize.

Eu consegui não revirar meus olhos, e repeti o que descobrimos em Streeterville, o que aprendemos no bar, e o que aprendemos de Paulie. Quando eu terminei, Morgan estava completamente vestido e estava sentado de volta na cadeira, dedos cruzados sobre seu estômago.

— Você atravessou a cidade para me dizer tudo isso?

— Nós identificamos o cara que tem vendido **V** para vampiros. O nome dele é Paulie Cermak. Eu preciso saber se ele parece familiar.

— É, bem, eu normalmente não saio com viciados.

A atitude não foi inesperada. Foi por isso que eu pedi uma foto a Jeff – isso era sobre evidência, não irritação. Eu puxei meu celular e coloquei a foto de Paulie. — Ele não é um viciado. Ele é um vendedor, pelo menos pelo o que eu sei.

Eu me aproximei e ofereci o telefone, então assisti, para ter certeza de que ele olharia.

Eu esperava que Morgan revirasse seus olhos e me dissesse que não tinha visto Cermak. Eu esperava que ele fosse sarcástico sobre minha investigação.

Eu não estava esperando a expressão de olhos arregalados. Ele ficou tensos, seus ombros ficando quadrados, seu maxilar tencionando. Ele sabia de alguma coisa.

— Você o viu. — eu disse, antes que ele pudesse negar ou deixar sua expressão em branco de novo. Mas ele ainda levou um minuto para responder.

— Há seis meses, Celina nunca permitia humanos na Casa, mesmo antes de Tate fazer o mandato. Eu estava subindo para falar com ela – eu não me lembro sobre o que íamos falar. Ele – Cermak – estava saindo do escritório. Eu perguntei a

ela quem ele era. Era..., estranho ele estar na Casa.

Então Celina tinha se encontrado em sua própria Casa com o homem que vendia V. Isso era muito bom e bem, mas era completamente circunstancial.

Circunstancial ou não, Morgan estava claramente perturbado, claramente incomodado pelas ligações que ele estava começando a fazer. Morgan fechou seus olhos, então esfregou suas mãos pelo rosto e cruzou mãos sobre sua cabeça. — Me irrita muito mesmo quando você está certa.

— Eu não quero estar certa. — eu o assegurei. — Eu quero ser aquela com teorias ridículas. Eu não quero Celina tornando o seu trabalho – ou o meu – mais difícil.

Ele resmungou e olhou para longe, despreparado para compartilhar os detalhes de o que quer que ele soubesse. Eu dei espaço a ele, andando até o outro lado do escritório, onde uma janela gigante dava vista a um jardim inteligentemente projetado.

— O que Celina disse sobre ele? — eu perguntei depois de um momento.

— Que ele era um vendedor para a Casa.

E as coisas tinham se encontrado. — E como Segundo, selecionar vendedores era o seu trabalho, certo?

Morgan olhou de volta e assentiu tristemente. — Essa é outra razão de ser estranho ele estar aqui. Eu só achei que era um projeto especial. Eu chequei os livros – eles estavam bem. Todos os fundos da Casa estavam justificados. Mas nenhum vendedor extra estava listado.

— Então ela não tirou nada dele. De acordo com os livros, pelo menos.

Morgan assentiu.

— O que mais ela poderia querer com Paulie Cermak? Quero dizer, mesmo se eles estivessem no esquema das drogas juntos, por que ela gostaria de vender drogas para vamps? Ela precisa de dinheiro?

Morgan balançou sua cabeça. — Ela recebe um salário do GP por ser um membro, e ela tem estado viva por muito tempo.

— Complexo de interesse?

— Complexo de interesse. — ele confirmou.

Sem jogos, então. — Talvez seja a droga em si. — eu sugeri. — Cermak disse que significava *Veritas*, o latim para “verdade”. Ele disse que deve fazer os vampiros se sentirem mais como eles mesmos.

Morgan franziu sua sobrancelha, considerando. — Celina sempre acreditou que o relacionamento entre humanos e vampiros iria chegar a um fim cataclísmico. Ela só pensou que ia acabar no topo.

— Que é por que ela trabalhava para agradar os humanos – para conduzir suas cordas?

Ele suspirou. — Talvez. Mas em relação ao V, eu não sei. Se ela queria vampiros “*mais verdadeiros*”, por que não permitir que Navarre bebesse?

— *Porque se ela tivesse permitido a bebida*, — eu pensei. — *ela não teria sido capaz de endiabrar Cadogan*. Em qualquer evento, nós poderíamos desenterrar suas motivações mais tarde. Agora, nós precisávamos de evidencia.

Eu olhei para o chão por um minuto, tentando descobrir se eu estava deixando alguma coisa passar. Mas nada me ocorreu, mesmo eu querendo que existisse uma resposta definitiva para todas as minhas perguntas relacionadas ao V. Quando eu olhei para Morgan de novo, eu encontrei seu olhar em mim, sua expressão surpreendentemente desprotegida.

— O quê? — eu perguntei a ele.

Ele me deu um olhar plano, a implicação sendo que ele tinha me lembrado da sua afeição por mim, que eu não compartilhava. Nenhum tempo melhor que o presente para cortar aquela linha de pensamento.

— Eu deveria ir. — eu disse. — Eu preciso me trocar.

— Você vai trazer um encontro?

— Você nunca vai parar de me perguntar sobre Ethan?

— Só quando parar de te irritar.

— Improvável de acontecer.

— E aí você está.

Nós ficamos lá por um momento, e eu peguei o fantasma de um sorriso em seu rosto. Se ele pudesse ultrapassar sua raiva, eu conseguiria ter uma atitude boa sobre isso.

Eu fui até a porta. — Você é tão engraçado.

— Eu tento; Merit. Eu realmente tento.

— Boa noite, Morgan.

— Só por uma hora. — ele me lembrou; enquanto eu fechava a porta e voltava para as escadas.

Quando eu alcancei o primeiro andar, o bando de vendedores ainda estava no saguão, resmungando impacientemente sobre como eles estavam esperando suas vezes com Nádia. Eu estava torcendo para eles terem mais paciência com o pessoal da Casa Navarre do que eu.

Quando eu retornei para a Casa, Ethan e Luc me encontraram na porta.

Eu olhei para Ethan, preparada para contar a história pela ultima vez. Francamente, ser a Sentinela ativa envolvia repetir as mesmas informações várias e várias e várias vezes. Mas a história precisava ser contada, então eu engoli tudo e fiz o meu dever.

— Paulie Cermak está provavelmente envolvido no comercio de drogas, e ele não é especialmente tímido sobre isso. Ele disse que é somente um jogador. Sua moradia está em uma condição muito ruim, mas tem um Mustang brilhante e reluzente na garagem.

Eu quase soltei o resto, mas pensei à frente o bastante para olhar para Ethan, uma pergunta em meus olhos: Eu podia contar a ele? Eu podia implicar um membro do GP depois do sermão que eu achava que ele tinha recebido de Darius? Ou eu estava colocando-o em uma posição pior?

— Nesse ponto. — ele disse quietamente. — Não há nenhum mal em sinceridade.

— Nesse caso, eu fui até a Casa Navarre e mostrei a foto de Cermak a Morgan. Há seis meses, Morgan viu Paulie saindo do escritório de Celina. Ela o chamou de “vendedor”.

Eu observei a expressão de Ethan cuidadosamente, e ainda não tenho certeza se vi alívio ou ansiedade ali. As noticias eram igualmente más e boas – nós tínhamos uma testemunha que podia ligar Celina ao homem que vendeu V, mas era Celina. Ela estava fora dos limites, pelo o que o GP sabia.

Luc olhou ao redor cautelosamente, e abaixou sua voz, como se esperasse que Darius aparecesse dançando valsa, com os papeis da falência em mãos. — Então Celina e Paulie são conhecidos. — Luc disse. — Isso torna mais provável que Celina fosse a “Marie” vista pelo humano, e a mulher no carro.

— Mas não podemos provar isso. — Ethan disse, enfiando suas mãos nos seus bolsos. — E doa o tanto que doer dizer isso, Paulie e Celina tendo um encontro há meio ano não significa que ela está ativamente envolvida no planejamento das *raves* ou distribuição de V.

— E é improvável que ela vá vir em frente e oferecer a evidência em um prato. — Luc disse.

— Verdade. — eu concordei; um plano já se formando. — E é precisamente

por isso que precisamos atraí-la.

O olhar de Ethan voou para mim. — Atraí-la?

— Provar que Paulie e Celina estão conectados. Usá-lo para chegar até Celina, atraí-la, e provar que ela está envolvida em distribuir V e organizar as *raves* para ajudar a causa.

— E como você pensa em fazer isso? — Ethan perguntou. — Que isca podemos oferecer que iria tentar Celina?

A resposta era fácil. — Eu.

Silêncio.

— Você certamente evoluiu em sua posição, — Ethan disse secamente. — e na sua concordância em correr riscos pela Casa.

— Eu estou bem ciente de que ela pode chutar meu traseiro. Isso é menos que um risco – é mais uma coisa inevitável.

— Você está mais forte que do que na ultima vez que vocês se encontraram. — ele apontou. — Você derrotou Metamorfos desde então.

— Ela me derrubou com um único chute no peito. — eu aponte; minhas costelas doendo em simpatia. — Mas esse não é o ponto. Por qual seja o motivo, como discutimos antes, ela é fascinada por mim. Se Paulie disser a ela que estaria esperando, ela provavelmente tomaria vantagem.

Ethan franziu. — Isso provavelmente é verdade.

— Eu tenho que fazer isso. — eu disse a ele. — Nós identificamos Paulie, e nós sabemos que ele está envolvido com Celina. Mas não podemos fechar o V – parar a distribuição – até termos prova; pelo menos evidência o bastante para levar ao Tate. Nós não temos que levar ao GP. — eu lembrei Ethan. — Só temos que dar ao Tate informação o bastante para enquadrar Paulie e Celina para que o CPD possa fechar o caso. Se não pudermos confiar no GP para derrubá-la, — eu quietamente adicionei. — então vamos deixar Tate derrubá-la.

— Ela tem um ponto, chefe. — Luc concordou quietamente. — Ela é a nossa melhor chance de tirar Celina da jogada.

Depois de um momento, Ethan assentiu. — Trabalhe no seu plano, Sentinela. — ele tocou seu relógio. — Mas primeiro, vá se vestir.

Foi só nesse momento que eu percebi que ele já estava preparado para o jantar, em um terno preto justo e gravata preta apertada. Isso significava que ele estava esperando por mim.

— Eu vou me trocar. — eu concordei. Eu também iria subir as escadas e usar o numero que Jeff tinha me dado para mandar uma mensagem a Paulie Cermak.

De um jeito ou de outro, eu ia achá-la. O GP que se dane, eu ia derrubá-la.

Para a minha surpresa, eu não achei nenhum vestido pendurado na minha porta quando eu subi as escadas. Nas últimas vezes que eu tinha feito aparições sociais, Ethan tinha me presenteado com vestidos decentes de alta-costura, presumidamente para que eu não embarcasse a Casa com meus jeans usuais e minhas regatas. A princípio eu tinha ficado ofendida pelo gesto. Mas mesmo uma garota que enfiava suas presas em brim e Pumas podia apreciar um bom design quando se apresentasse.

Dessa vez, a porta estava vazia exceto por uma tabela, e o armário tinha somente as peças comuns do meu guarda-roupa.

Oh, bem. Era provavelmente para o melhor. Eu não tinha tempo para ser a garota que precisava *Lanvin* só para sair da Casa.

Sem uma nova opção, eu me arrumei e saí em um dos outros vestidos que Ethan tinha providenciado. Era um vestido preto de cocktail na altura do joelho, com um corpete sem magas e saia solta, o tecido enfiado em pregas horizontais do topo à base.

Eu escolhi os saltos altos pretos que Ethan tinha providenciado com o vestido, assim como um coldre que ficou embaixo da saia e segurava minha adaga firmemente contra minha coxa. Meu pingente de Cadogan era o meu único acessório, e eu deixei meu cabelo solto, minha franja uma borda negra pela minha testa.

Quando eu estava pronta, mandei uma mensagem para Paulie Cermak.

“DIGA A MARIE QUE ESTOU PRONTA PARA CONHECÊ-LA.”

A mensagem enviada, eu enfiei meu telefone em uma bolsa preta pequena. Estava na hora de ir brincar com os garotos.

Capítulo 18

“V” SIGNIFICA VALOR.

Ethan estava esperando no primeiro andar próximo ao corrimão, e olhou para cima quando eu pisei no último degrau. — Você está adorável.

— Obrigada. — eu passei minhas mãos sobre a saia conscientemente. — Sem objeções ao fato de eu estar usando esse vestido de novo?

O sorriso de Ethan era provocador. — Não me diga que você está querendo receber outro vestido?

— Isso seria ridículo. Eu sou acima de tais preocupações juvenis.

Seu sorriso se tornou um pouco mais filosófico. — Você gosta das coisas que gosta. Você adquire prazer com essas coisas, e você nunca deve ficar envergonhada disso. O prazer que você adquire com coisas simples – comida, roupas, arquitetura – é uma qualidade muito atraente.

Eu desviei o olhar da quentura nos seus olhos. — Estamos prontos?

— Você está com sua adaga?

— Eu raramente saio de casa sem ela.

— Então à Batcaverna, Sentinela.

Ele estava em um humor raro e jovial, um humor mais leve do que eu teria esperado, dado o evento que estávamos prestes a atender. Ethan definitivamente conseguia ser formal; ele ficava muito bem em um smoking, e sabia como ganhar uma multidão. Mas a audiência não iria ser receptiva.

Quando estávamos no carro e prendendo nossos cintos de segurança, nossos olhares se encontraram.

— Você acha que McKetrick vai tentar nos emboscar dessa vez?

Ele riu com desdém e ligou o carro. — Dada a nossa sorte, possivelmente.

Felizmente, ele estava errado. Nós chegamos ao *Lake Shore Drive* sem incidentes, exceto algumas garotas que deixaram o tráfego engatinhando. Era tarde, mas isso não impediu um caso maciço de curiosidade⁵⁸ - o tráfico já lento

⁵⁸ No original, “Gaper’s block”. É quando os motoristas diminuem para ver o que está acontecendo.

encorajou os motoristas a diminuírem para procurar um desastre. Nesse caso, nem havia um desastre, somente algumas garotas baladeiras que vomitaram ao lado do carro enquanto um policial assinava uma multa.

Nós estávamos perto do Píer Navy quando eu abordei o tópico que ele ainda não tinha abordado. — Você vai me contar sobre a sua ligação com Darius?

Eu decidi que preferia vê-lo socando árvores a segurar coisas de mim. Pelo menos com socos nas árvores eu podia saber como estávamos encrocados. Com silêncio, eu não tinha a mínima ideia.

Ethan levou um momento para responder. — Não há necessidade de falar sobre isso.

— Não há necessidade de contar a sua Sentinela o que o líder do GP pensa sobre a Casa?

— O que você precisa saber é que ele teve palavras específicas sobre minha liderança.

Eu olhei para ele. — E isso é tudo que você vai me contar? Sem frustração?

— Às vezes a política invade a Casa. Algumas vezes, isso é inevitável. Mas o meu trabalho, como um Mestre, é te isolar dessas coisas. Não por causa da consideração de estratégia e alianças e sentimentos, e sim por pressão política do topo. Você deve executar as tarefas apropriadas à sua posição – e se preocupar sobre meu trabalho ou o de Darius não é uma dessas tarefas.

— Obrigada. Exceto que isso não vai exatamente me ajudar a me preparar para o inevitável coice do GP.

Ele pausou. — Às vezes você é muito esperta para o seu próprio bem, você sabe.

Eu sorri com dentes. — É uma das minhas melhores qualidades.

Ele bufou. — Bem, para te poupar de detalhes sórdidos, ele está bem convencido de que nossa investigação das *raves* só está piorando o problema – e atraindo mais atenção. Ele é da opinião de que esses são assuntos que o GP deve lidar, e se e quando o GP achar que a ação é apropriada, eles devem agir.

— Wow. — eu disse sarcasticamente. — Isso não é mesmo limitado e ingênuo.

— Atenção aos detalhes nunca foi um dos pontos fortes de Darius. Chame isso de hipermetropia imortal – ele, algumas vezes, confunde as árvores com as florestas. — Ethan bateu seus dedos contra o volante. — Eu não sei o que dizer para convencê-lo do contrário, para fazê-lo entender a gravidade da situação.

— Talvez possamos arranjar uma conversinha entre McKetrick e Darius.

Ele riu. — Não é uma ideia ruim. Embora eu não tenha certeza de quem ganharia – o valentão britânico ou o americano.

— Eu me pergunto se você pensaria tais coisas há quatro meses?

Ele me deslizou um olhar. — Significando o quê, Sentinela?

Eu pensei por um momento, tentando descobrir como dar voz à ideia. — Nos nossos melhores dias, eu acho que nós melhoramos um ao outro. Nossos trabalhos, eu quero dizer. — eu esclareci rapidamente. — Você me lembra da Casa, das coisas pela quais lutamos.

— E você me lembra de como é ser humano.

Eu assenti, agora me sentindo um pouco tola por expressar o sentimento.

— Somos um bom par. — ele disse, e eu não discordei.

Nós havíamos chegados a uma trégua. Nós, agora, parecíamos estar trabalhando bem juntos – como se tivéssemos achado aquela balança delicada entre amigos e amantes.

Eu não queria ser uma daquelas garotas que ficavam mais atraídas às coisas que não podiam ter. Mas não era isso que estava acontecendo. Contra todas as duvidas, e cada pedacinho dos conselhos recolhidos por mães e namoradas através dos séculos, ele honestamente parecia estar *mudando*. Ele tinha parado de tirar vantagem da química entre nós, e passou a me cortejar com palavras, com confiança, com respeito.

Não era algo que eu esperava, mas isso só tornava tudo mais significativo... e assustador. Sendo uma garota com bom senso, como eu deveria reagir a um garoto que tinha feito o inimaginável e realmente crescido?

Era uma pergunta difícil. Mesmo o pensamento de nós estando juntos sendo meio excitante... Eu ainda não estava pronta. Eu estaria pronta, alguma hora? Honestamente, eu não sabia. Mas como Ethan tinha uma vez me dito, ele tinha a eternidade para provar que eu estava errada.

Ele achou uma vaga na rua, do lado de fora da Casa Grey. Era estranho me aproximar do prédio pela segunda vez como a convidada que não tinha visto o interior. Eu decidi bancar a surpresa e impressionada – mas mesmo eu tentando fingir, ainda era uma mentira para Ethan.

Com um Mestre ao meu lado, eu andei de volta para a Casa Grey. Charlie, o assistente de Darius, estava de pé na grama luxuosa do átrio. Ele vestia calças azul-marinho e um terno cáqui, e uma camisa azul clara por baixo. Seus pés estavam

enfiados em sapatos, sem meias. Era um conjunto estranho para Agosto em Chicago, mas a formalidade caiu bem nele.

Charlie não deixou sua tarefa pairar. — Darius gostaria de conversar com vocês.

Ethan e eu trocamos um olhar — Onde? — ele perguntou.

Charlie sorriu amplamente. — Scott ofereceu seu escritório. Por aqui. — Ele disse, estendendo um braço.

Nós o seguimos através do átrio até uma das portas embaixo da passagem — um dos quartos que Jonah tinha dito ser dispensável. Ele abriu a porta e esperou até entrarmos.

A sala era gigantesca, quase tão grande quanto um campo de futebol. Parecia um depósito velho — com piso de madeira bem feito e paredes de concreto, bem pintadas, um teto com vigas e postes acima. Havia mesas espalhadas pelo espaço. Eu supus que Scott e seu pessoal dividiam um escritório.

Mas se fosse esse o caso, eles não estavam em vista agora. Darius estava sentado ao lado de Scott em um sofá moderno e baixo. Ambos usavam ternos. Jonah estava ao lado dele e me deu um pequeno aceno de reconhecimento... e então do canto do olho o que parecia um olhar avaliador. Eu estava provavelmente imaginando, mas quando involuntariamente encontrei seu olhar, ele olhou para longe como se tivesse sido pego no flagra.

Como eu havia dito, complicações.

Morgan estava a alguns metros de distância; braços cruzados sobre seu peito, usando a camisa e calças que eu o tinha visto — e não tinha visto — mais cedo. Ele olhou para cima quando entramos, mas não fez contato visual.

Meu estômago despencou, e eu sabia exatamente o que estava a caminho. Eu arrisquei fazer contato telepático com Ethan.

— *Se prepare.* — eu disse a ele. — *Eu acho que Morgan contou sobre Paulie Cermak a Darius.*

Charlie saiu de novo e fechou a porta atrás dele. Darius começou assim que a porta fechou.

— Sr. Greer me comunicou que vocês estiveram investigando Celina.

Dessa vez, foi a minha conexão mental com Morgan que eu ativei — não era uma conexão que deveríamos ter, já que ele não tinha me transformado em um vampiro, mas era conveniente quando ele precisava de algumas broncas secretas.

— *Eu confiei em você.* — eu disse a ele. — *Eu confiei informação a você, e você*

decidiu levá-la até Darius?

Ele não me respondeu, apenas balançou a cabeça. Era o movimento de um covarde – ou uma criança. E não ajudou exatamente a diminuir minha própria raiva.

Ethan pode ter ficado surpresa na última vez que Darius tinha partido para a ofensiva, mas dessa vez ele estava preparado para rebater. — Como você sabe, Sire, nós somos requeridos pelo *Canon* a seguir as leis e imposições do lugar que estamos Situados. O Prefeito Tate nos ordenou a investigar a natureza das novas *raves*. Assim o fizemos.

— Você envolveu um membro do Presídio.

— Nós seguimos a informação até onde ela foi.

— E ela foi até Celina?

Muito lentamente, Ethan virou seu olhar gélido até Morgan. — Eu acredito que o Sr. Greer foi o vampiro que confirmou o relacionamento de Celina com um homem que se acredita estar distribuindo V pela cidade.

Morgan olhou de volta para Ethan, dentes arreganhados, magia repentinamente se derramando no quarto enquanto sua raiva obviamente explodia.

A reação de Ethan foi quase instantânea. Seus olhos ficaram pratas, suas presas desceram, e sua própria magia – mais fria e áspera que a de Morgan – se derramou, também. Ethan deu um passo à frente, com ameaça em seus olhos, e eu às suas costas.

Eu tinha visto Ethan irritado antes – até com Morgan – mas nunca desse jeito.

— Você vai lembrar o seu lugar. — Ethan disse, lembrando o fato de que ele tinha sido Mestre há mais tempo que Morgan tinha vivido. Inferno, eu tinha sido uma vampira há mais tempo que Morgan tinha sido um Mestre, e isso não era muito.

Mas dessa vez, Morgan não abaixou a cabeça. Ele andou um passo e pressionou um dedo em seu peito. — *Meu* lugar? O meu é na Casa Americana mais velha, Sullivan. E não se esqueça. E não sou eu quem está envergonhando todas as Casas, provocando drama onde não precisa ser provocado.

— Você está louco? — Ethan perguntou. — Você entende o que está acontecendo lá fora agora? O problema – os riscos – que as Casas estão enfrentando, pelo o que o seu antigo Mestre fez? Ou pelo o que está fazendo agora?

— Já chega! — Darius disse, pulando de pé. — Já chega disso. Vocês são Mestres das suas Casas, e estão agindo como crianças. Essa conversa é uma vergonha para todas as Casas e o GP – cuja sem generosidade elas não existiriam.

— *Já está exagerando um pouco.* — eu pensei.

— A partir desse instante, vocês vão começar a se comportar como Mestres. Como os príncipes que devem ser. Não brigando como crianças humanas.

Darius levantou o olhar, olhos gélidos me penetrando. — Sua Sentinela está fora das ruas. Ela não será envolvida em qualquer investigação futura sobre o que quer que o seu Prefeito imagine que exista.

Os olhos de Ethan dificilmente poderiam ficar maiores. — E se o mandato para a minha prisão ser executado?

O olhar de Darius se dirigiu de volta a Ethan. – O prefeito da cidade de Chicago é com certeza inteligente o bastante para não achar que uma prisão feita por humanos possa te segurar. Independentemente do quanto ele gosta de usar ameaça de prisão para te obrigar a resolver seus problemas para ele, os ditos problemas ainda são dele para resolver. E, mais importante, vocês viram alguma evidência de que as três garotas que o seu prefeito acredita estarem mortas, realmente estão? Vocês viram alguma evidência de três garotas desaparecidas em Chicago?

Catcher tinha prometido que ele ia checar as mortes das garotas, mas não tinha me passado nenhuma informação. Mas só porque eles não tinham resolvido o crime, isso não significava que um crime não tinha sido cometido.

Eu falei. — As testemunhas acreditavam que as três mulheres foram assassinadas. E as coisas que ele descreveu estavam corretas – vampiros que estavam drogados, dopados em violência, e prontos para lutar.

— Em outras palavras. — Darius disse; seu jeito completamente convencido. — Estavam agindo como vampiros?

— *Deixe para lá, Sentinela.* — a voz de Ethan ecoou na minha cabeça. — *Brigar com seiscentos anos de crença sólida não é uma batalha que você pode vencer.*

— *Ele está errado.* — eu protestei.

— *Isso pode ser verdade. Mas nossa luta é por Chicago, não Darius West, seja qual for seu poder. Lute a luta que você pode vencer. Por enquanto,* — Ele adicionou, no clássico estilo Ethan. — *fique parada.*

— E o fato de as raves estarem ficando maiores e mais violentas? — Ethan perguntou.

— Vampiros estão agindo como vampiros sempre agiram. Se alguns vampiros quebrarem as regras de suas cidades natais, deixe a cidade responder.

— E se não for o bastante?

— Então o GP irá discutir, e o GP agirá. Mantenha controle sobre sua própria Casa, Ethan, e deixei o GP fazer seu trabalho. Você não deve aprofundar esse problema.

Um silêncio pesado encheu a sala.

— Sire. — Scott disse; finalmente se pronunciando. — Eu fui informado de que nossos convidados chegaram. Como você apresentou suas direções, talvez Ethan possa reconhecer recepção e nós podemos ir para o jantar?

Darius inclinou sua cabeça a Ethan, o movimento mais canino do que vampírico. — Ethan?

Ethan umedeceu seus lábios, e eu sabia que ele estava hesitando. Dada a conversa fiada que ele ofereceu, eu sabia por quê.

— Senhor, eu reconheço a recepção das suas direções e..., agirei como comandando.

Ele poderia muito bem estar cruzando seus dedos atrás das suas costas, pela rebelião que a sua linguagem corporal expressava. Mas você não podia desmentir sua resposta. Ele soava completamente obediente – em palavra e tom.

Aquelas palavras, provavelmente sobras de algum ritual feudal, foram o bastante, pois Darius assentiu. — Vamos comer; beber e celebrar.

Ele andou até Ethan, com o braço estendido. Em um movimento semelhante ao que eu vi Ethan e Malik fazerem, Ethan estendeu seu braço também, e eles apertaram os antebraços e compartilharam um meio abraço masculino. Sussurros seguiram, tão quietos que eu não consegui entender as palavras.

Quando o gesto foi completado, Ethan e Malik saíram do escritório. Morgan seguiu, e depois Scott. Eu fui à última a sair, mas não fui muito longe.

Morgan me encurralou no corredor, colocando uma mão no meu braço para me parar. — Ela era meu Mestre. Eu tinha que contar a ele.

Eu puxei meu braço. — Não. — eu sussurrei. — Você não *teve* que contar para ele. Você sabia que estávamos cuidando da situação, que estávamos investigando. O que você aparentemente *teve* que fazer foi me jogar – e a minha Casa – rio abaixo porque nosso relacionamento não deu certo e você ainda está puto por causa disso.

Seus olhos se arregalaram, mas ele não comentou.

— Me cansei de te ajudar. — eu disse a ele. — Nós que estamos lutando para manter as Casas e a cidade juntas. Eu pensei que podia te considerar um aliado, e foi por isso que te dei informação. Eu pensei que poderia ajudar se estivemos todos na mesma página. Eu estava obviamente errada sobre isso, porque você prefere agir como um idiota de quatorze anos ao invés de um adulto.

— Eu ainda sou um Mestre. — ele disse, estufando um pouco seu peito.

— Para Navarre, isso ainda precisa ser visto, porque você está deixando Celina manter o controle. E para mim? — eu me inclinei um pouco para frente. — Você não é o meu Mestre. — eu andei para longe, sem duvida deixando uma trilha de magia atrás de mim.

Eu pensei que quando Morgan assumiu o controle de Navarre, nós não teríamos um inimigo lá, alguém que usava pessoas quando a necessidade crescia. Mas como tantas outras coisas desde que me tornei vampira, eu tinha me enganado.

Capítulo 19

VERMELHO, VERMELHO VINHO.

Nossa reunião no jantar foi realizada em outro cômodo acessível pelo átrio, um espaço no armazém aproximadamente tão grande quanto o articulado escritório era. Esse parecia com um aposento para eventos especiais; esta noite, uma única mesa retangular estava no meio da sala, com algumas cadeiras de estilo moderno a rodeando.

Gabriel Keene, cabeça dos Metamorfos do Bando do Norte da América Central, estava junto à mesa com sua esposa, Tonya. Os Mestres já estavam se movendo em direção as suas cadeiras, estando aparentemente prontos para oferecer seus cumprimentos, no qual deixou os Metamorfos comigo.

Caminhei em direção a eles, ignorando o vampiro atrás de mim e os outros na sala. Eu não iria chamar Gabriel e Tonya de amigos por mim mesma, mas Gabriel certamente tinha mais perspicácia que Darius, o qual eu podia respeitar.

— Eu deduzo que os parabéns estão funcionando. — disse, oferecendo a eles um sorriso.

Gabriel estava tão másculo como quando vieram: grande, musculoso, cabelo castanho-amarelado, e um olho cor de mel com amor por couro e magníficas Harleys, mas seu rosto irradiando orgulho paternal. — Nós temos um lindo menininho em casa. — ele confirmou. — Nós apreciamos o sentimento.

— Foi bondade de vocês juntarem-se a nós hoje. — disse dando um sorriso sedutor. — Não posso imaginar que você geralmente prefere a companhia de vampiros a seu filho recém-nascido.

Gabriel jogou um suspeito olhar para Darius e os outros. Eu entendia o sentimento. — Há coisas na vida que precisamos fazer. — disse. — E há coisas na vida que devemos fazer. Embora eu não antecipe que fiquemos por muito tempo.

Sorrindo, Tonya pescou uma pequena carteira de sua bolsa. — Quem poderia deixar esse rosto por tanto tempo? — ela segurou uma pequena foto de um admitidamente adorável bebê em um macacão azul.

Gabriel sorriu ao ver a foto. Ele estava claramente impressionado.

Havia um rico orgulho e amor em seus olhos, mas quando elevou o olhar para mim, eu pude ver um indício de medo por trás. O medo que vem de amar algo tão forte que você se sente sobrecarregado com isso, quase arrasado por isso. O medo de uma potencial perda, de uma potencial mágoa, que você possa falhar na coisa que você trabalhou tão duro para trazer ao mundo.

Medo parental, eu suponho, feito pior pelo fato de ser um líder - Liderança do Bando era hereditário. Connor nasceu um príncipe entre os lobos. Ele havia nascido debaixo de um manto de poder, mas também sob influência de um manto de responsabilidade que ele nem poderia começar a medir. Devia ser muito para Gabriel sustentar, sabendo da responsabilidade que um dia iria içar sob os ombros de seu filho.

— Você fará o melhor por ele. — sussurrei. Não sabia se as palavras eram elegantes o suficiente, mas parecia certas o suficiente. E o pequeno aceno de Gabriel me disse que tinha dito a coisa certa.

— Como estão as coisas de qualquer forma?

— Bem, nós não fomos usados como experiência científica. — Gabriel disse secamente. — É uma pequena vitória. — uma de suas preocupações sobre anunciar a existência dos Metamorfos para o mundo era o medo que se tornassem alimento para pesquisas militares ou médicas, os tipos de coisas que você vê em filmes de monstros e filmes de horror. Não era exatamente um pensamento agradável, e eu estava feliz em ouvir que não iria ocorrer.

— Não é que eu pense que humanos não acreditem que somos uma ameaça. — adicionou. — Eles apenas não estão inteiramente certos do que fazer com a gente.

Metamorfos eram geralmente considerados como as criaturas sobrenaturais mais poderosas, pelo menos dos grupos que conheci até agora. Eu considerei a ignorância humana nesse ponto a favor.

— E os Metamorfos que atacaram a Casa?

Sua expressão escureceu. — Eles estão encarando a justiça como qualquer humano criminoso.

Enquanto fazia uma careta, Scott bateu suas mãos juntas. — Bem-Vindos todos, a Casa Grey. Eu aprecio sua presença aqui, e espero que seja um passo para a amizade entre nós. Vamos jantar?

Antes que pudéssemos responder, homens e mulheres em roupas de chef começaram a surgir na sala sustentando bandejas de prata no alto. Tomei um lugar ao lado de Ethan enquanto as bandejas iam sendo depositadas em frente a nós. Dois vampiros viajaram em volta da mesa com jarras de suco de limão e garrafas

de um vinho intensamente vermelho, derramando quando os vampiros pediam. Apenas Ethan, Jonah, e eu optamos por vinho; acho que precisávamos de uma bebida mais forte que a dos outros.

Outros vampiros levantaram as tampas, revelando uma carne que devia ser descrita como um “Deleite do Predador”. Lombos, assados, costeletas. Salsichas, bifés, filés. Todos os pratos com perfeição artística. Ah, para ter certeza, havia vegetais também. Pequenas batatas, milho, e uma salada de grãos de algum tipo. Mas em uma sala de vampiros e Metamorfos; predadores entre os humanos, o desejo carnívoro era inegável.

Meu estômago escolheu aquele momento para rugir que quase ecoou pela sala.

Enquanto minhas bochechas esquentavam, todos os olhos viraram para mim. Eu sorri ligeiramente.

Gabriel sorriu de volta, então levantou sua taça de água quando os chefs desapareceram da sala novamente.

— Obrigado, Senhor Grey, pela oportunidade de compartilhar grãos e animais com você. Este é um gesto significativo para nós, e esperamos que nossas famílias possam continuar a conviver em paz nos anos que virão.

— Escutem, escutem. — Darius disse, levantando sua taça também. — Nós agora somos vizinhos nesta gentil cidade, e esperamos que nossos dias de rixas tenham ficado para trás, e que possamos trabalhar juntos em paz e nos apoiar pelo milênio que se aproxima.

Gabriel ofereceu um respeitoso aceno e gesticulou com sua taça novamente, mas não exatamente com uma parte de “apoio”. Vampiros colecionam apoios formais como cartões de baseball; Metamorfos não eram exatamente loucos por esse tipo de coisa.

— E desde que sinceramente prefiro que Merit se foque em sua comida do que em mim. — Gabriel disse com um aceno. — Vamos parar de falar e começar a comer.

Mas é claro que assim teria sido muito mais fácil.

Não sei por que me surpreendeu Scott ter oferecido um banquete mediano. O homem amava os Cubs⁵⁹, ele tinha um incrível armazém transformado em Casa, e Benson’s era o Bar da sua Casa. Esses fatos gritavam “Qualidade do Mestre”.

⁵⁹ Cubs: são uma equipe da Major League Baseball sediada em Chicago, Illinois, EUA.

A comida era sem exceção. As carnes tinham cortes selecionados que particularmente meu pai poderia ter servido para os convidados. Era macio o suficiente para deixar uma faca irrelevante, e grelhada em perfeição na parte de fora. Ele não poderia fazer melhor, especialmente para um grupo de predadores.

Honestamente, se eu fosse um homem, teria terminado meu prato, relaxado em minha cadeira, e desabotoado o botão das calças. Comida tão boa merecia uma digestão despreocupada.

Infelizmente, não foi assim.

Tinha acabado de dar outro gole do vinho, fazendo careta do quão seco estava, quando a porta da sala se arrebentou aberta. Cinco vampiros entraram apressadamente, alguns em roupas negras, mas um par deles usava jaquetas de estilo hockey azul e amarelo com CASA GREY em magníficas letras cruzando a frente. Eles todos tinham espadas em mãos e malícia em suas expressões.

— É assim que você nos trata? — perguntou um dos vampiros da Casa Grey que usava o numero trinta e dois. — Alguns malditos Metamorfos e suas vadias sendo alimentados como reis?

O vampiro da Casa Grey do outro lado que usava o número vinte e sete. — E o GP também? Merda está caindo aqui nos Estados Unidos, e hoje estamos servindo bife para um vampiro do Reino Unido? Isso parece certo para você?

Em segundos, minha adaga estava em mãos. E eu não era a única em alerta.

Scott Grey pulou de sua cadeira e caminhou para o final da mesa. — Matt, Drew, caiam fora. Soltem as espadas, e marchem de volta para a porta.

Os vampiros da Casa Grey estremeceram, provavelmente pelo resultado de um pouco da mágica mental que o Mestre Scott estava jogando neles. Mas o resto deles pareciam não terem sido afetados. Cuidadosamente me levantei e me movi em direção a eles, girando a adaga em minha palma baseando em antecipação. Todos os cinco vampiros vacilaram um pouco, seus movimentos irregulares, seus olhos movendo-se rápido pela sala. Enquanto me movia rapidamente para mais perto, eu pude ver o motivo em seus olhos, estavam quase completamente prateados.

— Scott, é o V. — avisei a ele.

— Alguma solução simples para lidar com eles? — ele perguntou de volta.

— Não sem um feiticeiro. — disse a ele. — Teremos que nocauteá-los do jeito antigo.

— Então é o que faremos. — Ethan disse, ficando ao meu lado, uma faca da

mesa em sua mão.

— Gentileza sua se juntar a nós, Sullivan. — provoquei meu olhar seguindo os vampiros quando se espalharam em uma linha, prontos para a briga, não importando o custo. E com Darius, Apex⁶⁰, e três Mestres na sala, o custo poderia ser alto...

— Ora, vamos, velho, trinta e dois. — disse. — Você quer lutar com seus próprios vampiros? Você quer ficar ao lado dele do que do nosso?

— Liege. — Jonah disse. — Como seu capitão, estou solicitando que se mova para uma posição segura.

— Solicitar é tudo o que você quer; Red. — Scott disse a ele, com um sorriso melancólico. — Mas isso não vai me impedir de por esses idiotas em seus lugares. Isso é o que eles conseguem por usar V.

— *Idem ao o que ele disse, Sentinela.* — Ethan disse silenciosamente. Suponho que ele não iria me deixar discutir que ele deveria ficar sentado.

Os vampiros da Casa Grey pareciam de alguma forma, ansiosos para brigar. — Ah, vai para o inferno, cara. — Vinte e sete disse.

— Só se você se juntar a mim. — Scott disse prazerosamente, e antes que outro segundo passasse, a sala irrompeu em violência. Jonah e Scott cuidaram dos vampiros da Casa Grey. Gabriel, Darius e Tonya estavam do outro lado. O que deixou os Rogues para mim, Ethan, e Morgan.

— Eu fico com o do meio. — disse.

— Isso deixa os outros dois para nós. — Ethan disse. — Greer, pegue o da esquerda.

E com isso, nos movemos. Deslizei entre o esquadrão da Casa para os Rogues que olhavam irritados atrás deles, seus olhos eram tão prateados como os dos vampiros Grey. Ele era um cara grande, e gotas de suor se formavam em suas têmporas enquanto lutava com a rapidez da droga. Mas esse cara não se importava se era ira ou drogas abastecendo seu ataque. Ele expôs seus dentes e se moveu.

Eu tive que dar crédito a ele - ele era mais rápido do que eu imaginava dado seu peso. Ele se movia como uma aranha - seu peso carregado delicadamente por pequenos, e elegantes pés.

Ele partiu, caminhando em um movimento como um lutador treinado. Eu bloqueei a faca com minha adaga, mas calculei mal sua velocidade e senti uma

⁶⁰ Resolvi deixar desse modo para dá um título ao Gabriel, isso simboliza o Rei/Chefe do bando de Metamorfos.

queimação de forte na parte de trás da minha mão. Meu sangue perfumou o ar, empurrando meus instintos vampíricos em marcha acelerada.

Olhei para baixo e vi uma fina linha carmesim. Apenas um par de arranhões longos e não muito terrivelmente profundo. Foi golpe de relance, mas isso não iria acalmar a queimação.

— Isso não foi legal. — disse, movendo em um giro a adaga em minha mão cortando a frente de sua camisa. Ele murmurou algumas frases selecionadas, mas pulou para trás novamente. Permaneci na ofensiva, minha intenção de deixar esse cara tão desconfortável o quanto fosse possível - deixar ele sem equilíbrio o quanto possível - enquanto procurava por uma chance de nocauteá-lo.

— Você acha que é melhor que o resto deles? — ele murmurou, levantando a espada por cima da cabeça e impulsionando para baixo. Recuei e sai do caminho, mas meu salto prendeu em um buraco em uma das tábuas. Tropecei para trás e para dentro de um gigante aposento feito de madeira, me pegando com uma mão.

A voz preocupada de Ethan ecoou em minha cabeça. — *Sentinela*.

— *Estou bem*. — assegurei a ele, então chutei meus sapatos. Um vampiro não precisa lutar em salto alto, de qualquer forma.

Quando estava em pé novamente, reposicionei a adaga em minha mão e encarei de volta o vampiro. — Você estava dizendo?

— Vadia. — gritou, balançando sua katana um estranho cortar de cruzar o corpo que seria melhor adaptado para uma espada de lâmina larga do que um fino aço Japonês. Eu encolhi os ombros enquanto mergulhava, e senti ecoar um estremecimento na parede quando sua katana fez contato - e cravou lá. Que desperdício.

Prolonguei ao máximo por debaixo dele enquanto ele perdia o agarre do punho e começou a recuar, olhos largos como se repentinamente ciente de que a Sentinela da Casa Cadogan estava no caso.

Talvez a droga estivesse começando a desaparecer.

— Eu vou lhe dar espaço. — disse, segurando minha adaga para o lado. — Eu vou jogar isso fora, para que possamos ter uma luta justa.

Eu vi alívio em sua expressão quando atirei o aço. E quando seus olhos mudaram para ver um giro pelo chão, fiz meu movimento. Eu joguei um chute alto que se conectou com sua cabeça. Ele caiu duramente, como um saco de batatas vampírico, então saltou um pouco antes finalmente girando para uma parada.

Claro, dar um chute alto em alguém enquanto usa um vestido de coquetel

não era exatamente elegante, mas era certamente eficaz.

Enquanto meu Rogue estava fora de combate, olhei para Ethan. Ele estava no processo em por o dele no chão com uma torção no estilo judô que agitou as tábuas do chão. Quando ele estava no chão, Ethan usou um cotovelo na nuca para nocauteá-lo.

Quando o cara ficou parado, ele olhou para mim, então notou que meu cara estava no chão. — *Chute Alto?* — silenciosamente perguntou.

— *É um clássico.* — disse, olhando para cima. O resto dos que irromperam a festa tinham sido derrotados, também, todos os cinco deles ao chão.

Jonah olhou em volta da sala, seu olhar parando quando ele me alcançou. — Está bem? — ele balbuciou.

Acenei de volta. Isso definitivamente pareceu pessoal.

— Scott. — Darius gritou. — Que diabos foi isso?

Antes que Scott pudesse responder, eu preenchi o branco. — Com o devido respeito, Sire - aqueles são seus vampiros errantes.

Os guardas de Scott, incluindo os amigos de Jonah, Jeremy e Danny, surgiram um momento depois, retirando os usuários inconscientes. Mas eles deixaram a katana na parede - um visível sinal aos outros na Casa que fossem estúpidos o suficiente para tentar usar V.

Dissemos adeus para Gabriel e Tonya, que de forma compreensível deixaram a Casa o mais rápido quando a costa estava calma. Scott escoltou o resto de nós para o saguão enquanto os restos do jantar eram limpos. Charlie e Darius permaneceram quietos juntos; Morgan estava sozinho. Eu estava ao lado de Ethan quando Scott e Jonah se moveram para o nosso caminho.

Scott olhou entre nós. — Obrigado pela assistência.

Ethan acenou graciosamente. — Acontece com os melhores de nós, infelizmente.

— Como estão os vampiros? — perguntei.

— Eles ainda estão desacordados. Estão na enfermaria sob guarda nesse momento. Quando eles acordarem novamente, nós teremos uma longa conversa sobre drogas e responsabilidades.

— Você os conhece bem? — perguntei

— Apenas os candidatos para a Casa. — Scott disse. — Eles são relativos recém-chegados. Membros de sua classe Inicial.

— O que é um “recém-chegado” em termos imortais? — perguntei.

Um sorriso alegrou um canto da boca de Scott. — Algo menos que uma década.

O que me fez um vampiro bebê.

Ethan deslizou um olhar para onde Darius estava, agora oferecendo algumas instruções enquanto Charlie digitava em um teclado de computador. — Você acha que ele vai considera a ameaça mais real agora?

— O GP tem uma estranha atitude sobre coisas como essa. Eu ainda não tenho certeza se ele nos vê além de qualquer coisa como causadores de caso nesse ponto. A revolução estridente está afastando ele dos negócios reais no Reino Unido.

— Você vai investigar?

Scott soprou uma respiração. — Isso vai ser duro. É um problema em minha Casa. Precisa ser endereçado.

— E se você descobrir que Celina tem alguma coisa nisso?

— Então nós não teremos essa conversa, mas as Casas de Chicago concordaram em calmamente lidar com o problema se existir.

Scott e Ethan olharam um para o outro até Scott estender a mão. Ethan sacudiu-a, o negócio estava feito. Scott gesticulou em direção a seu escritório. — Eu vou ter uma conversa com meus guardas por um momento. Suponho que Darius irá querer conversar conosco antes que você vá.

— Vamos esperar aqui. — Ethan concordou. — Eu acho que Luc estava certo. — ele adicionou quando eles estavam fora do alcance dos ouvidos. — Eu dificilmente posso escoltá-la mais.

— Eu apenas cuidei de um vampiro duas vezes meu peso enquanto usava um vestido de coquetel e saltos de três polegadas. Eu acho de mereço algum crédito por isso.

— É mesmo? — perguntou.

Foi quando eu comecei a sentir, aquele retumbar de aviso de algum lugar profundo em meus ossos, dizendo-me que algo não estava certo. Mas eu ignorei e desafiei-o de qualquer forma.

— Sim. — disse francamente. — Você é afortunado por eu ter estado lá para ajudar.

— Afortunado? Eu acredito que derrotei meu próprio inimigo, Merit. Talvez

você deva me agradecer por minha assistência. — ele varreu seu olhar pra cima e para baixo do meu corpo. — Eu tenho certeza que posso te sugerir algum meio de gratidão.

O sangue começou a golpear meus ouvidos, minha pele picou com calor repentino. Não tinha dúvida que meus olhos estavam prateados, mas eu não me importei. Deslizei um dedo pela fivela de cinto de suas calças e puxei-o para mais perto. — O que você tem em mente?

Seus olhos mudaram; suas pupilas meros resquícios de preto contra o redemoinho mercúrio de suas íris. Ele começou a se mover para frente, me empurrando para trás, e ele não parou até minhas costas estarem contra a parede de tijolos do saguão. Coçou a minha pele, adrenalina empurrando. Antes que eu pudesse opor-me, suas mãos estavam em meu rosto, sua boca contra a minha. Seus lábios despedaçaram minha boca, beijando-me faminto, guloso.

Em algum lugar em meu cérebro, me ocorreu que era estranho Ethan estar me beijando na Casa de outra pessoa. E com isso, mesmo que eu pensasse que era estranho, meu sangue começou a aquecer e ferver com calor que eu nunca tinha experimentado antes. Coçou minha pele, adrenalina empurrando em minhas veias como se eu ainda estivesse em meio à batalha contra os vampiros da Casa Grey.

— Ethan. — enfrentei, chamando seu nome com advertência, mesmo enquanto eu deixei ele me beijar no meio da Casa Grey. Ele mudou as táticas e beijou-me lentamente, languidamente, antes que finalmente abrisse os olhos e me olhasse. Havia um pedido de desculpas em seus olhos.

— Alguma coisa está..., errada.

Acenei, sabendo que o que ele pensava disso não era amor ou desejo, mas uma força de um tipo diferente, mas o pensamento estava distante, e a necessidade queimando estava aqui e agora.

Foi *imediato*.

Intenso.

Virei minha cabeça para o lado, minhas pálpebras agitaram, em convite claro.

— Você precisa de algo de mim? — sua voz era baixa, mais um grunhido de advertência de um tigre do que uma pergunta de um vampiro.

Engoli..., e acenei. Senti-me como uma adolescente de primeira dança. Eu não conhecia a dança, sem saber os passos, mas as emoções eram tão básicas, tão fundamentais, mas era impossível dançar incorretamente.

Ethan ergueu uma mão em minha nuca, o simples toque das pontas dos

dedos quase enfraqueceram meus joelhos. E antes que eu pudesse perguntar por que ele estava se desculpando, ele me beijou. Seu beijo era quente, insistente e explorador. Ele se moveu para perto, circulando seus braços em volta de minhas costas e aprofundando o beijo. Sua língua explorava enquanto ele se pressionava mais duramente contra mim, o súbito comprimento de sua clara ereção pressionando contra meu estômago.

Eu devia ficar chocada. Devia ter lembrado ele de que esse não era o momento nem o lugar, isso parecia ser como as coisas poderiam ir mal.

Mas com cada rugido de possessão de sua garganta, nossas magias se torceram juntas. Eu estava atraída, pela mágica, pelo beijo, pelos toques possessivos de seus dedos. Eu o puxei para minha direção, meus dedos deslizando pelo cinto de sua calça, e reclinei para aprofundar o beijo. Eu estava tão faminta por ele como já estive por sangue, mas essa fome era *agora*. Foi imediato, e exigia por ser saciado.

Amor era uma droga perigosa.

Ai, Deus. Era isso. Ethan não estava dominado pelo amor ou desejo ou o imprevisto, romântica novelesca realização que *Ele Tem que Me ter Agora*.

Era uma agressão que não incitou, embora levemente de uma diferente variedade do que tinha visto antes...

— Ethan, eu acho que fomos drogados.

Ele me ignorou, ao invés ele grunhiu e enrolou seus dedos em meu cabelo. Meu coração tropeçou; não de desejo dessa vez, mas de medo, porque o grunhido havia mudado, se tornou miserável.

Mudei as táticas, dando a ele uma ordem telepática que eu esperava que fosse se empurrar pelo nevoeiro das drogas para a parte de seu cérebro que ainda estava funcionando. — *Ethan, pare.*

Ele levantou sua cabeça, e eu vi o conflito em seus olhos. Seu cérebro ordenou que ele parasse, mas seu corpo estava empurrando ele para frente, evidenciando por seus olhos. Eles estavam quase inteiramente prateados.

— O que? — ele perguntou.

— Eu acho que fomos drogados. Alguém colocou **V** em nós. Talvez na comida?

Uma onda de quente, de grossa fúria correu por mim. Apertei meus olhos fechados e meus dedos em punhos, pressionando até que a dor em minhas palmas ajudasse lentamente a dilatação em minha mente.

— A raiva encontrou uma diferente saída. — ele disse; sua voz rouca. — Talvez uma dose diferente. Talvez em uma das carnes?

Balancei a cabeça. — O vinho. — respondi. — Eu acho que estava no vinho. Tinha um gosto estranho. Realmente, realmente amargo.

— Quem mais tomou o vinho?

Pensei de novo. Eu tinha bebido vinho, e também Ethan. E a única outra pessoa que tomou vinho foi Jonah. Mas eu estava salva do problema de dizer a Ethan.

Nós dois olhamos para cima quando Jonah explodiu da folhagem em nossa frente. Seus olhos, já prateados, se tornaram ferozes enquanto encarava Ethan.

— Não é legal não dividir.

Ethan grunhiu baixo em sua garganta, um aviso para Jonah. — Eu não divido.

A língua de Jonah estalou. — Você deveria. A vida é mais interessante, você não acha, quando todos nós adquirirmos uma prova? — eu tinha ouvido de garotas que estiveram excitadas por ser disputadas antes, mas eu não gostei do sentimento de ser um pedaço de propriedade.

— Eu não sou alguém para ofertar. — disse.

— Mas você poderia fazer coisa melhor. — Jonah replicou.

— *É apenas V.* — eu silenciosamente relembrei Ethan. — *Ele tomou o vinho também.*

— Não leve em consideração a causa, ele teria um melhor comportamento por ele mesmo. — Ethan cerrou os dentes. Ele encarou Jonah, presas expostas. Eles tinham quase a mesma altura, próximos da mesma compleição. Ethan era mais honrado que Jonah, mas eles tinham sido feitos de uma maneira que fossem oponentes perfeitos, se não fosse pela posição de Ethan, na qual certamente seriam obtidos por Jonah mais problemas do que a briga teria sido digna.

— Jonah. — o avisei, ficando de pé também. — Se afaste.

Mas ao invés de se afastar, ele expôs suas presas para Ethan, vaiando em aviso que ele tinha encontrado um prêmio e não planejava desistir.

Eu não tinha certeza de onde repentinamente o interesse havia vindo, mas serialmente duvidava que tinha algo a ver comigo. Provavelmente, Jonah havia sido atraído pela magia que Ethan e eu espalhamos pelo aposento. E na moda clássica de V, ele se tornou excessivamente nervoso.

— Jonah, vamos. — encorajei. — Você precisa recuar. Você não vai querer

lutar com um Mestre, especialmente quando Darius está aqui.

Minha voz era implorante, e ele me deu uma olhada. Suas sobrancelhas estavam juntas, se ele estava tentando decifrar porque exatamente ele estava no saguão, pronto para brigar por uma garota que ele apenas recentemente tornou a respeitar, muito menos realmente gostar.

Mas Ethan aparentemente não tinha notado a autorreflexão, e deu um perigoso passo para frente. — Ela é *minha*.

Jonah esquivou-se da racionalidade e o encarou. — Ela é quem deve decidir, e não parece que ela tenha tomado qualquer decisão ainda.

— Ela tão certa como a merda que não irá te escolher. — Ethan grunhiu.

Jonah levantou seu braço. Meus próprios instintos se agitaram, protegendo Ethan do topo da minha lista.

— *Recue* Jonah. — alertei a ele, mas ele ainda não havia conseguido controlar-se através do V. Ele se inclinou para se balançar. Eu cheguei para frente e empurrei-o, mas ele se balançou cegamente. Como se o tempo tivesse ficado devagar, eu vi seu punho se mover em minha direção, um golpe para me afastar. Ele fez contato.

As luzes se apagaram.

Capítulo 20

A RESSACA.

Eu pisquei e esperei o quarto parar de rodar. Eu estava olhando para um teto industrial, as folhas de plantas e samambaias nas bordas da minha visão. Ainda era a Casa Grey, eu imaginei.

Olhos verdes apareceram no meu raio de visão.

— Como está sua cabeça?

— Latejando.

Eu comecei a sentar, mas Ethan colocou a mão no meu ombro. — Você desmaiou por alguns minutos. Vá devagar.

— O que aconteceu?

— Você tentou impedir Jonah de me socar, e ele inadvertidamente socou você.

Agora eu lembrei. Eu entrei no meio da batalha entre Ethan e Jonah, e eu acabei pior.

Ethan estendeu a mão. — Dê-me sua mão. — ele pediu, em seguida deslizou a outra mão nas minhas costas. Eu sentei, fechando meus olhos até a vertigem passar. Quando eu finalmente os abri, Ethan levantou meu queixo, olhando dentro dos meus olhos. — Olhe para a esquerda. — ele disse, e quando eu olhei, ele adicionou. — E para a direita. — eu olhei também.

— Ele me fez ver estrelas⁶¹. — eu disse, passando um dedo devagar no nó da minha nuca. Dada a velocidade de cicatrização de um vampiro, isso não ia durar muito tempo, mas agora, ardia.

— Sim, ele fez. — Ethan concordou.

— Onde ele está?

— Jonah? Scott o prendeu até que ele esteja certo de que a droga tenha saído de seu sistema. Era o vinho. — Ethan completou. — De acordo com os vampiros da

⁶¹ Do original “He rang my Bell”, que na tradução ficaria ele tocou meu sino, só que como ela estava falando do murro que levou que a fez apagar preferi colocar essa expressão no lugar.

Casa Grey, eles obtiveram o **V** do Benson, onde eles amigavelmente compartilharam com um grupo de Rogues.

— Sem dúvida em nome da cooperação da entre Casas. — eu disse secamente.

— Eu tenho certeza. Os vampiros da Casa Grey também passaram a informação de que o Darius estaria jantando aqui hoje à noite. Eles queriam irritar uns aos outros sobre as injustiças do GP.

— Provavelmente um argumento fácil para os vampiros Rogue fazerem. — Eu observei. — Especialmente se eles estão todos com **V**.

Ethan assentiu. — Eles voltaram para a Casa na intenção de dar a Darius um pedaço de suas mentes. Eles também entraram sorrateiramente na cozinha com uma dose extra e colocaram no vinho. Eles queriam que ele experimentasse os efeitos de ser um verdadeiro vampiro.

— A ironia é que Darius não bebeu nada.

— Muito embora ele já esteja bem ciente dos efeitos do **V**.

Uma longa sombra apareceu por cima de mim, e então uma voz com sotaque inglês falou. — Como ela está?

Eu olhei para cima. Darius estava ao meu lado.

— Ela vai ficar bem. — concluiu Ethan. — Embora eu ache que repouso seria uma boa maneira dela passar o resto da noite.

— Eu acho essa uma ótima ideia. — Darius concordou.

— Algumas bolsas de sangue talvez possam acelerar a cura.

Ethan assentiu. — E nossa investigação sobre o **V**?

— Eu deixei clara a posição do GP.

— Sire... — Ethan começou, mas Darius o silenciou com uma mão.

— Há mais a considerar Ethan, do que o jogo que você está jogando com seu prefeito. Você cuida da Casa; deixe o Sr Grey e o Sr Greer tomar conta da deles. O resto não é da sua conta, e isso inclui qualquer membro atual do GP. Está claro?

Ethan contraiu a mandíbula, mas ele conseguiu acenar. — Claro Sire.

Darius concordou oficialmente, e depois ofereceu um fraco sorriso a mim. — Sare rápido. — ele disse, e então saiu de novo, Charlie um passo atrás dele.

— Eu gostaria de ir para casa. — eu disse baixinho.

— Esse sentimento é definitivamente mútuo. — Ethan disse; seu olhar ainda seguindo seu mestre político enquanto ele desaparecia no meio da selva artificial. — Vamos para casa.

Ethan insistiu em me carregar para o carro, o que parecia igualmente ridículo e romântico. Como uma mulher segura de si, não era exatamente confortável ser carregada como uma criança. Por outro lado, Ethan foi quem me fez uma vampira, e a ligação entre nós permanecia. O perfume e o contato com ele estavam me acalmando, e eu consegui aproveitar estar envolta nos braços dele, não importava o quão culpado era o prazer.

Quando nós chegamos à Casa de novo, eu protestei tanto que ele me deixou subir as escadas para ir para o meu quarto, mas se recusou a me deixar sair. Enquanto Ethan pegava sangue na cozinha, coloquei uma calça de yoga e uma camiseta com figuras de filhotes e deitei na minha cama, uma pilha de travesseiros atrás da minha cabeça sensível.

Ethan voltou carregando um copo de plástico gigante com uma alça, do tipo que um caminhoneiro possa comprar uma dose de cafeína para o dia todo.

— Era o menor copo que você conseguiu arrumar?

— Eu prefiro não subestimar o seu potencial de mau humor. — ele disse, sentando na ponta da minha cama e oferecendo o copo. Eu balancei a cabeça, mas aceitei o copo e comecei a saborear através do plástico duro de palha preso através do topo. Depois de um tempo, eu puxei de volta.

— Tem calda de chocolate no sangue?

As bochechas dele coraram um pouquinho. — Desde que você não estava se sentindo bem, eu pensei que um pouco de chocolate te faria bem.

Infelizmente, chocolate e sangue não era uma combinação saborosa. Mas ele passou por tanto problema que eu não podia suportar desapontá-lo.

— Obrigada. — eu agradei, tomando outro gole animador. — Foi muito atencioso.

Ele balançou a cabeça, em seguida, sentou quietamente enquanto eu bebia. Eu bebi até que senti que a fome latente tinha passado, depois coloquei o copo na mesa de cabeceira ao meu lado. Fechei meus olhos e afundei na cama, minha cabeça contra o recuo de almofadas. Assim como eu ainda estava, a exaustão tomou conta de mim.

— Eu estou cansada, Ethan.

— Foi uma longa noite. — disse ele.

Mas eu balancei minha cabeça, só um pouco, então minha cabeça não tinha latejado. — Não é só a concussão. É o trabalho. Eu não iria querer um trabalho de policial. Ainda não tenho certeza se quero o meu trabalho agora.

— E perder toda a diversão e emoção? A chance de rever imagens de segurança e briga de vampiros viciados?

— Não esqueça sobre irritar o chefe do Presídio Greenwich.

— Ah, sim. Quem teria pensado, que menos de um ano atrás quando você estava na pós-graduação, que sua vida chegaria a esse ponto?

— Certamente eu não. — eu disse. Abri meus olhos de novo e olhei para ele. — Nós vamos terminar isso? Ou nós vamos fazer o que ele pediu?

— Eu não sei. Eu com certeza prefiro não colocar meu destino nas mãos de Tate. — Ethan suspirou e balançou os ombros. — Tate chamou a Casa enquanto estivemos fora. Informou a Malik que ele estava cansado do atraso e disse que eu tinha quarenta e oito horas antes do meu mandado ser emitido.

— Fantástico. — eu murmurei.

Ele olhou de volta para mim, os olhos brilhando como esmeraldas. — Nós devíamos falar sobre o beijo.

Dessa vez, fui eu quem ficou corada. — Existe alguma coisa para ser falada? Nós estávamos drogados.

Ele me lançou um olhar monótono; eu desviei o olhar.

— Pelo menos admita que a mais nisso do que as drogas. — ele disse baixinho.

Eu desviei o olhar, mordi a ponta do meu lábio, e ponderei a ironia. Eu beijei Ethan, e ele queria discutir nossa relação. Nós estávamos com os papéis completamente trocados.

— Há mais do que isso. — eu concordei finalmente. — Mas você sabe como me sinto.

— Você ainda não está convencida de que minhas intenções são nobres?

Eu estava ficando mais convencida, pensei, mas como eu poderia contar a ele? Como eu poderia confessar sem parecer cruel por não acreditar completamente nele, e sem arriscar meu coração dizendo que ele estava a um passo de me convencer?

Caiu um silêncio constrangedor. Felizmente, ele mudou de assunto. — Na minha posição, o que você faria em relação ao V?

— Eu não estou na sua posição.

— Suponha que você estivesse. — ele disse. — Suponha que você tenha uma Casa de vampiros sob sua proteção. Suponha que um burocrata tenha decidido que você não tem permissão para resolver um problema imediato que assola a sua Casa por medo que traria muita atenção para a existência do problema.

Eu sentei, cruzando minhas pernas a minha frente.

— Você respondeu sua pergunta, não é mesmo? Você tem um risco imediato para com a segurança de seus vampiros, e um risco político que pode ocorrer mais a frente na estrada. Resolva o risco imediato primeiro. Peça desculpas ao invés de pedir permissão.

— E se o resultado final for a Casa em administração judicial?

— Então nós esperamos que o receptor tenha mais senso do que o líder do GP.

Finalmente, Ethan esboçou um meio sorriso. Eu estava impressionada com a urgência de tirar o peso de suas costas, fazer o sorriso ficar completo, dar a ele o tipo de alívio que ele tentou me dar, entretanto sem sucesso, com sangue com gosto de chocolate.

— Eu tenho uma ideia. — eu disse.

— Que ideia?

Eu pausei; ainda pensado nela, antes de oferecê-la. — Encontre-me lá fora em cinco minutos, perto da fonte.

Ele arqueou decididamente a sobrancelha. — Por quê?

— Porque eu disse. Confie em mim.

Ele debateu por um momento, depois assentiu. — Muito bem. Cinco minutos. — ele se levantou e foi na direção da porta, olhando para trás antes de sair. — E nunca duvide disso, Merit, eu confio em você.

Ele desapareceu pela porta. Eu saí da cama, minha dor de cabeça começando a desaparecer, e comecei a trabalhar.

Os jardins da Casa Cadogan eram espetaculares, da trilha para a churrasqueira de tijolos até o jardim francês formal atrás da Casa. A fonte ficava no meio do jardim, para a felicidade de qualquer vampiro que ficasse sentando nos bancos em volta dela. Eu tirei meus sapatos depois que cruzei o pátio de ladrilho atrás da Casa, fechando meus olhos a sensação do capim macio, fresco embaixo de meus pés.

— *Seus cinco minutos estão acabando.* — Ethan disse silenciosamente.

Eu sorri enquanto me encaminhava para a fonte.

— *Não é você quem está sempre me dando sermões sobre paciência?*

— *Uma virtude superestimada.* — ele respondeu, e eu podia tudo menos ouvir o sarcasmo no pensamento.

Eu o encontrei sentando espalhado em um dos bancos, o único vampiro nas redondezas, e claramente esbanjando um pouco de si mesmo. De olhos fechados, ele estava largado confortavelmente por todo o assento, um pé no banco, o outro no chão. Um braço estava atrás das costas, e sua outra mão estava em sua barriga. Vestido com sua camisa branca e calças sociais, ele parecia mais um príncipe do que com um mestre de vampiros.

Talvez ele estivesse revivendo a história.

Eu sentei de pernas cruzadas no chão ao lado dele com a caixa no meu colo.

— O que você tem aí? — perguntou ele, sem se incomodar em olhar.

— *Quid pro quo*⁶². — eu disse. — Chocolate por chocolate. Mas haverá um preço.

— O tratamento vale à pena? — sua voz era uma baixa, divertida voz arrastada.

Eu respondi no mesmo tom, nós dois sabendo que um flerte no meio do jardim era somente isso, um agradável flerte. — Com certeza.

Ethan riu. — Nesse caso, Sentinela, fique a vontade.

— Qual foi sua época favorita? Qual época você mais gostou?

Suas sobrancelhas levantaram como se ele estivesse surpreso com a pergunta. Ele abriu os olhos e mudou um pouco sua posição no banco, então ficou silencioso enquanto pensava na resposta. — Não há como negar a mecânica de conveniências hoje. Humanos estão à beira de importantes descobertas que seriam impossíveis há vinte anos. E ainda assim... — ele começou; depois se calou novamente.

— E ainda assim? — eu perguntei depois de um momento.

Ele suspirou. — Houve tempos que eram perigosos, mas revigorantes. Cenas da história que eu tive a sorte de testemunhar em primeira mão. O nascimento dessa república, o vigor do debate, o fervor da crença de que o homem poderia

⁶² Tomar uma coisa por outra; troca de favores.

fazer melhor do que a monarquia. Momentos durante a Guerra Civil em que tanto homens quanto mulheres, mesmo em tempos de grande perigo, foram corajosos o suficiente para nos lembrar do melhor de nós mesmos. O dia D em Londres, quando o White Hall foi preenchido com o coração explodindo de alegria..., e tristeza.

Ethan suspirou. — Imortalidade garante a você à oportunidade de testemunhar a história sendo feita. Os triunfos e crueldades da humanidade. Os dois são um preço alto a se pagar e um dom inestimável, para carregar o peso desse conhecimento.

Ele virou-se um pouco, apoiando sua cabeça no punho e olhando para mim. — Agora, tendo passado por minha vida, Sentinela, qual é o meu tratamento?

Eu levantei a caixa para ele ver e gostei de ver a expressão vagamente desanimada em seu rosto.

— Você está brincando.

— Eu nunca brinco sobre Mallocake. Sente-se.

Ele não parecia nem um pouco menos desconfiado, mas fez como eu pedi; se arrastou até o final do banco para me dar espaço para me juntar a ele. Mas eu estava bem no chão. Isso colocou espaço entre nós e mantinha a interação casual.

Deixou-me fingir que os limites emocionais que eu coloquei entre nós ainda estavam firmemente intactos, mesmo quando eu estava sentada no chão interrogando-o sobre sua vida e me preparando para alimentá-lo com pão de ló recheado de creme.

Mas quando a negação é sua rede de segurança, é com ela que você trabalha.

Tirei o papel da caixa e peguei dois bolos enrolados em papel celofane. Entreguei um para ele, coloquei a caixa de lado, e segurei o meu.

— Eis o casamento glorioso de bolo e creme.

Ethan olhou indiferente para o açúcar que eu coloquei em sua mão. — Sério; Sentinela.

— Confie em mim. Você não se arrependerá. — eu abri meu pacote e levantei o bolo. — Agora, há várias teorias sobre a melhor forma de comer Mallocake.

Finalmente, uma dica de sorriso. — Há agora?

— Nossa feiticeira favorita, Mallory Carmichael, prefere bebê-los com leite. Não é uma má ideia, mas eu acho que os deixa molhados, e eu tenho uma coisa

contra pão molhado.

— Você é uma constante fonte de admiração.

— E o método mais apropriado que eu prefiro é o “peixes e pão”. Eis que. — eu disse, puxando o bolo ao meio longitudinalmente, depois segurando as duas placas de chocolate. — Eu já dobrei o número de bolos!

— Sabe, você tem uma forte tendência para idiotices.

— É uma de minhas melhores qualidades. — eu disse, mordiscando a borda do bolo. E como se o pão de ló de chocolate fosse uma droga em si, o sabor, quase instantaneamente, enviou um calmante pulso através do meu sangue.

Ethan deu uma mordida. — Não é ruim, sentinela.

— Tenho um número incontável de problemas. — admiti. — Bom gosto para comida não é um deles.

Por um momento, comemos nossos bolos em silêncio no jardim.

— Eu te disse uma vez que você era minha fraqueza. — ele disse. — Mas também minha força. Eu disse isso antes e trai sua confiança. Eu sei disso agora, e eu estou muito arrependido. — ele pausou. — O que eu tenho que fazer para convencê-la a me dar outra chance?

Sua voz era um tom mais alto que um sussurro, mas o sentimento era tão forte que eu tive que desviar o olhar, as lágrimas transbordando em meus olhos. Foi uma pergunta legítima, mas não uma pergunta na qual eu tinha uma resposta fácil. O que seria necessário para eu acreditar em Ethan de novo? Acreditar que ele me escolheu, para o melhor ou pior, e independente da política?

— Não tenho certeza de que você me convenceria de outro jeito. Eu sou uma aprendiz muito rápida.

— E eu te ensinei que eu te trairei se outra oportunidade surgir?

Desta vez, encontrei seu olhar. — Você me ensinou que você sempre se preocupará com os próximos passos e aparências, com estratégia e alianças. Você me ensinou que eu nunca poderia ter certeza do que você queria para mim, e não só porque eu o ajudei a encontrar algum fim, ou porque era conveniente. Você me ensinou que eu nunca poderia ter certeza que você não mudaria de ideia se quebrasse alguma coisa que lhe desse vantagem.

O sorriso de Ethan caiu, e pela primeira vez, ele encarou a possibilidade de que suas ações tivessem repercussões inalteráveis. — Você não acha que eu posso mudar?

Eu suavizei meu tom. — Eu não acho que um relacionamento é bom se eu

tenho que pedir para você mudar. Você acha?

Ele desviou o olhar, e suspirou pesadamente. — Isso parece uma batalha que eu não posso ganhar.

— O amor não deveria ser uma batalha.

— E ainda assim, se não vale a pena lutar, qual seria o objetivo?

Ficamos em silêncio por tanto tempo que os grilos começaram a cantar no jardim atrás de nós.

— Há alguma coisa que você gostaria de me contar sobre Jonah?

Eu quase pulei a questão, meu coração de repente batendo forte com a possibilidade de o meu segredo ter sido descoberto. — Não. — respondi. — Por que pergunta?

— Ele parece ter interesse em você. Vocês já se conhecem bem?

Graças a Deus que eu tinha, pelo menos, parte de uma resposta preparada. — Nós conversamos fora do Bar Temple na noite do ataque. — absolutamente verdade.

— Mais alguma coisa? — seu olhar era desconfiado, seus olhos rastreando meu rosto como se estivesse tentando avaliar minha sinceridade.

— Não.

— Não minta para mim, Merit.

— Você está pedindo para eu não mentir para você porque somos amigos, porque fomos namorados, ou porque eu sou uma vampira da sua Casa?

Seus olhos se arregalaram. — Eu espero sua honestidade pelas três razões.

— Você *esperar* e você *ganhar* a minha lealdade não são inteiramente a mesma coisa.

Desta vez, seus olhos se estreitaram. — O que está acontecendo? O que você não me contou?

— Nada que eu possa compartilhar agora. — e lá estava. Eu posso não ter contado sobre a Guarda Vermelha, e seus convites a mim, e o papel de Jonah na organização, mas agora eu confessei que eu não fui honesta com ele, que eu não contei as coisas.

Ele piscou em choque. — Você tem informação e você não vai compartilhar comigo?

— Eu tenho informação que não é minha para compartilhar. — esclareci. —

A informação pertence a outros; eu sei que isso é só coincidência, e eu não vou tomar a decisão de compartilhá-las. Não quando eles escolheram não fazer isso.

Seu olhar estava calculando. Avaliando. Depois de um momento ele balançou a cabeça. — Que assim seja. — ele disse. Enquanto sua rendição era uma vitória para mim como Sentinela, eu ainda sentia como se tivesse perdido alguma coisa, como se tivesse quebrado algum vínculo pessoal. Eu escolhi ser a Sentinela da Casa do que ser sua amiga e confidente. Eu fazia a mesma coisa toda vez que brigava com ele.

Ethan levantou e embolou o papel celofane em sua mão, movendo-se a minha volta e voltando para o caminho. Parou por um momento, antes de olhar por cima de seu ombro. — É um equilíbrio difícil, não é colocar as necessidades dos outros acima da sua própria?

Eu não ligava de ter minha própria hipocrisia apontada a mim. Eu desviei o olhar.

Quando olhei de volta o caminho, ele já tinha partido. Meu humor não melhorou nem um pouco quando eu voltei ao segundo andar. Minha cabeça estava começando a pulsar de novo, dessa vez por diferentes razões. Eu coloquei a caixa de Mallocakes de volta na cozinha, depois voltei para meu quarto. Minha mão estava na porta quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Ele não é tão insensível quanto parece, sabe.

Olhei para trás. Charlie, assistente de Darius, estava no corredor, de braços cruzados sobre o peito.

— Perdoe-me? — perguntei.

Ele gesticulou na direção da porta. — Podemos entrar?

— Hmm, claro. — eu respondi, então abri a porta.

Charlie entrou. Eu segui, então fechei a porta atrás de nós.

Ele sentou na ponta da minha cama e colocou as mãos no colo. — Darius é dedicado as Casas, e ele não tem maior interesse em drama aqui nos Estados Unidos do que ele tinha no do Reino Unido. O problema é. — Charlie disse, olhando para o chão. — Ele é um forte crente da hierarquia. Os Mestres devem controlar as casas. Problemas além das Casas são problemas do GP, e somente do GP.

Eu gostava da honestidade de Charlie, mas eu não tinha dúvidas sobre onde sua lealdade estava. — Seja como for, o GP não tem tomado medidas para controlar Celina ou manter a paz em Chicago. Nós estamos fazendo o possível para manter a cidade junta apesar do que ela está fazendo.

Charlie balançou a cabeça. — Ocorreu a você que você é um brinquedo nas mãos dela? Que por reconhecer Celina e mostrar suas atividades, ao invés de ignorar seu comportamento, você acaba dando a ela exatamente o que ela quer?

— Que é?

— Atenção. Pela Casa, o GP, os humanos, a imprensa. Celina quer ser vista; ser ouvida. Ela não está tendo atenção suficiente como Mestre, então está sabotando essa relação a fim de trocar por algo diferente; a atenção dos humanos. E quando ela percebeu que não era querida pelos humanos, ela agiu de novo. Cada vez que você a procura, cada vez que você luta de volta, você dá a ela uma razão para voltar.

— Você está dizendo que nós permitimos Celina?

Sua resposta não foi nada além de um olhar desafiador. A pergunta em seus olhos era óbvia: *Você não acha?*

Balançando minha cabeça, meus braços cruzados, inclinei-me contra a porta do armário. — Essa teoria assume que se nós ignorarmos Celina, ela não vai agir. Isso simplesmente não é verdade. Cada vez que as coisas se estabelecem em Chicago, como quando nós conseguimos uma confissão dela sobre os assassinatos do parque e a mandamos embora, ela aparece de novo. Acredite em mim Charlie, ela nos força a agir.

Desta vez, ele balançou a cabeça. — Sinto muito, Merit, mas nós temos que discordar de você. Eu tenho que discordar de você. — ele franziu o cenho, e olhou para mim. — Eu não gosto de dizer isso, fazer essa acusação. Darius não vai dizer, também não é o seu dever fazê-lo, mas acho que vale a pena considerar.

— O que é isso?

— Nada disso começou até que você entrou na Casa Cadogan.

Meu coração batia como um tambor no meu peito.

— *Como é que é?*

Ele ergueu uma mão. — Ouça. Para melhor ou pior, Celina parece ter uma obsessão por você. Você entrou na Casa, você provocou uma confissão dela, e como resultado ela aparentemente escolhe você, e talvez Ethan, como possíveis novos alvos.

Eu me forcei a morder minha língua. Ethan claramente não lhe disse que eu tinha sido a vítima pretendida de Celina, que ele me trouxe para a Casa porque um Rogue que ela havia contratado não tinha feito completamente seu trabalho. Eu não tinha certeza do porque ele tinha tocado nesse assunto, mas não seria eu a dar a notícia ao GP. Eu não tinha nenhuma objeção ao GP saber o menos possível sobre

mim.

— Nós estamos cientes sobre a situação do Breckenridge. — Charlie continuou. — Do fato dela tê-la atacado do lado de fora da Casa. Você negará que você parece ser um alvo mais desejado dela?

— Não. — eu disse. Seria impossível negar isso. Por outro lado. — Eu não sou o único alvo. A Casa Cadogan é um alvo. Chicago é um alvo.

Ele estava salvo de dar uma resposta porque de repente, o estridente bip estava tocando. Ele levantou seu pulso, revelando um relógio calculador de cerca de 1984.

Depois de tocar seus botões, ele sorriu culpadamente. — Eu fiquei impressionado com a tecnologia quando foi revelada, e eu não encontrei nada que se compare desde então. Simples, eficiente.

— Certamente. — eu disse, tentando trocar de assunto o mais rápido possível.

Charlie levantou de novo e andou em minha direção, dirigindo-se para a porta agora que tinha concluído sua palestra. — Espero que não pareça que eu estava tentando irritar você ou a culpar pelas ações dela. Claramente, ela é uma mulher com livre arbítrio e capacidade de tomar decisões por conta própria. Mas considere que as ações que você tomar, como Sentinela da sua Casa, com todas as responsabilidades anexas a isso, afetarão as ações dela também.

Eu dei um passo para o lado, lhe dando acesso à porta.

— Nós realmente desejamos o melhor para a sua Casa. Queremos que todas as Casas Americanas tenham sucesso, prosperem.

— Vou repassar esse sentimento a Ethan. — eu disse educadamente. Embora meus pensamentos fossem muito menos educados, como eu imaginei que seria no caso do Ethan também.

— Excelente. Boa noite, Merit.

— Boa noite, Charlie.

Ele saiu de novo, com um sorriso eficiente em seu rosto e um saltitar em seu passo. E em seu rastro..., insegurança.

Ele estava certo? Nós estamos levando Celina a se comportar desse jeito respondendo as suas palhaçadas? Os vampiros drogados e humanos mortos eram porque nós a estávamos encorajando a agir desse jeito, se rebelar contra a Casa Cadogan como uma adolescente angustiada?

Não era justo colocar a responsabilidade das ações de Celina à nossa porta. Nós tentamos fazer o certo para Cadogan e para Chicago, e ultimamente ela era a única que tinha solicitado os assassinatos de humanos, que tinha nos chantageado, e quem estava provavelmente por trás das vendas de drogas. Aquelas decisões foram dela.

Ainda assim. A acusação de Charlie me atormentou. Mesmo que ela tenha cometido os atos, não era insondável pensar que ela tinha feito isso, pelo menos em parte, porque ela estava reagindo a mim e a Ethan, tentando nos irritar, tentando pontuar no jogo de xadrez vampírico que ela tinha criado.

Eu odiava a ideia disso, odiava o pensamento de que as batalhas que travamos diariamente foram de alguma forma nossa culpa, não importava quão boas eram nossas intenções.

Por outro lado, o que mais poderíamos ter feito? Nós não podíamos deixá-la com seus próprios dispositivos, criando caos por toda Chicago só para realizar seu desejo infantil de atenção. Nós não podíamos ignorar a tentativa de chantagem ou as ameaças de Tate contra nós, mesmo que quiséssemos. E não era como se Ethan e eu não estivéssemos atrás de alguma coisa para conter a situação. Claro que nós queríamos acordar tarde e gastar nosso tempo treinando, pesquisando, trabalhando para garantir o sucesso da Casa, ao invés de ficar na defensiva contra os protestantes no portão.

Seja qual for o drama, seja quais forem suas motivações, só havia uma coisa que resolveria o problema com Celina. Tirá-la de Chicago, de uma vez por todas.

Capítulo 21

UMA PLAUSÍVEL NEGAÇÃO EM UM ESPETO DUPLAMENTE FRITO.

Eu precisava de uma pausa dos vampiros. Eu também não tinha entrado em contato com a Mallory por um tempo, e isso precisava definitivamente ser remediado. Então, quando eu acordei e estava vestida, mandei uma mensagem para ela por uma atualização e descobri que ela e Catcher estavam treinando em sua academia. Traduzindo: Eu assistiria Catcher torturar outra pessoa além de mim, e começaria a ver Mallory trabalhar sua magia.

Decisão fácil. Saí de casa e dirigi para o lado Norte, onde o espaço de treino de Catcher estava dentro de outro velho armazém. (Converter armazéns antigos em centros de recreação para os vampiros e outros lugares para comer era aparentemente a nova tendência em Chicago).

Eu quase não precisei fugir da Casa. Darius tinha nos tirado da investigação do V, então não ia ser de muita necessidade eu ficar espiando ao redor. E minha conversa com Ethan noite passada havia levantado questões desconfortáveis sobre mim e minha hipocrisia que eu não estava interessada em encarar. Eu sabia que íamos conversar, eventualmente, provavelmente não havia como evitar. Mas isso não tinha que ser agora.

Mas evitaria o máximo que eu conseguisse, eu não era tão imatura para não levar meu beeper, eu também coloquei meu punhal e espada no carro. Mesmo que eu estivesse em uma pausa da investigação, não era impossível Paulie ter passado adiante minha mensagem para “Marie”, que planejou pagar-me uma visita sem roteiro. Nesse caso, melhor estar preparada.

A viagem por Chicago foi muito rápida, surpreendentemente uma excursão rápida ao longo do Lago Shore Drive, mas ele me deu alguns minutos para refletir e ganhar um pouco de perspectiva. Não que eu fosse encontrar as respostas para os problemas em quinze minutos de viagem ou em algumas horas longe da Casa, mas o espaço era necessário. Eu precisava me recarregar em torno de pessoas que me conheciam apenas como Merit... não como a Sentinela.

Eu aparentemente queimei minha sorte de estacionamento; um novo bar tinha aberto do outro lado da rua do ginásio de Catcher, então o bairro estava cheio de meninas de pernas longas e meninos demasiadamente perfumados se dirigindo

para o bar para flertes e martinis de maçã superfaturados. Encontrei um espaço três quarteirões de distância e caminhei de volta para o ginásio, então me dirigi para dentro.

O interior do edifício tinha a forma de um T gigante, e no ginásio, o lugar onde Catcher tinha me ensinado a usar uma espada, era indo pelo corredor central. Eu senti o chiar elétrico no ar, logo que cheguei à porta. Esfreguei o arrepio desconfortável junto aos meus braços, olhei para dentro.

Catcher usava seus extravagantes óculos novos, calças de moletom, e uma T-shirt; Mallory usava calças de yoga e um top esportivo, que na verdade era mais roupa do que ele me deixava treinar. A sorte da responsabilidade.

Dito isto, seu treinamento era uma responsabilidade completamente diferente. Eu sabia que Catcher era incrível com uma espada, e eu sabia que feiticeiros, além de dobrar o universo a sua vontade, poderiam atirar bolas que pareciam como fogo mágico. Mas eu nunca tinha visto nada assim.

Era como um jogo de Handebol mágico. Os dois estavam em lados opostos da sala, atirando e desviando orbs brilhantemente coloridos para o outro. Catcher atirou uma bola de magia para Mallory, e Mallory a evitava ou acertava com sua própria bola. Às vezes os tiros atingiam um ao outro e soltavam um monte de faíscas; às vezes eles perdiam um e isso explodia contra as paredes com um som, estalado.

Isso explicava o formigamento no ar, cada vez que uma bola explodia, enviava uma nuvem de magia pulsante através da sala. Eu acho que esse era o risco de assistir a prática de feiticeiros.

Mallory olhou e ofereceu um aceno rápido antes de arremessar uma bola de fogo azul de volta para Catcher.

— Ei, você!

Olhei. Jeff estava sentado em uma cadeira de plástico do outro lado da porta, uma tigela de pipoca no colo.

— Pegue um acento. — ele disse, dando tapinhas no banco atrás dele. — Eu estava quase ligando para você.

— Não há necessidade de ligar agora. — eu disse, tomando um assento e pegando um pouco de pipoca. Era pipoca kettle⁶³, que eu adorava. Um pouco salgado, um pouco doce, e provavelmente muito melhor para mim do que uma caixa de Mallocakes.

⁶³ O milho é cozido em panelas de ferro e depois adoçado com açúcar ou mel antes de adicionar sal. À combinação foi amplamente popular no início do século 19, mas caiu de amplo uso durante o século 20.

— Então, eu aprofundi a pesquisa um pouco mais no registro criminal do nosso amigo Paulie Cermak.

— Eu pensei que você tinha dito que o arquivo estava lacrado. — Jeff jogou um pedaço de pipoca, em seguida, pegou-a entre os dentes.

— Oh, eu disse isso. Mas “lacrado” e “fora do sistema” são duas coisas diferentes.

— É este o momento adequado para uma palestra sobre hacker e computadores?

— Não se você quiser que eu lhe dê as informações que eu encontrei.

Eu estava ficando menos do que um defensor de regras. — Desembucha.

— Então, para colocá-lo em termos leigos, enquanto o arquivo foi oficialmente lacrado para fins judiciais, uma imagem do conteúdo do arquivo foi armazenada em cache antes de serem lacrados, então todos os dados ainda estão lá. Agora, como se vê, havia apenas um item no registro do cara. Ele recebeu uma notificação por esmurrar alguém no rosto. Um tipo simples de agressão.

Tentei reproduzir minha memória. Eu pensei que tinha visto Paulie Cermak antes. Se tivesse sido na televisão? Um relatório da agressão no noticiário da noite? Mas eu não conseguia lembrar nada específico. — Quem era a vítima?

— Sem pista. O cara nunca prestou acusações, e seu nome foi redigido a partir do arquivo antes de ter sido digitalizado.

Eu suspirei. — Então Paulie Cermak socou um cara. Os policiais foram chamados, mas a vítima não apresentou queixa, e o arquivo fica vedado de qualquer maneira.

— Isso resume tudo.

— Isso é estranho. Por que lacrar o seu arquivo se ninguém prestou acusações?

Jeff deu de ombros e jogou outro pedaço de pipoca no ar. Este ricocheteou nos lábios e bateu no chão ou teria batido no chão, se não tivesse saltado com um pulso de magia movida pela sala. Pairou por um momento a poucos centímetros acima do chão, e então explodiu em cacos pequenos de pipoca.

Jeff e eu abaixamos, então olhei para Catcher. Ele ficou com as mãos na cintura, olhando-nos por baixo. — Pipoca? Sério?

— O quê? — Jeff disse maliciosamente. — Isso é como o melhor jogo de tênis. Precisávamos de um lanche.

Os lábios de Catcher se curvaram, e ele arremessou um tiro azul que nos fez cair de nossas cadeiras. Isso bateu na parede atrás de nós e explodiu em uma chuva de faíscas. Sentei-me, freneticamente escovando as faíscas do meu cabelo.

— Alôo! Eu estou aqui para ser solidária. Que tal parar de me acertar com magia.

— Sim, Catch. — Mallory disse. — Ela está tentando ser solidária. — ela jogou uma bola de magia que ele teve que saltar para evitar as faíscas e deixando uma série de maldições no caminho.

— Divirta-se. — eu disse, dando a Mallory um polegar para cima.

— Então, antes de ser tão rudemente interrompido. — Jeff disse — Eu ia dizer que não é exatamente uma coisa comum fazer isso, lacrar um registro, quando não há ninguém prestando acusações ou o que seja, mas pode haver muitas razões. O mais provável é que Paulie Cermak tinha amigos em cargos altos. — ele riu.

Eu fiz um som sarcástico. — Paulie não parece ser exatamente uma pessoa que anda com alguém com ternos. Talvez Celina o tivesse aprontando algo.

— É uma ideia. Eu vou continuar a cavar.

— Você está fazendo um ótimo trabalho. — eu disse a ele, batendo nele com o meu ombro. — Eu aprecio o trabalho duro.

Jeff corou um pouco. — Até mesmo Catcher disse que eu estava fazendo uma boa investigação nesse aqui.

— Bem, Catcher nunca menciona um tópico se não tivesse uma opinião sobre. Falando nisso, qualquer evolução no V? Presumo que a DPC fez testes e tal.

— Sim, eles fizeram alguns e estão fazendo. Acontece que, a estrutura química do V é semelhante à adrenalina.

— Isso explica porque os vamps ficaram tão alarmados.

Jeff balançou a cabeça. — Exatamente. Mas isso não é a parte mais interessante. Catcher fez uma pequena busca mágica, e ele acha que há outro componente na droga além da química - magia.

Eu fiz uma careta. — Quem mais poderia ter acrescentado a magia?

— Isso é o que lhe tem preocupado.

Isso tinha me preocupado, também. Mesmo se pudéssemos ligar o V a Paulie e Celina, nós agora tínhamos uma fonte desconhecida que estava jogando magia gratuita ao redor. E por falar em incógnitas. — Você não colheu mais alguma

informação sobre a agressão contra o Sr. Jackson não?

— Somente a informação que você já sabia. Não houve qualquer evolução, que eu esteja ciente. O Caso está ficando frio.

Eu não tinha certeza se era melhor ou pior do que corpos serem localizados. Com essa pergunta em mente, meu telefone tocou então eu puxei do meu bolso, esperando uma pergunta de Ethan “Sentinela, onde você está?” Ou coisa parecida. Eu não reconheci o número, mas eu respondi de qualquer maneira. — Aqui é Merit.

— Criança, eu tenho algo que eu acho que vai interessar a você.

O sotaque de Nova York era inconfundível. — Paulie. O que você quer?

— Um certo alguém quer se encontrar com você.

— Um certo alguém?

— Marie. — ele disse. — Você pediu para que eu conseguisse uma reunião com ela e acontece que ela está receptiva.

É claro que ela estava. Sabíamos que Celina não deixaria passar a chance, e mesmo se esta “Marie” não fosse Celina, uma reunião certamente responderia algumas de nossas perguntas. — Onde e quando?

— Street Fest. Hoje à noite. Encontre ao lado da cabine Town.

Town era um elegante café no Loop que regularmente liderava a lista anual “Dos melhores em”. Era um lugar para socialites verem e serem vistas, um lugar que requer semanas de antecedência para reservas, a menos que você conheça alguém... Ou se você era a filha de Joshua Merit. Pork saltimbocca⁶⁴? Sim, por favor.

Embora eu não imaginasse Celina como um participante de uma festa de rua, Town era exatamente o tipo de lugar que ela escolheria.

— Que horas?

— Onze horas.

Olhei o relógio. Faltavam 15 minutos até as dez. Street Fest encerrava o experiente à uma hora, então o horário da reunião seria no auge de bandas, comidas, e Chicagoenses bebendo.

— Eu suponho que eu não terei que usar um cravo na lapela, para que ela me reconhece?

Paulie tossiu uma risada. — Ela vai encontrá-la. Onze horas. Em ponto.

⁶⁴ É o nome de um prato. <http://www.deliaonline.com/Images/xlarge/su119-pork-saltimbocca-19013.jpg>

A linha ficou muda, então eu guardei o telefone novamente e mordisquei meu polegar enquanto eu pensava nisso.

Celina, bem, alguém que eu pensava ser Celina, queria um encontro em um lugar público. E não apenas um lugar público - um local público onde milhares de seres humanos estariam se movendo entre a multidão.

Ela estava esperando que a multidão lhe desse o anonimato, ou que ela estava planejando era usar problemas no meio deles?

Ela tinha que ter um motivo, algo que ela queria ter de vantagem. Talvez uma armadilha que esperava que desse certo. Era apenas uma questão de descobrir isso - ou planejar para todas as possibilidades.

Quando finalmente olhei para cima novamente, achei Catcher, Jeff, e Mallory olhando para mim.

— Paulie Cermak. — expliquei. — “Marie” quer me encontrar na Street Fest esta noite.

Catcher e Mallory caminharam em nossa direção. — Você vai?

— Eu tenho uma escolha? Darius está puto, e Tate também. — revirei os ombros, os músculos doendo contra a irritação conjunta entre magia e tensão. — Nós poderíamos fingir que isso não é problema nosso, mas isso não vai fazer com que o V desapareça, e isso não vai manter a nossa Casa junta.

— Então, qual é a desvantagem do encontro com ela? — Mallory perguntou.

— Além da possibilidade de que ela vá me matar? Darius ordenou que eu e Ethan parássemos com a investigação.

A expressão de Catcher era de incrédulo. — Baseado no que? Vampiros estão lutando em público. Como ele poderia negar que há um problema?

— Oh, ele sabe que algo está acontecendo. — enchi-os com a leviandade da Casa Grey. — Darius apenas acha que é problema do Tate para resolver. Ele também, aparentemente, pensa que nós somos os únicos criando o problema, que Celina está agindo porque continuamos dando-lhe atenção.

— Não estou impressionada com Darius até agora. — disse Mallory.

— Conte-me sobre isso. — eu concordei.

— Estou interrompendo?

Todas as cabeças se voltaram para a porta. Um cara bonito em um T-shirt e jeans sorriu de volta para nós.

— Quem é ele? — eu sussurrei.

— Esse. — Mallory cansadamente disse. — É Simon. Meu tutor.

Vou ser honesta, quando Mallory tinha dito que tinha um tutor, eu esperava o tipo nerd. Alguém com uma inclinação acadêmica e talvez um protetor de bolso.

Simon estava tão longe do estereótipo como conseguia: interessante e bonito de uma forma garoto da casa do lado, com nenhuma caneta pendurada para ser vista. Seu cabelo estava bem aparado, com olhos azuis embaixo de uma testa forte.

— Muito bom. — sussurrei para ela.

— Você não diria isso se ele estivesse fazendo você levitar um peso de chumbo de 2.000 libras pela sexagésima sétima vez. — mas ela sorriu educadamente. — Oi, Simon.

— Mallory. — disse Simon, depois olhou para Catcher. — Já faz um tempo.

A expressão de Catcher ficou em branco. Ele aparentemente não estava interessado em uma reunião com um membro da Ordem. — Simon. O que o traz para a cidade?

Simon apontou para Mallory. — Nós vamos fazer um tour fantasma.

Olhei para Mallory. — Você está indo a um tour fantasma? — não é que Mallory não estivesse interessada em ocultismo. Ela era a menina com a fixação na Buffy, afinal. Mas ela sempre se recusou quando eu pedi a ela para ir, chamando a ideia de um tour fantasma de – falso culto.

— Simon. — Mallory disse com uma onda ausente da mão. — Esses são Merit e Jeff. Ela é um vampiro, mas eu ainda sou amiga dela, porque eu sou terrível desse jeito, e ele é um extraordinário Nerd de computador que trabalha com Catcher.

Simon sorriu para mim, mas o efeito não foi tão amigável como você poderia ter imaginado. — Então, você é a Sentinela de Sullivan.

— Eu sou a Sentinela da Casa Cadogan. — eu educadamente corriji.

— É claro. — ele disse, num tom que sugeria que não chegou a engolir o meu esclarecimento.

— Então você está indo em um tour fantasma? — Jeff perguntou. — Isso é algum tipo de pesquisa mágica?

— Em uma maneira de falar. — Simon disse. — As assombrações não são todos contos de esposas. Alguns dos locais infestados são legítimos. Esta noite a

tarefa de Mallory será a de separar o fato, da ficção. É parte do seu estágio.

Mallory franziu o cenho. — Isso é hoje? Eu pensei que era amanhã.

— Você precisa remarcar? Há algumas outras coisas que eu poderia cuidar, enquanto eu estou na cidade.

Mallory acenou para ele. — Não, hoje está bem. Vai estar no exame, então eu poderia muito bem fazê-lo.

— Oh, meu Deus, você é Harry Potter. — eu disse, apontando o dedo para ela. — Eu sabia!

Ela revirou os olhos, depois olhou para Catcher. — Eu acho que preciso me limpar e ir?

Catcher franziu a testa, claramente não estava confortável enviando Mallory para fora na cidade com Simon. Eu não poderia dizer se a animosidade era toda relacionada à Ordem ou não.

Catcher olhou para Simon. — Você poderia nos dar um minuto?

— É claro. — Simon disse, após um momento. — Vou esperar no carro. Jeff, prazer em conhecê-lo. Merit, vamos ter de falar em algum momento. Eu adoraria ouvir mais sobre a Casa Cadogan.

Eu dei-lhe um sorriso evasivo.

Simon saiu novamente. Olhei de volta para Mallory e Catcher. — Ele parece agradável o suficiente.

— Ele é um membro da Ordem. — Catcher sombriamente disse. — Eles são sempre..., bastante agradáveis, até que estão te chamando de encrenqueiro e expulsando-o de sua filiação.

— Parece que a Ordem e o GP têm coisas em comum. — eu disse.

Catcher grunhiu em acordo.

— Simon..., é legal. — Mallory disse. — Mas, falando do GP, você precisa chegar lá e misturar-se. — ela estendeu os braços, e eu dei um passo à frente em seu abraço. — Assim como você me disse. — ela disse. — Você faz o que você tem que fazer. Você sabe a diferença entre o certo e errado, e seus instintos são bons. Confie neles.

— E se eu ainda não puder acabar com isso?

Ela puxou de volta, sua expressão feroz.

— Não há nada que você não possa fazer se colocar sua mente nisso. Você

apenas tem que decidir que você pode. Você vai encontrar Celina Desaulniers, e você chutará a bunda dela neste momento.

Vamos esperar que termine dessa forma. Havia uma limusine estacionada fora da Casa quando voltei, bem como o bando usual de manifestantes. Reconheci dois ou três dos manifestantes os mesmos manifestantes que estavam acampados noite após noite, o seu ódio por nós, aparentemente, tinha prioridade sobre quaisquer outras atividades.

Achei que a limusine pertencia a Tate ou Darius, o que não me emocionou. Nem ia fazer minha tarefa atual mais fácil. Eu estacionei em fila dupla na frente da Casa e movi-me com cuidado para dentro, nas pontas dos pés em direção ao escritório de Ethan.

Sem Ethan. Mas Malik estava no meio da sala, revendo papéis. Darius estava na sala de estar, conversando em um telefone celular.

Sorri educadamente para Darius e caminhei em direção a Malik. Ele levantou seu olhar quando me aproximei, e ele deve ter notado a minha expressão esgotada.

— O que agora?

Eu deslizei meu olhar em direção a Darius. — Devido à diretiva do GP, eu pensei que pudesse tirar a noite de folga. Vou para a Street Fest encontrar alguns amigos.

A expressão de Malik ficou em branco apenas por um segundo antes que realização o atingisse.

— Eu pensei em ver se Ethan quer que eu traga algo. Você sabe o quanto ele ama alimentos gordurosos. O homem não pode se faltar de fritura.

Malik sorriu maliciosamente. — Isso é verdade Sentinela. Eu acredito que você vai encontrá-lo em seu apartamento. Ele e Darius planejam se encontrar, em poucos minutos, mas talvez eu possa entretê-lo enquanto você discuti o menu?

Ante ao meu aceno de cabeça, Malik caminhou em direção a Darius. Fui para a porta novamente. Darius deve ter terminado a sua chamada, por que ouvi Malik perguntar: — Sire, você teve a chance de ver ao redor? Os jardins são espetaculares no final do verão.

Boa, pensei, tomando as escadas dois de cada vez até chegar ao terceiro andar.

Ethan estava apenas caminhando para o corredor quando cheguei a ele. Sem se preocupar em pedir permissão, passei por ele para dentro de seu quarto. Quando me virei novamente, ele ainda estava na porta, sobrelha arqueada.

— Malik está cuidando de Darius. Eu preciso de cinco minutos.

— Tenho a nítida sensação de que eu não vou gostar desses cinco minutos.

— Muito possivelmente não.

De qualquer maneira, ele entrou e fechou a porta atrás de nós, então, cruzou os braços sobre o peito.

— Esta noite vai ser complicado. — eu disse.

— Por quê?

— Porque ela pode causar estragos em um lugar muito público. — ele baixou os braços, alarme em sua expressão.

— Quanto público?

— Street Fest.

Ethan fechou os olhos por um momento. — Nós temos defesas?

— A sua na verdade.

Os olhos de Ethan brilharam abertos. Ele abriu a boca para contestar, em seguida, fechou-a novamente.

— Sabia decisão. — cumprimentei. — Desde que eu sou a única defesa que você tem no momento.

— Isso é uma armadilha?

— Provavelmente. E pode ser o tipo de armadilha que nos coloca direto aos olhos do público. Mas eu vou fazer tudo que posso para evitar, ou pelo menos ter certeza que é o tipo certo de publicidade.

Ficamos ali em silêncio, enquanto ele alcançava seu veredicto.

— Eu suponho que isso é tudo o que você vai me dizer?

— Para o seu bem e o meu. Duas palavras, Sullivan: plausível negação.

— Eu acho que gostava mais de você quando você era uma estudante nerd.

— Você não me conheceu como uma estudante de pós-graduação nerd. — eu lembrei-o. — Bem, não enquanto eu estava consciente, de qualquer maneira. — tecnicamente, ele tinha me conhecido como um estudante de pós-graduação inconsciente, desde que ele cuidou de mim durante três dias após minha transição para vampiro, mas eu não lembro.

— De qualquer forma, se você tem uma ideia melhor, eu sou toda ouvidos.

Ele me olhou por um momento, aquela linha de preocupação entre os olhos.
— Infelizmente, não tenho.

— Sua confiança é inspiradora, Sullivan.

Ele me deu um olhar plano. — Você sabe melhor do que isso. Eu confio em você, Merit, implicitamente, mesmo se você não me conta tudo. Eu não deixaria você sair da Casa se eu não confiasse, há muito em jogo⁶⁵.

— Em jogo. Ha-ha. — ante ao seu olhar severo, eu estremeci. — Desculpe. Eu brinco quando estou nervosa.

— Você está nervosa?

Suspirei e cruzei os braços. — Estamos falando de Celina. Eu estou mais forte do que antes? Sim. Mas ela ainda é centenas de anos mais velha que eu, e eu mal vi o que ela é capaz. Além disso, vamos estar em público. Mesmo se eu possa cuidar de mim, como eu vou cuidar de todos os outros que estão lá?

— Nós poderíamos dar-lhe um perímetro de guardas em torno do festival.
— Ethan sugeriu.

— Não. — eu disse, balançando a cabeça. — Isso é muito arriscado para a Casa. Se Darius descobrir que eu estou lá, você pode dizer que eu agi sozinha, sai por capricho. E eu tenho um plano em mente.

Eu tinha ligado para Jonah antes, se a Casa Cadogan fosse impedida de agir, talvez Noah estivesse disposto a plantar alguns vampiros da Guarda Vermelha no meio da multidão.

— Alguma coisa que você possa compartilhar?

Olhei para Ethan. Havia curiosidade em seus olhos, mas não repreensão. Ele queria saber o que eu tinha em mente, mas deixou a decisão para mim.

— Plausível negação. — eu o lembrei. — Você é mestre da Casa a partir daqui. Deixe-me proteger-nos lá fora.

Ethan suspirou, em seguida, colocou a mão na minha bochecha. — Eu não digo que isto é o suficiente, mas estou muito orgulhoso da vampira que você se tornou. Eu quero que você saiba disso.

Ele encostou a testa contra a minha. Fechei os olhos e respirei o cheiro de algodão de sua colônia. — Tenha cuidado.

⁶⁵ Do Original 'there's too much at stake' No português STAKE = ESTACA no sentido literal. Por isso Merit faz o trocadilho saindo de "A muito em jogo" para o sentido real da palavra onde ela se coloca como estaca, se referindo as estacas para matar vampiros.

— Eu vou. Eu prometo. — puxei para trás e vi o flash de culpa em seus olhos, mas eu balancei minha cabeça.

— Você está fazendo seu trabalho. — eu assegurei-o. — Agora me deixe fazer o meu.

Eu ofereci uma pequena oração para que eu tivesse a chance de fazer o certo desta vez.

Era irrealista pensar que eu encontraria uma vaga perto da Street Fest, e eu não tinha tempo para esperar o ônibus. Enquanto eu dava a Luc um resumo de cinco minutos, Lindsey chamava um táxi e prometeu mover meu carro. Todos eles ouviram sobre a proibição de Darius sobre minhas atividades; eles concordaram em me ajudar a realizá-los independentemente. Havia momentos em que o trabalho precisava ser feito, as consequências que se danem. Este era um desses momentos, e todos estavam a bordo.

Uma vez no carro, eu mandei mensagem para Noah e pedi-lhe reforços. Noah concordou quase instantaneamente e me disse que a equipe de guardas seria reconhecida por suas roupas: eles estariam usando uma camiseta, falso-retro MIDNIGHT HIGH SCHOOL.

Garoto esperto.

Eu considerei em chamar Jonah, mas este era um evento público. Isso arriscaria a sua filiação ao GV e colocando-o na mesma posição que eu – obtendo a ira de Darius West. Não, obrigada.

O taxista não parou de me olhar, seus olhos castanhos aparecendo no espelho retrovisor a cada poucos segundos, como se ele esperasse que eu quebrasse a parede entre os assentos de plástico e mordesse seu pescoço.

Eu vou admitir, a ideia de insultá-lo ocorreu-me. Mas eu não era Celina. Eu tinha uma consciência e um trabalho a fazer, e provocar o taxista não fazia parte desse trabalho.

— Aqui está bom. — eu disse a ele, deslizando dinheiro na pequena porta no plástico quando chegou à margem sul do Grant Park. Eu saí da cabine, acenei para o motorista quando ele continuou a me olhar pela janela.

— Humanos. — eu murmurei, e parti em direção as barracas e as multidões. Esta parte do parque estava vazia, o que me deu a chance de me preparar..., e entrar em pânico.

Eu estava bem treinada, o suficiente para fazer uma corajosa frente para Ethan, Luc, e Malik. Mas vamos enfrentar isso - Eu estava com medo. Celina era mais poderosa do que eu, e eu concordei em encontrá-la em um lugar e no momento que ela tinha selecionado. Este era o seu jogo, e havia uma boa

possibilidade de que eu não fosse ganhar, ou sair em pedaços.

Eu andei por entre as árvores, punhal na bota, meu estômago agitando com os nervos, mesmo como o cheiro de comida se aproximando.

Cheguei a uma cerca de vinil laranja que contornava o festival. Eu saltei, então me misturei em um grupo de foliões bêbados quando eles fizeram o seu caminho em direção à avenida principal. O que me deu a minha primeira visão do campo de batalha. Columbus Drive estava forrada com tendas brancas. As pessoas caminhavam na pista larga entre elas, alimentos e bebidas na mão. O ar estava grosso, com o cheiro de massa, cerveja e as pessoas, suor e lixo, e o som de mil conversas e comida quente e as bandas de country no palco era quase o suficiente para esmagar os meus sentidos.

Eu manobrei para fora da pista de tráfego e parei ao lado de uma cabine, fechei os olhos até que o mundo se acomodou em um baixo rugido maçante.

— Cupons?

Abri um olho.

Uma mulher equilibrando uma criança de faces rosadas de tanto chorar em um quadril estendeu uma pilha de cupons de alimentos. — Temos extra, e está ficando tarde, e Kyle está pirando, por isso precisamos ir. — ela sorriu timidamente. — Você gostaria de comprá-los por acaso? Eles ainda estão bons.

— Desculpe. — eu disse gentilmente. — Eu não preciso de nada.

Obviamente desapontada, ela suspirou pesadamente e foi embora sem jeito, o bebê começou agora a chorar alto.

— Boa sorte. — gritei, mas ela já estava procurando alguém para seduzir.

Eu nem sempre conseguia bancar a heroína.

Eu andei pela barraca e voltei para o fluxo de pessoas, e estava quase cheia novamente. Meu estômago rosou para os cheiros, havia só uma quantidade de bloqueio que um vampiro poderia fazer. Eu prometi a mim mesma silenciosamente uma barra de doce e uma bandeja de papel de bacon envolto com Tater Tots, se eu fizesse isso durante a noite. Não uma boa combinação nutricional, mas eu percebi que as chances eram baixas de qualquer maneira.

Eu andei para um sinal que identificava as localizações das barracas, encontrei a cabine Town, e verifiquei meu relógio. Era cerca de 10 minutos até as onze. Dez minutos até a hora do show.

Uma mão de repente agarrou meu braço. Eu estremeci, esperando ver Celina. Para melhor ou pior, eu tive um tipo diferente de surpresa.

— Olá. — disse o homem ao meu lado.

Era McKetrick, tendo trocado seu uniforme por calças jeans e uma confortável camiseta preta. O melhor para se misturar com os humanos, eu assumi. Sorrindo grandiosamente para mim. Ele poderia ter sido bonito, mas o efeito era ainda assustador.

Eu puxei meu braço para trás. — Se você for esperto, você vai embora agora, cuidar dos seus negócios.

— Merit, você é o meu negócio. Você é um vampiro, e eu estaria disposto a apostar que você está carregando uma arma aqui neste lugar público. Seria irresponsável de minha parte deixá-la ir alegremente, você não acha?

Isso iria me salvar de um monte de problemas, pensei, porque não havia nenhuma maneira que eu pudesse explicar por que eu precisava que ele me deixasse em paz. Ele ficaria furioso se soubesse que eu estava aqui para entreter Celina. E por falar nisso, o tempo estava se esgotando, e eu precisava para chegar à barraca Town.

— Se você for esperto. — eu lhe disse. — Você vai estar feliz em seu próprio caminho.

Ele inclinou a cabeça. — Você parece um pouco preocupada. Você não está planejando começar um problema, você está? Isso seria muito infeliz.

— Eu nunca começo problemas. — eu assegurei-o. Isso normalmente só pula na minha vizinhança. Caso em questão. — Desde que eu estava cuidando dos meus próprios negócios antes que você me pegasse, você é o único a causar problemas.

— Se você cuidasse do seu próprio negócio. — McKetrick respondeu. — Você estaria em casa, entre sua própria espécie.

Fui salva do problema de responder a sua idiotice preconceituosa pelo som de uma briga se aproximando de nós. Olhei para cima. Um homem e uma mulher brigavam enquanto caminhavam, cada um claramente irritado um com o outro.

— Realmente, Bob? Sério? — perguntou a mulher.

— Você acha que o melhor plano é gastar o salário de uma semana inteira com bilhetes de alimentos? Isso é o que você acha? Porque você quer comer giroscópios e cheesecake fritos pelo o resto da semana? Não que eu deveria estar surpresa. É exatamente o tipo de coisa sem cérebro que você faria.

— Oh, yeah, Sharon. Exponha. Exponha isso. Aqui mesmo em público, onde todos podem ver!

O homem, que estava apenas um par de metros de mim, levantou os braços e

moveu-se em um círculo. — Será que ninguém ouve a minha linda esposa me repreendendo? Alguém?

As pessoas ao nosso redor riram, nervosas, não tendo certeza se eles deveriam entrar em cena e colocar fim ao teatro, ou ignorá-los.

Eu tinha a mesma pergunta, até que o homem deu a volta completa e eu podia ver a camiseta vermelha debaixo de sua jaqueta fina. MIDNIGHT HIGH SCHOOL estava escrita em letras brancas desbotada na frente. Estes eram meus ajudantes GV.

O cara piscou para mim, então pisou diretamente entre mim e McKetrick. — Quero dizer, realmente, senhor, é este o tipo de comportamento que você esperaria de sua esposa? O que aconteceu com, para melhor ou para pior, e tudo isso?

A mulher deu um passo para cima e enfiou um dedo no peito do rapaz. — Oh, apenas mais uma coisa para você me criticar, né, Bob? Estou chocada. Realmente chocada. Eu deveria ter escutado a minha mãe, você sabe!

— Oh, yeah, Sharon. Traga sua mãe para isso. Sua mãe, pobre inconsolável! — a multidão começou a se reunir em torno do casal, criando uma espessa barreira humana que colocou mais espaço entre McKetrick e eu. Dois guardas da segurança também se afastaram mais, somando mais dois seres humanos, e mais duas armas, para a briga.

Eu saí, enquanto a briga estava boa.

Eu encontrei o estande do Town e acampeei ao lado dele, 15 minutos, e depois meia hora se passaram sem ação. Amaldiçoei McKetrick, era claro que ele tinha afugentado Celina.

Pela vigésima vez, eu estava na ponta dos pés para obter uma melhor visão dos arredores, quase caindo quando uma mulher de cabelos escuros me cutucou.

Distraidamente, vi um escuro rabo de cavalo balançando enquanto ela caminhava, mas não foi até que ela quase tinha ido embora que eu senti o formigamento de magia no ar. Eu não a tinha reconhecido, e não teria se não fosse pelo excesso de poder que permaneceu atrás dela. Meu coração começou a bater forte com antecipação.

Antes que ela pudesse escapar, peguei seu pulso.

Capítulo 22

O DIABO EM UM VESTIDO AZUL.

Celina lentamente se virou para me encarar. Ela estava usando um vestido azul Royal liso, com *ankle boots*, seu cabelo em um rabo de cavalo. Seus olhos se arregalaram em choque óbvio.

Okay, agora eu estava confusa. Por que ela parecia surpresa em me ver?

Seu braço ainda na minha mão, ela deu um passo a frente. — Se você for esperta, criança, largará minha mão enquanto ainda tiver a sua.

— Me foi dito que você queria se encontrar comigo. — eu informei a ela. — Por um amigo mútuo.

Quase imediatamente, sua expressão mudou. Seus olhos estreitaram, suas narinas tremeram, e magia ergueu-se em uma nuvem enfurecida e apimentada. Os humanos ainda circulavam com comida da feira e copos de plástico com cerveja em mãos, completamente inconscientes do reator mágico que estava liberando poder o suficiente para acender o Centro.

— Aquele merdinha. — ela murmurou, seguido por alguns xingamentos.

Eu assumi que ela estava falando de Paulie, mas se ela não estava me esperando...

— Você achava que ia se encontrar com quem?

Sua expressão se tornou arrogante. — Como você está ciente e como o GP te lembrou, minha vida não é da sua conta.

— Chicago é da minha conta. A Casa Cadogan é da minha conta.

Ela bufou. — Você é uma vampira em uma Casa de quarta-categoria. E dormir com seu Mestre não é exatamente um golpe.

Eu resisti ao impulso de arranhar e puxar seus cabelos, sobre o que eu tinha reclamado somente há alguns dias. Em vez disso, eu dei a ela o mesmo olhar pretensioso que ela me deu. Não é que eu era ingênua sobre Celina ou seu poder – ou o estrago que ela podia fazer comigo. Mas eu estava cansada de ficar com medo. E se o GP iria agir como se ela não fosse uma ameaça, eu iria fazer a mesma coisa.

— Minha vida também não é da sua conta. — eu disse. — E eu não dou a

mínima para quão bem você conseguiu convencer o GP de que é uma boa cidadã e não tem nada a ver com a bagunça nessa cidade. Eu sei que é mentira, e eu não tenho medo de você. Não mais. Eu também não tenho medo do GP, então eu vou te dar uma chance de responder essa pergunta. — eu pressionei minhas unhas no seu braço. — Você colocou o *V* nas ruas?

Celina olhou em volta, pareceu perceber que as pessoas ao nosso redor estavam começando a encarar. E de todas as reações que eu possa ter imaginado, o que ela me deu não estava na lista.

— Talvez eu tenha colocado. — ela disse alto o bastante para todos ouvirem. — Talvez eu tenha ajudado a colocar *V* nas ruas. E daí?

Minha boca abriu em choque. Celina tinha acabado de anunciar a alguns mil humanos que ela tinha ajudado a colocar *V* nas ruas. Era um golpe para mim, mas de jeito nenhum ela faria esse tipo de anúncio se não achasse que tinha uma saída. Qual era o joguinho dela?

Os humanos ao nosso redor pararam, agora encarando abertamente. Alguns tiraram os celulares e começaram a gravar a cena.

— Qual é a sua conexão com Paulie Cermak? Eu sei que você conversou com ele na Casa Navarre.

Ela soltou uma risada. — Paulie Cermak é um vermezinho. Ele tem um armazém em Greektown onde guarda o *V*, e ele tem feito a distribuição dali. É por isso que não tinha nenhum *V* na casa dele. — ela me deu um olhar avaliador. — O mais interessante é como você soube disso. Morgan te contou, não? — ela me olhou de cima a baixo. — Você se ofereceu por algumas informações?

Além de me sentir enojada pela sugestão, eu senti um pouco de simpatia por Morgan. A loucura de Celina não justificava o porquê dele não ser confiável, mas com certeza explicava por que ele não era fiel. Se ele aprendesse a ser um Mestre seguindo os passos de Celina, não haveria chances para ele.

— E as *raves*?

— As *raves* foram à peça chave. — ela disse. — A chave para o sistema inteiro. Elas deveriam colocar *V* e os humanos nas mãos de vampiros.

Celina olhou ao redor, percebeu que ela tinha uma audiência de humanos que a tinham reconhecido – e o fato de que ela deveria estar trancada na Inglaterra, e não no meio da Street Fest confessando seus crimes contra os cidadãos de Chicago.

Se eu estivesse na posição dela, eu teria recuado. Eu teria abaixado minha cabeça e mergulhado na multidão, procurando uma saída. Mas Celina não era uma vampira comum. Sem nada próximo de arrependimento ou medo em seus olhos – e

enquanto eu olhava para ela, chocada com seu atrevimento – ela começou a se direcionar a multidão.

— Por tempo demais, eu acreditava que humanos e vampiros podiam simplesmente coexistir. Que ser um vampiro significava lutar contra certos impulsos, trabalhar em união com humanos, governando-os.

Ela começou a se virar, oferecendo seu sermão à plateia. — Eu estava errada. Vampiros devem ser vampiros. Completa e inteiramente vampiros. Nós somos a próxima evolução dos humanos. O V nos lembra de quem somos. E vocês, também – todos vocês – poderiam ter nossa força. Nossos poderes. Nossa imortalidade!

— Você matou; humanos! — gritou um dos humanos. — Você merece morrer.

O sorriso de Celina vacilou. Ela tinha mudado de posição em uma segunda tentativa de se misturar com humanos, mas ainda não tinha funcionado. Ela abriu sua boca para contra-atacar, mas as próximas palavras não foram dela.

Quatro policiais uniformizados do DPC rodearam-na. Três apontaram armas; o quarto agarrou seus pulsos e os algemou atrás das suas costas.

— Celina Desaulniers, — ele disse. — você tem o direito de permanecer calada. Tudo o que disser será usado contra você no tribunal. Você tem o direito de chamar um advogado. Se não puder pagar por um, um será designado a você. Você entendeu os direitos que eu li?

Celina lutou uma vez, e ela era forte o bastante para o homem que a havia algemado ter que lutar para mantê-la no chão. Mas depois de um momento ela parou; sua expressão ficando agradavelmente neutra.

Isso não era um bom sinal.

— Ela vai tentar usar glamour em você. — eu avisei. — Foque-se, e lute com ela. Ela não pode te forçar a fazer nada, ela só vai tentar diminuir suas inibições. Você pode pedir para o Ombudsman te encontrar na delegacia. Ele tem um pessoal que pode te ajudar.

Três dos policiais me ignoraram, mas o quarto assentiu com apreciação. Não deve ter sido fácil receber uma palestra de uma vamp magra com um rabo de cavalo.

— Não há necessidade de usar glamour neles. — Celina disse; seus olhos azuis em mim. — Eu vou estar livre antes que você possa avisar seu amante que me achou aqui. Ah, e aproveite sua conversa com Darius. Tenho certeza que ele vai ficar feliz ao descobrir isso.

Ela foi sozinha. Depois de um momento, a multidão desapareceu

completamente, sem deixar evidência da prisão de Celina ou do discurso convincente que ela tinha acabado de dar.

Isso me deu um minuto para me concentrar na pergunta maior: Que diabos acabou de acontecer?

Eu fiquei ali por um momento, ainda tentando aceitar a confissão de Celina e sua prisão.

No resumo: Alguma coisa tinha que estar faltando. A coisa toda foi muito fácil e pareceu uma emboscada gigante. Celina claramente não sabia que ela ia me encontrar, mas tinha confessado, mesmo assim, para uma multidão inteira que ela estava ajudando Paulie a distribuir drogas e criar as *raves*. E então ela tentou convencê-los a se juntar ao time dos vampiros.

Como isso fazia sentido?

Simplesmente não fazia. Mesmo eu não estando infeliz pelo fato da Celina estar fora das ruas e de volta nas mãos do DPC, eu não conseguia adivinhar seu ponto de vista. De jeito nenhum uma mulher tão egocêntrica como Celina faria uma confissão sem pensar que ela ganharia algo. Talvez fosse isso. O que ela achava que ganharia? Ela achava que era imune a problemas porque tinha a proteção do GP? Infelizmente, essa possibilidade não era muito irreal.

Eu não sabia que jogo ela estava jogando, mas eu sabia que não era o fim da história. Drama de vampiros raramente era resolvido tão facilmente.

Eu suspirei e peguei meu telefone, me preparando para dar uma atualização rápida a Ethan antes de procurar um táxi. Não tenho certeza o que me fez levantar o olhar, mas ali estava ele – bem na minha frente.

Paulie estava sentado em uma mesa plástica e pequena, dentro de uma tenda de cerveja. Dois copos de plástico vazios estavam na mesa à sua frente, e um terceiro copo, meio cheio, estava em sua mão. Ele o levantou para mim, um brinde à minha participação em qualquer que seja seu plano.

Pelo menos para Paulie, isso tinha sido um jogo. Ele tinha feito uma emboscada para Celina, mas por quê? Para tirá-la do caminho? Para que ele perdesse o vampiro intermediário, a mulher trazendo drama indesejável à operação, e ganhar acesso aos ganhos dela?

Eu mudei o peso do meu corpo para frente, para me lançar em sua direção. Mas antes que eu pudesse me mexer, eu fui parada pela mesma coisa que tinha mantido McKetrick longe de mim – humanos.

Dessa vez, uma família se moveu na minha frente. Mãe na frente, com um passeador duplo com crianças dormindo; pai com um bebê adormecido no seu quadril puxando um terceiro carrinho que carregava uma terceira criança

adormecida. A família inteira estava com fitas. Era uma caravana de família.

Quando eles moveram a caravana do caminho e eu olhei novamente, Paulie se fora.

Capítulo 23

DEMÉRITOS.

Eu não estava inteiramente certa em como contar a novidade para o Ethan. Como você conta para o seu chefe que por nenhuma razão aparente, o seu inimigo havia confessado as suas malfeitorias e ido de boa vontade para os braços do Departamento de Polícia de Chicago?

No final, eu não precisei contar. Depois de passar pelos protestantes para entrar na Casa, eu encontrei metade dos vampiros da Casa na sala de estar; olhos grudados na televisão de tela plana que estava pendurava em cima da lareira.

Tate estava de pé na frente do pódio vestido em um terno cinza carvão, com o cabelo arrumado, e usando um sorriso no rosto.

— Nós descobrimos hoje que era Celina Desaulniers, que se pensava estar na custódia dos oficiais no Reino Unido, voltou para Chicago. Enquanto aqui, ela continuou a criar o caos que ela começou antes da sua primeira captura. Nós também descobrimos que ela foi responsável pelo aumento na violência que nós estivemos vendo na cidade. Agora finalmente, a cidade de Chicago pode dar um suspiro de alívio. A vida pode retornar ao normal, e os vampiros podem retornar a ser parte da cidade, não os antagonistas. Fiquem tranquilos, a Srta. Desaulniers ficará sobcustódia do Departamento de Polícia de Chicago em uma instalação que nós criamos somente com o propósito de manter o público seguro dos criminosos sobrenaturais. Eu também tenho que dar crédito à Merit, a Sentinela da Casa Cadogan.

— Oh, merda. — eu disse em voz alta, meia dúzia de vampiros no cômodo se viraram para me encarar, finalmente percebendo que eu estava no cômodo atrás deles, provavelmente cheirando a espetinhos de carne e doces fritos.

— Ela foi uma parte crucial. — Tate continuou. — Dos esforços para localizar e prender Celina Desaulniers. Qualquer que seja as suas opiniões sobre os vampiros, eu pergunto – em nome da cidade – que você não julgue todos os indivíduos baseado nas ações de uns poucos.

O meu bipe começou a zunir. Eu o peguei e olhei para a tela. Lia-se, simplesmente, ESCRITÓRIO.

Eu soltei uma respiração, e em seguida, olhei para cima para os vampiros no cômodo e ofereci um pequeno aceno. — Foi muito amável conhecer todos vocês. —

eu os assegurei, e então me virei nos calcanhares.

Eu me apressei pelo corredor. A porta do escritório estava entreaberta, então eu me empurrei para dentro e encontrei o Darius, o Ethan e o Malik lá dentro. Eles estavam todos sentados na mesa de conferência – Darius na ponta, Malik e Ethan do lado da janela.

Eu não gostei do simbolismo lá, e o meu estômago já revirado começou a se revirar de novo.

— Entre, Merit. — Darius disse. — E feche a porta.

Eu fiz o que mandaram e me sentei do lado oposto ao Ethan e Malik. A expressão de Ethan era totalmente vazia. O meu estômago se apertou, mas eu já havia decidido que eu não iria ficar com medo mais. Era hora de falar.

— Sire. — eu disse. — Posso falar honestamente?

Eu escutei o aviso de Ethan na minha cabeça, mas eu o ignorei. Não havia tempo para ser branda, e era hora de tomar uma posição. Neste momento, eu não tinha nada a perder.

Darius me olhou por um momento. — Fale.

— O V estava se movendo pela cidade. Estava prejudicando nossos vampiros, estava prejudicando os humanos, e estava prejudicando o nosso relacionamento com a cidade. Com todo o respeito com as preocupações do GP, nós temos que viver aqui. Nós não temos o luxo de retornar para outro continente, e nós não podíamos simplesmente ignorar o problema. Metamorfos e humanos já estão se virando contra nós. Se nós não agirmos, nós estaríamos no meio da guerra que os feiticeiros haviam previsto. Eu sou a Sentinela desta Casa, e eu agi de uma maneira consistente com o melhor interesse da Casa, mesmo se esse interesse, em sua opinião, não coincide com aquela do GP.

Quando eu terminei, Darius olhou para o Ethan. — Os eventos desta noite não refletem bem sobre as Casas Norte Americanas ou o Greenwich Presidium. Nós não deveríamos estar envolvidos em alterações em um festival público em uma das maiores cidades nos Estados Unidos. — ele olhou para mim. — Nós não precisamos da publicidade, nem do heroísmo. O que nós precisamos é respeito pela autoridade, pela hierarquia, pela cadeia de comando. Assimilação é como nós fazemos isso por séculos. Assimilação é como nós vamos continuar fazendo isso.

O seu olhar se tornou frio igual a gelo, assim como o sangue nas minhas veias.

— Merit, considere-se oficialmente advertida pelo GP. O seu arquivo será anotado para refletir o que você fez hoje. Eu espero que você possa apreciar a

seriedade desta ação.

Eu na verdade não tinha nem ideia de quão sério isso era, mas isso não importava. Parecia como se eu tivesse levado um tapa na cara, cada sacrifício e decisão que eu fiz desde que me tornei uma vampira posta em questão.

Eu tentei obedecer ao aviso nos olhos do Ethan que ele me atirou do outro lado da mesa, mas eu estava farta de ser o capacho do GP e imã de culpa.

Eu fiquei de pé e empurrei para trás os meus ombros. — O meu arquivo será anotado para refletir o fato de que eu segui as pistas até a Celina, e que ela admitiu ter espalhado o V pela cidade? Ele irá refletir o fato de que ela ajudou a armar as raves para que ela pudesse instituir a sua nova ordem mundial – o que aparentemente ela planeja instituir sem o GP? Ele irá refletir o fato de que hoje nós a prendemos e salvamos a cidade e o GP de muitos problemas mais para frente?

Darius não se mexeu. — Celina é um membro do GP e o devido respeito deve ser oferecido para um membro do GP.

— Celina colocou drogas perigosas nas mãos de vampiros, drogas que poderiam não somente levar para a destruição e reclusão. Ela é uma assassina e uma ajudante e instigadora de assassinato. Sendo membro do GP ou não, ela precisava ser parada. Eu era uma Chicagoense antes de ser uma vampira, e quando eu tiver uma oportunidade de ajudar esta cidade – de fazer a coisa certa por esta cidade – eu vou fazer. Que se dane o GP.

Silêncio.

— O seu arquivo será anotado, os seus deméritos anotados. E mesmo eu achando a sua bravata intrigante. — ele deslizou seu olhar para o Ethan — Eu recomendo fortemente que você aprenda a controlar a sua Casa e os seus vampiros.

Quando eu olhei de volta para o Ethan, sua expressão era de pedra, seu olhar no Darius.

— Com todo o respeito, Sire. — ele falou. — Eu não controlo os meus vampiros. Eu os *guio*. Merit agiu com a minha permissão e de forma condizente com um vampiro Cadogan e uma Sentinela desta Casa. Ela agiu de forma honrosa para defender Cadogan, seu Mestre, e os seus vampiros. Ela agiu para proteger esta cidade dos criminosos que o GP achou melhor deixar vagar impune. Se você tem um problema com as ações dela, então é o meu arquivo, e não o dela, que deveria ser anotado. Eu confio nela, completa e totalmente. Qualquer ação dela carrega a minha liderança, não as habilidades dela enquanto Sentinela ou sua lealdade para com o Presidium.

Ele olhou para mim, com os olhos que estavam radiantemente verdes, este

homem que acabou de me defender, desafiou seu próprio Mestre por mim, confiou em *mim*.

Eu estava pasma. Sem fala. Às lágrimas, e de repente, muito, muito nervosa, tanto com o sentimento quando o seu custo político.

Mas, independentemente da surpresa com as palavras do Ethan, de sua generosidade, de sua defesa das minhas ações, Darius não estava convencido. Ele manteve a linha do partido, e a Casa sofreria por isso.

— A nomeação de um receptor é claramente uma inevitabilidade. — ele disse. — Não há maneira de evitar que o GP faça vista grossa para a Casa Cadogan nesta conjectura. Eu espero que você dê ao receptor o mesmo acesso e respeito que você daria a mim. Está entendido?

Ethan jogou para fora as palavras. — Sim, Sire.

— Neste caso, Charlie está com um carro esperando e eu preciso ir para o aeroporto. — ele empurrou para trás sua cadeira e levantou, e então foi em direção da porta. — Eu posso me levar sozinho para fora.

O cômodo ficou em silêncio enquanto ele o cruzava, mas há alguns metros da porta, ele parou e olhou para trás. — De uma maneira ou de outra, com a sua aprovação ou sem ela, o receptor irá colocar a Casa em ordem. Eu sugiro que você se acostume com a ideia.

E então ele se virou e andou para fora da porta, fechando-a firmemente atrás dele.

Ethan colocou seus cotovelos em seus joelhos e correu suas mãos pelo cabelo. — Nós fizemos o que deveríamos ter feito. O GP irá agir como achar apropriado.

— Eles estão agindo como crianças ingênuas. — nós dois olhamos para o Malik. Sua expressão era feroz. — Eu entendo a sua concordância em respeito a eles, Ethan, mas isso é completamente irracional. Eles deveriam estar agradecendo à Merit pelo que ela fez. Darius deveria estar agradecendo à Casa por tirar a ameaça das ruas. E ao invés disso, eles estão mandando um receptor? Eles estão punindo esta Casa pelos atos da Celina?

— Não pelos atos dela. — Ethan disse. — Pela publicação destes atos. É menos a ação e mais a vergonha que ele aparentemente acredita que nós causamos ao GP. — ele soltou uma respiração. — Se você somente tivesse estacado ela quando você teve a oportunidade.

— *Eu a estaquei.* — eu pensei. — *Eu só não atingi o coração dela.*

— Isso não é o final disso. — eu avisei. — A Celina confessou muito

facilmente, e o Paulie ainda está nas ruas. Tenho certeza que ela já teria entregado aos policiais neste ponto – ela normalmente adora um bode expiatório – mas de qualquer forma, não acabou.

— Já acabou o bastante. — Ethan disse. — Nós fizemos tudo o que era possível por essa cidade neste assunto em particular. Tate está satisfeito, e esse era o objetivo.

Eu quase discuti com ele, mas eu podia ver a exaustão e o desapontamento em seus olhos, eu não queria adicionar mais coisas ao seu fardo.

— Pegue o resto da noite de folga. — ele disse; se levantando da mesa de conferência sem fazer contato com os olhos. — Durma e nós vamos nos reunir novamente amanhã e criar um plano para passar por este receptor.

Nós assentimos obedientemente, assistindo enquanto ele se movia pelo cômodo e pela porta do escritório.

Eu não fiz nada mais e nada menos do que o meu trabalho requeria. Mas por que eu me sentia tão miserável?



Eu tentei encontrar espaço. Eu me juntei à Lindsey em seu quarto para uma rodada de televisão estúpida. Isso ajudou a encher a noite, mas não acalmou os nervos no meu estômago, ou a agitação no meu peito.

Duas horas depois, silenciosamente, eu me levantei, passei pela multidão de vampiros que preenchiam o andar, e fui até a porta.

— Indo para algum lugar? — ela perguntou; cabeça inclinada curiosamente.

— Eu vou encontrar um garoto. — eu disse.

Estava nervosa quando fiz o percurso até o quarto dele, com medo de que se eu desse um passo para dentro – com nós dois emocionalmente drenados – ele seria capaz de passar as defesas que eu deveria manter intacta. E pior – que nós nunca seríamos os mesmo por causa disso. Que a Casa nunca seria a mesma por isso.

Fiquei de pé do lado de fora da porta dele por inteiros cinco minutos, apertando e desapertando minhas mãos, tentando obter a coragem para bater.

Finalmente, quando eu não consegui mais aguentar a ansiedade mais, eu soltei uma respiração, apertei minha mão em um punho, e bati os nós dos meus

dedos contra a porta.

O som ecoou pelo corredor, estranhamente alto no silêncio.

Ethan abriu a porta, sua expressão abatida. — Eu estava prestes a ir para a cama. Você precisa de algo?

Demorei alguns segundos para falar, para encontrar coragem para fazer a pergunta. — Posso ficar com você?

Ele estava surpreso por isso, claramente. — Você pode ficar comigo?

— Esta noite. Não é nada físico. Só...

Ethan deslizou as mãos nos bolsos. — Só?

Eu olhei para ele, e deixei o medo, a frustração, e a exaustão se mostrar nos meus olhos. Eu estava muito cansada para discutir, muito cansada para ligar sobre o que o pedido poderia significar amanhã. Muito cansada para lutar contra o GP e ele.

Eu preciso de companheirismo, afeição. Eu precisava confiar e ser confiada em troca.

E eu precisava disso dele.

— Entre, Merit.

Eu entrei. Ele fechou as portas para o seu apartamento e desligou as luzes, os abajures na sua cabeceira cintilando pelas portas de seu quarto.

Sem outra palavra, ele colocou sua mão nos meus braços e apertou seus lábios na minha testa.

— Se “só” é tudo o que você pode me dar agora, então “só” é o que nós faremos.

Eu fechei os meus olhos e coloquei os meus braços ao redor dele, e deixei as lágrimas fluírem.

— Se ele decidir que eu sou inimiga dele? — eu perguntei. — Se ele decidir me destruir..., ou deixar a Celina me pegar..., é assim que ele mantém controle das Casas?

— Você é um vampiro Cadogan, pelo sangue e osso. Você lutou por esta Casa, e você é minha para ser protegida. Minha Sentinela, minha Novata. Contanto que eu esteja aqui para fazer isso, eu vou te proteger. Enquanto esta Casa existir, você terá um lar aqui.

— E se o Darius tentar destruí-la por causa de algo que eu fiz?

Ethan suspirou. — Então Darius é cego, e o GP não é a organização que ela se fez acreditar ser. Não é a protetora dos vampiros como ela acha que é.

Eu funguei e virei a minha bochecha para a frescura de sua camisa. O seu perfume era limpo e com cheiro de sabonete, como toalhas limpas ou roupas quentes. Mais confortáveis do que deveriam ser, dado o nó de medo no meu coração.

Ethan se afastou e foi até o bar do outro lado do cômodo, e então serviu um líquido âmbar de uma garrafa ornamental de cristal dentro de dois copos gordinhos. Ele colocou a tampa de volta na garrafa, e então retornou e me entregou um copo. Eu dei um gole e fiz uma careta involuntária. O licor pode ter sido bom, mas tinha o gosto de gasolina e queimava como um fogo seco.

— Continue bebendo. — Ethan disse. — Você verá que melhora com cada gole.

Balancei minha cabeça e entreguei o copo de volta para ele. — Então ele finalmente fica com o gosto bom quando você está completamente bêbado?

— Algo assim. — Ethan drenou o seu copo e colocou ambos na mesa mais próxima.

Ele pegou a minha mão e entrelaçou os nossos dedos juntos, então me guiou para o quarto, onde ele fechou as portas. Dois conjuntos de portas, com painéis de madeira refinados, entre nós e os humanos e os Metamorfos e o GP e os vampiros desorientados pela droga.

Pelo que pareceu ser a primeira vez em dias, eu exalei.

Ethan tirou seu casaco e o colocou em uma cadeira lateral. Eu tirei os meus sapatos e fiquei de pé lá por um momento, percebendo que na minha pressa para encontrá-lo eu não havia me importado de pensar na roupa.

— Você gostaria de colocar alguma camiseta? — ele perguntou.

Eu sorri um pouco. — Isso seria ótimo.

Ethan sorriu de volta, desabotoando sua camisa enquanto ele andava pelo quarto até um gabinete alto. Ele abriu uma gaveta e vasculhou lá dentro antes de retirar uma camiseta impressa e a jogar para mim. Eu a desdobrei; olhei o desenho, e sorri.

— Você não precisava ter feito.

Era uma camiseta “Salve o Nosso Nome”, impressa como parte de uma campanha para assegurar que o Wrigley Field mantivesse aquele nome. Era também muito o meu estilo.

Ethan riu, então desapareceu para dentro de seu closet. Eu tirei minhas roupas e coloquei a camiseta, que caía quase até os meus joelhos. Eu tirei suas almofadas decorativas de sua enorme cama, e então deslizei para dentro do algodão fresco e fechei meus olhos, aliviada.

Pode ter sido minutos ou horas antes que ele retornasse ao quarto e desligasse as luzes. Eu já estava quase dormindo, só vagamente consciente da pressão do corpo dele atrás do meu. O braço dele serpenteou ao redor da minha cintura e me puxou apertado contra ele, seus lábios na minha orelha. — Fique bem, minha Sentinela. E durma bem.



Ele me prometeu que seria paciente, que ele esperaria por mim, que ele não seria aquele que me beijaria de novo.

Ele manteve com convicção essa promessa.

Eu acordei no meio do dia, as persianas de metal ainda bloqueando qualquer luz das janelas, mas excepcionalmente consciente do seu corpo ao meu lado..., e do desejo que a proximidade inspirava.

Nós tínhamos nos separado durante o sono, mas eu me aninhei perto dele novamente, vagamente esperando que ele reagisse à sensação com um beijo. Ele tracejou um dedo pelo meu cabelo, o ato mais confortante do que erótico.

E não era o bastante.

— Ethan. — eu murmurei; meu coração acelerando de repente mesmo enquanto o sol ainda olhava de seu berço no céu. Mas mesmo eu querendo tanto, eu não conseguia dar o próximo passo. Eu não conseguia me forçar a me mexer, para beijá-lo. Um pouco da hesitação vinha da exaustão, pelo fato que eu deveria estar inconsciente até que o sol se afundasse novamente. Mas o resto era o puro e absoluto medo. Medo de que se eu desse o primeiro passo, beijasse-o, eu estaria oferecendo o meu coração novamente, me arriscando a tê-lo quebrado de novo.

Os instintos guerreavam, porque tão poderoso quanto à vontade de dar um passo para frente, de ter o que queria, de aproveitar ao máximo o beijo mesmo se não fosse à coisa mais inteligente que eu tivesse feito.

Como se ele soubesse a minha luta, ele deslizou uma mão por cima do meu cabelo. — Durma Sentinela. A hora chegará quando você estiver pronta. Até lá, fique bem e durma.

Capítulo 24

À procura da Mulher.

Eu sonhei que era o primeiro dia de aula no colegial e eu era uma estranhamente alta mulher de vinte e oito anos andando por um corredor com um novo caderno e uma caneta na mão. Eu de alguma forma havia me esquecido de me matricular nas aulas, e apesar de eu ter dois diplomas e meio de faculdade, eu também aparentemente havia me esquecido de terminar o segundo ano.

Eu me sentei em uma mesa muito pequena para mim e encarei o quadro-negro cheio de escritas – equações de segundo grau muito complicadas para eu resolver. Quando eu olhei ao redor da sala, todo mundo estava ocupado preenchendo as páginas grampeadas de um teste.

Um por um, os outros estudantes olharam para cima e para mim e começaram a bater seus punhos na mesa.

Toc. Toc. Toc.

Uma garota com um cabelo loiro comprido olhou para mim.

— Abra a porta. — ela disse.

— O quê?

— Eu disse, abra a...

Eu pulei acordada, sentando reta na cama, bem a tempo de ver o Ethan desaparecer do quarto.

Esfreguei as mãos no meu rosto até que eu estava no quarto dele novamente – não uma secundarista indefesa deslocada em um colégio que eu estava velha demais para frequentar.

Escutei a porta dele abrir e fechar. Eu tentei arrumar o que eu estava bem certa de ser um caso severo de cabelo ruim, e então joguei para longe as cobertas e fui andando na ponta dos pés até o outro cômodo.

— O que é?

Ethan segurava um telefone sem fio. — É o Jeff para você. Aparentemente é urgente.

Franzindo as sobrancelhas, eu peguei o telefone dele. — Jeff? O que foi?

— Desculpe te interromper, mas eu consegui cavar mais algumas informações sobre o Paulie Cermak e o seu histórico criminal.

Eu fiz uma careta. — Você sabe que a Celina já foi presa, certo?

— E que um mandado foi emitido para o Sr. Cermak depois da pequena confissão dela ontem à noite. Oh, e eu ouvi que o mandado do Ethan foi rasgado, então parabéns por isso. Mas isso não é o problema.

— Então, o que você descobriu?

— Eu encontrei o relatório policial original, e nele estava listado o nome da vítima. Bem, o sobrenome e a inicial do primeiro, de qualquer forma. Um cara ou uma garota chamado “P. Donaghey”. Também de Chicago...

Balançando a minha cabeça, eu o cortei. — Jeff, eu conheço este nome. — eu apertei meus olhos bem fechados, mas não consegui colocá-lo em lugar nenhum. — Você pode dar um Google nele?

— Oh, claro. — escutei dedo fluindo por cima dos teclados. — Oh, isso é ruim.

— Me conta.

— “P. Donaghey” representa “Porter Donaghey”. Ele era o oponente do Seth Tate na sua primeira corrida à Prefeitura.

Agora eu me lembrei de onde eu havia visto a fotografia do Paulie antes. — Paulie Cermak deu um soco na cara do oponente do Seth Tate.

Os olhos do Ethan cresceram tão grandes quanto discos.

— Espera, tem mais. Eu tenho fotos. Eventos de campanha. O Tate no pódio, e você pode ver o Paulie no fundo.

— Mande as imagens para o Luc. — eu disse para ele. — Do mesmo jeito que você fez antes. — algo mais me ocorreu. — Jeff, naquele arquivo que você encontrou, dizia algo sobre quem representava o Paulie? O advogado que conseguiu trancar o arquivo; quero dizer?

— Hm, deixe-me ver. — ele ficou quieto por um momento, mas por apenas um pequeno assobio nervoso.

— Oh, merda. — ele finalmente disse.

Apenas um advogado fazia sentido. — Era o advogado do Tate, não era?

— Era o do Tate. — Jeff confirmou. — O Cermak deu um soco no oponente

do Tate e o Tate o livrou. Paulie Cermak e o Tate se conheciam.

Com o telefone pressionado ainda no meu ouvido, eu olhei para o Ethan. — Eu não acho que isso é o fim de tudo, Jeff. Se o Paulie está envolvido com as drogas, raves, e a Celina, e o Paulie e o Tate se conhecem, então em quanto o Tate está envolvido com drogas, raves, e a Celina?

— Qual é a teoria? — Ethan silenciosamente balbuciou.

— O Tate está sobpressão para tranquilizar as pessoas de Chicago sobre os vampiros. Ele decide ser proativo ele ajuda a criar o problema; ele ajuda a resolver o problema. Wham, bam, obrigada, senhora, e os seus números de aprovação sobem vinte por cento.

— Oh, eu tenho que contar ao Chuck sobre isso. — Jeff disse.

— Você pode conseguir um mandado de prisão para o Tate?

— Com essa pouca prova? Não. Você não tem nada que prende o Tate, como você disse; drogas, raves ou a Celina. Não é o bastante o Paulie conhecer ele.

— Não é o bastante? O que mais você quer?

— Você é a Sentinela. Encontre algo.

Eu desliguei o telefone e olhei para o Ethan, um pedido de desculpas na minha expressão.

— Eu sabia que não tinha acabado. — ele disse. — Eu sabia do mesmo jeito que você sabia ontem. Eu só queria momentaneamente aproveitar a possibilidade que nós pudéssemos ter algumas horas de paz.

— Nós tivemos algumas horas. — eu apontei com um sorriso. — De outra forma eu não estaria aqui no seu apartamento com uma camiseta e um caso muito sério de cabelo de cama.

— Isso é verdade. O seu cabelo de cama é realmente sério.

— Você é engraçado no crepúsculo, Sullivan.

— E você é adorável. Eu presumo que é hora de você botar para quebrar novamente?

— O meu relatório já está anotado. Melhor mais deméritos no meu relatório do que pressão na Casa. — fiquei na ponta dos pés e apertei os meus lábios na bochecha dele. — Ligue para o Luc e o Malik e deixe-os prontos para as consequências. Eu vou voltar para a casa do Paulie.

— Um momento. — ele disse, e antes que eu pudesse perguntar para ele o porquê, ele estava puxando a minha camiseta para me trazer para mais perto. Ele

me beijou brutalmente, e então se afastou tão abruptamente que eu quase caio para trás.

— O que foi isso? — eu perguntei; minha voz repentinamente rouca.

Ele piscou. — Este foi aquele beijo que você me devia. Agora vá pegar o seu cara, Sentinela.



Vinte minutos depois eu estava vestida, com a katana, e no meu caminho para Garfield Park. Ethan, Luc, e Malik estavam na Sala de Operações, prontos para mandar as tropas, mas esperando salvar a Casa de qualquer envolvimento a mais do que o necessário.

Eles também haviam entrado em conferência com o Jeff no caso de eu precisar de assistência com computadores.

Infelizmente, eu sabia que algo estava errado quando eu estacionei na entrada da garagem do Cermak. A porta da garagem estava aberta e o Mustang não estava lá. A casa estava escura e vazia, até mesmo as cortinas de laço baratas haviam sido retiradas das janelas.

Eu parei meu carro na calçada bem a frente da casa.

— Eu estava tão malditamente perto. — eu xinguei, pegando o meu celular e discando para a equipe.

— Ele se foi. — eu disse para ele logo quando o Luc respondeu. — O Mustang se foi, e a casa está vazia.

Mas então, minha sorte mudou.

— Espera. — eu disse, desligando o carro e me abaixando no assento, meus olhos no retrovisor. O Mustang parou na esquina. Paulie pulou para fora do carro e correu na direção da garagem.

— O que está acontecendo, Sentinela? — Ethan perguntou.

— Ele voltou. Ele está correndo para a garagem. Talvez ele esqueceu de algo.

Claro o suficiente, nem dez segundos mais tarde, Paulie saiu da garagem com..., um volante na mão.

— Ele esqueceu um volante. — eu informei secamente à equipe, me perguntando se o Paulie tinha alguma ideia que ele seria logo derrubado por causa de um acessório para o carro. Ah, bem. Perda dele, meu ganho.

Depois de um momento, ele colocou o Mustang de volta na rua. Eu esperei

até que ele passou por mim, então liguei o carro e fui atrás dele.

— Ele está saindo novamente, e eu estou no encalço dele. — eu disse para eles. — Estou quase a duas quadras para trás, então espero que ele não consiga me ver.

— Que direção?

— Hm, leste no momento. Talvez na direção do Loop?

Eu escutei a voz do Malik. — Talvez ele esteja tentando entregar a Celina?

— Se ele e o Tate são amigos, ele não precisaria entregar ninguém. De qualquer modo, eu te mantereii informado.

Eu desliguei e guardei novamente o telefone, e então me concentrei em seguir o Paulie pela cidade. Ele era o tipo de motorista que mais me irritava: ele tinha um carro bom com um motor sem dúvidas bom, mas ele dirigia como se estivesse prestes a perder a carteira de motorista. Muito devagar. Muito cuidadosamente. Claro, havia um mandado para a prisão dele, então fazia sentido que ele evitasse dar aos policiais qualquer razão para pará-lo.

Demorou vinte minutos para ele chegar ao Loop, mas ele não parou lá. Ele continuou andando para o sul, e foi aí que eu fiquei nervosa novamente.

Eu disquei para a equipe.

— Nos estamos aqui. — Luc disse.

— Mande reforços. — eu disse. — Ele está indo em direção a Creeley Creek.



Eu não me preocupei em entrar em Creeley Creek pelo portão da frente; eu não queria dar muito aviso para o prefeito e o seu aparente amiguinho. Ao invés disso, eu estacionei a algumas quadras para frente, me equipei com a katana, pulei a cerca, e entrei de fininho pelo terreno. Estou certa que deve haver algum tipo de segurança em algum lugar, mas eu não vi nenhuma, então eu me movi ao redor da casa, olhando pelas janelas baixas e horizontais até que eu os vi – Tate atrás de sua mesa enquanto Paulie conversava animadamente do outro lado dela.

Mas eles não estavam sozinhos. Quem estava empoleirado do lado da mesa do Tate?

Celina Desaulniers.

Eu fechei os meus olhos, lamentando a minha ingenuidade. Por que a Celina confessaria atos horríveis na frente de humanos? Porque ela tinha uma relação

com o prefeito que garantia uma saída da cadeia.

Isso deve ter sido parte de seu grande plano. Seduzir o prefeito, se tornar amiga de um distribuidor de drogas, e criar uma droga destinada a lembrar aos vampiros de suas raízes predatórias. Quando a merda atingisse o ventilador, ela podia assumir os créditos por ter dado aos vampiros a melhor época da vida deles, e convidar aos humanos a se juntar à festa. E ela podia fazer tudo isso com impunidade.

Não me surpreenderia descobrir que ela havia usado o glamour no Tate para fazer isso. Ele era um político, claro, mas ele pareceu estar genuinamente preocupado com a cidade. A Celina havia criado este artil todo e conquistado ele com pesquisa eleitoral?

Eu realmente, de verdade; a odiava.

Irritação empurrou de lado o medo, eu me movi para um pátio próximo, cruzando tão sorrateiramente quanto era possível, e tentei a porta. Minha sorte continuou – estava destrancada. Eu andei silenciosamente pelo corredor para o cômodo que eu havia visto eles, e então empurrei o meu caminho para dentro.

Todos eles olharam para a porta.

Paulie foi o primeiro a se mover. Ele se afastou alguns metros, se movendo para perto do canto do cômodo – e para mais longe da vampira brava.

Eu dei um passo para dentro e fechei a porta atrás de mim. — Isso parece uma reunião acolhedora.

Tate sorriu preguiçosamente. — Estes jovens vampiros não têm maneiras hoje em dia. Você nem esperou por um convite não é?

A alegria falsa me preocupou – e fez eu me perguntar se ele ainda estava sob a influência do glamour da Celina. Eu abri a proteção da minha espada, a desembainhei, e me movi para mais perto. Não adiantava fingir que nós estávamos aqui para nos divertir.

Eu apontei a katana para a Celina. — Você armou para nós.

Celina cutucou uma unha. — Eu fiz a coisa certa, como a GP deixou bem claro para você várias vezes. Por que você está aqui? — ela deu de ombros, como se estivesse irritada.

Eu estreitei meus olhos para ela por causa do humor leve. — Levante sua cabeça Celina, e olhe para mim.

Notavelmente, ela fez o que eu pedi. Eu podia finalmente ver os olhos dela – que estavam arregalados; suas íris quase completamente prateadas. Ela não estava

comandando o show – ela havia sido drogada.

Eu havia errado. De novo.

Eu olhei para o Tate. — Você está controlando-a com V?

— Só parcialmente. Eu presumi que você viria quando você descobriu a conexão entre o Sr. Cermak e eu. Quando o relatório da polícia foi acessado, eu recebi um alerta. No meio tempo, eu pensei que nós podíamos aumentar o drama um pouco. Eu entendo que a Srta. Desaulniers era uma grande guerreira; eu decidi testar os efeitos do V em uma mulher que já era de conhecimento ser habilidosa. Ele a torna uma melhor lutadora? Pior? Como uma antiga pesquisadora, você deve apreciar a minha abordagem.

— Você é louco.

Tate franziu as sobrancelhas. — Nem mesmo um pouco, infelizmente.

Celina saiu do canto da mesa e andou ao lado de sua extensão, trilhando a ponta do dedo pela mesa. Eu mantive a minha espada mirada nela, e um olho no Tate.

— Você disse que você estava somente controlando-a parcialmente com V. De que jeito mais você está controlando-a?

Ele somente sentou lá e sorriu para mim – e naquele momento eu senti um formigar que indicava magia no ar. Mas não era só o negócio levemente irritante que a Mallory e o Catcher atiravam. Isso era mais pesado - oleoso, quase, do jeito que estava enchendo o cômodo.

Eu engoli uma explosão de medo, mas resolvi outro pequeno pedaço do quebra-cabeça. — Você adicionou uma amarração mágica ao V.

— Muito bom. Eu me perguntei se você e os seus iriam descobrir isso. Chame de assinatura, de algum tipo.

— O que você é? — perguntei, apesar de eu saber parte da resposta: ele não era humano. Eu não sei por que eu nunca fui capaz de sentir isso antes, mas agora eu sabia que era verdade. A magia pesada que ele estava atirando não era nada como a de Mallory ou do Catcher.

Fazendo uma careta, ele sentou para frente e entrelaçou suas mãos na mesa. — Correndo o risco de soar incrivelmente egoísta, eu sou a melhor coisa que aconteceu a esta cidade em um longo tempo.

Não havia fim para o ego deste cara? — Sério? Ao criar o caos? Ao drogar os vampiros e colocar os humanos em risco? — apontei para a Celina. — Ao libertar um criminoso?

Tate sentou-se novamente e revirou seus olhos. — Não seja melodramática. E você deve lembrar que a Celina assumiu a culpa pelas drogas. Muito arrumado o jeito que tudo terminou. O mínimo que eu podia fazer era recompensá-la um pouco – aqui na privacidade da minha casa, de qualquer modo.

Eu acho que ele estava por dentro do plano de fingir um encontro na Street Fest – e fazer uma confissão. Ela confessou porque ela sabia que o Tate a deixaria escapar; a confissão serviu para o Tate “resolver” o problema do V. Eu olhei para ela. Ela parecia estar completamente ignorante sobre o fato que o Tate estava falando sobre ela. Ela havia parado de se mover ao lado da mesa do Tate e começou a batucar os seus dedos nervosamente pelo topo da mesa. Parecia que o V estava começando a entrar em ação, dando a ela um dope irritado.

— Francamente, Merit, eu estou surpreso que você não aprecia a tremenda benção que o V oferece aos vampiros.

— Faz você se sentir como um vampiro. — Celina entoou.

— Ela tem um ponto. — Tate disse, atraindo o meu olhar de volta para ele. — O V diminuiu as inibições. Você pode me chamar de insensível, mas eu acredito que o V iria ajudar a eliminar a porção menos agradável da população de vampiros. Aqueles dispostos a usar o V merecem ser encarcerados.

— Então agora você está prendendo vampiros?

— Não é prisão. É um bom planejamento urbano. É uma autosseleção para controle da população. Eu entendo que você não é suscetível ao glamour. Isso não te torna diferente? Melhor? Você não tem as mesmas fraquezas. Você é mais forte, com melhor controle.

Eu balancei a katana na direção da Celina. — Faça o seu ponto, Tate.

— Você sabe que tipo de equipe nós poderíamos formar? Você é a garota propaganda para os vampiros bons. Você salva os humanos, mesmo quando o GP está tentando te derrubar, te punir pelos seus feitos. Eles te amam por isso. Você ajuda a manter a cidade equilibrada. E é isso que nós precisamos, se há alguma esperança para vampiros e humanos conviverem juntos.

— Não há maneira no inferno que eu trabalharia contigo. Você acha que vai escapar disso? Depois de armar para os vampiros e contribuiu para as mortes – e colocar em perigo – os humanos?

Seu olhar se tornou frio. — Não seja ingênua.

— Não. — eu disse. — Não justifique os seus mal feitos com algum tipo de banal de falsidade “isso é o modo como o mundo funciona”. Não é dessa maneira que o mundo funciona, e o meu avô é prova disso. Você é egoísta e completamente

louco.

Os dedos de Celina que batucavam aumentaram o ritmo, mas qualquer que fosse o controle mágico que o Tate tinha nela era efetivo. Ela não iria agir sem a permissão dele. — Posso matá-la agora, por favor?

Tate ergueu uma mão para silenciá-la. — Espere sua vez, querida. E quanto ao seu pai? — ele perguntou para mim. — Ele não é louco, é?

Eu balancei minha cabeça, confusa pela declaração falaciosa. — Isso não é sobre o meu pai.

Seus olhos se arregalaram surpresos, Tate soltou uma desconsolada gargalhada estridente do fundo de sua barriga. — Não é sobre o seu pai? Merit, tudo na sua vida desde que você se tornou vampira foi sobre o seu pai.

— O que isso quer dizer?

Ele me deu um olhar melhor guardado para uma criança ingênua. — Por que você acha que você, de todas as pessoas em Chicago, foi feita vampira?

— Não por causa do meu pai. Celina tentou me matar. Ethan salvou a minha vida. — mas mesmo enquanto eu falava as palavras em voz alta, o meu estômago se tornou um nó de medo. Confusa, eu deixei a espada cair ao meu lado.

— Sim, você me disse isso antes. Repetir as mentiras não as torna verdadeiras, Merit. Uma horrível coincidência, não é; que o Ethan, estivesse no campus na mesma hora que você estava?

— Foi uma coincidência.

Tate estalou a língua. — Você é mais inteligente do que isso. Quer dizer, de verdade quais são as chances? Você não acha que seria benéfico para o seu pai ter um vampiro no seu bolso – a sua filha – quando as revoltas terminassem? Quando os humanos se tornassem acostumados com o conceito dos seres com presas vivendo entre eles?

Tate sorriu apertadamente. E então as palavras deslizaram da sua boca como veneno.

— E se eu te dissesse, Merit, que o Ethan e o seu pai possuem um certo, como devemos dizer, acordo de negócios?

O sangue rugiu nos meus ouvidos, as minhas juntas ficando brancas ao redor da katana. — Cala a boca.

— Oh, vamos querida. Se o gato está fora da bolsa, você não quer os detalhes? Você não quer saber o quanto seu pai pagou para ele? Quanto o Ethan, o parceiro no crime do seu pai, pegou do seu pai para tornar você imortal?

Minha visão escureceu; as lembranças me dominando: o fato do Ethan e do Malik estarem no terreno da Universidade no momento exato que eu havia sido atacada. O fato de o Ethan já conhecer o meu pai antes de nós o encontrarmos juntos. O fato de o Ethan ter me dado drogas para facilitar a transição biológica para vampira.

Eu pensei que ele havia me drogado porque ele se sentia culpado que eu não havia sido capaz de consentir à Mudança.

Ele na verdade se sentia culpado porque ele havia me transformado por causa da licitação do meu pai.

Não. Isso não podia estar certo.

Como eu o imaginei sendo, Ethan explodiu de repente pelo cômodo, fúria em seus olhos. Ele havia vindo me dar um reforço.

Tate ainda estava no cômodo, mas ele poderia ter desaparecido da vista. O meu olhar caiu sobre o Ethan, o medo poderoso, que cega, ensurdecedor como sangue rugia através das minhas veias.

Ethan se moveu para mim, e verificou os meus olhos, mas eu ainda não podia encontrar as palavras para fazer a pergunta.

— Você está bem? — ele perguntou. — Seus olhos estão prateados. — ele olhou de volta para o Tate, provavelmente suspeitando por que a minha fome havia sido disparada. — O que você fez com ela?

Eu agarrei o cabo da minha espada com mais força, o cordão penetrando da palma da minha mão, e eu me forcei a dizer as palavras.

— Tate disse que você se encontrou com o meu pai. Que ele te pagou para me transformar em um vampiro.

Eu queria que ele me dissesse que era uma mentira, mais falsidades atiradas por um político desesperado.

Mas as palavras que ele disse quebraram o meu coração em um milhão de pedaços.

— Merit, eu posso explicar.

Lágrimas começaram a deslizar pelas minhas bochechas enquanto eu gritava a minha dor. — Eu confiei em você.

Ele gaguejou. — Não foi assim que...

Mas antes que ele pudesse terminar a sua desculpa, seus olhos relampejaram para o lado.

Celina estava se movendo novamente, uma estaca afiada na mão. — Eu preciso me mover. — ela disse melancolicamente. — Eu preciso terminar isso *agora*.

— Abaixese Celina. — Tate avisou. — Esta luta não é ainda sua.

Mas ela não seria dissuadida. — Ela estragou o suficiente para mim. — Celina disse. — Ela não vai estragar isso. — antes que eu pudesse rebater o argumento, ela levantou o braço para trás e a estaca estava no ar – e indo na minha direção.

Sem pausar, e com a velocidade de um vampiro de centenas de anos, Ethan se jogou para frente, o seu torso na frente do meu, bloqueando a estaca de atingir o meu corpo.

Ele recebeu o golpe em cheio, a estaca explodindo pelo peito dele.

E pelo coração dele.

Por um momento, o tempo parou, e Ethan olhou de volta para mim, seus olhos verdes apertados de dor. E então ele havia ido, a estaca caindo no chão na minha frente. Ethan foi substituído por – se transformou em – nada mais do que uma pilha de cinzas no chão.

Eu não tive tempo para parar ou pensar.

Celina, agora sentindo totalmente os efeitos do **V**, estava se movendo novamente, uma segunda estaca na mão. Eu peguei a estaca que ela havia jogado, e rezando para acertar a mira, eu a joguei.

Minha mira foi certa.

Acertou o coração dela, e antes que um longo segundo se passasse, ela havia ido, também. Da mesma forma que o Ethan havia caído, não havia nada restante dela a não ser uma pilha de cinzas no carpete. O meu instinto de preservação foi substituído pelo choque, eu olhei para baixo.

Dois arrumados cones de cinza estavam no carpete.

Tudo o que restava deles.

Ela estava morta.

Ele estava morto.

O reconhecimento me atingiu. Mesmo enquanto os outros corriam para o cômodo, eu cobri a minha boca para segurar o grito e caí de joelhos, a força havia ido embora.

Porque ele havia ido.

Malik, Catcher, o meu avô, e dois outros oficiais uniformizados adentraram no cômodo. Luc deve ter os chamado. Eu olhei para o Tate, ainda atrás de sua mesa, uma pitada de magia no ar, mas nenhum outro sinal de que ele estava minimamente preocupado com o que tinha acontecido em sua casa.

Não havia maneira de eu deixar isso passar sem punição. — Tate estava distribuindo V. — eu disse; ainda no chão. — Ele drogou Celina, deixou-a sair da cadeia. Ela se foi. — olhei para baixo para as cinzas novamente. — Ela matou o Ethan, ele pulou na minha frente. E então eu a matei.

O cômodo ficou em silêncio.

— A Merit está de luto. — Tate disse. — Ela está confundindo os fatos. — apontou para o Paulie, que estava agora correndo na direção de uma janela do outro lado do escritório. — Como eu acredito que vocês já saibam, aquele homem era o responsável por distribuir o V. Ele acabou de confessar ter feito isso.

Paulie falou atabalhoadamente enquanto os oficiais o puxavam de volta da janela. — Seu filho da puta. Você acha que pode escapar disso? Você acha que pode me usar assim? — ele se soltou dos policiais, que haviam acabado de jogá-lo no chão antes que ele pulasse no Tate.

— Isso é culpa *dele*. — Paulie disse, com o peito no chão, erguendo sua cabeça só o suficiente para olhar para o Tate. — Tudo isso foi ele que fez. Ele arrumou a coisa toda; encontrou uma propriedade abandonada na cidade para o depósito, encontrou alguém para misturar os químicos, e montou a rede de distribuição.

Tate suspirou abatido. — Não envergonhe a si mesmo, Sr. Cermak. — ele olhou para o meu avô, simpatia em sua expressão. — Ele deve estar experimentando os seus próprios produtos.

— Você acha que eu sou burro? — Cermak perguntou, com olhos selvagens. — Eu tenho fitas, seu cuzão. Eu gravei cada conversa que nós já tivemos porque eu sabia, eu simplesmente *sabia*, que se acontecesse o pior, você me jogaria para os lobos.

Tate empalideceu, e todos no cômodo congelaram, sem ter certeza do que fazer.

— Você tem fitas, Sr. Cermak? — o meu avô disse.

— Dezenas. — ele disse presunçosamente. — Tudo em um cofre. A chave está ao redor do meu pescoço.

Um dos oficiais pescou dentro da camisa do Cermak, e então puxou uma pequena chave simples de uma corrente. — Encontrei. — ele disse, segurando-a erguida.

E lá estava a prova que nós precisávamos.

Todos os olhos se viraram para o Tate. Ele ajustou o seu colarinho. — Eu tenho certeza que nós podemos esclarecer isso.

O meu avô assentiu para Catcher, e eles deram um passo na direção do Tate. — Por que nós não discutimos isso lá no centro?

Mais quatro oficiais apareceram na porta do escritório. Tate os observou e acenou para o meu avô.

— Por que nós não vamos? — ele disse educadamente, com os olhos para frente enquanto ele andava para sair do cômodo, um feiticeiro, um Ombudsman, e quatro oficiais da DPC atrás dele.

Os dois primeiros oficiais guiaram Paulie para longe.

O silêncio caiu.



Provavelmente apenas minutos haviam se passado desde o lançamento da estaca. Mas os minutos pareciam horas, que pareciam dias. O tempo se tornou um borrão que se movia ao meu redor, enquanto eu – finalmente – fiquei parada.

Eu fiquei de joelhos no carpete viçoso, com as mãos soltas no meu colo, completamente indefesa perante os restos dos dois vampiros. Eu estava vagamente consciente do pesar e ódio que rolava em ondas alternadas embaixo da minha pele, mas nada podia penetrar aquela grossa camada de choque que havia me mantido de pé.

— Merit. — a voz era mais forte. Mais dura. As palavras, a base, o som sem esperança das palavras do Malik, atraiu os meus olhos. Os olhos dele estavam vidrados, cobertos com uma óbvia camada de pesar, de desesperança.

— Ele se foi. — eu disse inconsolável. — Ele se foi.

Malik me abraçou enquanto as cinzas do meu inimigo e do meu amante eram colocadas em urnas negras, enquanto elas eram seladas e cuidadosamente escoltadas para fora do escritório do Tate.

Ele me abraçou até que o cômodo estava vazio novamente.

— Merit. Nós precisamos ir. Não há mais nada que você possa fazer aqui.

Levei um momento para perceber por que ele estava aqui. Por que o Malik estava no chão ao meu lado, esperando para me levar para casa.

Ele era o Segundo no Comando do Ethan.

Mas ele não era Segundo mais.

Porque o Ethan havia morrido.

Pesar e raiva se sobrepuseram ao choque. Eu teria atingido o chão se o Malik não tivesse colocado os seus braços ao meu redor, me segurando de pé.

— *Ethan.*

Eu lutei, lágrimas começaram a descer pelo meu rosto, e empurrei todos para tentar fugir.

— Me solta! Me solta! Me solta! — eu resmunguei, chorei, fiz sons mais adequados para um predador do que uma garota, e soltei golpes contra ele, pele queimando enquanto as mãos dele seguravam os meus braços. — Me solta!

— Merit, pare. Fique parada. — ele disse; este novo Mestre, mas tudo o que eu podia ouvir era a voz do Ethan.

Capítulo 25

SEGUINDO EM FRENTE.

Naquela noite nós lamentamos publicamente: oito tambores *taiko* enormes alinhados na calçada do lado de fora da Casa, os seus tocadores tocando uma percussão fúnebre enquanto as cinzas do Ethan eram levadas para a Casa.

Eu vi a progressão da sala de estar. Por respeito, e para assegurar a progressão do Ethan para o pós-vida, Scott e Morgan seguiram primeiro, Malik atrás deles, um novo Mestre empenhado em seu primeiro ato oficial – transportar os restos de seu predecessor para um jazigo seguro no porão de Cadogan.

Quando as urnas eram colocadas dentro e o jazigo era fechado e trancado novamente, o ritmo dos tambores mudou de um ritmo rápido e nervoso, para um ritmo lento e pesaroso, cobrindo o leque de emoções que eu havia passado enquanto a noite acabava.

O pesar era pesado e exaustivo, mas era igualmente equiparado com a raiva e o medo. Mesmo eu lamentando a perda do Ethan, eu estava com medo que ele havia se mancomunado com o meu pai, me vendido para uma vida de vampirismo para facilitar alguma preocupação financeira.

Eu queria brigar com ele. Gritar com ele. Chorar e berrar e bater os meus punhos contra o peito dele e exigir que ele se exonerasse, voltasse atrás, provasse sua inocência para mim.

Eu não podia fazer isso, porque ele se foi.

Vida e pesar - continuava sem ele.

A Casa estava envolta em longos lençóis de seda negra como uma escultura de Cristo. Destacava-se em Hyde Park como um monumento a lamentação, ao Ethan, a perda.

Nós também lamentamos particularmente, em uma cerimônia só para os membros da Casa às margens do Rio Michigan.

Havia círculos de pedras ao longo da trilha ao lado do lago. Nós nos juntamos em uma delas, todo vestindo preto de luto.

Lindsey e eu estávamos uma ao lado da outra, de mãos dadas enquanto nós encarávamos à água cristalina. Luc estava no outro lado dela, seus dedos e os dela entrelaçados, pesar quebrando as paredes que a Lindsey havia construído entre eles.

Um homem que eu não conhecia falou das alegrias da imortalidade e a longa vida que o Ethan havia sido afortunado o bastante para viver. Apesar de sua extensão, a vida nunca parecia ser longa o bastante. Especialmente quando o final era escolhido – perpetrado – por outra pessoa.

Malik, vestindo um manto de pesar, carregou um amaranto vermelho-sangue para a margem do lago. Ele deixou as flores caírem na água, então olhou de volta para nós. — Milton nos diz em *Paraíso Perdido* que o amaranto floresceu perto da árvore da vida. Mas quando o homem cometeu o seu erro mortal, foi levado para o céu, onde ele continuou a crescer pela eternidade. Ethan comandou esta Casa sabiamente, e com amor. Nós podemos apenas esperar que o Ethan viva agora onde o amaranto floresça eternamente.

Com as palavras faladas, ele retornou para a sua esposa, que prendeu a mãos dele nas dela.

Lindsey soluçou, largando a minha mão e se dirigindo para o abraço de Luc. Seus olhos fecharam de alívio, e ele colocou os braços ao redor dela.

Eu fiquei de pé sozinha, contente com a afeição deles. Amor florescia como o amaranto, eu pensei, encontrar um novo lugar para semear mesmo que os outros o tenham arrancado.

Uma semana passou e a Casa e seus vampiros ainda lamentavam. Mas mesmo no lamento, a vida continuava.

Malik assumiu a residência do escritório de Ethan. Ele não mudou a decoração, mas ele tomou posto atrás da mesa de Ethan. Eu escutei rumores nos corredores sobre a escolha, mas eu via com maus olhos ele no escritório.

Até porque, a Casa era um negócio que ele precisava comandar, pelo menos até que o receptor chegasse.

Luc foi promovido de Capitão da Guarda para Segundo no Comando. Ele parecia mais adequado para a proteção e segurança do que um oficial executivo ou um suposto vice-presidente, mas ele lidava com a promoção com dignidade.

O vice-prefeito de Tate assumiu a cidade no lugar do playboy caído, que estava enfrentando uma acusação pelo seu envolvimento com drogas, raves e Celina.

A Casa Navarre lamentou a perda dela. A morte de Celina, como uma ex Mestre e homônima da Casa, foi tratada com similar pompa e circunstância.

Eu não recebi nenhuma censura específica do GP por ser o instrumento no falecimento dela, mas eu presumo que o receptor teria opiniões sobre isso, também.

O drama aparentemente não tinha fim.

Através de tudo isso, eu fiquei no meu quarto. A Casa estava virtualmente silenciosa; eu não havia escutado uma risada há uma semana. Nós éramos uma família sem um pai. Malik era sem dúvida competente e capaz, mas Ethan, como Mestre havia transformado a maioria de nós. Nós éramos biologicamente ligados a ele.

Ligado a ele.

Exaustos por ele.

Eu passei as minhas noites fazendo pouco mais do que boiar em um mar de emoções conflituosas. Sem apetite por sangue ou amizade, sem apetite para políticas e estratégia, sem interesse em nada que acontecia na Casa além das minhas próprias emoções e as memórias que as prendiam.

Meus dias eram até piores.

Quando o sol nascia, minha mente doía para se esquecer, e meu corpo doía para descansar. Mas eu não podia parar os pensamentos que circulava, várias vezes, na minha mente. Eu não podia parar de pensar nele. E porque eu lamentava, porque eu estava pesarosa, eu não queria pensar. Eventos e momento repassavam na minha mente – da primeira vez que eu o vi no primeiro andar da Casa Cadogan até a primeira vez que ele me derrotou em uma luta; das expressões em seu rosto quando eu havia tomado sangue dele até a fúria em sua expressão quando ele quase lutou com um Metamorfo para me proteger do dano presumido.

Os momentos se repassavam como uma película de filme. Uma película de filme que eu não podia, mesmo estando exausta, desligar.

Eu não podia enfrentar o Malik. Eu não sei o que ele sabia antes de seguir o Ethan para o campus naquela noite, mas eu não podia imaginar que ele não se perguntava a respeito da estranheza da tarefa – ou sua origem. Eu não iria negar que ele tinha o direito de reger a Casa como ele achava melhor, mas eu não estava pronta para fazer declarações de sua autoridade sobre mim. Não sem mais informações. Não sem alguma garantia que ele não tinha sido parte da equipe que me vendeu para o maior lance. A minha raiva havia se tornado um conforto, porque pelo menos não era pesar.

Por sete noites, Mallory dormiu no chão do meu quarto, relutante a deixar o

meu lado. Eu mal era capaz de reconhecer a sua existência, muito menos qualquer outra coisa. Mas na oitava noite, ela aparentemente havia se cansado.

Quando o sol deslizou abaixo do horizonte, ela ligou as luzes e arrancou a coberta para fora da cama.

Eu sentei, piscando e enxergando pontos pretos. — Que inferno?

— Você teve sua semana de ficar sem fazer nada. É hora de você voltar para a sua vida.

Eu deitei de novo e encarei a parede. — Eu não estou pronta.

A cama afundou ao meu lado, e ela colocou uma mão no meu ombro. — Você está pronta. Você está de luto e você está brava, mas você está pronta. Lindsey disse que a Casa está sob a guarda de outra pessoa desde que o Luc assumiu como Segundo no Comando. Você deveria estar lá embaixo ajudando.

— Eu não estou pronta. — eu protestei, ignorando a lógica dela. — E eu não estou brava.

Ela fez um som de incredulidade. — Você não está? Você deveria. Você deveria estar puta agora. Puta que o Ethan estava mancomunado com o seu pai.

— Você não sabe disso. — eu disse as palavras por costume. Nesse momento, eu estava muito amortecida e exausta com o luto para ficar brava o bastante para me importar.

— E você sabe? Você era humana, Merit. E você desistiu dessa vida pelo quê? Para que algum vampiro pudesse colocar um pouquinho mais de dinheiro em seus cofres?

Eu olhei para cima enquanto ela pulava da cama, segurando seus braços levantados. — Parece que ele estava com falta de dinheiro?

— Pará.

— Não. Você tem que parar de ficar em luto por um cara que tirou a sua humanidade. Que trabalhou com o seu pai – o seu *pai*, Merit – para matar você e te transformar na imagem dele.

Raiva começou a coçar embaixo da minha pele, esquentando o meu corpo de dentro para fora. Eu sabia o que ela estava fazendo – tentando me trazer de volta a vida – mas isso não me fazia ficar nem um pouco mais feliz sobre isso.

— Ele não fez isso.

— Se você acreditasse nisso, você estaria lá fora, não aqui nesse quarto mofado, presa em algum tipo de estase. Se você acreditasse que ele fosse inocente,

você estaria de luto como qualquer pessoa normal como o resto de seus colegas de Casa ao invés de aqui com medo da possível verdade – que o seu pai pagou o Ethan para te transformar em um vampiro.

Eu congelei. — Eu não quero saber. Eu não quero saber por que pode ser verdade.

— Eu sei querida. Mas você não pode viver assim para sempre. Isso não é vida. E Ethan ficaria puto se ele soubesse que você está gastando sua vida neste quarto, com medo de algo que você nem tem certeza que ele tenha feito.

Eu suspirei e cutuquei a marca de pintura na parede. — Então o que eu faço?

Mallory sentou ao meu lado novamente. — Você encontra o seu pai, e você pergunta para ele.

As lágrimas começaram mais uma vez. — E se for verdade?

Ela deu de ombros. — Então pelo menos você sabe.



Mal havia escurecido; então eu liguei antes para garantir que o meu pai estaria em casa antes de eu sair..., e então eu dirigi como um morcego para chegar lá.

Eu não me preocupei em bater, mas irrompi pela porta da frente com o mesmo nível de energia que eu havia aplicado na minha semana de negação. Eu até cheguei antes do Pennebaker, o mordomo do meu pai, ao deslizar para a porta do escritório do meu pai.

— Ele está ocupado. — Pennebaker disse, olhando para baixo de sua altura esquelética quando eu coloquei uma mão na porta.

Eu olhei para ele. — Ele me verá. — eu o assegurei, e empurrei a porta para abri-la.

Minha mãe estava sentada em uma poltrona de couro, o meu pai estava sentado atrás de sua mesa. Ambos se levantaram quando eu entrei.

— Merit, querida, está tudo bem?

— Estou bem, mãe. Dê-nos um minuto.

Ela olhou para o meu pai, e depois de um momento de análise da minha raiva, ele assentiu. — Por que você não nos serve um pouco de chá, Meredith?

Minha mãe assentiu, e pressionou um beijo na minha bochecha. — Nós

sentimos muito sobre o Ethan; querida.

Eu ofereci tanta gratidão quanto eu pude. Nesse ponto, não era muito.

Quando a porta se fechou, meu pai olhou para mim. — Você conseguiu que o prefeito fosse preso.

Sua voz era petulante. Ele estava apoiando o Tate havia anos; agora ele tinha que construir um relacionamento com o novo prefeito. Eu imagino que ele não estava muito feliz com isso.

Eu me aproximei da mesa dele. — O prefeito conseguiu ser preso sozinho. — eu clarifiquei. — Eu só o peguei no flagra.

Meu pai suspirou; claramente não tranquilizado pela explicação.

— De qualquer forma. — eu disse. — Não é por isso que eu estou aqui.

Eu engoli um caroço de medo, finalmente erguendo meu olhar para ele. — Tate me contou que você ofereceu dinheiro ao Ethan para me transformar em um vampiro. Que o Ethan aceitou, e foi por isso que eu fui transformada.

Meu pai congelou. Medo passou por mim, e eu tive que segurar as costas da cadeira na minha frente para ficar de pé.

— Então você fez isso? — eu perguntei roucamente. — Você o pagou para me transformar em um vampiro?

Meu pai molhou seus lábios. — Eu ofereci dinheiro a ele.

Eu me retorci, caindo de joelhos enquanto o pesar tomava conta de mim.

Meu pai não fez movimento para me confortar, mas ele continuou. — Ethan disse não. Que ele não iria fazer.

Eu fechei meus olhos, lágrimas de alívio deslizando pelas minhas bochechas, e eu fiz uma oração silenciosa.

— Você e eu não nos entendemos. — meu pai disse. — Eu nem sempre fiz as melhores decisões no que diz respeito a você. Eu não estou me desculpando por isso – eu tinha grandes expectativas para você e para o seu irmão e irmãs... — ele limpou a garganta.

— Quando a sua irmã morreu, eu fui atingido, Merit. Morto pelo pesar. Tudo o que eu fiz para você, eu não fui capaz de fazer por ela. — ele levantou o olhar, seus olhos tão parecidos com os meus. — Eu não fui capaz de salvar a Caroline. Então eu coloquei o nome dela em você, e eu tentei te salvar.

Eu entendia o pesar de primeira mão, mas não a vontade dele de se fazer de Deus. — Ao me transformar em um vampiro sem o meu consentimento? Pagando

alguém para me atacar?

— Eu nunca fiz um pagamento. — ele clarificou, como se a intenção por si só não fosse o bastante. — E eu estava tentando te dar à imortalidade.

— Você estava tentando forçar a imortalidade para cima de mim. Você disse que não pagou ninguém, mas foi o vampiro da Celina que me atacou. Por que eu?

Ele desviou o olhar.

E então eu percebi. — Quando o Ethan disse não, você falou com a Celina. Você ofereceu para pagar a Celina para me tornar um vampiro. — ela deve ter contado ao Ethan sobre a oferta, que foi porque ele sabia que eu estava na Universidade de Chicago.

Ethan estava mantendo um olho em mim. Ele havia salvado a minha vida..., duas vezes. O pesar perfurou o meu coração de novo.

O meu pai olhou para mim. — Eu não paguei a Celina. Apesar de que eu soube que depois que ela descobriu sobre a minha oferta para o Ethan. Ela estava..., descontente que eu não havia feito a mesma oferta para ela.

Meu sangue ficou gelado. — Celina mandou o vampiro me matar, e ela planejou a morte de outras garotas que pareciam comigo.

O quebra-cabeça foi montado. Celina havia sido rejeitada por um humano, e ela havia descontado a sua vergonha na filha dele – e naqueles que pareciam com ela. Eu balancei minha cabeça pesarosamente. Por causa da arrogância de um homem, tantas vidas foram arruinadas.

— Eu fiz a coisa certa pela minha família. — meu pai disse como se estivesse lendo os meus pensamentos.

Eu não tinha certeza se eu devia estar brava com ele, ou ter pena dele, se era isso que ele acreditava ser amor. — Eu posso apreciar amor incondicional. O amor que é baseado na parceria, não no controle. Isso não é amor.

Eu virei os calcanhares e andei em direção à porta.

— Nós não terminamos. — ele disse, mas sua voz estava fraca, e não havia muita vontade por detrás dela.

Eu olhei de volta para ele. — Por hoje, nós definitivamente terminamos.

O tempo diria se havia outro perdão a ser dado.



O sol estava brilhando, então eu sabia que era um sonho. Eu estava deitada

na grama grossa e fresca com uma blusinha e jeans, um céu acima azul cristalino, o sol quente e dourado acima de mim. Eu fechei meus olhos, me estiquei, e me delicieei com o calor do sol sobre o meu corpo há muito negado. Fazia meses sem luz do sol, e a sensação dele ensopando através da minha pele, aquecendo os meus ossos, era tão boa quanto qualquer orgasmo lânguido.

— É assim tão bom? — perguntou uma voz ao meu lado, rindo.

Eu virei minha cabeça para o lado, encontrando olhos verdes sorrindo de volta para mim.

— Olá, Sentinela.

Mesmo no sonho, meus olhos lacrimejaram ao vê-lo. — Olá, Sullivan.

Ethan estava meio sentado, com sua cabeça apoiada no cotovelo. Ele estava usando o seu traje habitual, e eu levei um momento para apreciar a vista da linha longa e esbelta de seu corpo ao meu lado. Quando eu finalmente fiz o meu caminho até o seu rosto, eu sorri para ele.

— Isso é um sonho? — eu perguntei.

— Como nós ainda não fomos queimados até as cinzas, eu diria que sim.

Eu tirei uma mecha de cabelo loiro de seu rosto. — A Casa está solitária sem você.

Seu sorriu vacilou. — Está?

— A Casa está vazia sem você.

— Humm. — ele assentiu, deitando sua cabeça de volta na grama, uma mão embaixo dela, e encarou o céu. — Mas você, claro, não sente nenhuma falta de mim?

— Não especialmente. — eu silenciosamente respondi, mas deixei-o pegar a minha mão com a dele, entrelaçando nossos dedos juntos.

— Bem, eu acredito, se eu estivesse vivo, eu ficaria magoado com isso.

— Eu acredito, que se você estivesse vivo, você sobreviveria Sullivan.

Ele riu, e eu sorri com o som de sua risada. Eu fechei meus olhos novamente enquanto nós deitávamos na grama, mãos unidas entre nós, o sol acima de nós, assando no calor da tarde.

Meus olhos ainda estavam fechados quando ele gritou o meu nome.

— *Merit!*

Eu acordei sem fôlego, o trovão crescendo enquanto a chuva acertava a

janela. Eu pulei para fora da cama e liguei a luz, certa de que a voz que eu escutei, a voz dele, havia vindo de dentro do quarto.

Pareceu tão real. Ele pareceu ser tão real.

Mas o meu quarto estava vazio.

O anoitecer havia caído novamente, e ele tinha sumido. Eu cai de volta na minha cama, meu coração pulsando contra o meu peito, e encarei o teto, o corpo doendo com a lembrança da perda.

Mas mesmo a dor da lembrança era melhor do que um vácuo vazio de pesar. Ele se foi. Mas eu sabia que ele havia sido o homem que eu vim a acreditar. Eu tinha as memórias dele, e se os sonhos eram a única maneira que eu podia me lembrar dele, então que seja.

Depois de lavar o meu rosto e prender meu cabelo em um rabo de cavalo, eu coloquei as roupas limpas e segui escada abaixo. A Casa estava silenciosa, como estive pelas últimas duas semanas. O humor era sombrio, os vampiros ainda de luto pela perda de seu capitão.

Pela primeira vez em duas semanas, eu andei pela Casa com uma vampira guerreira, não um zumbi. Eu andei com um propósito, meu coração ainda alugado pelo luto, mas pelo menos agora a emoção era limpa, sem as adições confusas de raiva e ódio.

A porta do escritório estava fechada.

Era o escritório do Malik agora.

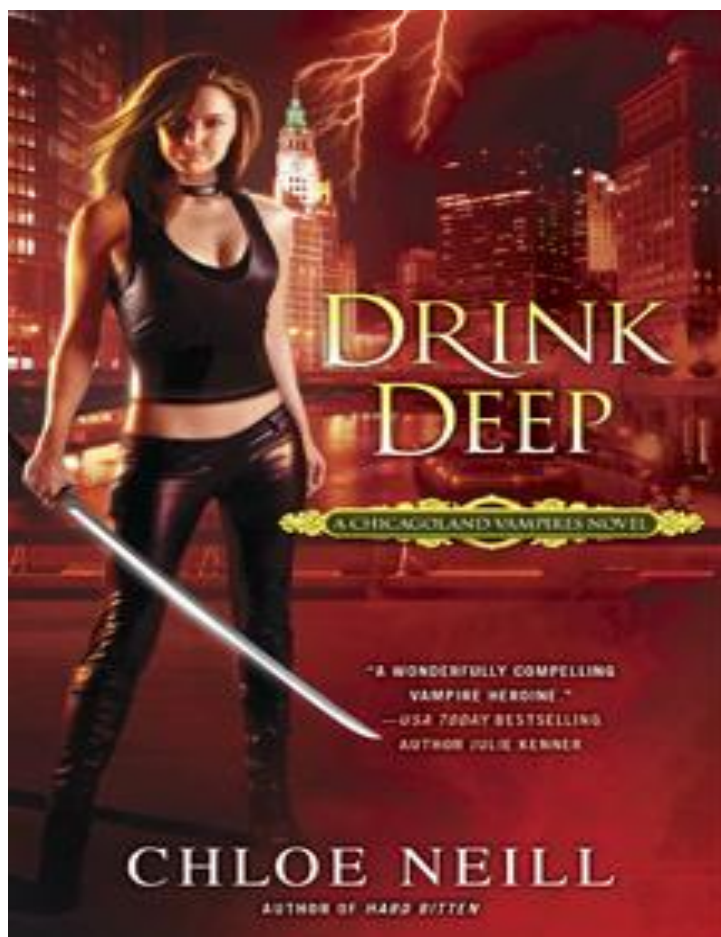
Pela primeira vez, eu ergui minha mão e bati.

Era hora de voltar para o trabalho.

+ FIM

A SÉRIE CHICAGOLAND VAMPIRES CONTINUA EM:

DRINK DEEP



Lançamento 01/novembro/2011

Nuvens estão se acumulando sobre a Casa Cadogan, e a recém-transformada vampira Merit não pode dizer se é a escuridão antes do amanhecer ou a calma antes da tempestade. Com a própria cidade em tumulto paranormal e o estado ameaçando passar uma ação de registro de paranormais, os tempos não têm sido tão precários para os vampiros desde que saíram do armário. Se apenas pudessem se esconder um pouco, e deixar os mortais se acalmar.

Foi quando as águas do Lago Michigan de repente se tornaram negras, as coisas realmente começaram a ficar feias. O Prefeito de Chicago insiste que não há nada com o que se preocupar, mas Merit sabe que apenas a mais negra magia poderia tecer um feitiço poderoso o bastante para mudar a grande estrutura da natureza. Ela terá que recorrer a velhos e novos amigos para descobrir quem está por trás disso, e pará-los antes que seja tarde demais para vampiros e humanos.

Capítulo Um

Desafiada Gravitacionalmente.

Final de Novembro;

Chicago, Illinois.

O vento estava frio, o cair da noite fresco. A lua crescente pendurava-se preguiçosamente no céu, tão baixa que parecia suficientemente perto para tocar.

Ou talvez simplesmente parecesse dessa maneira porque eu estava empoleirada a nove andares no ar, encima de uma grade de metal estreita que coroava a Biblioteca Harold Washington de Chicago. Uma das características corujas de alumínio da biblioteca - ou um dos melhores traços arquitetônicos na cidade ou um dos piores, dependendo a quem você perguntava - acomodava-se acima de mim, olhando para baixo enquanto eu transgredia em seu domínio.

Esta era uma das poucas vezes que eu me aventurava fora da minha casa em Hyde Park, nos últimos dois meses por um motivo não relacionado à comida - era Chicago, afinal - ou a minha melhor amiga Mallory. Ao olhar sobre a borda do edifício, eu comecei a me arrepender seriamente dessa decisão. A biblioteca não era exatamente um arranha-céu, mas era alto o suficiente para que uma queda com grande certeza teria matado um humano. Meu coração pulava em minha garganta, e todos os músculos do meu corpo badalavam com o impulso de ajoelhar-me, agarrar as bordas da grade, e nunca soltar.

— Não é tão longe quanto parece, Merit.

Olhei para o vampiro que estava em pé à minha direita. Jonah, aquele que me convencera a vir aqui, riu e afastou o cabelo ruivo de seu rosto perfeitamente esculpido.

— É o suficiente. — eu disse. — E isso não era exatamente o que me veio à mente quando você sugeriu que eu pegasse um pouco de ar fresco.

— Talvez não. Mas você não pode negar que a vista é fabulosa.

Meus dedos com as articulações brancas cavaram na parede atrás de mim, eu olhei para toda a cidade. Ele estava certo – você não poderia culpar a visão íntima do centro de Chicago, de aço e vidro e bem talhada em pedra.

Mas. — Eu poderia ter olhado pela janela. — eu apontei.

— Onde está o desafio nisso? — ele perguntou, e, então sua voz suavizou-se. — Você é um vampiro. — ele me lembrou. — A gravidade lhe afeta de maneira diferente.

Ele estava certo. A gravidade nos tratava um pouco mais gentilmente. Isso nos ajudava a lutar com mais energia e, assim eu ouvi, a cair de uma altura sem nos matar. Mas isso não queria dizer que eu estava ansiosa para testar a teoria. Não quando o resultado poderia ser de ossos esmagadoramente ruins.

— Eu juro. — disse ele. — Que se você seguir as instruções, a queda não machucará você.

Fácil para ele dizer. Jonah tinha décadas a mais de experiência vampírica no currículo; ele tinha menos para ficar nervoso. Para mim, a imortalidade nunca parecera tão frágil.

Eu soprei a franja escura do meu rosto e espiei pela beirada do parapeito mais uma vez. State Street estava muito abaixo de nós, na maior parte deserta a essa hora da noite. Pelo menos eu não iria esmagar alguém se isso não funcionasse.

— Você tem que aprender a cair de forma segura. — disse ele.

— Eu sei. — eu disse. — Catcher me treinou para lutar. Ele tinha muito interesse em cair corretamente. — Catcher foi o meu antigo colega de quarto e namorado coabitante da minha melhor amiga Mallory. Ele também foi um empregado do meu avô.

— Então você sabe que ser imortal não significa ser descuidado. — Jonah acrescentou, estendendo a mão na minha direção, e meu coração pulou, desta vez, tanto pelo gesto como pela altura.

Eu me coloquei e - meu coração - em uma prateleira pelos dois últimos meses, o meu trabalho como Sentinela da Casa Cadogan de Chicago na maior parte limitado a patrulhar o território da Casa. Eu poderia admitir - eu era tímida. Minha recém-coragem de vampiro tinha se evaporado principalmente depois que o Mestre da minha Casa, Ethan Sullivan, o vampiro que me fez, me nomeara Sentinela, e fora o meu parceiro, tinha sido estaqueado no coração pela minha inimiga mortal..., exatamente antes que eu devolvesse o favor a ela.

Como uma ex-estudante de graduação em Literatura Inglesa, pude apreciar a poesia perversa disso.

Jonah, capitão dos guardas na Casa Grey, era a minha ligação à Guarda Vermelha, uma organização secreta dedicada ao fornecimento de supervisão para as Casas de vampiros Americanas e do Greenwich Presidium, o Conselho Europeu as governava do outro lado da lagoa.

Ofereceram-me uma participação na GV, e Jonah foi o parceiro para quem eu havia sido prometida se tivesse aceitado. Eu não aceitei, mas ele fora gentil o suficiente para me ajudar a lidar com os problemas que as políticas do GP tornaram desastrosos demais para Ethan.

Jonah ficara mais que feliz em atuar como substituto de Ethan - profissionalmente e de outra maneira. As mensagens que tínhamos trocado ao longo das ultimas semanas e a esperança em seus olhos esta noite, disseram que estava interessado em algo mais do que apenas a resolução de problemas sobrenaturais.

Não havia como negar que Jonah era bonito. Ou charmoso. Ou brilhante de uma forma estranhamente peculiar. Honestamente, ele poderia ter estrelado a sua própria comédia romântica. Mas eu não estava pronta para sequer pensar em namorar novamente, e eu não achava que estaria tão cedo. Meu coração estava envolvido de outra forma, e desde a morte de Ethan, na maior parte, quebrado.

Jonah deve ter visto a hesitação em meus olhos. Ele sorriu gentilmente, então puxou a mão e apontou em direção à beirada.

— Lembra-se que eu te disse sobre o salto? É o mesmo que dar um passo.

Ele definitivamente tinha dito aquilo. Duas ou três vezes agora. Eu apenas não estava acreditando. — É um passo muito, muito longo.

— É. — Jonah concordou. — Mas é apenas o primeiro passo que é uma merda. Estar no ar é uma das melhores coisas que você vai experimentar.

— Melhor que estar em segurança no chão?

— Muito. Mais do que voar, exceto que nós quase não “subimos” tanto quanto “descemos”. Esta é sua chance de ser uma super-heroína.

— Chamam-me de “Vingadora de Rabo de Cavalo”. — eu resmunguei, sacudindo meu escuro e longo rabo de cavalo. O Chicago Sun Times me considerou uma “Vingadora do Rabo de Cavalo” quando eu ajudara um Metamorfo em um ataque ao bar. Já que eu geralmente uso meu cabelo em um rabo de cavalo para mantê-lo longe do golpe errante da katana (minha franja não incluída), o nome pegou.

— Alguém já lhe disse que você é particularmente sarcástica quando está assustada?

— Você não é o primeiro. — admiti. — Sinto muito. Eu apenas estou..., isto está me deixando louca. Não há nada em meu corpo ou mente que pense que pular de um edifício seja uma boa ideia.

— Você ficará bem. O fato de isso assustar você é a razão número um para fazê-lo. Ou a razão número um para virar o traseiro e voltar a Hyde Park.

— Confie em mim. — disse. — Além disso, esta é uma habilidade que você precisa dominar. — Jonah disse. — Malik e Kelley precisam de você.

Kelley era uma ex guarda da Casa agora a cargo do Corpo da Guarda da Casa inteira. Infelizmente, uma vez que agora estávamos em três guardas em tempo integral (incluindo Kelley) e uma Sentinela, isso não era exatamente um golpe para ela.

Malik foi o ex segundo em comando de Ethan, Mestre da Casa desde o falecimento de Ethan. Ele tomara os Direitos de Posse, e a Casa fora dada a sua guarda.

A morte de Ethan tinha acendido um sórdido caso de cadeiras musicais de vampiros.

Como um Mestre, Malik Washington havia recuperado seu sobrenome; Mestres das doze Casas de vampiros do país eram os únicos vampiros permitidos a usá-los. Infelizmente, Malik também tinha pegado o drama político da Casa, que havia aumentado desde a morte de Ethan. Malik trabalhou incansavelmente, mas teve que passar a maior parte de seu tempo lidando com a mais nova maldição de nossa existência.

Dita maldição era Franklin Theodore Cabot, o receptor nomeado da Casa Cadogan. Quando Darius West, chefe do GP, havia decidido que ele não gostava da forma como a Casa era administrada, "Frank" havia sido enviado para Chicago para inspecionar e avaliar a Casa. O GP disse que estavam preocupados que Ethan não havia administrado a Casa de forma eficaz, mas isso era uma mentira total, e eles não perderam tempo ao enviar o receptor para verificar nossos quartos, nossos livros, e os nossos arquivos. Eu não tinha certeza exata de que dados Frank estava procurando e por que tanto interesse em uma a Casa a um oceano inteiro de distância?

Seja qual for a razão, Frank não era um bom hóspede. Ele era desagradável, autocrático e um defensor de regras que eu nem sabia que existia com a exclusão de todo o resto. Claro, eu estava ficando muito bem familiarizada com elas; Frank havia forrado com papel uma parede do primeiro andar da Casa com as novas regras da Casa e as punições que vinham ao quebrá-las. O sistema era necessário, disse ele, porque a disciplina Casa tinha sido indiferente.

Talvez não surpreendentemente, eu tinha tomado uma antipatia imediata a

Frank, e não apenas porque ele era um graduado de sangue azul da escola de negócios da Ivy League com uma inclinação para frases como "sinergia" e "fora da caixa pensante." Ele havia salgado seus comentários introdutórios a Casa com essas palavras, oferecendo a ameaça não tão sutil que a Casa seria assumida pelo GP em uma base permanente, ou dissolvida, se ele não ficasse satisfeito com o que encontrasse.

Eu tinha sido sortuda o bastante em vir de uma família de posses, e havia outros vampiros na Casa que tinham velhas origens de dinheiro. Mas foi a atitude de Frank de direito que realmente me incomodava. O homem usava deck shoes⁶⁶, pelo amor de Deus. E ele definitivamente não estava mais em um barco. Na realidade, apesar do papel que lhe fora dado pelo GP, ele era realmente um vampiro Novato (um rico novato) de uma Casa na costa leste. Uma Casa, concedida, que havia sido fundada por um ancestral Cabot, mas que há muito havia sido entregue a outro mestre.

Pior, Frank falou conosco como se ele fosse um membro da Casa, como se o seu dinheiro e conexões eram um passaporte para o status dentro de Cadogan. Frank jogando de membro da Casa era ainda mais ridículo já que seu propósito era pormenorizar as maneiras que nós não estávamos seguindo a linha do partido. Ele era um forasteiro enviado para nos rotular como "não conformes" e nos encurralar, peças quadradas, de volta aos buracos redondos.

Pela preocupação com a Casa e o respeito pela cadeia de comando, Malik havia lhe dado o funcionamento da Casa. Ele imaginou que Frank era uma batalha que não poderia ganhar, assim ele estava economizando seu capital político para outra rodada.

Seja qual for o drama, Frank estava de volta em Hyde Park. Eu estava aqui, no Loop, com um parceiro vampiro substituto determinado a me ensinar como pular de um prédio sem matar alguém..., ou empurrando-me para além dos limites da imortalidade.

Eu olhei sobre a beirada de novo, meu estômago gelando com isso. Eu estava dilacerada pelo duelo dos impulsos de cair de joelhos e rastejar de volta para as escadas, e lançar-me sobre a beirada.

Mas então ele falou as palavras mais prováveis a conseguir me mover.

— O amanhecer estará aqui, afinal, Merit.

O mito sobre vampiros e a luz solar era verdade - se eu ainda estivesse neste telhado quando o sol se levantasse, eu queimaria em uma pilha de cinzas.

⁶⁶ <http://sneakers.pair.com/1/dockside.jpg>

— Você tem duas opções. — disse Jonah. — Pode confiar em mim e tentar isso, ou você pode subir de volta pelo telhado, ir para casa, e nunca saber o que pode ser capaz de fazer.

Ele estendeu a mão. — Confie em mim. — disse ele. — E mantenha os joelhos flexíveis quando você pousar.

Era a certeza nos olhos dele que fez isso - a confiança que eu pudesse atingir a meta. Uma vez, eu tinha visto suspeita em seu olhar. Jonah não tinha sido um fã quando me encontrou pela primeira vez. Mas as circunstâncias nos forçaram juntos, e qualquer que fossem suas dúvidas iniciais, ele aparentemente aprendeu a confiar em mim.

Agora era um bom momento para fazer bom uso dessa confiança.

Eu estendi a mão e agarrei fortemente seus dedos nos meus. — Joelhos flexíveis. — repeti.

— Você só tem que dar um passo. — ele disse.

Olhei para ele, pronta para dizer “entendido” em concordância. Mas antes que pudesse abrir a boca, ele piscou e deu um passo, puxando-me com ele. Antes que eu pudesse protestar, nós estávamos nos movendo pelo ar.

O primeiro passo foi de gelar os ossos - a repentina sensação do solo - e nossa segurança desaparecendo debaixo de nós, uma guinada enjoativa que sacudiu meu estômago e estremeceu meu corpo todo. Meu coração pulou na garganta, embora isso pelo menos tenha evitado que eu gritasse a bolha de medo.

Mas foi quando ficou bom.

Após a queda desagradável inicial (realmente desagradável - eu não consigo enfatizar isso o suficiente), o restante da viagem não foi como cair realmente. Parecia mais saltar uma escadaria se a distância entre cada piso fosse mais longa. Eu não pude ter estado no ar mais que três ou quatro segundos, mas o tempo na verdade pareceu ficar mais lento, a cidade desacelerando a minha volta enquanto eu pisava no solo. Atingi o chão agachada, uma mão na calçada, sem mais impacto do que se eu simplesmente tivesse pulado.

Minha transição para vampiro não fora planejada, e minhas habilidades tornaram-se “online” vagarosamente o bastante que ainda me surpreendia quando eu era capaz de fazer algo pela primeira vez. Este movimento teria me matado há um ano, mas agora me deixava sentindo um tanto revigorada. Pular nove andares

para o chão sem um osso quebrado ou contusão? Isso era um *home run*⁶⁷ no meu livro.

— Você conseguiu pular. — Jonah disse.

Olhei para ele através da minha franja. — Aquilo foi fenomenal.

— Eu disse a você que seria.

Fiquei em pé e endireitei a barra da minha jaqueta de couro. — Você me disse sim. Mas da próxima vez que você me atirar de um prédio, eu trarei um castigo.

Ele sorriu provocadoramente, o que fez meu coração bater asas desconfortavelmente.

— Nesse caso, eu acho que temos um acordo.

— Você “acha”? Você não poderia somente concordar em não me atirar de um prédio?

— Que graça teria nisso? — Jonah perguntou, então se virou e dirigiu-se para a rua. Eu o deixei conseguir alguns passos à frente antes que eu seguisse atrás, aquele olhar provocador que ele me dera ainda em mente.

E eu que havia pensado que, o primeiro passo para fora do telhado, tinha sido de destruir os nervos.



A Casa Cadogan estava localizada em Hyde Park, uma subdivisão ao sul do centro de Chicago. Era também a casa para a Universidade de Chicago, cuja graduação eu estava frequentando, quando eu fui transformada em vampiro. Ethan havia me transformado, começando a minha transformação apenas alguns segundos depois de eu ter sido atacada por um vampiro rebelde (aqueles não vinculados a uma determinada Casa) enviado por Celina Desaulniers. Ela era a vampira narcisista que eu havia estaqueado momentos depois que Ethan fora morto; ela havia enviado o rebelde para me matar para chatear o meu pai. Como eu descobri mais tarde - meu mesquinho por bens imóveis - pai tinha oferecido

⁶⁷ No beisebol, *home run* é uma rebatida na qual o rebatedor é capaz de circular todas as bases, terminando na casa base e anotando uma corrida (junto com uma corrida anotada por cada corredor que já estava em base).

dinheiro a Ethan para me tornar um vampiro. Ethan recusou a oferta, e Celina havia ficado ofendida pela recusa de meu pai em fazer a mesma oferta a ela.

A menina era um fardo.

De qualquer forma, Ethan me nomeou Sentinela da Casa. Para ajudar a proteger a Casa, e para evitar ouvir as escapadas românticas de Mallory da meia noite (e meio-dia..., e seis da manhã..., e seis da tarde) com Catcher, eu me mudei para a Casa Cadogan.

A casa tinha todos os elementos básicos, cozinha, sala de ginástica, uma Sala de Operações onde os guardas ficavam de olho na Casa, e dormitórios para cerca de noventa dos 300 vampiros Cadogan. Meu quarto era no segundo andar. Não era enorme e não era exuberante, mas foi uma pausa do drama de ser um vampiro em Chicago. Tinha uma cama, estante, armário e um banheiro pequeno. Além disso, ele ficava apenas abaixo no corredor de uma cozinha cheia de comida não saudável e sangue ensacado fornecido pelo nosso serviço de entrega terrivelmente nomeado, *Blood4You*.

Eu estacionei o meu Volvo laranja a poucas quadras acima, então caminhei de volta para a Casa. Ela brilhava na escuridão do Hyde Park, novos holofotes de segurança, instalados quando a Casa foi renovada depois de um ataque por rosnadores mutantes, despejados por todo o terreno. Os vizinhos reclamaram sobre os holofotes, até que consideraram as consequências de não tê-los - a escuridão protetora permitiria intrusos sobrenaturais.

A Casa estava relativamente tranquila hoje à noite, um grupo de manifestantes se aconchegou em cobertores sobre a grama entre a calçada e o portão de ferro forjado que cercava a casa. Seus números caíram das massas que haviam cercado a grama antes que o Prefeito Tate tivesse sido destituído de seu cargo, acusado e preso em um local não revelado. A mudança na liderança tinha acalmado os eleitores da cidade.

Infelizmente, isso não acalmara os políticos. Diane Kowalczyk, a mulher que substituirá Tate, tinha o olho no escritório oval⁶⁸, e ela estava usando os sobrenaturais de Chicago para sustentar sua futura campanha. Ela foi uma grande apoiadora da lei de registro do sobrenatural proposta, que exigiria que todos os sobrenaturais registrassem os poderes e carregassem documentos de identificação. Nós também teríamos que nos apresentar todas as vezes que entrássemos ou saíssemos do Estado.

A maioria dos sobrenaturais odiava a ideia. Era a antítese de ser americano, e zumbia discriminação. Claro, alguns de nós éramos perigosos, mas isso era a verdade dos seres humanos, também. Os cidadãos humanos de Chicago teriam

⁶⁸ Referência ao escritório do Presidente dos EUA na Casa Branca.

apoiado uma lei que exigia que eles provassem a sua identidade a qualquer pessoa que pedisse? Eu duvidava disso.

Os humanos que decidiram que nós não éramos todos dignos de confiança dedicavam suas noites a nos deixar saber o quanto eles nos odiavam. Infelizmente, alguns dos manifestantes estavam começando a parecerem familiares. Em particular, eu reconheci um jovem casal - um menino e uma menina que não poderia ter mais de dezesseis anos, e que haviam cantado uma vez palavras de ódio para mim e Ethan.

Sim, eu tinha presas. Luz do dia era letal, assim como estacas de Aspen e decapitações. Sangue era uma necessidade, mas chocolate e refrigerante Diet também eram. Eu não era morta-viva; eu só não era humana. Então eu decidi que se agisse normal e fosse educada, eu poderia desafiar lentamente seus preconceitos sobre vampiros.

As Casas de Chicago também estavam ficando cada vez melhores em desafiar a desinformação. Houve até uma placa de boletim em Wrigleyville com uma foto de quatro vampiros diversos sorrindo por trás das palavras "Venha!" O outdoor era para ser um convite para conhecer as Casas de Chicago. Hoje à noite, era uma razão para adolescentes de aparência desamparada para empunhar cartazes pintados à mão "Venha e morra!"

Eu sorri educadamente enquanto passava por eles, em seguida, levantei as duas sacolas de algodão de hambúrgueres e batatas fritas onduladas. "Jantar!" eu alegremente anunciei.

Fui recebida no portão por duas das Fadas mercenárias que controlavam o acesso ao território da Casa Cadogan. Elas ofereceram o mais mero dos acenos quando eu passei, então voltaram sua atenção de volta para a rua. Fadas eram notoriamente antivampiros, mas elas eram ainda mais anti-humanos. Pagamentos em dinheiro da Casa por seus serviços de segurança mantinham esse equilíbrio.

Saltei os degraus para o pórtico e me dirigi para dentro, onde fui recebida por um grupo de vampiros olhando para a parede onde Frank estivera pendurando suas declarações.

— Bem vinda à selva. — disse uma voz atrás de mim.

Virei-me para encontrar Juliet, uma das guardas Cadogan restantes, observando os vampiros com um olhar desamparado. Ela era esbelta e ruiva, e tinha uma expressão travessa.

— O que está acontecendo? — perguntei.

— Mais regras. — disse ela, apontando para a parede. — Três novas adições ao muro da vergonha. Frank decidira que os vampiros não podem se congregarem

grupos maiores que dez a não ser em encontros oficialmente sancionados.

— Muito melhor para a revolta contra o GP? — eu me perguntava.

— Eu acho. Aparentemente “liberdade de reunião” não é um dos direitos favoritos do GP.

— Tão colonial. — eu murmurei. — Qual é o segundo?

Sua expressão ficou plana. — Ele está racionando sangue.

Eu estava tão atordoada com a ideia, que eu levei um momento para reunir minha inteligência. — Somos vampiros. Precisamos de sangue para sobreviver.

Ela olhou com desdém para a parede de papel pontilhado. — Oh, eu sei. Mas Frank, em sua infinita sabedoria, decidiu que Ethan nos mimou por ter sangue ensacado tão prontamente disponível. Ele está cortando as entregas da *Blood4You*.

Embora nós normalmente bebêssemos sangue ensacado, Cadogan era uma das poucas Casas de vampiro nos Estados Unidos e a única em Chicago, que permitia que seus vampiros bebessem sangue de humanos ou de outros vampiros. As outras casas aboliram a prática para melhor se assemelhar com os humanos. Pessoalmente, eu tinha tomado o sangue de apenas um homem – Ethan, mas eu pude apreciar que a opção estivesse disponível.

— Melhor nós do que a Casa Grey. — eu meditei. — Pelo menos temos outras fontes.

— Não desta vez. — disse Juliet. — Ele também proibiu de beber.

Essa ideia era igualmente absurda, mas por um motivo diferente. — Ethan fez essa regra. — eu protestei. — E Malik a confirmou. Frank não tem o poder...

Mas Juliet me cortou com um encolher de ombros. — É parte de sua avaliação, diz ele. Um teste para ver como lidamos com nossa fome.

— Ele está nos preparando para o fracasso. — eu disse calmamente, olhando para a multidão de vampiros, agora conversando nervosamente. — Não há nenhuma maneira que consigamos passar pelo período de receptação, dois meses depois de perder o nosso Mestre e com os manifestantes às portas, sem que alguém surte por falta de sangue. — olhei para ela. — Ele vai usar isso como uma desculpa para assumir a Casa, ou fechá-la completamente.

— Muito possivelmente. Ele já agendou a sua entrevista?

Não surpreendentemente, Frank havia exigido de cada vampiro participar de uma entrevista particular. Pelo que eu ouvi, as entrevistas eram bem padrões ao ato “justifique sua existência”. Eu era um dos poucos vampiros que ele ainda não tinha falado. Não que eu estivesse chateada, mas cada dia que passava sem uma

entrevista me tornava muito mais suspeita.

— Nada ainda. — eu disse a ela.

— Talvez seja uma demonstração de respeito ou algo assim. Tentando respeitar a memória de Ethan por não entrevistá-la primeiro?

— Eu duvido que nosso relacionamento fosse influenciar a avaliação da Casa pelo GP. Talvez seja estratégia. Ele está segurando para que eu antecipe a conversa, me preocupe com isso. — eu levantei o meu jantar. — Pelo menos eu tenho o alimento do conforto.

— E por falar nisso, é uma coisa boa que você trouxe isso.

— Por quê?

— A terceira regra: Frank proibiu alimentos de conveniência nas cozinhas.

Strike três para Frank. — Qual é sua razão para essa?

— Não é saudável, excessivamente processada, e caro, diz ele. É só maçãs e repolho e granola lá agora.

Como um vampiro com apetite, isso quase dói mais do que qualquer outra coisa que Frank tinha feito.

Juliet checou o relógio. — Bem, eu deveria voltar. Você vai lá para cima para comer?

— Luc e Malik queriam conversar, e eu prometi que traria o rango. O que você está fazendo?

Ela fez um gesto em direção à escada que levava ao nível do porão da Casa, onde a Sala de Operações estava localizada. — Acabei de terminar um turno nos monitores. — ela quis dizer os televisores com legenda que capturavam imagens de segurança do território da Casa.

— Alguma coisa interessante?

Ela revirou os olhos. — As pessoas nos odeiam, blá - blá - blá, gostariam que nós fôssemos direto para o inferno, ou talvez Wisconsin, já que é mais perto, blá - blá - blá. O mesmo de sempre?

— Praticamente. Se Celina pensou que colocar os vampiros na rua iria inaugurar um conto de fadas de vampiro feliz, ela estava muito enganada.

— Celina estava enganada em várias frentes. — disse.

— Isso é verdade. — ela disse suavemente, e eu peguei a dica de piedade em

sua voz. Mas a piedade era tão cansativa de suportar como a tristeza, então eu mudei o assunto.

— Algum sinal de McKetrick? — perguntei. McKetrick, primeiro nome desconhecido, era um tipo militar, que tinha decidido que os vampiros eram o novo inimigo da república. Ele tinha equipamento preto, armas de combate, e um forte desejo de limpar todos nós da cidade. Ele deu um sermão em Ethan e eu em uma noite e prometeu que o veríamos mais. Houve algumas advertências desde então, e eu tinha mais alguns detalhes sobre seu passado militar de Catcher - pense em táticas questionáveis e problemas de cadeia de comando, mas se ele tivesse um plano mestre para vampirocidio, ele não tinha deixado isso claro.

Eu não tinha certeza se isso me fazia sentir melhor, ou pior.

— Nem mesmo uma perturbação. — ela inclinou a cabeça para o lado. — O que você fazia lá fora?

— Sai. Fazer exercício, eu quero dizer. — tropecei um pouco na explicação, como eu ainda não tinha confessado aos guardas que eu vinha trabalhando com Jonah. Nosso tempo juntos havia sido desencadeado pela nossa conexão com a Guarda Vermelha, e esse segredo não era meu para contar, então eu evitava o assunto de Jonah completamente.

Mais uma mentira tecida na rede já emaranhada.

— É sempre bom para ficar em forma. — Juliet disse com uma piscadela. Uma piscadela que sugeriu que eu não tinha sido tão sorrateira afinal.

— Bem, foi uma longa noite. — disse ela. — Eu vou subir.

— Juliet. — gritei, antes que ela chegasse longe demais. — Você já pulou?

— Pulou? — ela perguntou com uma careta. — Como no ar?

— Como de um edifício.

— Eu já. — compreensão despontou em seus olhos. — Por que, Sentinela? Você fez seu primeiro pouso esta noite?

— Eu fiz, sim.

— Parabéns. — ela disse. — Apenas tenha cuidado para não ir longe demais ou cair rápido demais.

Palavras para viver.



Frank tinha optado pelo escritório de Malik - o escritório que pertencera a Ethan. Malik mal tivera duas semanas no cômodo antes que Frank chegasse e anunciasse que precisava de espaço para avaliar a Casa.

Malik – alto; pele cor de cacau e olhos verdes - foi deliberativo. Ele escolheu suas batalhas com cuidado, dessa forma, ele havia deferido e mudou-se de volta para seu antigo escritório corredor abaixo.

Não era grande; a sala estava quase cheia pela mesa de Malik, prateleiras de livros e lembranças pessoais. Mas o tamanho pequeno não nos impedia de nos reunirmos lá regularmente. Unidos por nossa dor, estávamos mais propensos a ficar amontoados no escritório em nosso tempo livre do que em qualquer outro lugar na Casa.

Hoje à noite, Malik e Luc sentaram-se em lados opostos de um jogo de xadrez em cima da mesa de Malik. Lindsey sentou-se de pernas cruzadas no chão a poucos metros de distância, revista na mão.

A esposa de Malik, Aaliyah, pequenina, linda, e tão humilde quanto eles vieram, juntou-se a nós na ocasião, mas ela estava ausente esta noite. Aaliyah foi uma escritora que passava mais tempo em seu apartamento do que fora dele. Eu poderia entender completamente a vontade de sentar e evitar o drama vampiro.

Luc, agora Segundo da Casa e ex-capitão dos guardas de Cadogan, era loiro, com cabelo despenteado, e descontraído. Ele nascera e fora criado no oeste deserto, e eu pensei que ele tinha sido transformado em vampiro no cano de uma arma. Luc havia ansiado por Lindsey, minha melhor amiga na Casa e uma companheira da guarda que tinha, aparentemente, roubado algum tempo da Sala de Operações esta noite.

A relação deles havia terminado e voltado por um longo tempo, embora mais "terminado" do que "voltado." Ela estava com medo de que uma relação levaria a um rompimento, e um rompimento destruiria a amizade deles. Apesar de sua fobia inicial a compromisso, desejando conforto após a morte de Ethan, ela finalmente concordou em dar uma chance a Luc.

Eu passei a primeira semana após sua morte em uma névoa no meu quarto, Mallory ao meu lado. Quando eu finalmente emergi e *Mal* voltara para casa novamente, Lindsey apareceu na minha porta em uma emoção total. Ela fora até Luc em sua dor, e a consolação tinha se tornado afeição - um abraço de apoio para um beijo apaixonado que abalou totalmente suas meias (ou assim ela disse). Aquele beijo não tinha apagado suas dúvidas, mas ela tinha amarrado os seus medos o suficiente para lhe dar uma chance.

Luc, é claro, se sentiu completamente justificado.

— Sentinela. — disse Luc, os dedos pairando sobre um dos cavalos negros, aparentemente debatendo as suas opções. — Sinto o cheiro dos hambúrgueres, e é melhor você ter trazido o suficiente para todos.

Decisão tomada, ele arrancou o cavalo, sentou-o fortemente na sua nova posição, em seguida, levantou os braços no ar triunfante. — E assim avançamos! — disse ele, erguendo as sobrelanceiras para Malik. — Você tem uma resposta para isso?

— Eu tenho certeza que vou descobrir alguma coisa. — disse Malik, seu olhar agora fixado no tabuleiro, examinando da esquerda para a direita, enquanto calculava as probabilidades e avaliava as suas opções. O jogo de xadrez se tornou um ritual semanal, uma maneira, ou assim eu achava, para Malik e Luc exercer algum controle mínimo sobre suas vidas enquanto o chefe falante do GP sentava a alguns metros pelo corredor abaixo, decidindo seus destinos.

Eu coloquei os sacos de comida sobre a mesa, puxei hambúrgueres atados de bacon para mim e Lindsey, e me sentei ao lado dela no chão.

— Então. — eu disse, dobrando o embrulho de papel do hambúrguer. — Racionamento de sangue?

Luc e Malik rosnaram simultaneamente. Malik geralmente deixava Frank a seus próprios artifícios, pensando que o GP, não lhe permitiria intervir sem piorar as coisas.

— O homem é um idiota frio. — disse Luc, dando uma mordida impressionante no seu hambúrguer de três camadas.

— Infelizmente. — disse Malik, movendo sua peça de xadrez e sentando de volta na cadeira. — Ele é um idiota com a plena autoridade do GP.

— O que significa que temos que esperar até que ele regamente ferre o cão antes de podermos agir. — Luc disse; debruçado sobre o tabuleiro novamente. — Com todo o respeito, Liege, o cara é um imbecil.

— Eu não tenho nenhuma posição oficial com relação a sua imbecilidade. — Malik disse, puxando uma caixa de batatas fritas para fora do saco, aplicando uma quantidade prodigiosa de ketchup, e comendo com vontade. Apreciei que Malik, ao contrário de Ethan, não precisava ser educado sobre a melhor e mais gordurosa culinária de Chicago. Ele sabia a diferença entre um bife extremamente quente e um quente, tinha uma pizzeria favorita, e fora conhecido por fazer uma viagem tarde da noite com Aaliyah para uma lanchonete de beira de estrada fora de Milwaukee para comprar “a melhor coalhada de queijo” de Wisconsin. Mais poder para eles.

— Mas vamos permitir que ele se enforque com sua própria corda. — Malik acrescentou. — E enquanto isso, nós iremos monitorar os vampiros e intervir quando o tempo for apropriado.

O tom era totalmente de vampiro Mestre, algo que Malik havia conseguido usar melhor nas últimas semanas. Peguei a dica, deixei cair o assunto e me enterrei em meu hambúrguer enquanto Luc usava uma batata frita para apontar para várias peças de xadrez, entre as quais ele estava novamente decidindo.

— Deliberativo, não é? — sussurrei para Lindsey.

Ela também sorriu conscientemente para o conforto. — Você não tem ideia de quão ele pode ser deliberativo. Quão..., completo. — ela se inclinou para mim, mordiscando um pedaço de toucinho de seu hambúrguer. — Eu já tinha me entusiasmado sobre a glória que é um vampiro com peito cabeludo usando apenas botas de cowboy?

No meio de uma mordida, eu apertei meus olhos fechados, mas já era tarde demais para bloquear a imagem de Luc usando nada a não ser seu terno de nascimento e audaciosas botas vermelhas. — É do meu ex-chefe que você está falando. — eu sussurrei. — E eu estou tentando comer.

— Você está pensando sobre ele nu, não está?

— Infelizmente.

Ela deu um tapinha no meu braço. — E pensar que eu estava realmente hesitante em namorar com ele. Ah, e falando disso. Cara. Disse o suficiente.

— Definitivamente disse mais que o suficiente. — Lindsey estava se tornando minha nova Mallory dentro da Casa, com detalhes completos de conquista. Suspira.

— Nesse caso, vou deixá-la com sua imaginação. Mas eu recomendo fortemente a aplicação terapêutica de vampiro com peito cabeludo para tristeza. Ele opera milagres.

— Estou sinceramente feliz em ouvir isso. Mas se você continuar falando, vou picar seus olhos com um palito de dentes. — enfiei um punhado de guardanapos em sua direção geral. — Cale a boca e coma seu hambúrguer.

Às vezes uma garota tem que estabelecer a lei.

Capítulo Dois

Sonhos Agridoces.

Eu estava de pé em uma alta planície em meu couro preto de estilo moderno, meu longo cabelo chicoteando no vento frio que passava, rodopiando a névoa que se enrolava aos meus pés.

A roupa podia ser moderna, mas o cenário era antigo. A paisagem estava sem vida e vazia, e ao ar cheirava a enxofre e umidade.

Eu senti os passos antes de ouvi-los, o solo ressoando apenas levemente debaixo dos meus pés.

E então ele apareceu.

Como um guerreiro retornando da batalha, Ethan emergiu da névoa em um traje fora de época e lugar para a Chicago do século vinte e um. Botas de couro na altura dos joelhos; as calças rudemente cortadas, e uma túnica de couro amarrada na cintura. Havia um talho vermelho ferrugem no meio do seu peito. O cabelo estava longo e ondulado e louro dourado, e seus olhos estavam vibrantemente verdes.

Caminhei em sua direção, medo circulando meu coração, fazendo uma máscara ao seu redor, apertando meus pulmões até que eu mal fosse capaz de dar um pequeno trago no ar. Eu estava contente de vê-lo vivo, mas eu sabia que ele era um anunciador da morte.

Quando o alcancei, ele colocou as mãos em meus braços, inclinou-se para frente e pressionou os lábios na minha testa. Um ato simples, mas tão íntimo. Uma afeição preciosa que fez meu peito doer pelo sentimento. Fechei os olhos e saboreei o momento quando um trovão ressoou pelo planalto, sacudindo o chão novamente.

De repente, Ethan levantou a cabeça e olhou ao redor cautelosamente. Quando ele olhou para mim de novo, começou a falar, as palavras fluindo em um idioma cadenciado que pareciam vir de um tempo e lugar distante.

Sacudi a cabeça. — Eu não consigo entender você.

Sua expressão se comprimiu, uma linha de preocupação franzindo sua testa, as palavras se tornando mais rápidas enquanto ele tentava chegar ao seu ponto. Mas a velocidade não ajudava.

— Ethan, eu não sei o que você está falando. Você pode falar em inglês?

Com pânico nos olhos, ele olhou por sobre o ombro, então agarrou meu braço e apontou atrás dele. Uma frente de tempestade baixa e espessa estava rolando em nossa direção, o vento começando a aumentar enquanto a temperatura caía.

— Eu vejo a tempestade. — disse a ele sobre o vento em elevação. — Mas eu não posso pará-la.

Ethan gritou alguma coisa, mas as palavras se perderam no vento gritante. Ele começou a caminhar em direção à nuvem negra de trovoadas, puxando meu braço em uma tentativa de me arrastar com ele.

Mas eu resisti, puxando de volta. — Este é o caminho errado. Nós não podemos caminhar para a tempestade!

Ele era insistente, mas eu também era. Segura que nós seríamos varridos do planalto e para o mar se não procurássemos abrigo, eu comecei a fugir da parede de nuvens..., e dele. Mas não pude resistir a uma olhada final para trás. Ele permaneceu congelado na planície, seu cabelo chicoteando no temporal.

Antes que eu pudesse estender a mão para ele, a tempestade nos alcançou e ultrapassou; o vento me derrubando, a pressão sugando o ar dos meus pulmões. A chuva veio quando bati meus joelhos, soprando pelos lados e tornando a paisagem cinza, o vento uivando em meus ouvidos. Ethan desapareceu na investida, deixando somente o eco de sua voz no vento.

— *Merit!*

Eu acordei às sacudidas, banhada em suor, ofegante, o som de sua voz em meus ouvidos.

Lágrimas caíram dos meus olhos enquanto eu empurrava minha franja encharcada da testa, e esfreguei as mãos no rosto, tentando abrandar a corrida febril do meu coração.

Meu primeiro sonho com Ethan tinha sido milagroso; nós banhados pelo sol, um tabu para os vampiros. Eu saboreei aquela última memória dele.

Mas este foi o sexto pesadelo em dois meses desde que ele se fora. Cada um foi mais forte e mais vivido do que o último, e acordar era como emergir de um túnel de pânico, meu peito espremido em um nó. Em cada pesadelo nós fomos empurrados para alguma crise, mas o final era sempre o mesmo, ele sempre era

arrancado de mim. Toda vez eu acordei com sua voz em meus ouvidos, gritando o meu nome em pânico.

Eu derrubei a testa nos joelhos, a tristeza batendo no meu coração como um timbale. O desamparo da perda tomou conta de mim. Não apenas da perda de Ethan, mas a frustração, o esgotamento de ser visitada novamente por um fantasma que não me deixaria ir. Lágrimas caíram, e eu as deixei, desejando que a picada de sal lavasse a ferida.

Eu sentia falta da sua voz. A visão dele. O cheiro dele.

E, provavelmente, por causa disso, eu estava presa em um ciclo que me mantinha sonhando com Ethan, observando-o morrer uma e outra vez. Minha tristeza havia se tornado um buraco que eu não conseguia mais sair.

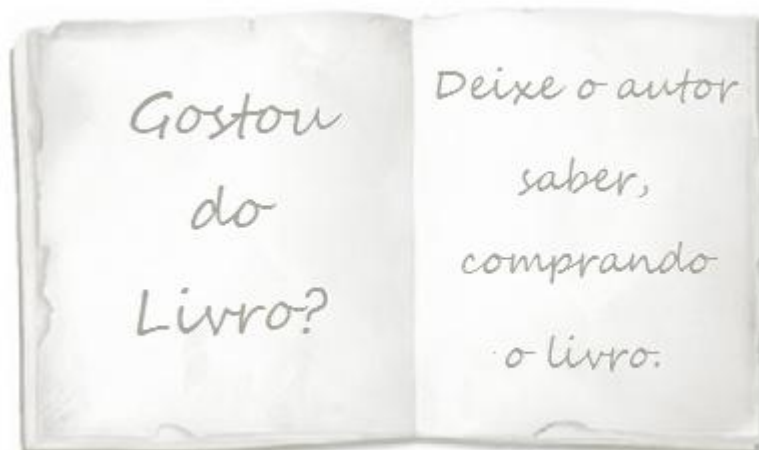
Quando meu coração desacelerou, sentei-me de novo e enxuguei as lágrimas do rosto com uma manga de camisa. Eu agarrei o telefone do criado mudo e liguei para a pessoa que poderia me acalmar. . . .

. . . . Continua.

Sobre a Autora:



Chloe Neill nasceu e cresceu no Sul, mas agora sua casa é no Centro-Oeste, perto o suficiente da Casa Cadogan para manter um olho sobre os vampiros. Quando não transcreve as aventuras de Merit, ela cozinha, assiste inteiramente muita televisão, torce pelo seu time favorito de futebol da faculdade (! Go Big Red), brinca com seu





Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

~ All Creatures of the night get together After dark ~